

DICIONÁRIO TOPOGRÁFICO, HISTÓRICO E
ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

5

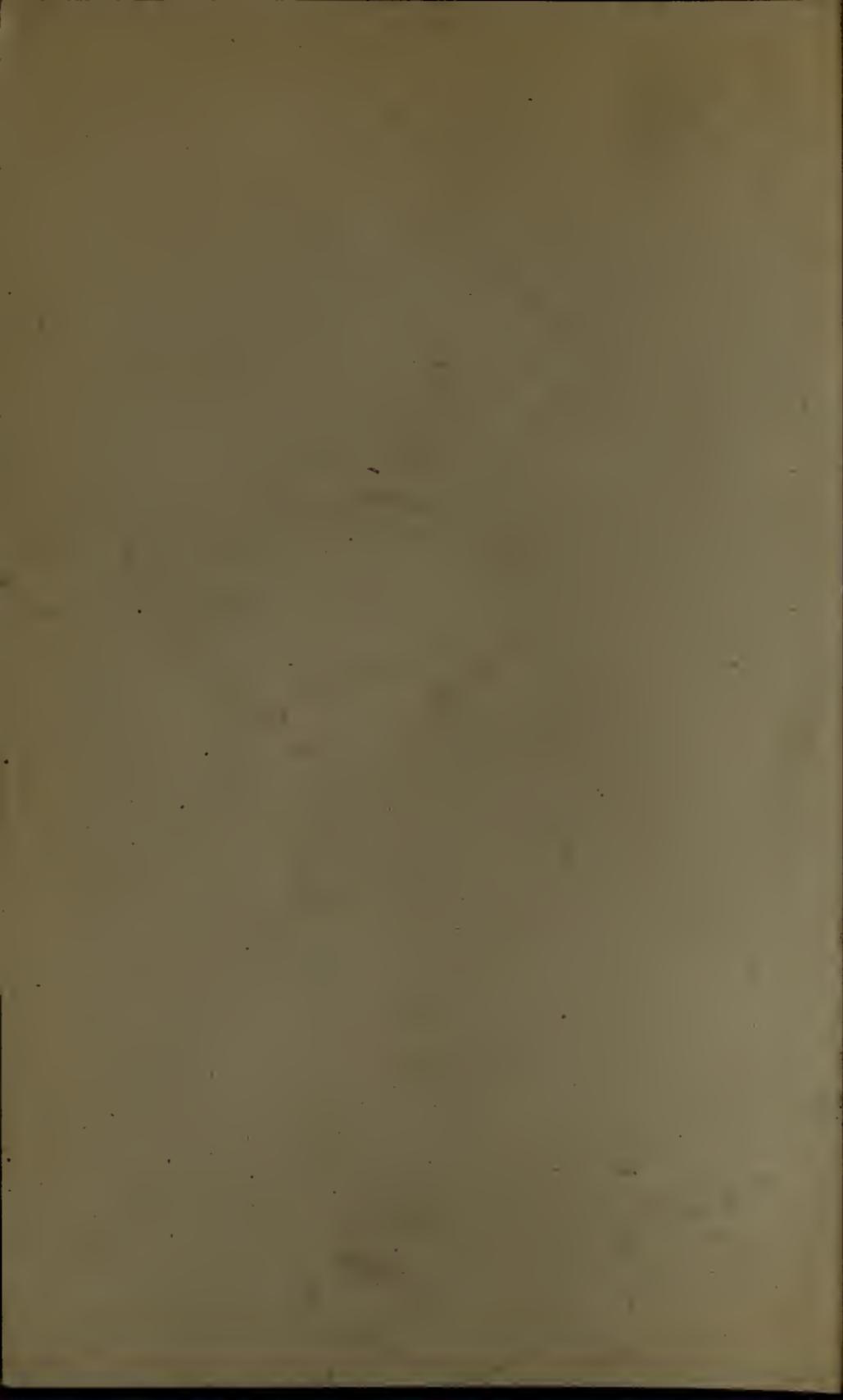
JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA E PAIVA



Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

IHGSC

Coleção
CATARINIANA



PL 20,000

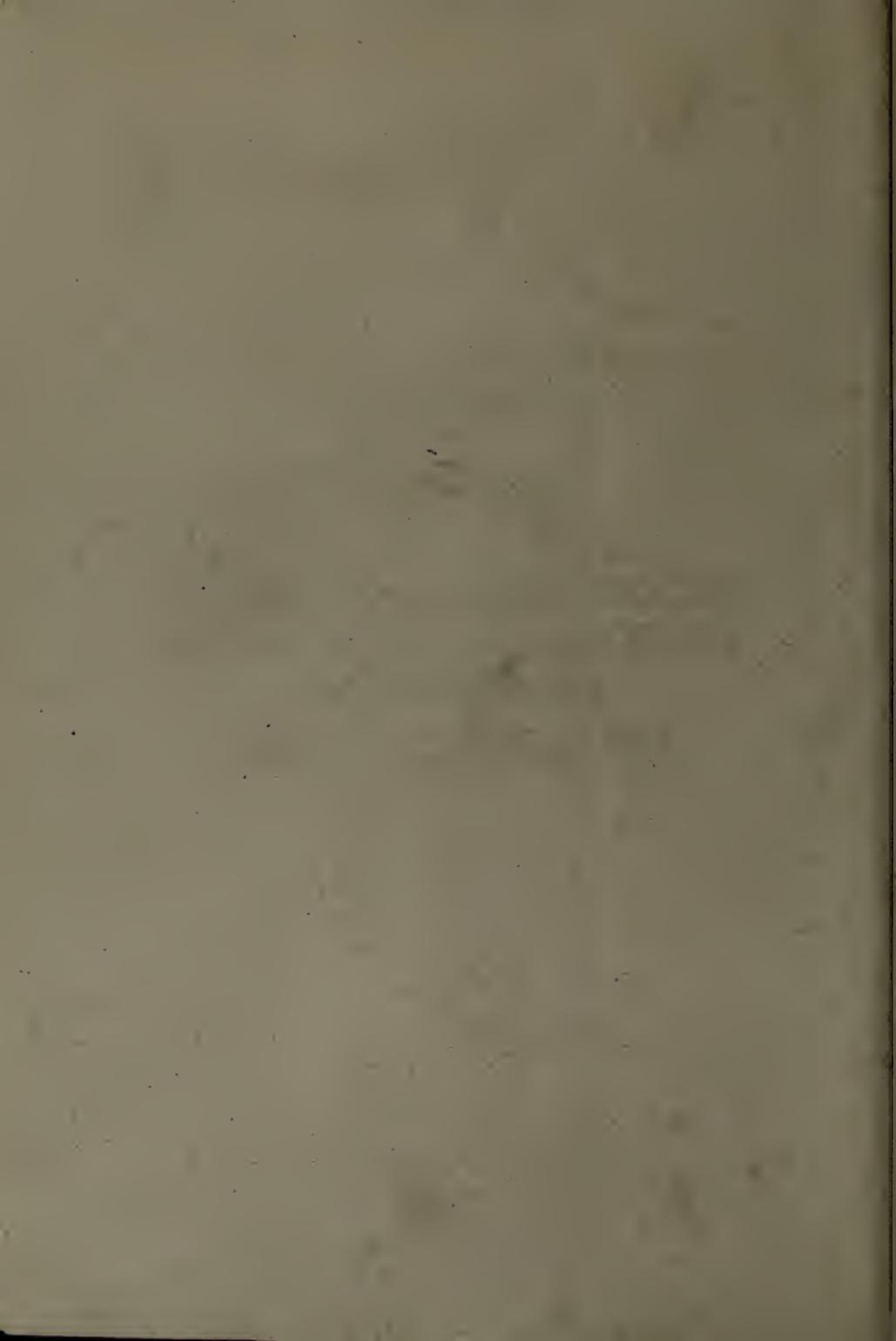


Instituto Histórico e Geográfico
de Santa Catarina - IHGSC
Coleção Catariniana

Volumes publicados

- 1- Gavião-de-Penacho - Memórias de um serrano
Enedino Batista Ribeiro
- 2- Dicionário da Música em Santa Catarina
Hélio Teixeira da Rosa
- 3- A República vista do meu canto
Duarte Paranhos Schutel
- 4- Exposição Histórico-Jurídica (edição fac-similar)
Manoel da Silva Mafra

DICIONÁRIO TOPOGRÁFICO,
HISTÓRICO E ESTATÍSTICO
DA PROVÍNCIA
DE SANTA CATARINA



CATARINIANA
VOLUME V

JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA E PAIVA

DICIONÁRIO TOPOGRÁFICO,
HISTÓRICO E ESTATÍSTICO
DA PROVÍNCIA
DE SANTA CATARINA

2003



Instituto Histórico e Geográfico
de Santa Catarina - IHGSC
Coleção Catariniana

CONSELHO EDITORIAL

Jali Meirinho
Valter Gama Salles
Luiz Fernando Scheibe
Marly Ana Fortes Bustamante Mira
David Vieira da Rosa Fernandes
Nereu do Valle Pereira

ENDEREÇO

Praça XV de Novembro - Palácio Cruz e Sousa
Caixa Postal 1582
Fone: 0++ 48 221-3502 - Fax: 0++ 48 222-5111
88010-970 - Florianópolis - SC
Home-page: www.ihgsc.org.br
e-mail: ihgsc.org.br

Ficha Catalográfica
Elaborada por Gisele Alves

P142d Paiva, Joaquim Gomes de Oliveira e, 1821-1869
Dicionário topográfico, histórico e estatístico da
província de Santa Catarina / Joaquim Gomes de
Oliveira e Paiva - Florianópolis: Instituto Histórico e
Geográfico de Santa Catarina, 2003.

280p. - (Coleção Catariniana; 5)

1. História de Santa Catarina. I. Título.

CDU 981.64



Instituto Histórico e Geográfico
de Santa Catarina – IHGSC
Fundado em 7 de setembro de 1896

Diretoria 2001/2003

Presidente:

Carlos Humberto P. Corrêa

1º Vice-Presidente:

Augusto Cesar Zeferino

Secretário Geral:

Jali Meirinho

1º Secretário:

Maura Soares

2º Secretário:

Eliana Maria dos Santos Bahia

1º Tesoureiro:

Iza Vieira da Rosa Grisard

2º Tesoureiro:

José Isaac Pilati

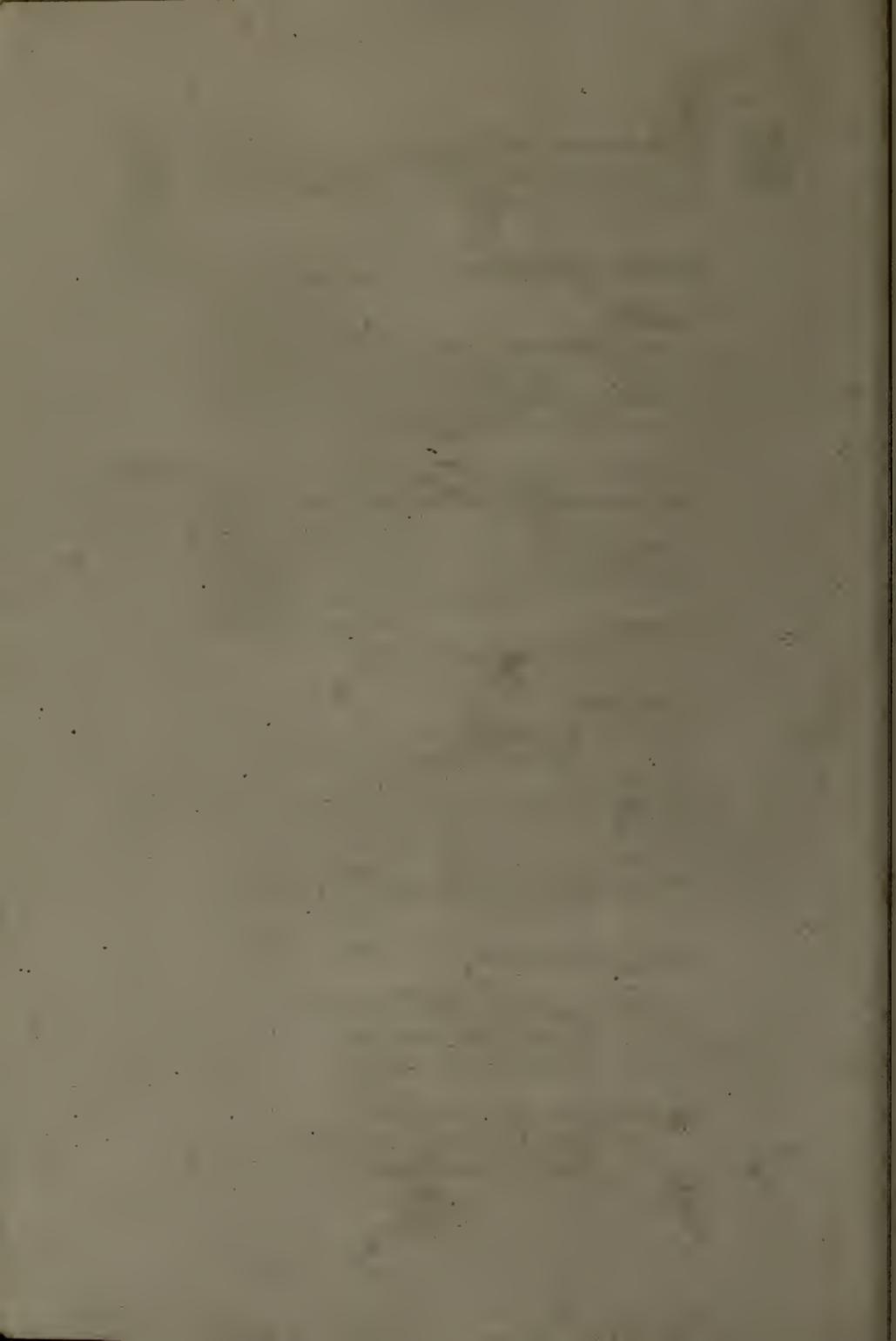
Orador:

Carlos Alberto Silveira Lenzi

Conselho Fiscal

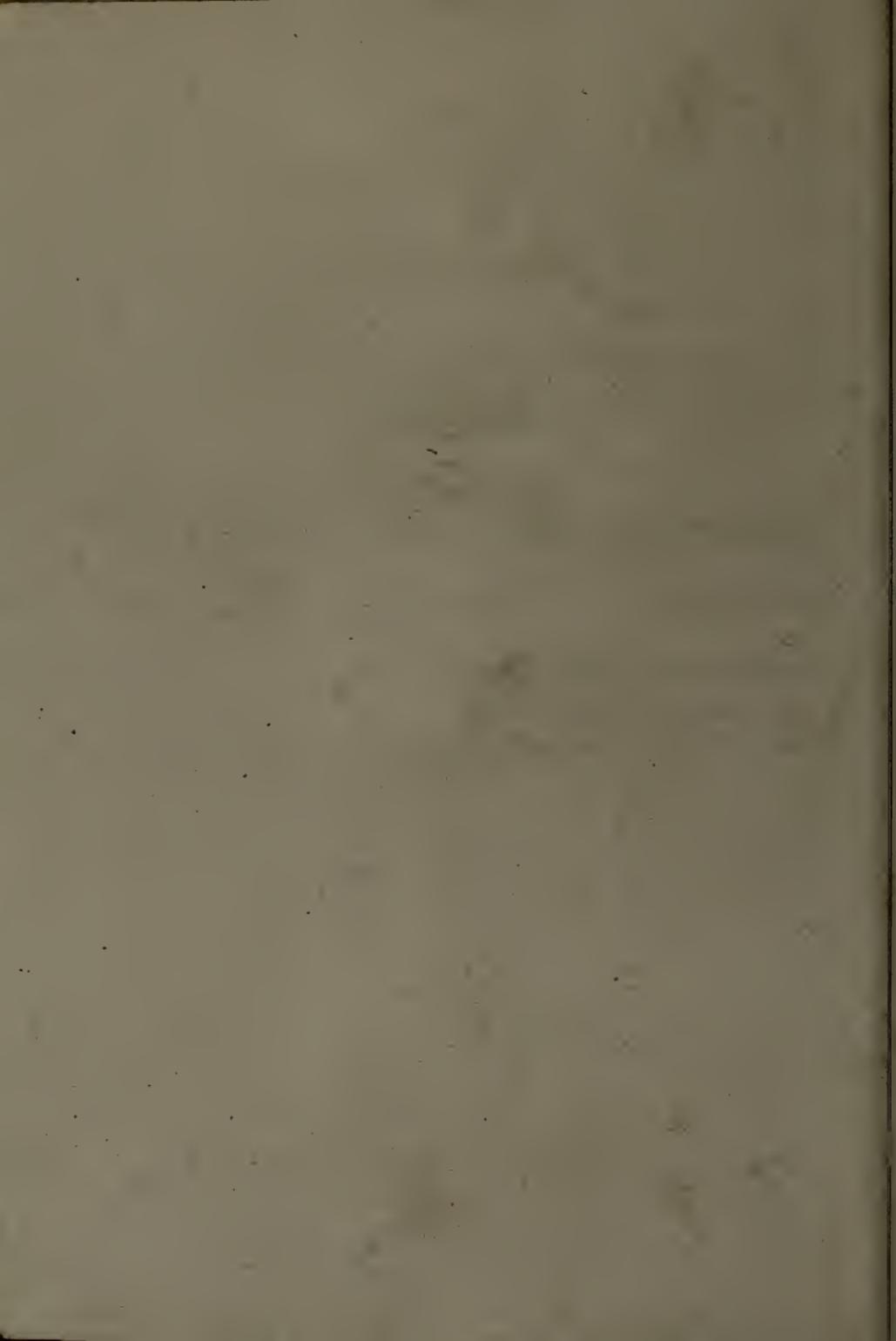
Titulares: Marly A. F. Bustamante Mira
Hoyêdo de Gouvêa Lins
Nereu do Valle Pereira

Suplentes: Geraldo Gama Salles
Marcelo Vieira Nascimento
Valter Manoel Gomes



Sumário

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	21
DICIONÁRIO TOPOGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA	57



APRESENTAÇÃO

Ao se examinar como evoluíram os estudos de Geografia no território catarinense do século XVI até as primeiras décadas do século XX, deve-se perguntar: *que Geografia?*

A *Geografia descritiva e enumerativa*, o catálogo com nomes dos mais diversos acidentes – rios, serras, ilhas, cidades, portos, estradas – e números – produção agrícola, industrial, exportação e importação, comércio, etc. – é uma geografia. Ou a *Geografia Topográfica* que se preocupava com o estabelecimento das coordenadas geográficas e a confecção de mapas. Ou, enfim, a Geografia, a *Geografia Moderna*, que analisa e procura explicar o espaço produzido pelo homem e conhecer as causas que originaram as paisagens e os relacionamentos entre a sociedade e a natureza. Estas concepções partem do conhecimento e da localização das diferentes paisagens terrestres chegando a procura de explicações e de análises para esta diversidade ao se constituir em “ciência” em meados do século XIX.

As obras geográficas sobre Santa Catarina iniciam-se nas narrativas de navegadores, de cronista e de viajantes, cientistas ou não, que procuravam identificar, nomear e descrever a “nova” terra. São descrições da vida cotidiana de seus habitantes e da paisagem na sua riqueza de flora e fauna e não apenas relatos acerca de “curiosidades” e do “fantástico”, por visitantes das mais diferentes nacionalidades e bandeiras. Ao longo de três séculos são estas narrativas que resumem o co-

nhecimento geográfico da Capitânia e da Província. Somente em meados do século XIX encontrar-se-ão as primeiras publicações preocupadas com o aspecto geográfico, isto é, de uma descrição e enumeração dos mares, as ilhas, os montes, as cidades, as villas e outras localidades, as riquezas naturaes dos três reinos da natureza, sua posição astronômica, dimensões de seu território, relações como os povos limítrofes, caráter e costumes predominantes de seus conterrâneos, como escreve o Padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva na introdução de sua obra Dicionário Topographico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catharina.

Mas que espaço geográfico era entrevisto e descrito?

Santa Catarina, como Capitania, tinha seu território restrito do litoral aos primeiros contrafortes da Serra do Mar e Geral e somente no século XIX (1820) incorporou o planalto e sua vila de Lages. E passou a limitar-se, conforme o Arcipreste Paiva, *ao Norte com a província do Paraná pelo rio Sahyguassú, e da barra deste em linha tirada L-O até a abertura da Serra do Mar entre os morros do Araraquara ao Norte e Inkyrim ao Sul, e no interior os rios Negro e Yguassú; ao Sul com a província de S. Pedro pelo rio Mampituba no litoral, e os das Contas e Uruguay-mirim ou Pelotas no interior; a Este com o Oceano Atlântico, e a Oeste pelos rios de Santo Antonio e Peperyassú, e ainda com a referida província de S. Pedro pelo Uruguay e parte do Pelotas, com terras fertilíssimas, cobertas de luxuriante vegetação, produzindo todos os fructos e cereaes da Europa, encerrando em seu seio ricas minas de carvão de pedra de superior qualidade, e nascentes de águas thermaes, e possuindo em fim vastas florestas de preciosas madeiras de construcção e extensas planícies, onde nascem expontaneamente a herva matte, a mamona, o tabaco, a baunilha; o anil &^a. E os estudiosos se preocupam com o desconhecimento, da quase totalidade da população que o habitava, do que*

era o espaço catarinense e de suas possibilidades de desenvolvimento social, cultural, econômico, etc., pois como colocava o Padre Paiva – Arcipreste Paiva –, o conhecimento exacto da Topographia e da Historia de um paiz não interessa somente aquelles que se dedicão ao estudo das sciencias: elle é indispensavel, ou pelo menos de mesma conveniência, aos que exercem a industria agrícola, commercial ou artística. E adiante continua: os meninos... devem estudar phisica e moralmente o ponto do globo que aprouve a Providencia designar-lhes para seu berço.

O que se conhecia acerca deste território era muito limitado em termos geográficos, pois mapas corretos inexistiam e os relatos de desbravadores e de viajantes limitavam-se, quase que exclusivamente, ao litoral e áreas adjacentes. As publicações que por não adequarem ao conceito de análise, correlação e explicação das paisagens físicas e humanas, no entanto, não podem e não devem ser ignoradas e desprezadas, pois como obras de grande utilidade aos geógrafos. São obras básicas, de grande utilidade para os estudiosos de Santa Catarina, sendo que algumas tratam de questões do espaço geográfico ainda hoje discutidas e analisadas – por exemplo, a integração litoral-planalto no plano humano, econômico e político.

Merecem ser citadas: o *Relatório do Governador João Alberto Miranda Ribeiro* (1797), e publicado por Dante Laytano, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o título *Corografia da Capitânia de Santa Catarina*; e a *Memória Política sobre a Capitânia de Santa Catarina* (1816), da autoria de Paulo José Miguel de Brito. São documentos elaborados por governantes, caso do primeiro, ou de funcionários, caso do segundo, ambos portugueses, mas que demonstravam uma visão político-administrativa expressiva e com proposições significativas quanto ao desenvolvimento social e econômico

de Santa Catarina, algumas delas implementadas por outros governantes, em períodos posteriores, alguns tão somente no século XX.

A estas obras devem ser acrescidos os estudos e as publicações do *Padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, o Arcipreste Paiva*.

Catarinense, nascido a 12 de julho de 1821 em Desterro, ali faleceu a 29 de janeiro de 1869. Obras religiosas, filosóficas, históricas e geográficas foram suas contribuições à cultura catarinense do século XIX nas suas tentativas, com outras pessoas, de *modernizar* intelectualmente a sociedade provincial. Destacou-se na oratória sacra, no magistério – professor e fundador de vários colégios –, na política provincial – vereador e deputado provincial (1846 a 1869), vice-presidente e presidente da Assembléia –, jornalista, escritor – *Cânticos Sacros* (1844), *biografias* de Joaquim Francisco do Livramento (1902) e Joaquim José Varella (1857) –, e estudioso da geografia e história de Santa Catarina – *Memória sobre a Colônia Alemã de São Pedro de Alcântara na Província de Santa Catharina* (1848) e *Notícia Geral da Província de Santa Catharina* (1873).

Constituiu, com o português José Gonçalves dos Santos Silva e o catarinense Manoel Joaquim de Almeida Coelho, um grupo de *iluministas*, a resgatar, em meados do século XIX, o conhecimento sobre Santa Catarina, histórica e geograficamente.

Em 1848, quando foi publicada a *Memória*, afora os relatórios de Presidentes de Província e, de representantes estrangeiros, nada havia se registrado acerca da colonização estrangeira no Brasil. Foi, portanto, um dos primeiros estudos sobre uma colônia, dos problemas enfrentados por seus habitantes e das possibilidades de seu desenvolvimento, merecendo ser destacada por retratar a realidade da política imigrantista por parte do governo imperial e provincial.

A *Notícia*, publicada postumamente em 1873, anotada por Alfredo Teotônio da Costa, pode ser considerada a primeira obra a tratar geograficamente o território da *Província de Santa Catarina*. Foi esta *Notícia*, o *artigo preliminar*, introdutória ao trabalho mais importante do Arcipreste Paiva, que ora o *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* resgata de seu ineditismo, ao publicar na *Coleção Catariniana – o Dicionário Topographico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catharina*.

Seu interesse em escrever esta obra foi por ser *filho deste torrão que muito amamos e desejamos sinceramente seu engrandecimento*, e procurar suprir as *vantagens de que outras já gosão... visto que escriptores, que tratando de outras províncias accidentalmente alguma cousa dizião sobre esta parte do Brasil que reputarão pouco interessante*.

O *Dicionário Topographico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catharina* concluído em 1868, é uma obra cuja importância para o conhecimento geográfico do Estado e para a própria história da geografia será devidamente avaliada a partir de sua publicação.

Tanto a *Notícia*, como introdução ao trabalho maior, como o *Dicionário* apesar da modéstia do autor – *não cremos haver produzido cousa perfeita* – devem ser considerados a, mais completa e detalhada, síntese do conhecimento geográfico de Santa Catarina e que somente no século XX seria aperfeiçoada dentro de uma outra realidade, política, cultural e de concepção metodológica. Ainda prevalecia a idéia da geografia enumerativa e descritiva, procurando os estudiosos escreverem obras voltadas ao ensino e, como bem se nota era também a finalidade maior dos trabalhos do Arcipreste Paiva. Durante o período imperial e até os anos trinta do século XX a geografia brasileira era, predominantemente dedicada aos levantamentos estatísticos, aos estudos descritivos, a elaboração de Atlas e de

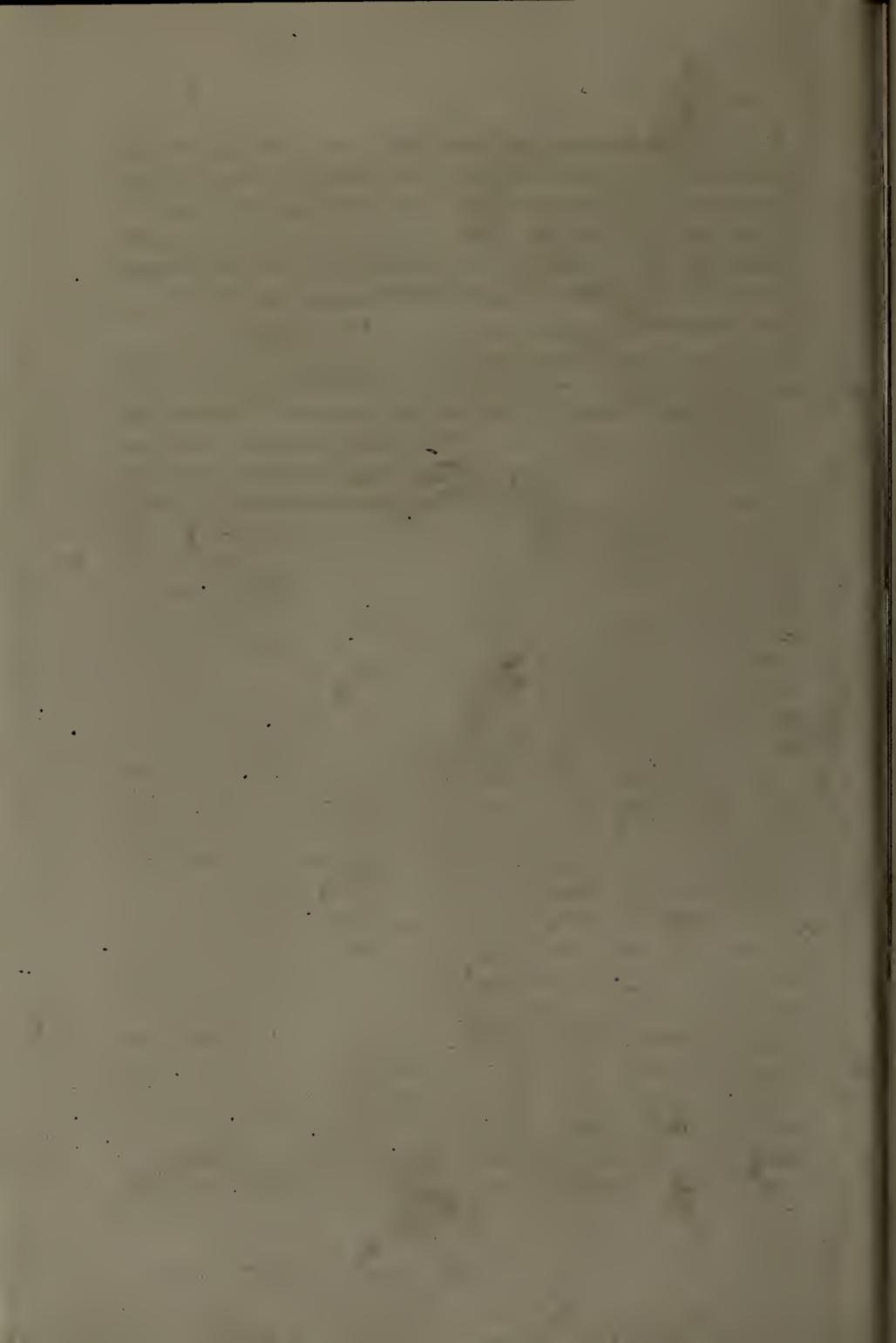
dicionários. Estas obras teriam a obrigação de suprir o desconhecimento quase total da terra brasileira como entidade geográfica; aos estudantes e estudiosos e ao público seriam fornecidas muitas informações, na maioria restritas as sociedades de geografia e as entidades e governos que as patrocinavam.

No entanto, este trabalho, como as demais citadas, deve ser valorizado não só como obras-fontes como também pela correção e exatidão de suas informações. E o *Dicionário Topographico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catharina* apresentava estas qualidades e quando José A Boiteux publicou o seu *Dicionário Histórico e Geographico do Estado de Santa Catharina* – em três volumes editados entre 1915 e 1940 e um quarto perdido em incêndio na Imprensa Oficial – foi a obra do *Arcipreste Paiva* sua maior fonte maior; são duas obras complementares, uma lançando as bases para a outra e ambas enriquecendo a Geografia de Santa Catarina

As dificuldades de coleta de informações – *tivemos de percorrer toda a província com exceção do município de Lages, para adquirir pessoalmente conhecimentos que não nos offerecião, nem memórias porque não existião com os precisos elementos* – e a precisão dos verbetes, descritos e localizados ainda na atualidade por todos os que estudam a geografia catarinense, seja em nível geral ou regional, permite que se considere este trabalho de pesquisa, uma obra de um valor imensurável. A ausência de mapas, que possibilitassem a imagem real do território de Santa Catarina, foi compensada nesta obra do *Arcipreste Paiva* em que suas informações permitem que hoje se possa cotejar, lado a lado, duas obras distantes no tempo. Igualmente, pode-se apontar como o responsável pela oficialização de muitas denominações de acidentes geográficos, por exemplo, ao descrever na *orografia* a *Serra Geral: Cubatão, Icomba, Jararaca, Itajahy, Trombudo, Tubarão, Araranguá.*

Na história da geografia de Santa Catarina o *Padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva* merece ser considerado junto com Miranda Ribeiro, Paulo José Miguel de Brito, José A. Boiteux, José Vieira da Rosa e Victor Antonio Peluso Junior como os responsáveis pelo surgimento de uma *Geografia Catarinense*.

Marly Ana Fortes Bustamante Mira
Professora Titular de Geografia da Universidade
Federal de Santa Catarina
e Sócia Emérita do Instituto Histórico
e Geográfico de Santa Catarina



Dicionário Topográfico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catarina

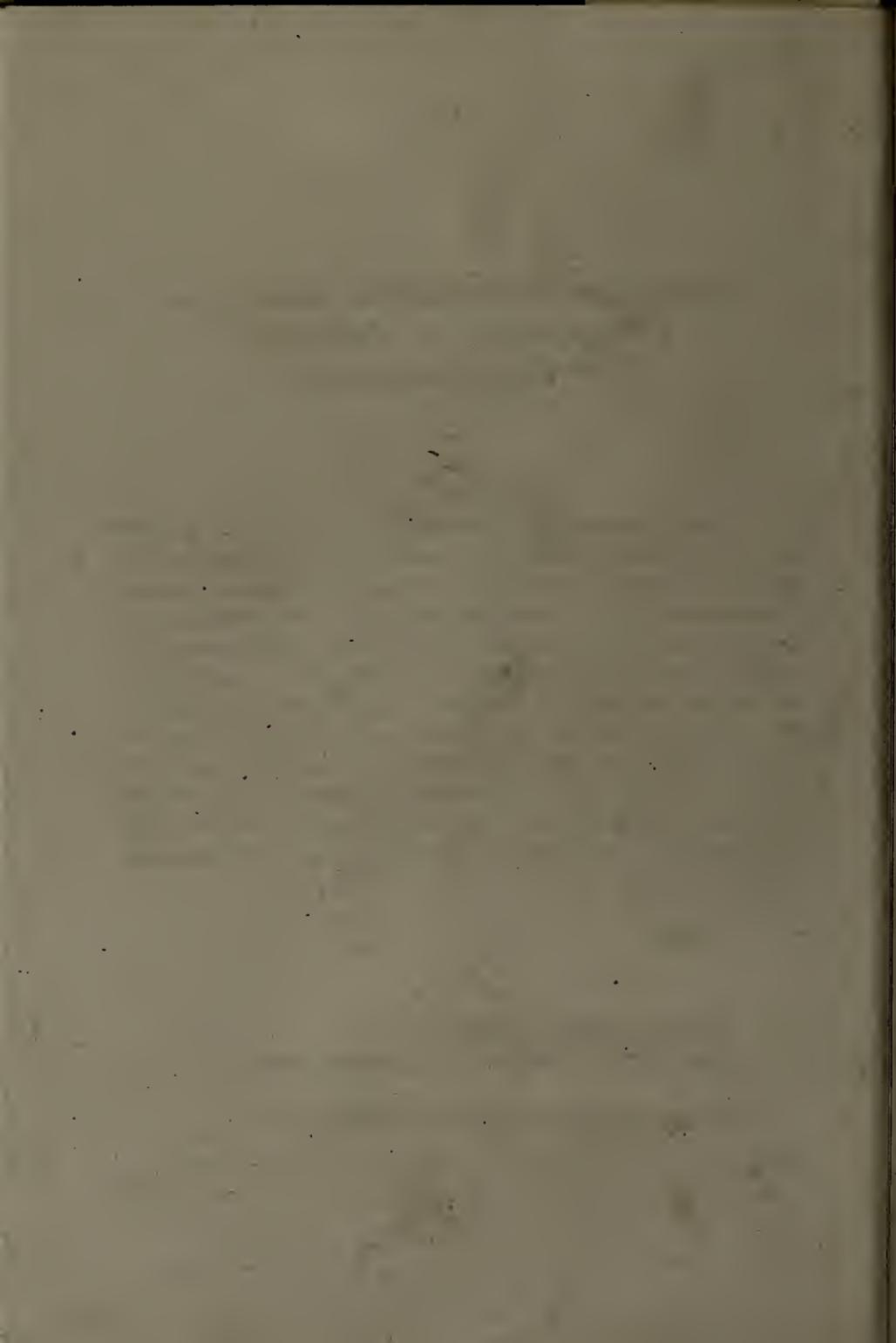
Por

Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva, Cavaleiro das Ordens de Cristo e da Rosa, Examinador Sinodal do Bispado do Rio Grande do Sul, Sócio Honorário do Ateneu Paulistano, Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico da Província de Sul Pedro, do Ginásio, Científico Literário Brasileiro, e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, Membro da Assembléia Legislativa Provincial e Professor de Filosofia Racional e Moral do Lycêo Affonso de Porto Alegre, Lycêo Catarinense Diretor Membro e Correspondente e Professor na Instituição Publica, Vigário Colado na Igreja Paroquial de N. SUL do Desterro, e Arcipreste das Igrejas da Província de Santa Catarina.

- 1868 -

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha Terra amei e a minha gente.*

Dr. Antônio Ferreira L^o 1. Epist. 3^o



INTRODUÇÃO

O conhecimento e pacto Topografia e História de um país não interessa somente aqueles que se dedicam ao estudo das ciências: lhe é indispensável, ou pelo menos de suma conveniência aos que exercem a indústria agrícola, comercial ou artística.

Os meninos depois de beberem as inspirações da moral e Religião nos bons livros e nos exemplos de seus pais e mestres, e conhecerem o código das Leis Pátrias, devem estudar física e moralmente o ponto do globo que aprouve a Providência designar-lhes para seu berço. Os mares, as ilhas, os rios, os montes, as cidades, as vilas e outras localidades, as riquezas naturais dos três reinos da natureza, sua posição astronômica, seu clima, dimensões de seu território, relações com os povos limites, caracter e costumes predominantes de seus conterrâneos, são objetos estes que prendem a atenção infantil, recreação a imaginação, despertam o desejo de um estudo tão instrutivo quão deleitável, e ainda mais desenvolvem em seus corações tenros e puros os nobres sentimentos de patriotismo, nacionalidade e fervente dedicação ao torrão que os viu nascer.

Estas considerações nasceram-nos a empreender um trabalho, que proporcionasse á nossa província natal as vantagens de que outras já gozam, oferecendo a nossos concidadãos um livro cuja utilidade não se pode contestar. Trabalho superior ás nossas forças, mas não aos nossos desejos, tem-nos ocupado a cinco anos; e

ainda assim não cremos haver produzido cousa perfeita. Ao princípio baldo de bases, onde pudesse-mos firmar este modesto edificio, tivemos de percorrer toda a província com excepção do município de Lages, para adquirir pessoalmente conhecimentos que não nos ofereceram, nem memórias porque não existiam com os precisos elementos, e nem mapas, que pela maior parte eram inexatos.

A província de Santa Catarina pois não possuía os indispensáveis dados estatísticos para ser devidamente apreciada. A sua topografia era incompletamente conhecida. A sua história desde o seu descobrimento e sua fundação estava traçada ligeiramente pelos escritores, que tratando de outras províncias acidentalmente alguma coisa diziam sobre esta parte do Brasil que reputavam pouco interessante.

Os trabalhos científicos que hábeis engenheiros têm empreendido na província principalmente sobre as administrações dos Excelentíssimos Presidente Doutor Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, e vice presidente comendador Francisco José d'Oliveira, e antes destes, sob a dos Excelentíssimos presidentes Brusque, Galvão, Leitão da Cunha e Chaves, e vice presidente comendador Coutinho, uma pequena memória histórica do Sr. Major Manoel Joaquim de Almeida Coelho, alguns documentos antigos perscrutados nos arquivos da Secretaria do Governo e das Municipalidades, no cartório eclesiástico do Arciprestado e livro do tombo da paróquia da capital auxiliaram-nos em tão árdua empresa; e cremos que, se não conseguirmos dar á luz um trabalho perfeito neste gênero, ao menos oferecemos aos vindouros um auxiliar minucioso e o mais aproximado pacto, o qual poderá concorrer um dia para facilitar a aparição de uma obra mais completa, e que melhor preencha a lacuna que vimos de lamentar.

Pede a justiça que consignemos aqui os nomes daqueles cujos trabalhos tivemos entre mãos, é de quem nos aproveitamos na parte que não discrepavam dos nossos apontamentos de viagens e informações fidedignas posteriormente obtidas; e tais foram pelo que diz respeito a costa da ilha: a Comissão francesa do Barão Roussin, e Capitão Ten. Honhalty; ao município de Laguna o conselheiro Coelho, os engenheiros Carlos Demolin e Vem Brause; ao de SUL Francisco o referido conselheiro, o Tenente Coronel Alvim e Itajaí os engenheiros Pedro Luis Toulois e Dr. E. Leôncio e Emilio Odebrecht ao de Lages o Brigadeiro Sepulveda e engenheiro Henrique Krephin; além dos mapas parciais de Leôncio Aubé e geral de Carlos Van Lède, sendo que neste último há graves inexatidões, folhas sem dúvida de informações infieis, ou trabalhos imperfeitos, quais eram as poucas plantas então conhecidas.

Ao nosso Dicionário adaptamos o Meridiano de Paris para determinar as longitudes, menos nos pontos do município central de Lages que predomina o de Greenwich, nas observações astronômicas recentemente feitas para base de futuros trabalhos, pelo hábil engenheiro citado o Sr. Krephin, e na Bahia do Desterro que duas ou três posições se acham determinadas pelo meridiano do Rio de Janeiro.

Notícia geral da Província de Santa Catarina

A província de Santa Catarina depois da de S. Pedro do Rio Grande do Sul, a mais meridional do império do Brasil, com quanto pequena na extensão de território, em relação às suas irmãs, e com uma população pouco excedente de 10 mil almas, e essencialmente agrícola, e por sua posição geográfica, benignidade do seu clima, uberdade do seu solo e índole pacífica e hospitaleira de seus habitantes, a bela e aprazível porção da América, pelo que tem merecido a determinação de Paraíso Terreal do Brasil. Na verdade uma formosa ilha de 10 léguas de

comprimento sobre 3 na sua maior largura, situada ao longo da costa e desta separada apenas 4 braças na menor distância e 3 léguas na maior, oferecendo em duas baías que circundam a capital, e dois largos canais nas extremidades, abrigo e fresco às embarcações que navegam para o Oceano Pacifico, como único posto de arribada dos 24° a 36° de latitude sul, terras fertilíssimas, cobertas de luxuriante vegetação, produzindo todos os frutos e cereais da Europa, encerrando em seu seio ricas minas de carvão de pedra de superior qualidade, e nascentes de águas termais, e possuindo em fim vastas florestas de preciosas madeiras de construção e extensas planícies, onde nasce espontaneamente a erva-mate, a mamona, o tabaco, a baunilha, o anil, tais são os elementos de riqueza com que a Providência dotou este belo torrão do Novo Mundo, os quais no porvir desenvolvidos e devidamente apreciados colocarão esta província no posto que por direito te compete entre as estrelas do Império de Santa Catarina.

Posição Astronômica

A província de Santa Catarina está situada entre 25° e 30' e 29° e 18' de latitude meridional, e 50° e 49' e 56° e 50' de longitude ocidental pelo Meridiano de Paris.

Limites

Confina ao norte com a província do Paraná pelo rio Sai-guaçu, e da barra deste em linha tirada leste-oeste até a abertura da Serra do Mar entre os morros de Araraquára ao norte, Inkyrim ao sul, e no interior os rios Negro e Iguaçu; ao sul com a província de S. Pedro pelo rio Mampituba no litoral, e os das Contas e Uruguai-mirim ou Pelotas no interior; a leste com o Oceano Atlântico; e a oeste com a província Argentina de

Corrientes pelos rios de Santo Antonio e Peperiaçú, e ainda com a referida província de SUL Pedro pelo Uruguai e parte do Pelotas. Estes limites são confirmados pelos seguintes documentos oficiais.

Pela Resolução Régia de 20 de junho de 1749 e Provisão do Conselho Ultra-Marino, expedido ao governador Manoel Escudeiro Ferreira de Mello em 20 de novembro do mesmo ano, que criou a Ouvidoria de Santa Catarina independente da de Paranaguá, designando as divisas pelo norte com a bacia austral do rio S. Francisco, pelo Cubatão do mesmo rio, e pelo rio Negro, que se mete no Grande Curitiba, e ao sul os montes que deságuam para a lagoa Mirim; o território de Lages ficou subordinado ao de Santa Catarina na parte judiciária.

Por portaria do Excelentíssimo governador e capitão general D. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão, datada de 22 de maio de 1771, diz um documento sem dúvida extraído do arquivo da Câmara de Lages, é transcrito na memória histórica da Província de Santa Catarina, pelo Major Manoel Joaquim de Almeida Coelho, veio o português Antonio Corrêa Pinto nomeado Capitão-mor Regente para criar a nossa Vila em Lages

Com o título de Vila Nova de N.S. dos Prazeres de Lajes, na conformidade das Instruções de Sua Majestade em data de 26 de janeiro de 1765, cuja portaria autorizava ao Capitão-mor para nomear os oficiais da Câmara e paramenta-los, dar-lhes posse e demarcar terreno para edificações, o que tudo fez com assistência de 21 testemunhas, e tiveram os nomeados posse, e juramento os vereadores em 8 de setembro de 1771. Ficou dividida esta vila com a de Curitiba, porém não consta por onde; mas depois que houve povoação na Lapa foi reconhecida a divisa pelo Canoinhas, que nasce das vertentes ocidentais da Serra do Itajai Grande, e vai ser tributário do Rio Negro, e segue a nossa divisa com a província de SUL Paulo pelo Rio Negro, que abaixo toma

o nome de Iguaçu – Rio Grande – e por ele abaixo até a Foz do Santo Antonio, se então subindo por este nos dividimos com os correntinos, e finalizando este rio, des-cemos pelo Pipiri-açú, continuando a divisa com os correntinos, isto é com as Missões ou Povos Queimados até desembocar no Uruguai, e então se divide Lages com as províncias do sul pelo Uruguai até onde o Pelotas se junta com o Canoas Grande, e aquele acima a barra do Rio das Contas, e daí a rumo de Leste com o município da Laguna até onde se determina.

Pelo Decreto Nº 3.348 de 16 de janeiro de 1865 alterou o Governo Imperial, menos bem informado, os limites entre esta província e a do Paraná, estabelecendo por divisa o rio Uruguai-açú ou Canoas desde sua junção com o Pelotas ou Uruguai-mirim até a embocadura do rio Marombas, e por este até a sua origem, e daqui tirando-se uma linha leste até a Cordilheira. A Assembléia Legislativa Provincial e as Municipalidades todas reclamaram incontinentemente contra um ato que com manifesta injustiça despojava a província a província de Santa Catarina de quase um terço de seu território em favor do Paraná, já tão bem aquinhoadas. Felizmente a verdade pôde chegar aos degraus do Trono, e o Aviso de 21 de outubro do mesmo ano suspende a execução daquele Decreto.

Dimensão

A sua extensão é de 68 léguas de norte a sul, desde o Rio Sai-Guaçu até o Mampituba, e 103 léguas de leste a oeste, desde a ponta das Bombas até a margem esquerda do Rio Pipuriguaçu, com mais de 90 léguas de litoral, perfazendo uma superfície de 2.580 léguas quadradas, de 20 ao grão.

Clima

O clima de Santa Catarina é geralmente temperado, ameno e benigno, ainda que às vezes irregular. Nas povoações do litoral as brisas do mar durante o estio sobrevindo às 11 horas da manhã moderam o calor do sol, e as noites são refrescadas pelo terral ou vento da terra. Além da Serra o frio ordinariamente é seco. No inverno o termômetro de Regaunneus não desce de 5° nem no verão sobe além de 30°. A temperatura média durante o ano conserva-se entre 8° e 15° do mesmo termômetro correspondente a 50° 65° do de Fahr. Além da Serra baixa consideravelmente da província e proverbial, e a experiência de muitos anos tem provado que ela aproveita muito aos recém chegados.

Aspecto Físico

O território desta província forma quase um triângulo. Geralmente montanhoso desde o litoral até a cordilheira, que com seus picos desiguais a atravessa a rumo de norte-sul, é plano e com ondulações além da Serra a qual deita do oceano entre 16 e 30 lagoas. Por sua frescura e fertilidade abundante de corpulenta árvores, apresenta sempre uma vegetação viçosa e compacta. Pela extensão da costa do mar elevam-se mais ou menos Serras de granito, que tomam diferentes formas, ora avançando para o oceano até formar pontas e promontórios, ora recuando para dar lugar as alvejadas praias que guarnecem as enseadas e ancoradouros.

Orografia

A Serra Geral prolonga-se norte-sul mais ou menos por todo o território da província com o nome de Serra do Cubatão a qual faz parte da grande Cordilhei-

ra, e segundo as localidades que ocupa e aspectos que apresenta toma as denominações de Serra de Icomba, da Jararaca, de Itajai, do Trombudo, do Tubarão e de Araranguá. O tronco principal da Cordilheira, na parte mais central da província existe a sul 15º oeste, e em distancia de 5 léguas de do Campo de Boa Vista, do Trombudo, de Santa Bárbara e do Tabuleiro. O segundo tronco da Cordilheira o qual corre sueste e noroeste, toma as denominações de Serra das Pedras dos Ausentes, da Farofa e dos Macacos. Entre os morros mais ou menos isolados notam-se por sua altura o Costão do Frade, o Baúl, o pico da Tromba, o pico da Cordilheira.

Hidrografia

Os rios mais consideráveis que banham seu território são o Itajai, o Tubarão, o Araranguá, o Tijucas Grandes, o Itapoçú e o Grande Braço de Mar ou Rio de S. Francisco. As lagoas principais são: a da Laguna, do Morro Sombrio, de Caverã e de Saguacú no Continente, a da Conceição e do Peri na Ilha de Santa Catarina, e a de Acaraí na de S. Francisco. As ilhas de maior extensão são: as de Santa Catarina, de S. Francisco, Bela das Garoupas e Arvoredo. Os portos mais freqüentados são: os do Desterro, de S. Francisco, de Itajai e Laguna.

Descobrimto

Apesar das divergências dos escritores quando se trata de determinar a época do descobrimento da Ilha de Santa Catarina, ou do primeiro navegante que ancorou em sua Bahia, parece mais provável que este sucesso tivesse lugar no ano de 1515 por João Dias Solis, piloto mor da Espanha, que então viajava para o Sul, talvez para reconhecer as novas descobertas obtidas pelos portugueses, ou tentar outras. Onze anos depois

em 1526 Sebastião Caboto encarregado por Carlos 5º de descobrir o estreito de Magalhães, e o Rio da Prata, a visitou, e recebido benignamente pelos índios carijós que habitavam a ilha, retribuiu a hospitalidade com a cruel resolução de roubar-lhes os filhos. No ano seguinte, em 1527, Diogo Garcia aí aportou e teve conhecimento minucioso do fato que acabamos de consignar, sendo-lhe referido pelos próprios indígenas, que apesar de queixosos contra os brancos, não deixaram de ministrar-lhes viveres, permutando alguns objetos de que careciam. Bem longe podemos buscar a origem funesta dessa desconfiança e implacável inimizade dos filhos das matas conosco. Fatos tão desumanos prepararam conseqüências lamentáveis, e tarde ou nunca nos congregaremos. Continuando no bosquejo histórico interrompido por estas tristes reflexões, diremos que em 1540 Álvaro Nunes Cabeça de Vaca encarregado também pelo governo Espanhol de fazer explorações nas terras do Novo Continente, tendo perdido dois navios na altura de Santa Catarina, surgiu na sua baía, e tomou posse da ilha, de onde, segundo se afirma seguiu por terra, seguindo ao Paraguai, em 11 de março de 1542. Finalmente no ano de 1554 uma armada espanhola de viagens para o Rio da Prata, obrigada por temporais, arribou a esta baía a qual Pedro Lopes de Souza mais tarde denominou Bahia dos perdidos, por ter encontrado nela alguns espanhóis, relíquias sem dúvida de algumas expedições anteriores que daqui haviam sido expelidas. Desta data em diante os naturais da ilha, que como dissemos eram conhecidos pelo nome de Carijós, entretinham apenas algumas relações com os moradores do S. Vicente, os quais lhes traziam alguns objetos por eles muito apreciados, que permutavam por algodão, redes e mesmo outros índios que capturavam na guerra, ou degradavam por castigo. Neste estado se conservou a ilha e o litoral do conti-

nente vizinho até o ano de 1651 em que concordam todos, começou a sua povoação regular.

Fundação

O território desta província que antes de ser incorporado aos bens da Coroa de Portugal fazia parte desde o Saí até a lagoa de Ibiraquéra da doação feita a Pedro Lopes de Sousa, começou a ser povoado no ano de 1651 pelo capitão Francisco Dias Velho Monteiro, o qual com sua família e a de José Tinoco, dois religiosos, ou padres da Companhia de Jesus e quinhentos índios domesticados veio de S. Paulo a instancias do Governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Então habitavam o litoral desta província os índios Carijós, que pertenciam a grande nação Tupi, os quais se enterraram pelos sertões á chegada dos novos povoadores. Esta pequena colônia veio estabelecer-se na ilha de Santa Catarina, nome que tomou da filha mais velha do fundador, ou segundo afirmam outros, que lhe foi imposto por Martim Afonso de Sousa donatário da capitania de S. Vicente, que viajando para o sul do Brasil aportou a esta ilha no dia 25 de novembro em que a igreja comemora o martírio de Santa Catarina. Crescia e prosperava quando a fatalidade conduziu ás suas praias o corsário Holandês Roberto Lessis, que voltava do Perú trazendo grande quantidade de prata, e foi ancorar no porto de Canavieiras á entrada da barra do norte, onde segundo a tradição fora fundada a primeira capela com a invocação da illustre mártir de Alexandria. Alguns atos de hostilidade praticados pelos companheiros de Dias Velho, levados pela cobiça de apoderar-se das riquezas que a ocasião lhes deparava obrigaram os piratas a fugir, deixando como é de supor parte do fruto de suas rapinas. No ano seguinte os holandeses reapareceram para tomar cruenta vingança, e

o infeliz pai tendo em vão se fortificado dentro do templo, depois de testemunhar a desonra de suas filhas, desamparado de seus índios, foi barbaramente assassinado, do que resultou da dispersão da colônia, indo os filhos do desventurado ancião habitar no continente às margens da lagoa de Santo Antonio dos Anjos, hoje Laguna, afim de evitarem um novo insulto. Pouco tempo antes deste acontecimento havia chegado na província de S. Paulo, Domingos de Brito Peixoto, com sua família, muitos índios e escravos, e fora estabelecer-se na terra firme, no lugar que hoje se denomina Enseada de Brito, mudando-se mais tarde para a Laguna. Apesar do infortuno da primeira colônia alguns resíduos da povoação dispersa foram aumentados com indivíduos que vinham de S. Vicente, Paranaguá e Guaratuba entre os quais figuram Antonio Afonso e seis companheiros que no ano de 1666 vieram habitar com suas famílias a ilha e terra firme, por concessão que lhes fizera o procurador do Marquês de Cascães, legítimo herdeiro de Lopes de Sousa, primeiro donatário destas terras, assim como Miguel Antunes Prompto e treze companheiros que igual favor obtiveram do mesmo donatário para povoarem as margens do rio Massambú e todo o sertão no continente. Em 1698 o Capitão Antonio Bicudo Camacho com 20 casais veio de S. Francisco estabelecer-se em terras ao sul do Massambú, compreendido os campos de Araçatuba, acompanhando o seu sobrinho o padre Matheus de Leão com outros agregados que occuparam duas léguas de terra na ilha entre o rio Ratonés e a Lagoa Conceição, o que tudo obtiveram por sesmaria do mesmo donatário por seu procurador. No ano de 1714 veio ainda da província de S. Paulo uma porção de índios domesticados e algumas famílias brancas, entre as quais se distinguiram as de Salvador de Souza na qualidade de Capitão-mór, e de Manoel Vanco de Avelar na de Sargento-mór além de outros indivíduos naturais de

Portugal, sucedendo ao primeiro, que logo depois faleceu, o Capitão-mór Sebastião Rodrigues Bragança. Entretanto a população derramada pelos diferentes pontos da província, então capitania pouco progredia, até que pelos anos 1748 a 1752 chegaram das ilhas dos Açores 4.024 pessoas para aqui se estabelecerem. Com este poderoso auxiliar composto de colonos inteligentes e laboriosos, Santa Catarina começou a florescer em agricultura e indústria manufatureira, aumentando progressivamente o número de seus habitantes.

Catequese e Civilização

Do resumo histórico desta província pelo Visconde de SUL Leopoldo firmado na Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil pelo Padre Vasconcellos e bem assim da vida do Padre João de Almeida, se vê que anunciara o Evangelho aos índios do Patos no ano de 1550 o Padre Leonardo Nunes: que em 1618 o Padre João de Almeida e seu companheiro o Padre José Fernandes Gato partindo de Santos chegaram a ilha de Santa Catarina para o mesmo fim, e que em 1622 vieram estabelecer missão e residência na mesma o Padre Antonio de Araújo, professor do 4º voto, revestido de autoridade de superior e seu companheiro João de Almeida.

No livro do tomo da Matriz de Nossa Senhora do Desterro da capital consta de um termo de batismo extraído do livro respectivo que Frei Tomé Bueno celebra este ato no ano de 1715, assim como que em 1718 Frei Agostinho na Trindade, religioso carmelita, varão eminente em virtude, e muito instruído na língua brasileira, já residia na ilha exercendo seu ministério, passando a paroquiar a igreja de N. S. do Desterro em 1724.

Citamos estas datas, como as mais antigas dos livros que existem, notando que os atos religiosos celebrados desde 1550, época em que o evangelho começou

a ser efetivamente anunciado nesta ilha do Império de Santa Cruz deveriam constar dos livros, que desapareceram na ocasião da invasão espanhola em 1777. No ano de 1747 El Rei D. João V, solicitou do superior da Companhia de Jesus a vinda de dois Padres para formarem um colégio na ilha, os quais sete anos depois (1754) já se achavam residindo no pequeno Hospício edificado no Largo do Palácio, hoje residência paroquial em ruínas. No citado livro do tombo consta já existirem nesta ilha em 1748 os Padres Francisco de Farias e Bento Nogueira da Companhia de Jesus, que talvez sejam os mesmos que depois farão habitar o Hospício.

Governo

A ilha de Santa Catarina e seu território continental pertenceram ao Governo do Rio de Janeiro até o ano de 1709 em que foram reunidos ao de S. Paulo como Capitania Geral mais próxima. Durante este tempo era a Laguna a sede do governo sob a administração do Capitão-mor Francisco de Brito Peixoto, filho do primeiro povoador da terra firme Domingos de Brito Peixoto, sendo semelhante preferência devido ao incremento que teve a colônia em quanto a da ilha, posto que mais antiga, tinha pelo assassinato de seu fundador Dias Velho, suspenso seu desenvolvimento

Em 1738 El Rei D. João V constituiu governo separado, dando-lhe por governador o Brigadeiro José da Silva Paes, que ocupou este cargo até 1749. Durante seu governo foi incumbido pelo Capitão-mór Geral do Rio de Janeiro, das fortificações da praça da Colônia Sacramento, pelo que foi interinamente substituído por Patrício Manoel de Figueiredo, e ao depois por Pedro de Azambuja Ribeiro, até que em 1744 reassumiu o exercício de seu emprego. Este governador prestou relevantes serviços à província, tanto a respeito a defesa do país,

construindo as fortalezas de Santa Cruz, Ponta Grossa, Ratonés e Barra do Sul, e criando um batalhão de Artilheiros Fuzileiros, que mais tarde veio a ser um regimento de 10 companhias, como pelo que pertence á policia, comércio e lavoura. Não tendo sido encontrado no respectivo Livro da Câmara o registro da patente deste Governador pode-se crer-se que ele nunca fora investido deste caráter, mas sim que o seu governo fora de fato duramente o desempenho da comissão que o levava ao sul do Brasil.

A dois de fevereiro de 1749 tomou posse do governo o Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Sousa, o qual pretendeu mudar a sede ou capital para a terra firme, mas não lhe sendo isso permitido em razão de haver já na Vila alguns edificios públicos, como o a caso do Governador, a igreja e armazéns reais, desgostou-se a ponto de deixar de promover para o país aqueles beneficios que dele se esperava. Por este mesmo tempo foi criada uma Ouvidoria com alçada sobre a província do Rio Grande do Sul, sendo primeiro ouvidor nomeado o Doutor Manuel José de Faria.

D. José de Mello Manoel sucedeu em 25 de outubro de 1753 o governador por espaço de oito anos e sete meses. Um dos atos mais notáveis de sua administração foi obrigar todo o lavrador que possuísse 100 braças de terra lavrada e cultivada plantar 100 pés de algodão sob a pena de perder as terras. Esta pena foi substituída pelo Governo da Corte por multa de mil réis pela primeira falta, o duplo na reincidência, e pela terceira vez então a perda das terras.

Sucedeu a este governo o Coronel Francisco Antonio Cardoso de Menezes, que tomou posse a 4 de março de 1762. Este governo foi uma calamidade para Santa Catarina. O povo viu-se obrigado a trabalhar nas obras públicas, e a fazer exercícos militares, não se dispensando os próprios lavradores, do que resultou o atraso

da lavoura e do comércio sobrevindo a fome para agravar a situação, devido tudo isso as medidas vexatórias do governo. A municipalidade condoeu-se em fim da sorte dos habitantes e representou ao governo da Metrópole, que imediatamente fez cessar os exercícios e aliviar o povo dos trabalhos públicos. Este domínio de opressão durou até 12 de julho de 1745, em que tomou posse o novo Governador Tenente Francisco de Sousa Meneses.

Não foi porém mais feliz o povo com esta mudança: um vexame não menos calamitoso o oprimiu. Para realizar-se um recrutamento de 400 a 500 homens foi mister arrancar aos lavradores seus filhos, pelo que definiu consideravelmente a agricultura. Neste Governo criaram-se os Terços de Auxiliares.

Em 5 de setembro de 1775 tomou posse da administração o Coronel Pedro da Gama Freitas. Este Governador Com quanto dotado de excelentes qualidades careceu de energia e resolução para obstar o desembarque dos espanhóis na Ilha, a qual entregou sem queimar uma escorva. Vide o antigo Santa Catharina (Ilha de).

Francisco Antonio da Veiga Cabral da Câmara, Coronel Visconde de Mirandella, que veio render aquelle, assumiu o governo da terra firme na Freguesia de S. Miguel, hoje Vila, no 1º de maio de 1778, e da Ilha a 3 de agosto do dito ano, em que foi evacuada pelas forças espanholas. Fez uma administração paternal: chamou o povo disperso animando-o a edificar e prosseguir nos seus trabalhos. Reparou os estragos do inimigo e restabeleceu a ordem e sistema nos tribunais e repartições públicas. Quando pediu demissão a municipalidade pediu e instou com seu Governador para que continuasse na nobre missão de felicitar o povo: porém nada pode demovê-lo de tal resolução. Retirou-se deixando a todos pesarosos e cheios de reconhecimento.

O Brigadeiro Francisco de Barros de Moraes Araújo Ferreira Homem tomou as rédeas do governo a 5 de

julho de 1779 na idade de 80 anos. Justiceiro e humano empregou a sua influência em dotar a Ilha com um Hospital de Caridade secundando os esforços de seu pio fundador Joaquim Francisco do Livramento, mais conhecido pelo nome de Irmão Joaquim. A par da proverbial caridade brilhavam outras virtudes. Animou o comércio, a navegação e a lavoura: licenciou os soldados para se ocuparem dos trabalhos rurais: fez construir novos edificios e engenhos para o fabrico de açúcar, terminando seu excelente governo a 7 de julho de 1786.

Sucedeu a este o Sargento-mór José Pereira Pinto. Hábil militar reparou as ruínas dos edificios reais: fez aparelhas alguns pequenos vasos para o serviço da marinha: promoveu a agricultura, a plantação de café especialmente, mandando vir plantas do Rio de Janeiro, e pagando 406 r\$ por cada libra. Não deu execução a ordem bárbara de mandar inutilizar os teares de que se servia a pobreza para o tecido do pano chamado da terra. Finalmente de princípio ás estradas de Lages, este centro destinado a ser o mais importante e rico município da província, sendo o primeiro este Governador que concebeu o pensamento de estabelecer colônias militares em toda a extensão da referida estrada.

A este administrador substituiu o Coronel Manoel Soares Coimbra, nascido no Brasil, hábil militar, distinto por sua atividade promoveu a organização e disciplina das tropas, procedendo a um recrutamento de 500 homens para a defesa do país sem vexame, e fez edificar com insignificante despesa do Estado o Quartel Militar, um dos melhores edificios deste gênero, que existe no Império. Acusado perante o vice-rei por fatos que só podiam fazer o seu elogio, pediu licença para justificar-se na Corte de Lisboa, o que fez cabalmente sendo despachado Brigadeiro. A biografia deste Governador escripta por hábil pessoa e publicada no ano de 1867 no

Rio de Janeiro, comprova com documentos autênticos seus relevantes serviços. O Tenente Coronel João Alberto de Miranda Ribeiro, seu sucessor tomou posse a 8 de julho de 1793. Em consequência dos trágicos acontecimentos da Espanha fez trincheiras na terra firme á entrada da Capital: organizou as milicias, disciplinou a tropa, e muito concorreu para dar ao povo certo grau de civilização quando desempenhava com tanto zelo a nobre missão de que fora investido, foi surpreendido pela morte a 19 de agosto do ano de 1800, sucedendo-lhe um triunvirato composto do Tenente Coronel José da Gama Lobo Coelho d'Eça, Ouvidor Aleixo Maria Caetano, e Vereador José Pereira da Cunha.

A este governo seguiu-se o Coronel Joaquim Xavier Curado, que foi empossado a 8 de dezembro do mesmo ano. Durante a sua administração prosperou a província; o comércio animou-se; erigiram-se muitos edificios públicos e particulares, e entre aqueles alguns templos. Austero de costumes foi protetor dos pobres e desvalidos, excedendo-se pelo zelo da justiça em alguns atos de severidade de que deixou lembranças duradoura.

O Tenente D. Luís Maurício da Silveira o sucedeu em 3 de junho de 1805 governando até 16 de agosto de 1817. A diuturnidade de sua administração não outorgou a província beneficio notável, antes alguns queixumes provocou, partindo a iniciativa do seio da municipalidade.

Foi o seu sucessor o Coronel João Vieira Tovar de Albuquerque, que tomou as rédeas do governo em agosto do supra dito ano. Apesar do seu gênio assomado, que algumas vezes o arrastou a praticar atos de crueldade, promoveu alguns melhoramentos à província, entre os quais a fundação do Hospital das Caldas do Cubatão, atualmente um vasto edificio aonde concorre de diversas províncias do Império grande número de enfermos para fazerem uso das águas medicinais, de-

vendo-se também a solicitude deste governo a anexação do termo de Lages a Santa Catarina.

Seguiu-se na administração o Tenente Coronel Thomas Joaquim Pereira Valente, mais tarde Conde do Rio Pardo, o qual tomou posse 20 de julho de 1821 e conservou-se até 20 de maio do ano seguinte, em que dando-se execução ao Decreto das Cortes Gerais e Constituintes de Portugal, elegeu-se uma Junta de Governo Provisório, que se compôs do Capitão-mór de Ordenanças Jacintho Jorge dos Anjos da Silva Mafra, secretário, vigário da vara Joaquim de Sant'Anna Campos, Capitão João de Bitencourt Correa Machado e Major Francisco Luís do Livramento. Esta administração durou até 16 de fevereiro de 1824.

Em virtude da Carta de Lei de 20 de outubro de 1823 foi nomeado primeiro presidente da província o Desembargador João Antonio Rodrigues de Carvalho. Pouco tempo antes fora criado o lugar de Comandante das Armas, cuja escolha recaiu no Coronel Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho que tomou posse em 19 de outubro de 1822: assim como a dignidade de Arcipreste das Igrejas da província por Provisão Episcopal de 2 de abril de 1824, sendo o primeiro que este cargo ocupou o R^o Joaquim de Sant'Anna Campos.

O segundo presidente foi o Brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello que tomou posse a 12 de março de 1825.

O terceiro o chefe de Divisão Miguel de Sousa Mello e Alvim em 14 de janeiro de 1830, e em consequência de uma sublevação militar entregou o governo no dia 22 de abril do ano seguinte ao comendador Francisco Luiz do Livramento, vice-presidente.

O quarto distinto catarinense Feliciano Nunes Pires tomou posse da administração em 6 de agosto de 1831. Animou as letras, dedicando as horas vagas do governo á instrução gratuita da mocidade. Protegeu a

indústria manufatureira vestindo-se do pano chamado da terra, e conseguindo com o exemplo animar este gênero de indústria que muito se aperfeiçoaram. Não desdenhou vestir a farda de simples guarda-nacional para dar toda a importância a esta recente instituição. Probo, desinteressado, e verdadeiro amigo do país onde teve o berço, fez uma administração paternal, que não ser tão breve. Nomeado Inspetor da Alfândega da Corte, passou o governo para o vice-presidente de quem já o havia recebido, em 4 de novembro de 1835.

O quinto José Marciano de Albuquerque Cavalcanti assumiu a presidência em 4 de novembro de 1835. A circunstância de ter de ir tomar assento na Câmara temporária de quem era membro, a sua idade e incômodos físicos que não podiam comportar a necessária atividade quando começava uma revolução na província vizinha abreviaram o prazo de sua administração, que findou em maio de 1836, passando o governo ao referido vice-presidente.

O sexto Tenente Coronel José Joaquim Machado d'Oliveira assumiu a presidência em 24 de janeiro em 1837, e sete meses e vinte dias depois teve sucessor. Ilustrado, justiceiro e humano deu abrigo em sua própria residência a muitos rio-grandenses que fugiam às conseqüências de uma guerra fratricida.

O sétimo Brigadeiro João Carlos Pardal sucedeu-lhe em 14 de outubro de 1837. Lutou com graves embaraços na sua administração, e viu-se por falta de forças na impotência de obstar a invasão da província pelos revoltosos.

O oitavo em 14 de agosto de 1839 recebeu das mãos de seu antecessor as rédeas do governo o marechal de campo Francisco José de Sousa Soares de Andréa, mais tarde Barão de Caçapava. Administrou militarmente a província, criando em poucos dias um lúrido batalhão provisório. Nimiamente severo quando tratava do servi-

ço público, ateou algumas simpatias porém deixou recordações honrosa, porque sabia administrar justiça a todos sem atenção a posição ou influência do indivíduo. Os filhos de seus amigos e pretendentes às famílias mais notáveis foram os principais alistados no dito batalhão provisório, e destes não poucos são hoje oficiais superiores no exército. Dotado pelo Governo Imperial com todos os meios para a defesa da província em breve expeliu o inimigo e restabeleceu a tranqüilidade pública.

O nono Marechal de campo Antero José Ferreira de Brito, e depois Barão de Tramandahy tomou posse em 26 de junho de 1840, e governou a província por mais de 8 anos. A sua administração foi benigna. Era o primeiro a respeitar a Lei, e jamais consentiu que a autoridade de qualquer categoria empregasse a influência oficial em pleitos eleitorais. Por várias vezes reclamou do presidente de S. Paulo providências para evitar a invasão dos limites da província pelo campo de Palmas, reclamações que muito valeram para a questão de limites que devia suscitar-se 20 anos depois com a recente província do Paraná. Obteve a licença de ir á Corte de onde não voltou mais, passando a administração da província ao Doutor Severo Amorim do Valle, vice-presidente em 26 de dezembro de 1848.

Décimo succedeu o Doutor Antonio Pereira Pinto, um dos dignos descendentes do antigo governador José Pereira Pinto, em 6 de março de 1849, e entregou ao vice-presidente, de que a recebera, em 30 de novembro do dito ano.

O décimo segundo o Doutor João José Coutinho tomou posse em 24 de janeiro de 1850 e governou a província por espaço de quase 10 anos.

O décimo terceiro seguiu-se o Doutor Ignácio da Cunha Galvão que tomou conta do governo em 20 de abril de 1861, sempre enfermo retirou-se para Lages a buscar alívio aos seus sofrimentos, entregando a admi-

nistração, ao vice-presidente Doutor João José de Andrade Pinto.

O décimo quarto foi seu sucessor o conselheiro Vicente Pires da Motta que em 15 de novembro do mesmo ano tomou posse, e passou a administração ao vice-presidente comendador João Francisco de Sousa Coutinho, em 25 de novembro de 1862.

Décimo quinto sucedeu o capitão tenente Pedro Leitão da Cunha em 25 de dezembro de 1862, a qual entregou o governo por ter de retirar-se para a Corte com licença, em 19 de dezembro do ano seguinte, ao vice-presidente o Comendador Francisco José de Oliveira.

O décimo sexto o Doutor Alexandre Rodrigues da Silva Chaves assumiu a administração da província em 25 de abril de 1864, passando também o governo ao vice-presidente, comendador Francisco José de Oliveira, em 24 de abril do ano seguinte.

O décimo quarto a este, sucedeu o Doutor Adolpho de Barros Cavalcante de Albuquerque Lacerda que assumiu a administração da província em 16 de agosto de 1865 e governou até 11 de junho de 1867 em que passou temporariamente a mesma administração ao primeiro vice-presidente comendador Francisco José de Oliveira, por ter de ir tomar assento na Câmara Quadrienal como Deputado pela província do Amazonas, e reassumiu a presidência em 9 de outubro do referido ano, em cujo exercício esteve até de novo entregá-la ao comendador Oliveira, que foi nomeado e substituído 3 meses depois pelo Comendador Coutinho, nomeado 2º vice-presidente e que também a 26 de agosto entregou a 1º vice-presidência ao Doutor Carlos Cerque Pinto.

O décimo oitavo sucedeu Doutor Carlos Augusto Fessar de Abreu, que tomou posse perante a Câmara Municipal no dia 11 de janeiro do ano de 1869.

Riquezas naturais

Mineralogia – A província de Santa Catarina possui extensos jazigos de carvão de pedra d primeira qualidade, e segundo a opinião do engenheiro Van-Lede, o seu solo encerra igualmente ouro, prata, ferro, cristal de rocha, ametistas e diamantes.

A nascente de águas termais que por suas virtudes medicinais é mais conhecida, é a das Caldas da Imperatriz. Além desta existe a das Caldas do Norte, do Tubarão e do Gravatá, todas de mais baixa temperatura, e situadas as duas últimas no município da Laguna, e as primeiras no de S. José.

Produção espontânea

Madeiras – As mais apreciadas por sua duração, das que abundam nas florestas da província são: para Obra de marcenaria – Araribá rosa, Araribá amarelo, Ébano, Jacarandá preto, Jacarandá vermelho, Guarapeica, Óleo preto, Óleo pardo, Ipê branco, Guaca, Cedro péqueno, Pindabuna.

Construção naval – Canela preta, Canela do brejo, Louro, Peroba vermelha, Peroba branca, Olandim, Genipapo, Garuva pequena, Guamirim ferro, Cambui pequeno, Guarajuva amarela, Sassáfras.

Construção abrigada – Canela amarela, Canela preta, Carvalho, Matambú, Laranjeira do mato, Pinho, Guamirim vermelho, Cedro Grande, Arma de Serra, Camboatá, Guarataí, Casca de Jacaré.

Mecânica – Sebrajú, Ipê amarelo, Massaranduba, Cabruhê Canharana, Cutia, Guarapari, Canela de Veado, Canela Sassáfras, Lucuran.

Gênero de consumo doméstico – *Erva-mate*. Em todo o município de Lages e parte do de S. José crescem

espontaneamente vastíssimos ervais. A sua excelente qualidade, abundância e facilidade de seu fabrico pode constituir um bom ramo de comércio, mas até aqui muito pouco tem sido ensaiado pela carência de boas vias de comunicação entre a capital e o interior da província. Apesar disto a maior parte da que se consome é fabricada no país.

Baunilha – Nasce também espontaneamente, mas sua cultura tem sido desprezada a despeito de sua fácil aquisição e preço que obtém no mercado estrangeiro.

Tabaco – Esta planta propaga-se com abundância e sem cultivo em quase toda a província. Até a pouco tempo não era devidamente aproveitada apesar de suas largas e viçosas folhas crescerem por toda parte, como para exprobrarem a incúria dos habitantes. Hoje felizmente se faz não pequena colheita máxima das Colônias e municipalidades de Lajes.

Cochonilha – No ano de 1786 teve princípio a cultura deste inseto e por muito tempo de extraiu grande quantidade. Caiu depois em abandono, com quanto nasça profusamente a Orumbeba, em que se nutre a cochonilha, e poucas pessoas hoje aproveitam a sua bela cor éscarlate.

Anil – A cultura deste artigo já foi considerável na província a ponto de o exportar. Atualmente pouco se fabrica embora a planta nasça e cresça em qualquer terreno. Só alguns lavradores ainda servem-se de suas folhas para tingir os fios do algodão destinado aos tecidos para uso doméstico.

Mamona – Não há lugar na província onde esta planta não dê abundantemente. O pouco cuidado que exige para o seu crescimento e facilidade com que se extrai óleo deverá animar os lavradores para não se limitarem só a fabrica-lo para seu uso como faz a maior parte.

Pesca – Segundo o testemunho do Monsenhor Pissarro teve começo nesta província a pesca da baleia

no ano de 1746. Este ramo de comércio foi arrematado por particulares que fundaram as seguintes Armações:

Armação da Piedade, com sua capela dedicada a N. SUL sob aquele título, fundada na terra firme uma légua ao norte da Fortaleza de Santa Cruz, por Thomé Gomes Moreira. É assento da freguesia do mesmo título recentemente criado.

Armação de Lagoinha - na costa oriental da ilha com sua capela dedicada à Santa Ana, fundada no ano de 1742.

Armação de Itapacorói - na vasta enseada do mesmo nome com uma capela sob a invocação de São João Batista, fundada por Ignácio Pedro Guintella no ano de 1778.

Armação da Graça - fundada na ilha do mesmo nome, e na da Paz, que lhe fica contida, no ano de 1807 era suplemento da de Itapacorói

Armação da Garopaba - fundada em 1795 com uma capela dedicada a S. Joaquim, no assento que é hoje da paróquia do mesmo nome.

Armação da Imbituba - suplemento da de Garopaba fundada em 1796 tendo Santa Ana por sua padroeira.

Ano houve que se mataram nestas Armações para cima de mil baleias, e segundo afirmou a Câmara Municipal de Desterro em um documento oficial dirigido ao governo da Metrópole a pesca chegou a renda de 200 a 300 mil cruzados por ano aos contratadores, e 10 mil ao Estado.

Por virtude de uma Lei da Assembléia Geral de 1824, as Armações com seus edificios, embarcações, escravos, foram contratados ou vendidos a exceção da Piedade por falta de licitante, a qual serviu de abrigo a uma colônia alemã, hoje quase extinta. O seu terreno tem sido aforado a particulares. É pena que edificios vastos e bem constituídos fossem demolidos, outros vendidos por preço menor que o custo de sua pedra, que por sua construção sólida podiam hoje ainda estar servindo para depósito de tropas, armazéns ou mesmo lazaretos.

A província por toda a sua costa abunda de bom pescado. O peixe chamado de corso é de excelente qualidade e sabor: afluí ao mercado com profusão durante seis meses no ano (maio a outubro) e por diminuto preço. Por este tempo os outros gêneros de alimentação abai-xam de valor e a pobreza vive em abundância.

Estatística

Produção agrícola exportada para fora e dentro do Império pelo porto da cidade do Desterro durante o ano de 1867.

ARTIGOS	UNID.	QUANT.	VALORES
Agoarde de Cana	Canadas	2.145	1:303\$000
Transporte	—	—	1:303\$000
Alhos	Réstias	25.260	435\$000
Amendoins	Alqueires	4.820	2:809\$900
Arroz Pilado	Alqueires	10.747	56:928\$000
Açúcar Branco	Arrobas	720	3:600\$000
Dito Mascavo	Arrobas	302	1:305\$430
Cabelo e Crina	Arrobas	211	1:345\$060
Cebolas	Réstias	260	41\$600
Cera da Terra em Bruto	Libras	414	248\$400
Charutos	Numero	10.100	90\$000
Chifres de boi e vaca	Numero	4.350	123\$000
Cigarros de papel	Numero	149.000	342\$000
Couros secos	Libra3	65.980	74:846\$780
Esteiras grossas	Numero	809	129\$440
Farinha de Mandioca	Alqueires	384.013	444:035\$450
Dita de araruta	Arrobas	73	374\$560
Favas	Alqueires	4.443	7:089\$200
Feijão	Alqueires	4.879	15:396\$000
Frutas sazoadas	Numero	45.000	198\$000
Garras de couro	Arroba	336	217\$900

Gengibre	Arroba	123	137\$760
Lenha	Achas	66.300	426\$000
Madeiras diversas	—	—	44:250\$450
Melado	Canadas	38.796	7:759\$200
Milho em grãos	Alqueires	13.796	24:503\$400
Polvilho	Arrobas	8:935	7:835\$730
Solas	Metos	230	1:280\$000
			700:412\$110

O consumo de gaço vaccum na capital foi de 3.316 cabeças Este Gênero principal de alimentação abunda no mercado durante seis meses no ano (novembro a abril) por preço módico, e durante o outro semestre o preço máximo é de 180 r s por 11 da melhor qualidade.

Vai-se ensaiando na província a cultura de mais alguns gêneros e artigos na indústria agrícola. O cidadão Estansláu Antônio da Conceição apresentou na primeira e segunda Exposição Nacional amostras de excelente farinha de araruta por ele fabricada, e demonstrou a propriedade do solo para semelhante produção: vinho de uva que imita perfeitamente bordeaux, de laranja que torna-se um esquisito licor: aguardente de café apreciada como medicinal: rapirolam muito semelhante ao hamburges; e finalmente cera de abelhas que por ele beneficiada torna-se muito alva e diáfana. O júri galardoou seus patrióticos esforços com duas menções honrosas!

Comércio

Quadro demonstrativo dos Valores Oficiais

Importação Direta	630:912\$057
Dita de Cabotagem	1.204:842\$950
Exportação para fora do Império	489:451\$240
Exportação para dentro Império	210:960\$870
Reexportação	40:818\$076

Navegação

Quadro de navegação de longo curso e da cabotagem
no porto da cidade do Desterro

	Embarcações Entradas			Embarcações Saídas		
	Navios	Tonel.	Tripul.	Navios	Tonel.	Tripul.
Longo Curso	83	21.281	1.000	77	19.569	833
Cabotagem	500	23.349	2.288	463	22.680	1.957

Renda Pública

Rendimento total da Alfândega, Mesas de Rendas e
Outras Estações Gerais: Alfândega

Importação	119.891\$214
Exportação	35.675\$027
Reexportação	408\$179
Despachos marítimos	5.928\$012
Rendas Internas	31.323\$195
Depósitos	4.020\$055

Mesas de Renda Geral	50.996\$693
Teçouraria (arrecadada diretamente)	5.230\$867
Correio Geral	2.689\$500
Polícia	173\$920
Capitania do Porto	8\$000

Renda Provincial	2.24.797\$627
Renda Municipal	27.335\$913

Total de toda a Renda Pública no ano Financeiro
de 1866-1867 509:478\$199

População

Dos mapas parciais remetidos á Secretaria de Policia em janeiro de 1865 deduz-se que a população da provincia sobe a 138.665 habitantes, a saber:

Livres	121.817
Escravos	16.848
Total	133.665

Fogos	22.316
Caras	21.126

Movimento da população

Batismo	4.058
Casamentos	601
Óbitos	1.686

Entraram para a provincia individuos	3.333
Sairam para a provincia individuos	1.236

Atendendo-se a dificuldade de obter-se uma estatística exata da população, por se achar esta muito deramada na parte meridional e ocidental da provincia e ao grande numero de colonos que vão aferindo a alguns dos seus municípios, pode-se calcular com exatidão muito aproximada uma população superior de 60.000 habitantes, e na proporção de 9 livres por escravo.

Colonização

Colônias atuais auxiliadas pelo Governo Geral:

Blumenau
Itajaí ou Brusque
D. Francisca
Teresópolis
Santa Isabel
Vargem Grande
Príncipe D. Pedro
Santa Teresa (Militar)

Colônia auxiliada pela província Angelina (Nacional)

Colônias de empresas particulares
Nova-Itália
Flor da Silva
Colônias antigas elevadas á freguesia
Ericeira
S. Pedro d' Alcântara

Colônias extintas

Belga
Leopoldina
Saí
Piedade

As Colônias atuais da Província contém 12.703 habitantes.

Instrução Pública

Possui a Capital um colégio sob a denominação de S.S. Salvador com todas as aulas de estudo preparatório dirigido pelos R.R.P.P da Companhia de Jesus e subvencionado pela Província.

Durante o ano de 1867 freqüentaram o Colégio supra 41 alunos, sendo:

Internos	23
Externos	18
TOTAL	41

Escolas Públicas de Instrução Primária

Para o sexo masculino	46
Para o sexo feminino	21
TOTAL	67

Freqüentaram as Escolas Públicas de Instrução Primária

Do sexo masculino	1.518 alunos
Do sexo feminino	598 alunos
TOTAL	2.116

Em 14 escolas mais conhecidas de ensino particular freqüentaram:

Do sexo masculino	253
Do sexo feminino	120
TOTAL	373

Não sendo aqui mencionados ao alunos das Escolas Públicas atualmente vagas e de outras muitas particulares o numero daqueles deve exceder de 4.000.

A capital da Província possui uma Biblioteca Pública com 2.303 volume.

Força Pública

Guarda Nacional

A Guarda Nacional da Província está dividida em 5 Comandos Superiores, a saber:

O do Município da capital composto de um Corpo de Cavalaria, um Batalhão de Artilharia, uma seção de Batalhão de Infantaria do serviço ativo, e um Batalhão da reserva.

O dos Municípios de S. José e S. Miguel contendo o primeiro um Corpo de Cavalaria, um Batalhão de Infantaria da ativa e um Batalhão da reserva; e o segundo um Corpo de Cavalaria, um Batalhão de Infantaria da ativa e uma Seção de Batalhão da reserva.

O do Município da Laguna com um corpo de Cavalaria, um Batalhão de Infantaria da ativa e um dito da reserva.

O do Município de Lages com um Corpo de Cavalaria, um dito de Infantaria da ativa; um Esquadrão de cavalaria e uma Seção de Batalhão de Infantaria da reserva.

O dos Municípios de S. Francisco, Itajaí e Tijucas contendo um Batalhão de Infantaria, e duas companhias da mesma arma da ativa e uma dita da reserva o primeiro Município; um Batalhão de Infantaria da ativa e uma Seção de Batalhão da reserva o segundo Município; um Corpo de Cavalaria da reserva o terceiro.

Corpo Policial

A guarnição da Capital da província e seus Municípios é feita pela Guarda Nacional destacada e um e um Corpo de Polícia composto de 103 praças, sendo de Cavalaria 30 e de Infantaria 70 comandados por um Capitão e 2 subalternos.

Defesa Marítima

A Capital é defendida na barra do norte pelas fortalezas de Santa Cruz, Ponta Grossa e Ratoes. A entrada da cidade pelos Fortes de Santa Ana, S. João e Santa Barbara (este desarmado).

Na barra do sul pela fortaleza da Conceição, a qual pela sua posição estratégica é suficiente para impedir qualquer agressão inimiga.

Já desapareceram, ou apenas restam ruínas dos Fortes de S. Caetano, S. Luís e S. Francisco Xavier; e dos Fortins da barra de S. Francisco, da Lagoa e de Imbituba.

Seria conveniente repassar estas fortificações antes de se tornarem necessárias e faltar para isso o tempo.

Companhia de Aprendizes Marinheiros

Existem na província duas, sendo uma na capital, cujo quartel é abordo do brige-barca Tapajós pertencente ao Estado, com 81 indivíduos; e a outra na cidade de Laguna com 50 sob a inspeção do capitão do porto e seu delegado.

Secretaria do Governo

O expediente desta secretaria a contar do 1º de janeiro a 31 de dezembro.

Representação

A província de Santa Catarina é representada por um senador e dois deputados à Assembléia Geral, e 20 membros á Assembléia Provincial, 213 eleitores distribuídos por 6 colégios seguintes:

Quadro Eleitoral

Capital	Eleitores 61
S. José	Eleitores 35
S. Sebastião	Eleitores 36
Laguna	Eleitores 44
S. Francisco	Eleitores 23
Lajes	Eleitores 11

Divisão Civil

Há nove municípios, sendo cidades 5, vilas 4 compreendida a de Joinville recentemente criada.

Divisão Judicial

Compreende seis comarcas, nove termos, trinta e nove paróquias e um distrito de Paz.

Divisão Eclesiástica

Forma a província um Arciprestado com quatro comarcas, trinta e nove freguesias e seis capelas curadas, sendo estas nas colônias Angelina, Santa Isabel, Vargem Grande, Teresópolis, Itajaí e Blumenau.

Estatística Criminal

No decurso do ano de 1865 foram perpetrados em toda a província 34 crimes, entre os quais: homicídios 6, ferimentos graves 3, injúrias 7, infrações de termo de bem viver 3.

Terminamos este artigo preliminar ao Dicionário Topográfico, Histórico e Estatístico da Província de San-

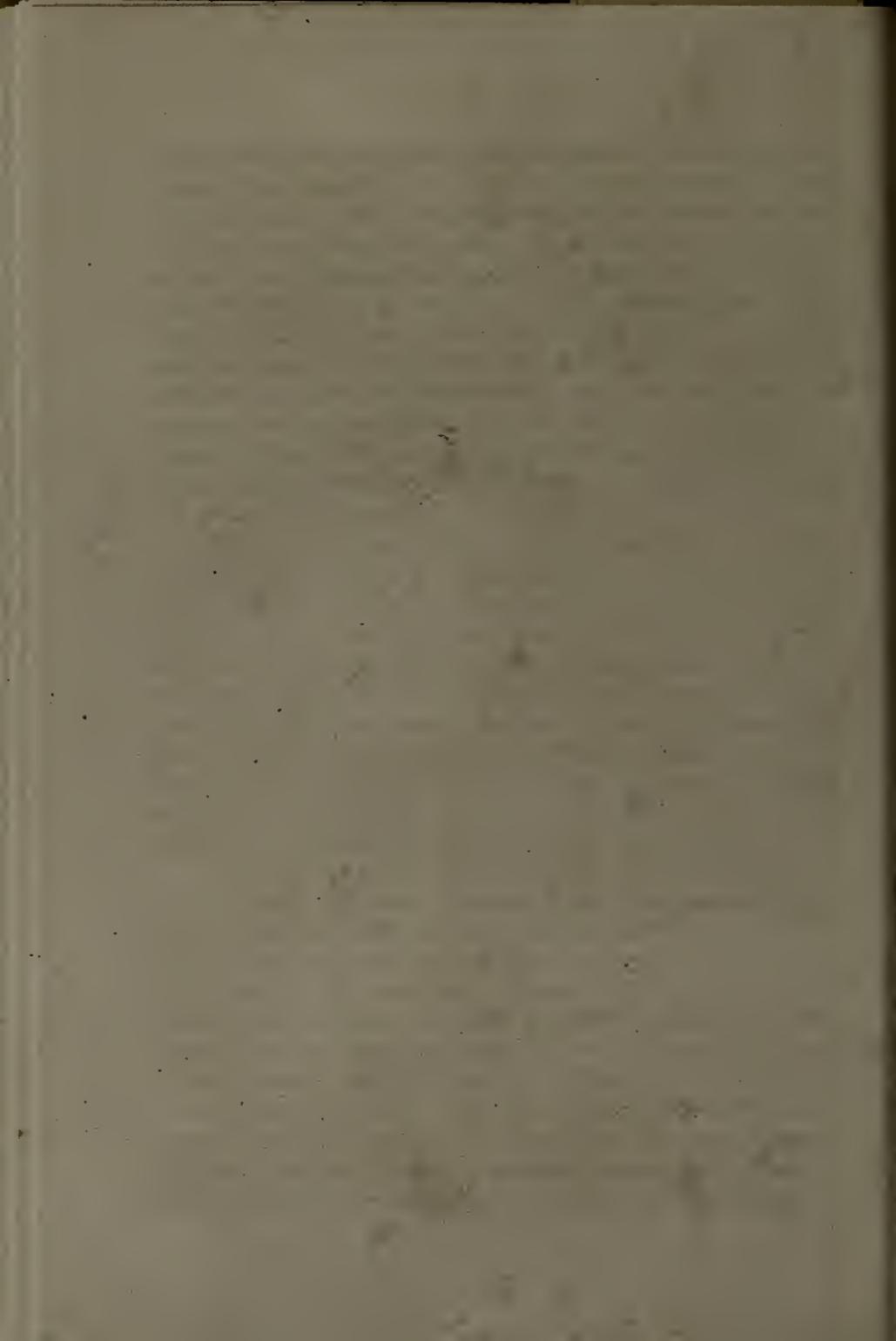
ta Catarina com algumas observações sobre o caráter de seus habitantes.

Os catarinenses descendendo em sua maioria de colonos açoritas, e de naturais da Capitania de S. Vicente são em geral afáveis, hospitaleiros, e religiosos; sinceros e delicados no trato social; bravos e resignados nas vicissitudes da guerra, de quem dado sobejas provas nas campanhas da Cisplatina, do Rio Grande do Sul, e atualmente na do Paraguai; audazes para afrontar os perigos do oceano desde a meninice; pacíficos, amigos dedicados do seu berço natal, talentosos e amantes das letras, e inclinados ao comércio, em cuja carreira muitos se tem distinguidô.

Filho deste torrão que muito amamos, e desejamos sinceramente seu engrandecimento, não podemos deixas de confessar, aos catarinenses falta ainda o ânimo para as grandes empresas e o espírito de associação a essa ambição de glória que excita o gênio a multiplicar os pequenos recursos para obter máximos resultados. Estas faltas porém devidas talvez acanhamento proverbial dos nossos antepassados primeiros habitantes deste solo, queremos dizer, efeitos antes da educação que da índole, são assas compensadas com as virtudes que inumerados sem receio de contestação.

Na história pátria figuram inúmeros catarinenses que por seus talentos, virtudes e serviços prestados ao país a tradição mais honrosa tem conservado e conservará perpetuamente na memória de seus concidadãos. O virtuoso Irmão Joaquim fundador do Hospital de Caridade das cidades do Desterro e de Porto Alegre, e dos Seminários de Jacuacanga do Rio de Janeiro, de Itú de S. Paulo e dos meninos pobres da Bahia; o Doutor Luís Carlos Monir Barreto Lente do Colégio dos nobres em Lisboa, e antigo ouvidor de Santa Catarina; Monsenhor Duarte Mendes de Sampaio Fidalgo, o pregador predileto do Imperador D. João 6º; o ilustrado e prob. Feliciano

Nunes Pires que teve a glória de presidir a sua província natal e dedicou-se por largos anos a educação da mocidade; o honrado conselheiro Manoel José de Sousa França, famoso ministro de dois Reinados; o General Jerônimo Francisco Coelho, grande estadista, literato consumado, e um dos mais belos armamentos da Câmara temporária P. M. João de Santa Barbara, antigo deputado á Assembléia Geral Legislativa pela província do Rio Grande do Sul, professor de filosofia no Seminário Episcopal de Porto Alegre, sacerdote notável por sua ministração e virtudes, são nomes que o Brasil registra com orgulho entre o dos seus filhos beneméritos.



*DICIONÁRIO TOPOGRÁFICO,
HISTÓRICO E ESTATÍSTICO
DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA*

A

Abrahão (Abraão) – Sítio semeado de altos penedos sobre o litoral compreendido entre a ponta de Itaguaçú e o riacho do Araújo no Desterro de São José. Aqui existe uma gruta naturalmente formada corpulenta pedra, a qual sobreposta as outras de menor volume apresenta diversos repartimentos. Pode abrigar do tempo não pequeno número de pessoas.

Acarahy (Acarai) – Vide: Lagoa de Carai

Águas Altas – Rio no município de São Francisco. Nasce perto das cabeceiras do Pirai-Piranga ao norte da cascata, que a este dá origem, e correndo a rumo do sul, vai reunir-se-lhe á pequena distancia.

Águas Claras – Ribeirão que desce da Serra do Tabuleiro, e' passando junto das nascentes termais das Caldas da Imperatriz, deságua na margem direita do Rio Cubatão.

Águas Claras – Ribeirão afluente á margem direita do Itajaí-mirim, menos de uma légua acima da Colônia Brusque e 1.700 braças distante da barra daquele. O seu curso não excede de uma légua.

Águas Vermelhas – Rio que corre a rumo do norte, e reunindo-se ao das Butucas entra na margem esquerda do Pirai-Piranga.

Albardão – Sítio no sertão de Massambú no Distrito de Enseada de Brito.

Alto Biguassú (Alto Biguaçu) – Freguesia criada pelo Decreto da Assembléia Provincial sob N° 544 de 2 de maio de 1864 com a invocação de S. Pedro Apóstolo. Está situada nas margens do rio que lhe deu o nome, três léguas acima da barra do mesmo. Tem por limites ao sul os das paróquias de S. José e S. Pedro d'Alcântara, a oeste a estrada de Lages, a leste do lado do sul do Rio Biguaçu a Ponte fundada na Fazenda da Taquara, e a linha que daí segue a rumo do sul até encontrar a divisa do Termo de S. Miguel, e ao Norte do Rio Biguaçu a picada que existe na Fazenda do cidadão José Justino até a Rua Velha, seguindo daqui em direção das cabeceiras do Rio Rachadel.

Alto Tijucas – Freguesia situada sobre a margem esquerda do Rio do Rio Tijucas Grandes 4 léguas acima de sua foz, e na confluência do Tijucas Mirim. Foi fundada em virtude da Lei Províncias N° 90 de 19 de abril de 1838 sendo presidente da província o Brigadeiro João Carlos Parobal; e de seus limites ao norte as cabeceiras do Rio dos Bobos e Morro das Taquaras a estremar com Porto Belo; ao sul com Rio Itinga até a Serra da Dona; á Leste o Ribeirão do Moura, e a Oeste a Serra Geral. Por Lei novíssima da Assembléia Provincial foram compreendidos nesta fréguesia os moradores da margem esquerda do Ribeirão do Moura, ficando desmembrados da de S. Sebastião. A sua igreja matriz é dedicada a S. João Batista. As terras desta freguesia são muito férteis e abundam de ricas madeiras de construção e marcenaria, o que constitui sua maior exportação. Possui engenhos de Serras movidos por água e outro de farinha, de açúcar e de pilar arroz. O seu clima é um tanto frio porém salubre, devido a pureza de suas águas e as florestas virgens que cobrem seu território geralmente montanhoso. Tem uma aula de instrução primária para cada sexo.

Faz parte do município de S. Sebastião da Foz, e concorre com 3 eleitores. A sua população é de 1.568 habitantes com 256 casamentos, tendo tido lugar durante o ano de 1862 60 batizados e 9 casamentos. Dista 13 léguas ao noroeste da capital.

Alvarenga – Pequena ilha situada junto da costa no distrito do Saí, quase á frente da sede da Freguesia de Nossa Senhora da Glória.

Amendoins – Vide: Macucos

Amola-faca – Rio que atravessa a estrada que conduz de Lages a Curitiba. O seu passo dista 3.500 braças ao norte da cidade Lages.

Amorim – Ribeirão que despeja sua enseada denominada Saco Grande de Itacolumi, servindo de divisa entre a freguesia da Santíssima Trindade e de Nossa Senhora das Necessidades.

Angelina – Vide: colônia Angelina

Anhatomirim – Acha-se situada essa ilha quase na extremidade norte do canal compreendido entre o continente e a ilha de Santa Catarina, separada daquele por um cavalete apenas de 60 braças de largura. Dista 2.021 braças da fortaleza da Ponta-Grossa, e 2.273 das de Ratonos e 10 milhas do porto da Capital. Entre a ilha e a terra firme há um bom ancoradouro para navios de grande calado onde dão fundo os que por demandarem mais água não podem transpor o Tabuleiro para ancorar no porto da cidade. Esta ilha tem na sua maior dimensão aproximadamente dirigida de norte a sul perto de 190 braças. Possui uma bela nascente d'água, e sua costa abunda de excelente peixe. A fortaleza de Santa Cruz com suas dependências ocupa exclusivamente toda a ilha. Compõem-se de 3 baterias além da que está em construção. A bateria principal que dá para a barra tem canhoneiras para 21 peças, sem contar 5 que se pode montar no baluarte situado na sua extremidade Norte,

e as 10 que estão assentadas no baluarte que defende o seu flanco do sul. Em um dos pontos mais elevados da ilha existe um pequeno baluarte para 3 peças, o qual defende seu ancoradouro e cruza fogos com a fortaleza de Ratonés. A outra bateria compõem-se de 2 partes simétricas que flanqueiam o portão da entrada e são destinadas á sua defesa. Entre os edificios da Fortaleza distingui-se a Capela sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, a casa do Comandante com grande quartel para a guarnição, o novo paiol construído nas proporções do grandes paióis de França, e podendo conter para mais de 900 barris de pólvora, o antigo paiol que serve de prisão e o quartel dos remeiros. No ponto mais culminante da ilha que jaze em 27° 25' e 32" de latitude sul, e 51° 1' e 14" de longitude oeste do Meridiano de Paris esta o mastro do pavilhão, e junto dele um farolete de elegante construção mandado levantar por Decreto da Assembléia Provincial para guiar os navios, que pela barra do norte demandam o ancoradouro da fortaleza ou da capital. Pelos anos de 1759 ou 1760 governando a Província D. José de Mello Manoel chegou a Capital procedente da Bahia e por ordem do governo português o Conselheiro Ultramar José de Mascarenhas Coelho Pacheco Pereira de Mello, e convidado pelo Governador, segundo instruções da Corte, a dar um passeio a esta fortaleza, aqui lhe foi intimada ordem de prisão incommunicável, sendo logo recolhido e fechado em um pequeno e escuro calabouço. O Governador Francisco de Sousa de Meneses, que succedeu aquelle sob sua responsabilidade lhe abriu a porta da prisão; porém Mascarenhas, durante 17 anos e meses que aqui viveu nunca se utilizou deste favor. O Governador o consultava freqüentemente e conta que se correspondia com o Vice-Rei. Segundo ordens da Corte, o carcereiro deverá ser o Oficial de maior patente que existisse na província, e por isso foi nomeado o Major Pedro da Costa Marim,

o qual com parte do Batalhão que comandava veio residir nesta ilha. Durante seu cativeiro, Mascarenhas abriu uma escola para o fim de entreter-se com o que muito aproveitou a mocidade que fazia parte da guarnição da fortaleza. Os últimos meses do degredo passou no forte da Ponta Grossa, de onde foi transferido na Ilha das Cobras no Rio de Janeiro. Por morte de El Rei José e queda do seu famoso ministro Marques de Pombal, Mascarenhas seguiu para Lisboa com José de Seabra da Silva, que também havia sido mandado para África. Nunca se soube com certeza qual o motivo desta tão diuturna prisão. Houve quem atribuisse a certas informações que dera como ministro sindicante á cerca dos jesuítas, mais favoráveis do que esperavam na metrópole os inimigos desta ordem.

Annaburgo – Vide S. Francisco Xavier de Joinville

Apeterehy (Apeterei) – Rio que deságua na margem direita do Uruguai 3½ léguas no oriente da embocadura do Peperi-açú, e pouco abaixo da cachoeira da Fortaleza.

Araçatuba – Campo de logradouro público compreendido Embaú e Massambú no município de S. José ao Sul da sede da freguesia da Enseada de Brito. Abunda de fruto agro-doce de que tira o nome.

Araçatuba – (Ilha de) Ilhota situada entre a ponta dos Naufragados e as ilhas dos Papagaios, onde está a Fortaleza de Nossa Senhora dos Conceição da barra do sul. É também conhecida como ilha de Fortaleza, No meio da barra há de 84 a 87 pés brasileiros de fundo (casca e areia) na caixa maior.

Araçatuba – Ribeirão que banha o campo do mesmo nome, e deságua ao norte da ponta da Pinheira.

Araçás – Pequena enseada ao sul da Caixa d'Aço á entrada de Porto Belo.

Aranhas – Grupo de três ilhas situadas em frente á ponta das flechas na costa oriental da ilha de Santa Catarina,

distrito do Rio Vermelho. Destas a maior chamada Aranha-Grande tem 130 braças de extensão e boas terras de cultura. Distancia pouco mais de meia légua ao sul da ponta do Inglês.

Araquary (Araquari) – Ribeira ou antes braço do rio de S. Francisco, cuja barra meridional forma, conhecida pelo nome de Barra do Araquari. É navegável, variando a sonda entre 2 e 5 braças de água tendo porém sobre o banco pouco mais de uma braça na baixa-mar, o que dificulta a navegação de iates. É muito piscosa, e por toda a sua extensão encontram-se ilhas cultivadas e cobertas de formosa vegetação. Suas terras marginaes cortadas de vários rios são fertilíssimas. Da sua foz na cidade da Graça há uma estrada que foi aberta no ano 1818 pelo Tenente Coronel Francisco de Oliveira Camacho por ordem do Governador João Vieira Tovar de Albuquerque.

Araranguá – Rio que tem sua nascente na Serra do mesmo nome, corre nos rumos de nórdeste a este, e deságua no oceano, a pequena distância dos Conventos, e dez léguas e meia ao sul de Laguna. A sua extensão navegável que termina em uma cachoeira é superior a 18½ milhas. A sua largura é ao princípio de 100 braças conservando-se ao depois entre 50 e 60 braças. Mantém proporcionalmente o fundo de 40 a 70 palmos á exceção da barra, onde oferece 6 e 7 palmos nas marés secas, e 9 á 12 nas preamar, aumentando no estio até 20 palmos em consequência das trovoadas. Uma milha acima de sua foz está a povoação da Barra Velha, sobre uma ilha baixa de 800 braças de comprimento sobre 250 de largo, formada pelo braço do mesmo rio. Os terrenos que o Araranguá e seus afluentes banham, são de uma fertilidade espantosa com excelentes campos de criar. Da embocadura deste rio, e pela sua margem direita segue uma estrada para os campos de cima da Serra, a qual no futuro será de imensa vantagem para o comércio das duas províncias limitrofes.

Araranguá – Freguesia situada na margem direita do rio deste nome no lugar denominado Campinas 30½ léguas ao sul da Capital, e 10½ da cidade da Laguna, a cujo município pertence. Foi criada pelo Decreto N° 272 de maio de 1848, sendo presidente da Província, o General Antero José Ferreira de Brito, ao depois Barão de Tamandahy. A sua matriz é dedicada à Nossa Senhora Mãe dos Homens. Os limites desta paróquia são ao norte o rio e a lagoa Urussanga, ao sul o Rio Mampituba, e leste o Oceano Atlântico e a oeste a Cordilheira. O seu território é vasto e muito povoado, contando na maior parte de campos fertilizados por canaletes, fava, e fabrica a farinha de mandioca, que exporta em grande quantidade. A criação e condução do gado vacum e cavalari entra nos artigos de seu comércio com os campos de cima da Serra e os municípios setentrionais da província de S. Pedro. Possui uma escola de primeira letras para o sexo masculino, Faz parte do colégio eleitoral de Laguna cuja paróquia até aqui esteve anexa. A sua população sobe a 8.542 habitantes em 924 casas. Goza de um clima benigno apesar do frio quando reinam os ventos do mar. Por Decreto N° 532 de 19 de março de 1864 foi designado definitivamente para a sede da freguesia o lugar denominado Campinas, onze milhas e meia acima da Foz do rio Araranguá, onde até então se conservava, sendo nomeado seu Pároco o Reverendo João Mattos da Cunha. A excelência da localidade escolhida promete um próspero futuro a este importante distrito.

Araras – Pequena ilha situada 7 milhas ao norte da barra da Laguna e duas distante da costa.

Araras – Ilhota a este da ilha do Cação no grupo dos Remédios.

Arataca – Nome de uma pequenina enseada ao ocidente da cidade do Desterro entre a ponta de Rita Maria e a fortaleza de Sant'Ana. Aqui esteve por algum tempo o Hospital dos Aprendizias Marinheiros.

Aratingaúba – Rio procedente dos morros que se destacam da parte austral da Serra do Tabuleiro. Despeja na lagoa de Imaruí, uma légua ao poente da sede da Freguesia deste nome. É fundo e pouco correntoso. Na sua foz está o passo da estrada que segue para Lages partindo do município da Laguna.

Aratúcas – Afluente á margem esquerda do rio da Figueira no distrito de Joinville.

Araújo – Riacho que atravessa a estrada que da Capital segue para a cidade de S. José no sítio denominado Capoeiras.

Areal – (Ribeirão do) Deságua na margem esquerda do rio Itajai 7.100 braças acima da confluência do Luís Alves.

Areão – Ribeiro que despeja na margem direita do rio Tubarão pouco acima do das Palmeiras.

Arêas – Assim se denomina todo o litoral e terras baixas compreendidas entre a ponta da Cabeçuda e a do Perrexil na margem oriental da lagoa de Imaruí, mas pertencente à Paróquia de Santo Antônio dos Anjos.

Arêas – Várzea cultivada sobre a margem meridional do rio Ratonas na freguesia de Nossa Senhora das Necessidades. Com esse nome á diversos sítios na província.

Arêas – (Praia das) Situada entre o morro das Pedras ao sul e o rio do Pontal ao norte, na costa oriental da ilha de Santa Catarina.

Arêas Grandes – Rio que entra na margem direita do Araquari uma légua acima do rio dos Pinheiros.

Arêas Pequenas – Afluente do Araquari um quarto de légua abaixo da barra do rio Paratí.

Armação da Lagoinha – Antigo estabelecimento de pescas de baleias fundado na costa oriental da ilha de Santa Catarina com uma capela dedicada a Santa Ana filial a igreja paroquial de Nossa Senhora de Lapa do Ribeirão. Foi um dos seus mais notáveis administradores o

Major Antonio Luiz Pereira, proprietário da magnífica fazenda do Peri nas margens da pitoresca lagoa que deu seu nome a esta armação. Aqui nasceu Monsenhor Duarte Mendes de Sampaio. Fidalgo, o predileto orador de D. João VI.

Armação da Piedade – Enseada e ponta de terra ao norte da fortaleza de Santa Cruz. O Saco da Armação, como é mais conhecido, oferece excelente ancoradouro a navios de alto bordo, tendo 25 pés de fundo na entrada, 23 dentro e 10 perto da praia. A ponta da Armação e a que lhe fica próxima acham-se leste, oeste com a ponta do Rapa na ilha em distância de 6 milhas.

Armação da Piedade – Freguesia situada sobre a costa da terra firme no lugar da antiga Armação duas léguas ao norte da ilha de S. Miguel, a cujo termo pertence. Foi criada pela Resolução Provincial N^o 468 de 18 de abril de 1859, sob a presidência do Doutor João José Coutinho, e serve-lhe de igreja matriz a capela ali existente consagrada á Nossa Senhora da Piedade que ficou sendo Padroeira. Suas divisas ainda não estão definitivamente marcadas, porém as do litoral compreendem os arraiais da Armação e Ganchos. O local desta freguesia é muito aprazível, e sua conta abunda de bom pescado. A sua lavoura porém é muito reduzida porque a gente emprega-se exclusivamente na pesca, de que fazem apetitosas salgas e conservas de garoupa, pescadas amarelas, e camarões, que lavam ao mercado da capital, e exportam em grande escala. Dista 5 léguas ao norte da cidade de Desterro.

Armasém (Armazém) – (Rio do) Tem sua origem na Serra do Tubarão e desemboca na margem esquerda do rio deste nome, pouco mais de meia légua abaixo da confluência do rio Biscoito.

Arrecife ou Recife dos Guarazes – Banco de escolhos e rochedos encobertos que se estendem da ponta ociden-

tal dos Guarazes até quase ao canal da baía de S. Miguel á entrada setentrional da capital. Com este prefixo a vários sítios nas baías e enseadas da costa da província.

Arroio das Águas Mortas – Deságua na margem esquerda do sangradouro da lagoa do morro Sombrio 400 braças antes de entrar este no rio Mampituba.

Arroio de Antonio Francisco – Despeja na baía de S. Miguel uma milha ao sul do rio Biguaçu

Arroio das Baleas (Arroio das Baleias) – Entro no oceano uma lagoa ao sudoeste do arroio do Silva e 2½ do Araranguá.

Arroio de Campo Bom – Distância quase uma légua ao sudoeste do Arroio Correntes, e meia ao nordeste da estiva, circundando com a bela planície, cujo nome adotou.

Arroio das Canas – Deságua á margem direita do Itajai 1 légua acima da ilha dos Pinheiros.

Arroio Cangica – Nasce no arroio Negro e com meia légua de curso rumo leste entra na margem direita do rio Araranguá, 4 milhas acima de sua foz. A junção destes dois arroios com o Araranguá forma uma ilha de quase meia légua em quadro. O arroio Cangica tem na sua parte navegável apenas por canoas 430 braças de comprimento com pouco largura e fundo.

Arroio do Caviará – Deságua na margem oriental da lagoa do mesmo nome depois de um curso de 15 milhas, Em sua origem distancia 900 braças do arroio Guirino, com o qual pode-se facilmente reunir para formar o canal que deve comunicar o lagoa do Caviará com a da Serra.

Arroio Cocal – Tem princípio entre o morro de Dentro e da Fumaça, e correndo a sul e a leste por espaço de duas lagoas, lança-se na margem direita do rio Urusanga, 600 braças acima do Arroio Miguel Rabello.

Arroio Correntes – Corre pouco mais de uma légua ao nordeste de Campo, e por ele se comunicam por mar as

águas da lagoa que tem a mesma denominação. As suas margens abundam de almagre.

Arroio da Cruz – Entra no oceano uma lagoa ao nordeste do Rio Urussanga.

Arroio da Estiva – Segue meia légua ao nordeste do arroio da Cruz, ambos no distrito de Santo Antônio dos Anjos de Laguna.

Arroio de Garopaba – Deságua na margem austral da lagoa do Armazém no sítio que é conhecido por este último nome.

Arroio Grande – Desemboca duas léguas ao nordeste do rio Mampituba e igual distancia ao sudoeste do arroio dos Maracujás.

Arroio da Ilhota – Entra na margem direita do rio Itajai em frente a uma pequena ilha de que tirou o nome.

Arroio das Lagoinhas – Despeja no oceano légua e meia ao nordeste do arroio dos Maracujás, e menos de légua ao sudoeste do das Baleias.

Arroio do Leça – Aflui a margem austral da lagoa Jaguaruna no distrito da Laguna.

Arroio do Macaco – Tributário do rio Capivarí pela sua margem esquerda, no distrito de Tubarão.

Arroio dos Maracujás – Distante 4.500 braças ao sudoeste do arroio das Lagoinhas no distrito do Araranguá.

Arroio de Miguel Pereira – Lança-se na baía de S. Miguel um quarto de légua ao norte do rio Quebra-cabeça.

Arroio de Miguel Rabello – Tributário da margem esquerda do rio Urussanga perto de 9 milhas de sua foz.

Arroio das Minas – Deságua no sítio denominado Pocinho á margem direita do Itajai, meia légua acima das Canas.

Arroio Negro – Corre a espaço de meia légua a rumo de noroeste, e comunica a lagoa da Serra com o rio

Araranguá pela margem direita 4½ milhas acima de sua barra. Não é navegável por ter apenas 2 a 3 palmos de fundo sobre areia, e pouca largura.

Arroio das Pedras – Contribuinte da lagoa do morro Sombrio, lança-se 300 braças a ocidente da barra do sangradouro que une aquela lagoa a do Caviará. No princípio é navegável, mas logo deixa de ser por causa das suas muitas cachoeiras.

Arroio do Poço Grande – Confluente do rio Itajai pela sua margem direita, obra de meia légua acima do arroio das Minas.

Arroio da Porteira – Sobre a estrada de Lages, ao ocidente do rio das Piúnas.

Arroio do Guerino – Segue dos rumos sueste e leste por espaço de 1.500 braças até desaguar na margem ocidental da lagoa da Serra.

Arroio do Silva – Lança-se no oceano duas léguas e um quarto ao nordeste do arroio das Lagoinhas, e duas ao sudoeste da barra do Araranguá.

Arroio Tibupira – Pouco notável entra ria margem ocidental da lagoa do morro Sombrio, mas é de tal modo obstruído que não se presta a navegação alguma.

Arvoredo – Ilha muito conhecida pelos navegantes, situada em frente á barra do norte de Santa Catarina, distante 6 milhãs ao nordeste da ponta do Rapa, quinze da fortaleza de Santa Cruz, e vinte e cinco do ancoradouro da capital. Tem duas milhas e meia de comprimento, e uma na sua maior largura, e por sua elevação e espessas matas de ricas madeiras de lei, deixa-se avistar a grande distância ao mar. Do seu cume desce uma nascente de água potável muito cristalina. É toda rodeada de rochedos e alta penedia, oferecendo apenas um pequeno porto no lado ocidental. Os pescadores a freqüentam e aí ficam muitos dias fazendo salgas do excelente peixe que afluí a sua costa. O seu terreno, principal-

mente o que está mais próximo do mar, tem uma cor escura e é muito fértil. Do lado de leste sobre o costão inacessível algumas pedras faceadas sobrepostas como degraus formão uma espécie de altar que parece obra humana; e na parte superior vêem-se certos caracteres solo postos a três cruces perfeitamente abertos no rochedo. Esta inscrição ininteligível é um objeto curioso que muitos tem ido observar pessoalmente. Quase ao chegar ao cume da ilha há uma gruta formada de duas grandes pedras achatadas que descansando sobre outras, que servem de colunas, apresentam dois andares, um térreo e outro superior com entrada pelos lados opostos. Pelos anos de 1848 e 1849 habitou aqui o monge João Maria Agostinho, ao qual o povo visitava, e levado pela fama de suas virtudes nele contemplava um oráculo nas suas extremidades. Nesta ilha projeta-se a construção de um farol que será de máxima utilidade para a navegação. O ponto mais culminante do Arvoredo jaz em 27° 16' 47" de latitude meridional, e 50° 49' 15" de longitude ocidental do Observatório de Paris.

Avencal – Morro sobre a estrada que pelo Cubatão vai ter ao município Lages, ao ocidente da colônia de Santa Teresa.

Avencalzinho – Pequeno morro sobre a cidade de Lages a leste e no princípio da Serra do Trombudo, de que é ramificação do morro de Itajai.

B

Babitonga – Nome que os índios carijó davam ao rio de S. Francisco no sítio em que ele mais se alarga formando uma linda bacia depois de entrar a barra do norte. É um magnífico ancoradouro com fundo de 6 a 15 braças e 3 sobre o banco. Apesar de achar-se balizado o porto, os navios que o demandam ao aproximar-se da barra recebem prático.

Baguaés – (Campo dos) Está situado entre os rios Caveiras ao norte, Vacas Gordas ao sul, Pelotas ao ocidente, e o Galpão Alto ao oriente, no município de Lages.

Baguaés – Vide Nossa Senhora do Patrocínio.

Bahia (Baía) dos Perdidos – Antigo nome da baía entre a ilha de Santa Catarina e o continente, o qual lhe foi imposto pelo seu primeiro donatário Pedro Lopes de Sousa que aqui encontrou alguns espanhóis extraviados dos navios que anteriormente haviam aportado a estas praias.

Bahia-gú – Pequeno saco com uma ilha baixa em frente, no sítio denominado Peroba á entrada do rio de S. Francisco.

Bahul (Baul) – Montanha altíssima muito conhecida por sua forma. Eleva-se entre o rio Itajai e o Luís Alves e seus confluente e serve de baliza aos navegantes quando tratam de avizinhar-se da costa.

Bahul (Baul) – (Rio do) Tem as suas nascentes na Serra do Jaraguá: segue em direção de sul, e passando ao norte do bem conhecido nosso que lhe dá o nome, encaminha-se ao oriente até lançar-se na margem direita do rio Luís Alves, percorrendo 5 léguas de extensão. A sua embocadura distancia-se 2.600 braças acima da confluência do Luís Alves no Itajai.

Bahul (Baul) Pequeno – Deságua também na margem do rio Luís Alves meia légua acima da embocadura deste e 1.100 braças abaixo da do rio Baul-Grande.

Bananal – Ponta da terra firme ao sul do sítio das Laranjeiras, na freguesia da Pescaria Brava.

Bananeiras – (Praia das) Situada entre a Prainha e a ponta de José Mendes, um quarto de légua ao sul da cidade de Desterro.

Barbada – Ilha que se prolonga com a costa ocidental do distrito do Sai, em frente a foz do rio das Três Barras. Tem muito comprimento e pouca largura.

Barbadas – (Rio das) De pequeno cabedal deságua 300 braças abaixo da embocadura do rio Palmitar.

Barcos – (Ilha dos) Situada em frente à barra do rio Pernambuco na ribeira de S. Francisco. É cultivada, tem boa água potável, e junto dela dão fundo as embarcações que vão carregar, provindo desta circunstância o nome por que é conhecido.

Barra do Araquary (Araquari) – Vide Araquari

Barra do Camacho – Embocadura do canal por onde se comunica com o oceano a lagoa do mesmo nome. Tem 50 braças de largura no sítio em que passa a estrada do litoral, distando 250 braças do Passo da Guarda que dá caminho para o interior, e pouco menos de 4 léguas ao norte de Campo Bom.

Barra Velha – Freguesia criada por Decreto da Assembléia Provincial N^o 510 de 27 de abril de 1861 sob a presidência do Doutor Ignácio da Cunha Galvão. Ocupa o local da primitiva barra do rio. Sua igreja matriz é dedicada á Imaculada Conceição da Virgem e ao Glorioso S. Pedro de Alcântara, tendo tido para seu primeiro pároco o Reverendo Manoel Júlio de Carvalho Bueno. Os limites desta paróquia são ao norte a extremidade setentrional da lagoa da Cruz, seguindo para o centro a

rumo de oeste – noroeste, até alcançar todo o morro da Cruz; ao sul a ponta do Jacques no lugar em que existem uma vertentes de água; a leste o oceano, e a oeste a Serra Geral. Faz parte do município de S. Francisco, e concorre ao mesmo colégio eleitoral com dois eleitores. Possui uma cadeira de primeiras letras para instrução do sexo masculino. A uberdade das terras banhadas pelo rio Itapocú e seus afluentes faz avultar muito a produção, e é daquele município um dos lugares que mais exporta. A sua barra porém é de difícil acesso, pelo que alguns sinistro se têm dado. O estabelecimento de uma praticagem seria de maior vantagem para o seu comércio. Conta uma população de 2.323 almas com 385 casas. Distancia 27 léguas ao norte da capital, e 10 ao sul da cidade da Graça.

Barra Velha do Araranguá – Braço do rio deste nome, o qual se estende de uma margem esquerda e paralelamente com o mar por espaço de 4 milhas. O seu canal oferece nas marés baixas 7 palmos de fundo. Este esteiro provavelmente formava a antiga barra do rio Araranguá de que conserva o nome. Alguns casebres arruinados, habitados por pescadores parece atestar que aqui teve começo a povoação que hoje floresce nas férteis margens de rio acima, e sobre o risonho Tabuleiro de Campinas, onde se foi assentar garbosa a Sede da freguesia de N. Senhora Mãe dos Homens.

Barra Velha do Itapocú – Sítio na extremidade meridional da lagoa do Itapocú, onde existiu a antiga barra deste rio, hoje completamente obstruída. Neste ponto faz-se o embarque dos gêneros de lavoura e madeiras para os navios que dão fundo entre o recife e a costa.

Barra Velha de Mampituba – Braço deste rio que á pequena distancia da foz de destaca da sua margem esquerda e se prolonga paralelamente com a costa numa extensão de 800 braças.

Barrancas – Rio que desemboca na grande ribeira de S. Francisco meia légua acima do rio Giguaçú.

Barreiros – Povoado na costa setentrional da freguesia de S. José. Neste lugar começou a erigir-se uma Capela sob a invocação de Nossa Senhora da Boa Viagem para o que obtiveram os moradores concessão da Assembléia Provincial pelo Decreto N° 247 de 23 de março de 1848, e as licenças de Prelado Diocesano. A primeira pedra foi lançada nos alicerces com a maior solenidade, porém infelizmente a obra não prosseguiu. É este sítio fronteiro á Barra do Norte muito aprazível e vistoso. A farinha fabricada nestas imediações é muito apreciada por sua perfeição.

Barreiros – (Riacho dos) Deságua no lugar de que tira a denominação, com uma ponte de madeira sobre a estrada.

Barro Branco – Rio afluente do Passa-Dois entre o rio Bonito e o do Barro Preto, em distância igual de duas milhas.

Barro Branco – Morro que se eleva sobre a margem direita do ribeirão do Passa-Dois, e onde nasce o rio a que dá seu nome.

Barro Branco – Sítio sobre a estrada que conduz de S. Pedro de Alcântara ao município de Lages, antes de chegar á Várzea dos Pinheiros.

Barro Preto – Rio que entra na margem direita do ribeirão do Passa-Dois, 2.000 braças acima do rio da Ponte-Alta.

Barroca – Deságua na margem esquerda do rio dos Touros, do qual é principal nascente.

Batovi – Pequeno rio que deságua na margem esquerda do de Sul Francisco, um quarto de légua abaixo do rio do Olandim.

Belchior – (Ilha do) É formado sobre o rio Itajai 28.700 braças acima da sede da Vila.

Beleza – Ribeirão nas imediações do morro do Taió distrito da freguesia dos Curitibanos.

Benedito – (Rio do) Tem sua origem na Serra Geral, corre a rumo de sueste, recolhe na sua margem esquerda dos Cedros e vai desaguar na margem esquerda de Itajai 45.850 braças acima da sede da Vila, e 6.000 da embocadura do rio Texto. O seu curso é de 7 léguas.

Biguassú (Biguaçú) – Rio navegável por pequenas embarcações. Tem por origem o rio das Congonhas e outros ribeirões vertem dos morros ao norte do rio Maruí, e percorre 10 léguas a rumo de este, lança-se na baía de S. Miguel, 1.500 braças ao sul da sede desta Vila. Por ocasião de cheias torna-se caudaloso, fazendo muitos estragos a ponto de arrebatarem em sua correnteza a grande ponta de madeira que existe a 1 quarto de légua de sua foz, sitio este que até onde chegam somente aos lates que ali vão carregar. Os terrenos marginais deste rio são fertilíssimos, pelo que conta-se ai muitos estabelecimentos agrícolas com engenhos movidos por água. A palavra Biguaçú é composta de outras brasilicas significam Rio Grande dos Patos. Sobre as suas margens a 3 léguas acima da foz está situada a Freguesia de S. Pedro Apóstolo.

Biguassú (Biguaçú) – Ribeirão que deságua na margem austral da lagoa Saguacú.

Biscoito – Pequeno rio que despeja na margem direita do Tubarão, entre o rio das Palmeiras e do Armazém.

Boa Viagem – Vide Barreiros.

Boa Vista – Morro que se eleva do lado oriental e a cavaleiro da cidade de Desterro, separando o território desta freguesia do da S.S. Trindade. É um excelente ponto de vista de onde se descortinam as povoações adjacentes em um raio de 20 milhas. Aqui é a última estação de sinais dos navios que demandam o porto da Capital pela barra do norte. É também conhecido pelos nomes do morro do Antão e do Sinal.

Boa Vista – (Morro da) Ergue-se em frente ao arraial da Vila de Joinville, avistando-se de suas encostas a cidade da Graça a 5 léguas de distância.

Boa Vista – Serra muito alta e íngreme por onde passa a estrada que segue pelo Cubatão á Lages 12 léguas ao sudoeste da cidade de S. José.

Boa Vista – (Campos da) Estão compreendidos entre a Serra do mesmo nome e alguns dos confluentes do braço do sul do Rio Itajai.

Bôbos – (Rio dos) Atravessa sobre uma ponte de madeira a estrada do litoral, e lança-se na enseada das Tijucas Grandes, uma légua ao norte da barra deste rio.

Bombas – Ponta da terra firme ao norte dos Zimbros, de cujo promontório faz parte. Distancia-se 10 milhas ao norte da ilha do Arvoredo, e 4 ao sul da ponta das Garoupas. Neste sitio há um pequeno povoado pertencente a freguesia de Porto Belo, onde se fabrica com perfeição louça de barro muito fina e durável. Há duas praias conhecidas por este nome: a primeira com 800 braças de extensão entre a Ponta das Garoupas e o Ribeiro; e a segunda de 500 braças entre esta e a da Sepultura. As suas areias são tão finas que tinem sob as patas dos animais.

Bom Jesus dos Aflictos – Vide Porto-Belo.

Bom Jesus de Palmas – Freguesia fundada pelos paranaenses em território de Santa Catarina, sobre a margem esquerda do rio Chapecó.

Bom Jesus do Paraty (Parati) – Freguesia de S. Francisco, de cuja sede distancia-se 3 léguas. Está situada sobre a margem direita do rio de que recebe o nome. Foi ereta em paroquia pela Lei Provincial N° 375 de 8 de junho de 1854 sancionada pelo presidente Doutor João José Coutinho, sendo o seu primeiro vigário colado Ru. Joaquim Francisco Pereira Marçal. Os limites desta freguesia são: ao norte o riacho que deságua em frente a

ilha do Mel; ao sul a extremidade setentrional da lagoa da Cruz (não incluindo o morro deste nome) e a margem esquerda do rio Itapocú; a este o oceano; e a oeste a Cordilheira. A sua população é de 2.786 habitantes com 432 casas; e o ano de 1862 deu a estatística da província nesta paróquia 127 batizados e 7 casamentos. Faz parte do colégio eleitoral de S. Francisco concorrendo com 8 eleitores. Possui um aula pública de instrução primária para o sexo masculino, e outra para o feminino. O seu território é muito fértil e produz ricas madeiras de construção. Conta vários engenhos e olarias e a sua exportação é animada.

Bom Jesus do Socorro – Freguesia situada na margem ocidental da lagoa de S. Antonio, dos Anjos distante da cidade de Laguna duas léguas e meia por mar. Foi criada por decreto da Assembléia Provincial N° 467 de 15 de maio de 1857, sendo o Presidente da Província o Doutor João José Coutinho, e teve como primeiro pároco encomendado o Ver. Francisco José da Costa e Sousa. Os seus limites primitivos foram ao norte o rio Aratingaúba; ao sul a ponta das Laranjeiras; a leste a supradita lagoa e a oeste o rio Capivari. O Decreto porém N° 466 de 15 de abril de 1859 alterou estas divisas, circunscrevendo ao território compreendido entre a casa do cidadão Antonio Teira ao norte o Vale Grande de Santiago, ao sul, e a Estiva dos Pregos á oeste. Os terrenos desta freguesia são produtivos, porém o seu clima humilde e pouco saudável. A exportação do peixe salgado faz quase exclusivamente o objeto de seu comercio, de cuja circunstância lhe proveio o nome. A sua população é de 2.053 habitantes com 291 casas. Durante o ano de 1862 teve lugar nesta paróquia 73 batizados e 11 casamentos, sendo a mortalidade de 54 pessoas. Pertence ao município e ao colégio eleitoral de Laguna ao qual envia 5 eleitores. Tem uma aula de primeiras letras do sexo masculino junto ao Ribeirão do Gravatá, não longe

da margem esquerda do rio Capivari existe uma nascente de águas termais de baixa temperatura. Dista 22 ½ léguas ao sudoeste da Capital.

Bom Retiro – Planura extensa e amena e desde a aba ocidental da Serra do Trombudo, sobre a estrada que conduz á cidade de Laguna, formando os campos conhecidos pelo mesmo nome.

Bom Retiro – Rio que nasce nas vertentes ocidentais da Serra Geral, e correndo ao norte atravessa a cidade de Lages 3 léguas ao poente da raiz da mesma Serra; e uma légua ao oriente do passo de Santa Clara. É o mesmo rio que depois toma as denominações de Santa Clara e João Paulo, ambos tributários do rio Canoas.

Bonito – Rio que tem origem na Serra do Tubarão, e corre a reunir suas águas ás do ribeirão do Passa Dois. Nas suas margens e na distancia de 12 léguas acima da freguesia da Piedade existem camadas de carvão de pedra, que já foram examinadas profissionalmente e reconhecidas de boa qualidade.

Bonito – Afluente á margem esquerda do rio Canoas, distando do Passo deste obra de duas léguas ao oeste.

Botiá – Confluente da margem esquerda do rio Lourenço, ambos territórios do rio Negro.

Botiá Verde – Campo situado na freguesia dos Curitibanos. Abundã da linda palmeira de que deriva o seu nome.

Botiá-tuba – Campo que se estende no território da freguesia do Mirim, e onde passa a estrada geral que sede para o sul da província.

Botucas – (Rio das) Nasce na Serra da Tromba e segue a rumo de norte-sul a desaguar no rio Pirai-Piranga, depois de confundir-se com a das Águas-Vermelhas. O seu curso é de 3 léguas, e banha parte do distrito de Joinville.

Braço de S. João – Este rio é alimentado pela cachoeira do morro da Cambirela e alguns pequenos confluentes,

depois de percorrido não pequenas extensões costeando a raiz do morro do Tabuleiro, entra na margem direita do Cubatão 4.500 braças mais ou menos acima da barra deste. É divisa entre as freguesias de Santo Amaro e Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito.

Breja-huba – Morro que se eleva ao sul Guamirim, onde tem origem o rio denominado do Morro, confluyente do Parati.

Bucarim – Tributário principal do rio Cachoeira, ou antes da lagoa Saguacú. É o limite sul da colônia D. Francisco.

Bucuhy (Bucui) – Riacho que deságua na margem esquerda do rio de S. Francisco para a parte das Três-Barras.

Bugres – (Rio dos) Confluyente do Cubatão pela sua margem esquerda depois de atravessar a estrada que segue para Lajes. Sobre as margens deste rio está estabelecida a colônia Santa Isabel.

Bugres – (Rio dos) Tem origem na Serra Geral e corre a despejar no rio Manoel Alves distrito do Araranguá.

Bupevá – Ribeirão que deságua na margem direita do rio Cachoeira, 500 braças acima de sua foz na freguesia de Joinville.

C

Cabeçuda – Ponta da terra firme que se estende um pouco ao sul da embocadura do rio Itajai, 20 milhas ao norte-noroeste da ilha do Arvoredo, e 8 da ponta de Camboriú. Entre a Cabeçuda e o costão do morro de D. Felícia, que fica a barra do Itajai está o pequeno saco onde os navios esperam monção para entrar no porto da Vila, o qual é conhecido pelo nome de Saco da Cabeçuda.

Cabeçuda – Pequeno morro á entrada da lagoa de Imaruí, e fronteiro a ponta das Laranjeiras.

Cabeçuda – Ponta de terra no sítio denominado Estreito de Gibraltar no rio de S. Francisco, do lado do Saí.

Cachão – Pesqueiro perto da costa do arrabalde de S. Luís, na extremidade norte da capital. O barulho das águas, proveniente das lajes que existem neste sítio, deu-lhe semelhante nome.

Cachoeira – Rio notável do município de S. Francisco, o qual tem as nascentes na Serra da Tromba, corre a rumo de sul por espaço de duas léguas, e encaminha-se ao depois á leste a desembocar na lagoa Saguaçú. Em suas margens está afeitada a freguesia de S. Francisco Xavier de Joinville.

Cachoeira – Ribeirão que em suas cabeceiras banha os campos de SUL João da Serra, e corre até desaguar na margem direita do rio Chopim.

Cachoeira – Sítio na cabeceira do rio Chopim no campo de Palmas.

Cachoeira do Bicho – Ribeirão afluente do rio Cubatão perto de suas nascentes.

Cachoeira da Fortaleza – Sobre o rio Uruguai pouco acima da confluência do rio Depeterei.

Cachoeiras – Três lindas quedas d'água que em diferentes pontos se destacam na Serra do Araranguá, e se precipitam no rio de Mãe Luzia.

Cachoeiras do Braço do Norte – Acham-se a 10 milhas ao norte do ribeirão do Passa-Dois, para onde se encaminham suas águas.

Cachoeiras da Figueira – Lançam-se no ribeirão do Passa-Dois, pela sua margem esquerda, em frente á embocadura do rio do Armazém.

Cachoeiras do Rio-Verde – Existem 3 em um espaço de 800 braças, distando a que está superior um quarto de légua a leste da povoação da Glória.

Cacopé – Ponta de terra ao sul da freguesia de N. Senhora das Necessidades, onde está a penúltima estação dos sinais para os navios que se dirigem ao ancoradouro da capital pela Barra do Norte.

Cacopé Pequeno – Ponta menos elevada, um pouco ao sul da primeira e ao norte da de Capotera. É também conhecida como ponta do Luís Corrêa.

Cadêado – Passo estreito entre Taimbês sobre a decida ocidental do morro do Itajai, na vizinhança da colônia militar de Santa Teresa.

Caiacan-assú (açú) – Ponta de terra que se estende do lado ocidental da ilha de Santa Catarina, uma légua ao sul da freguesia do Ribeirão. Parece querer fechar com a ponta do Cedro, que lhe fica fronteira da parte do Continente, a majestosa baía do Desterro.

Caiacanga Mirim – Cabeço menor de figura cônica, uma légua e meia ao norte da freguesia do Ribeirão, e outro tanto ao sul da Capital. A palavra caiacanga compõem-se de duas do idioma indígena que lhe significam cabeça queimada.

Caiera – Pitoresco arraial situado sobre o litoral da terra firme de frente da ilha Anhatomirim. Faz parte da fre-

guesia de S. Miguel. O fabrico da cal deu este nome ao sitio. O seu magnífico ancoradouro é muito freqüentado por navios de alto bordo.

Caixa d'Aço – Pequena e famosa angra com 200 braças de diâmetro e fundo suficiente para aí ancorar navios de qualquer lotação. É quase fechado do lado de oeste por duas pontas de terra; e tão abrigada dos ventos do mar, que nem a menor bafagem encrespa suas areias, de cuja circunstância lhe proveio o nome. Aqui se acolheu no ano de 1777 a esquadra portuguesa sob o comando do Almirante Macdussall para evitar o encontro com a espanhola que lhe era muito superior. Esta enseada dista menos de duas mil braças a leste do assento da freguesia de Porto-Belo.

Cajurú – Vide Capão Alto

Caldas da Imperatriz – Grande estabelecimento de águas termais mui medicinais, e efetivamente freqüentadas, com vasto hospital sobre a margem esquerda do ribeirão das Águas-Claras, e perto do rio Cubatão. Dista 5 léguas e meia da capital, 4 da cidade de S. José, e uma da sede da freguesia de Santo Amaro, a quem pertence. Sob o governo do Coronel João Vieira Tovar d'Albuquerque edificou-se aqui um pequeno hospital com quartos para agasalho dos enfermos, que concorriam aos banhos, sendo o administrador desta obra o honrado e inteligente Capitão Mariano Corrêa Borges. Com o correr dos tempos desapareceram estas, ainda que limitadas comodidades. Por Ato Legislativo da Assembléa Provincial de 18 de março de 1842 foi decretada a construção de um novo edificio com proporções para admitir grande número de enfermos, o qual se começou com 800\$000 dos cofres públicos, o produto das subscrições voluntárias providas em tão da província, e a importância dos foros de uma légua em quadro dos terrenos concedidos para patrimônio do hospital. A 27 de outubro de 1844 sua majestade Imperatriz dignou-se

aceitar o título protetora deste estabelecimento, enviando-lhe um valioso donativo, e no ano seguinte no a 29 do referido mês o Senhor D. Pedro II e sua excelsa esposa o honraram com sua augusta presença. Deste então as obras prosseguiram com o produto de algumas loterias extraídas na Corte e as consignações decretadas nas leis anuas do orçamento provincial: e hoje um vasto e bem construído edificio ai se deixa ver, oferecendo cômoda Hospitalidade aqueles que animados de esperança vão procurar na prodigiosa virtude destas águas a saúde perdida. Segundo o exame feito em junho de 1833 pelo Doutor Jobim, hoje Senador do Império, a temperatura destas águas no lugar do tanque é de 32° do termômetro de Reaumur, e contém os seguintes princípios: hidroclorato de soda e talvez amônia, subcarbonato de soda e magnésio e uma matéria vegetal ou vegeto-animal. Quanto as suas propriedades terapêuticas, considera-se ligeiramente estimulantes, tanto pelo seu calor natural, como pela pequena porção de sais que contém. Pela sua ação reversiva sobre a pele pode ser vantajosa nos reumatismo crônicos e para Cysias, nos catarros crônicos, em diversa alterações na vísceras abdominais, produzidas ou não pela febres intermitentes, e nas hidropesias ligeiras. Tomadas interiormente são diuréticas, um pouco estimulantes e estomacais. É atual administrador deste importante e humanitário estabelecimento o cidadão Luis Gonzaga Mayer.

Caldas do Norte – Poços de águas termais situadas meia légua ao ocidente das Caldas da Imperatriz, e mais frias que esta 2°, apesar de conterem as mesmas propriedades. O local é plano porém úmido, o que concorre para diminuir-lhes a temperatura.

Caldas do Gravatá – Nascente de águas termais de calórico inferior junto do ribeirão que lhes dá o nome nas imediações do rio Capivarí município de Laguna.

Caldas do Tubarão – Estão situadas a sudoeste da sede da freguesia da Piedade, sobre a margem direita, a um quarto de légua do rio cujo nome adotaram. São pouco freqüentadas.

Calhão – Vide Penêdos de S. Pedro.

Calhêta – Ponta de terra que se avança ao mar na costa oriental da Ilha de Santa Catarina, um pouco ao sul da barra da Lagoa. Também lhe dão o nome de ponta do Caçador.

Camacho – Rio que comunica a lagoa deste nome com a de Santa Marta em uma distância de pouco mais de mil braças.

Cambajuvas – Este rio nasce no lado ocidental da Serra do Tubarão e corre do oriente para o ocidente a desaguar no Pelotas, município de Lajes.

Cambirela – Vide Serra da Cambirela

Cambôa Grande – Ilhota formada pelo rio Camboriú três quartos de légua acima de sua barra.

Cambôa Pequena – Ilhota de menor extensão que a precedente sobre o dito Camboriú, pouco acima da embocadura do rio Pequeno.

Camboim – Braço do rio Cachoeira, o qual forma uma ilha antes de entrar na lagoa Saguachu.

Camborihú (Camboriú) – Freguesia criada pela Resolução Provincial N° 292 de 26 de abril de 1849 na vice-presidência do Doutor Severo Amorim do Valle. Está situada sobre a margem direita e perto da foz do rio que lhe dá o nome, distante 16 léguas da capital. Tem por limites ao norte as vertentes do morro do Canto da Praia; ao sul o morro do Boi; e a leste o oceano e a oeste a Cordilheira. A sua povoação começou no ano de 1758, estabelecendo-se aí alguns colonos que haviam deixado Porto Belo em busca de terras mais asadas para lavoura. Por lei Provincial N° 129 de 23 de março de 1840 sob

a presidência do General Francisco José de Sousa Lares de Andréa, ao depois Barão de Caçapava, foi permitida aos moradores das margens do Camboriú a edificação de uma Capela filial sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Sucesso, o qual mais tarde foi ereta em Matriz, sendo seu primeiro pároco o Reverendo João Luis Nepomuceno de Macedo. Uma pequena Ermida dedicada á Santo Amaro serviu de Igreja Matriz durante a construção desta. Situada á margem de um rio navegável, sobre terreno elevado e plano, e possuindo extenso sertões sumamente produtivos, esta freguesia aumenta sensivelmente e promete esperançoso futuro. O clima é ameno e saudável, é aprazível as situações que orlam as plácidas margens do seu rio. Possui escolas públicas de instrução primária para ambos os sexos. A sua população é de três mil e sete habitantes com 740 casas. Faz parte do município de Itajai e do Colégio Eleitoral de S. Sebastião, ao qual envia 5 eleitores. São suas principais produções: mandioca, cana de açúcar, milho, feijão, arroz e madeiras, que exporta em grande escala. Dista duas léguas ao sul da sede da Vila de Itajai, e quatro ao norte de Porto Belo.

Camborihú (Camboriú) – Rio que tem suas origens nas vertentes da Serra que margeia o rio dos Alferes, muito perto das nascentes deste rio e do ribeirão das Águas Claras confluyente do Itajai-Mirim. Corre a rumo de leste por uma extensão de mais de 6 léguas até lançar-se no oceano ao norte da ponta á que dá o nome. È navegável por iate até duas léguas acima de sua barra, e por canoas até o Salto, que dista daquela 4 léguas. Tem pouca correnteza, e suas ribanceiras são em geral elevadas. As terras que este rio banha são muito produtivas. A palavra Camboriú é indígena e significa rio de seios ou cambôas.

Camboriú – (Ponta de) Ao sul da barra do rio da mesma denominação, distando 8 léguas ao norte da ilha do Arvoredo, e quase três da ponta das Garoupas.

Campêche – Ilha situada 800 a braças da costa oriental da ilha de Santa Catarina, e três milhas ao nordeste da Armação da Lagoinha. Serviu outrora de depósito do azeite de baleia durante a pesca, par o que tinha tanques apropriados. Possui excelente porto, terras de cultivo e água potável.

Campestre – Pequeno campo compreendido entre os morros de Santo Antônio e da Vigia-Velha, ao nascente da cidade de Laguna.

Campina – Situada obra de meia légua ao norte da cidade de S. José. Aqui descansa o gado que desce do interior, e é destinado ao corte para o consumo da Capital.

Campina do Américo – Situada entre a margem esquerda do rio Chopim e o Pepirí-guassú, no distrito do Campo de Palmas.

Campinas – Planície sobre a margem direita do rio Araranguá 11.500 braças acima de sua foz. Este ameno e delicioso sitio, onde já existe uma população importante, foi designado, por Lei Provincial N° 532 de 19 de março de 1864 para a sede da freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens. O rio neste lugar oferece um ancoradouro de 40 palmos de fundo. A estrada que comunica este distrito com os campos de cima da Serra passa por esta povoação, o que dá grande incremento ao seu comércio.

Campo Alto – Sobre a estrada que segue do município de Lages á província do Paraná, no sitio onde está montada a Coletoria do Passa-Dois.

Campo da Barra – Várzea que dilata do rio Varadouro, perto da foz do Tubarão, e a costa do mar nas imediações de Santa Marta.

Campo Bom – Aprazível planície situada entre o arroio deste nome e o da Estiva, duas léguas ao norte da barra do Urussanga, e seis ao sul da de Laguna. Os seus moradores pertencem á paróquia de Santo Antônio dos

Anjos. Nesta costa naufragou o vapor "Pernambucana" com perda de muitas vidas, apesar dos heróicos esforços do célebre Simão, natural de Cabo-Verde, marinheiro da tripulação do mesmo navio, o qual a nado conseguiu salvar grande número de passageiros. Este lamentável sinistro teve lugar no dia 9 de outubro do ano de 1853.

Campo das Camarinhas – Na freguesia da S.S. Trindade, onde os corpos militares estacionados na capital costumam fazer exercícios de tiro ao alvo.

Campo dos Curralinhos – Situada no ocidente da praia da Pinheira desde a margem direita do Capivarí Pequeno.

Campo de Fora – Arrabalde da cidade da Laguna para o lado do norte, no qual estão situadas as melhores chácaras.

Campo do Governador – Grande extensão de faxinais incultos que existem entre as Serras do Tabuleiro e da Boa-Vista. Ainda são pouco conhecidos pelo receio dos selvagens que freqüentam estes sítios.

Campo do Guarda Mór – Entre o rio Marombas ao sul, o Correntes a oeste e das Pedras a leste, é atravessado pela estrada com o mesmo nome vai ter á provincia do Paraná.

Campo de Palmas – Vastíssima campanha compreendida entre os rios Canoinhas, e Iguaçú ao norte, Pepiri-Mirim e Chápecó ao sul, Uruguai e Santo Antonio a oeste, e o Timbó a este. A posse destes campos tem dado motivo a grande litígio entre esta Província e a do Paraná, sendo porém incontestável o direito da primeira.

Campo de Palmas – Freguesia do município de Lages criada pela Lei Provincial N° 526 de 15 de março de 1864 sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo, sendo vice-presidente da provincia o Comendador Francisco José de Oliveira. Os seus limites são os que formam o território conhecido pela mesma denominação. Alguns indivíduos da provincia do Paraná tem-se vindo

estabelecer neste lugar, apossando-se de terras devolutas, o que tem concorrido muito para animar as pretensões dos Paranaenses sobre esta parte do território de Santa Catarina.

Campo de Santa Bárbara – Vide Santa Bárbara

Campo Seco – Situado entre a margem direita do rio Chapecó e a esquerda Apetereí.

Campo do Tigre – Situada no município de Lages ao norte do Fachinal que acompanha a margem direita do rio Canoas. Por aqui projeta-se a abertura de uma nova via de comunicação com o litoral, o qual evitará as Serras seguindo por um plano inclinado que vai ter ao ponto da confluência do braço de oeste com o braço do sul do rio Itajai. Destes campos é fácil e breve a comunicação com a freguesia de Curitiba.

Campos Novos – Freguesia cuja igreja matriz dedicada a S. João Batista foi ereta em virtude da Resolução Provincial N° 377 de 16 de junho de 1854 sob a presidência do Doutor João José Coutinho, sendo nomeado seu primeiro pároco o Reverendo Brás Grassano. Pertence ao município de Lages e faz parte de seu colégio eleitoral. O território desta paróquia é todo o que se acha compreendido nos campos cuja denominação adotou. Goza de um clima salubérrimo, com quanto nimiamente frio. A sua população é de 2.226 habitantes com 189 casas. Possui uma cadeira pública de primeiras letras para o sexo masculino. Os seus habitantes empregam-se quase exclusivamente na criação do gado, que conduzem ao mercado da capital e dos municípios do litoral. Fabricam excelentes queijos, e preparam toucinhos e carnes ao fumeiro, gêneros que no mercado são muito apreciados. Dista 11 léguas na freguesia dos Curitiba, 24 da cidade de Lages e 60 da capital. A sua posição geográfica é de 27° 24' 0" de latitude sul, e 51° 10' 6" de longitude oeste de Greenwich.

Campos de S. João da Serra – Situado nos termos de Lages e distrito de N. Senhora da Conceição dos Curitibanos. São vastos e muitos usados para criação de gado de qualquer espécie.

Canal da Independência – Obra principiada e não concluída para encaminhar o rio Embaú a desembocar no remanso ao norte da ponta da Pinheira no distrito da Enseada de Brito. As vantagens deste melhoramento são de simples intuição, e compensariam qualquer sacrifício.

Canguary – Lugarejo pertencente á freguesia de Imaruí na margem ocidente da lagoa de Vila Nova.

Canguary – Rio que corre ao norte do cabeça deste nome, e deságua na lagoa de Vila-Nova depois de pequeno curso.

Canhandura – Sitio ao norte do morro de Dona Felícia no distrito de Itajai.

Canavieiras – Freguesia sobre a conta setentrional da ilha de Santa Catarina, á barra do norte da capital, da qual dista 5 léguas. A capela aqui existente dedicada a S. Francisco de Paula, e outrora filial a paróquia de Nossa Senhora das Necessidades, foi ereta em matriz pelo Decreto N° 8 da Assembléia Provincial datada de 15 de abril de 1835, sendo presidente da Província Feliciano Nunes Pires, e teve por seu primeiro pároco Frei Romão Lapido. Os limites desta freguesia são: a este as da do Rio Vermelho; ao sul os da de Nossa Senhora das Necessidades; e ao norte e oeste o litoral. Faz parte do município e colégio eleitoral da capital ao qual concorre com 5 eleitores. O seu arraial goza de uma vista encantadora. A igreja matriz circundada de pequenos edificios eleva-se garbosamente sobre uma eminência sobre a ponta de terra que se estende para o mar, denominando duas extensas praias. As brisas que aqui reinam constantemente ao lado da barra purificam o ambiente tornando esta localidade muito salubre. As suas terras produzem bem a mandiocá, a cana de açúcar, o feijão, mi-

lho e café. Possui alguns engenhos de farinha, de açúcar, e alambiques de aguardente. A costa e as ilhas vizinhas fornecem-lhe com abundância excelente peixe. Segundo alguns escritores foi sitio, e que se acha esta freguesia, que o primeiro povoador da ilha, Francisco Dias Velho Monteiro erigiu uma capela com a invocação de Santa Catarina, do nome de sua filha mais velha, o qual adotou posteriormente toda a província. Aqui aportou o corsário holandês cuja população assassinou barbaramente o infeliz ancião; e no ano de 1777 neste mesmo sitio a esquadra espanhola sob o comando de D. Pedro Cevalhos efetuou o desembarque da força, a qual marchando sobre a capital apoderou-se desta sem a menor resistência. Defronte da povoação, e a pequena distância da costa está a ilha de S. Francisco de Paula coberta de arvoredos, com uma nascente de água potável e que serve de abrigo e refrigério aos pescadores. Esta paróquia possui uma cadeira pública de instrução primária para o sexo masculino, e outra para o feminino. A sua população é de 2.713 almas com 479 casas; e no ano de 1862 contou 104 batizados e 15 casamentos.

Canelinha – Pequeno povoado á margem esquerda do rio Tijucas-Grandes duas e meia léguas acima de sua barra.

Canelinha – Pouso sobre a estrada que conduz á cidade de Lages, ao nascente do campo da Sepultura.

Canôas – Rio caudaloso muito conhecido, e o maior do município de Lages, o qual tem origem sobre o platô de S. Barbara algumas braças ao norte das nascentes do rio Pelotas na virtude ocidental da Serra. Corre a rumo de noroeste por espaço de 15 léguas de confluência do rio João Paulo; alterna de direção ao depois entre aquele rumo e o de oeste, percorrendo mais de 35 léguas. Desde a sua nascente até encontrar o Pelotas com o qual forma o principio do grande Uruguai perfaz um curso superior a 50 léguas. O Canoas atravessa a estra-

da que segue para a cidade de Lages, ficando este passo a 3 léguas ao poente do dito rio João Paulo, duas 1/3 ao oriente do rio Bonito, e 8 ½ daquela cidade. É também conhecido pelo nome de Uruguai-açú; tendo anotado o de Canoas pelo grande número destas que sempre existem no seu passo, que é muito largo fundo. O passo deste rio, no lugar que atravessa a estrada, que segue para Curitiba esta a 4 léguas ao norte da cidade de Lages.

Canoinhas – Rio que nasce na vertente ocidental da Serra do Itajai, correndo a oeste vai desaguar a margem esquerda do Iguaçu. A três léguas de sua origem atravessa a estrada que vai ter a Curitiba e a outros pontos da província do Paraná. Da cidade de Lages ao passo deste rio há uma distância de 30 léguas mais ou menos. O Canoinhas tem servido limite convencional entre esta e aquela província, posto que o rio Negro seja a legítima e natural divisa.

Cantagalo – Ponta de terra firme a mais oriental da costa de Itapacorói por cujo nome também é conhecida.

Canto das Pedras – Grupo de alvos rochedos sobrepostos na batente da maré, pouco mais de meia légua ao norte da barra da Laguna.

Capão Alto – Sítio 4 léguas ao sul da cidade de Lages por onde passa a cidade que vai do passo de Santa Vitória aquela cidade. Este lugar foi primitivamente chamado Cajurú, e teve uma pequena ermida, a primeira sem dúvida que se erigiu no meio destes sertões.

Capim – Ilhotas de tirirical que jazem disseminadas na lagoa de Santo Antonio dos Anjos ou da Laguna, meia milha depois de entrar a barra. Junto das mesmas há fundo suficiente, onde atracão embarcações carregadas, e aí esperam monção de saída.

Capim – Ponta de terra alagada a duas milhas ao sul da ilha das Vinhas na baía do Desterro.

Capivary (Capivari) – Confluente o mais considerável do rio Tubarão. Nasce na vertente oriental da Serra Geral, e depois de um curso de mais de 12 léguas em que banha excelente terras de cultura vai desaguar na margem esquerda daquele rio uma légua abaixo da sede da freguesia de Nossa Senhora da Piedade, e serve de divisa entre esta paróquia e a do Bom Jesus do Socorro da Pescaria Brava. Os colonos de Teresópolis tem varado até as ribanceiras deste rio, onde encontram terrenos muito apropriados para estabelecimentos rurais.

Capivary (Capivari) – O nome de dois rios que atravessam o campo de Araçatuba, distante 600 braças um do outro, e vão desaguar á praia desta última denominação. O que passa do lado do norte chama-se Capivari-Grande, e o do lado do sul Capivari-Pequeno. Esta palavra composta de outras da língua indígena significa que corre oculto sob o capim.

Capivary (Capivari) – Pequeno rio que deságua no canto da praia do Pântano do Sul do lado meridional.

Capoeiras – Lugarejo do distrito de S. José, sobre a estrada que segue da capital àquela cidade.

Capotéra – Pequena ponta de terra ao nascente da do Cacupé Pequeno, a qual com a de Itacolomí de que dista meia légua, forma a enseada ou saco que também toma a denominação de Itacolomi. O temo brasileiro capotéra quer dizer mato do meio.

Carahá (Cará) – Rio que tem origem ao noroeste da cidade de Lages, obra de duas légua e meia; e descrevendo um semicírculo em torno da mesma passa-lhe da distância de 250 braças ao oriente, atravessando a estrada, e vai entrar na margem direita do rio Caveiras, junto ao passo onde este último corta a estrada que segue de Santa Vitória á referida cidade. O seu leito abunda de pedras de amolar.

Carahásinho (Carazinho) – Pequeno rio do município de Lajes. Corre a rumo de oeste paralelamente com o Pelotas

em distância de uma légua; e reunindo-se ao Penteado deságua no rio Pelotinhas depois de 5 léguas de curso. Contudo o valor dos produtos em 1867 pôde ser estimado em 8.618\$500. As suas florestas abundam de erva-mate, a qual fabricam e remetem ao mercado da capital. A superfície de terreno cultivado é de 7.583.699 m². Esta colônia quanto ao espiritual está a cargo do Pároco da freguesia de S. Pedro de Alcântara. Possui uma escola pública de primeiras letras. A uberidade do solo muito usado para a plantação de trigo, a benignidade do clima, e índole de seus povoadores prometem um futuro de prosperidade a este núcleo de colonização nacional. Praza ao céu que nõ vasto território do Império se multipliquem os estabelecimentos desta natureza, para que se possam apreciar as vantagens do trabalho livre. O diretor desta colônia é o engenheiro civil Carlos Otton Schlappel, cidadão brasileiro. Pela Lei Provincial N° 575 de 4 de maio de 1866 foi elevada á categoria de Capela Curada, sob a invocação de S. Carlos Barromeu. No ano de 1867 celebraram-se 46 batismos e 8 casamentos nesta colônia.

Colônia Belga – Esta colônia foi estabelecida na margem direita do rio Itajai sob a direção do engenheiro Carlos Van Lêde, em terras compradas ao cidadão José Henrique Flores entre o morro Pinheiros e o arroio da Ilhota, seis léguas acima da barra daquele rio. Apesar do seu limitado número de colonos tem prosperado.

Colônia Blumenau – Fundada em 1852 pelo Doutor Hermann Blumenau passou ao domínio do estado em 13 de janeiro de 1860. Está situado na margem direita do Itajai 10 léguas acima de sua foz, e sede da freguesia de S. Pedro Apóstolo. A sua população é de 2.861 colonos, sendo 581 católicos e 2.280 prótestantes, provenientes a maior parte de Hamburgo. A colônia abrange um vasto território inçulto, achando-se já cultivado 29.117.760 metros quadrados. Produz anualmente ter-

mo médio 8.000 arrobas de açúcar, 60 pipas de aguardente, 3.000 alqueires de farinha de mandioca, 600 ditos de batata, 125 arrobas de café, 100 ditas de araruta, 380 ditas de manteiga, e outro tanto de queijo, 12.000 alqueires de tubérculos, 50.000 mãos de milho, 360 arrobas de fumo e 1.500 alqueires de feijão. Possui mais de 50 engenhos de açúcar e outros tantos alambiques, e engenhos de farinha. O valor da madeira Serrada sobe 18.000\$000. Conta além disso grande criação, fabricas, oficinas, casas de negócio, e muitos edificios elegantes. É regida quanto ao espirital pelo Pároco de S. Pedro Apóstolo. Aqui há duas escolas públicas, e três particulares, alguns médicos e um pastor luterano. Constitui esta colônia um distrito de Paz pertencente ao município de Itajai. A importância dos gêneros para seu consumo pode orçar de subiu no ano findo (1867) ao valor de 61.000\$000. O da exportação, que consiste em madeira, telhas, charutos, aguardente, açúcar, manteiga, queijo, gado, galinhas, orçou em 55.000\$000. Conta 759 fogos e 250 casas bem construídas, e 477 provisórias. Esta colônia está bem situada, seu solo é fértil, e o clima excelente, tem uma franca comunicação fluvial com a costa, e sofrível via terrestre, que se vai aperfeiçoando. A posição geográfica de sua sede é de 26° 55' 16" de latitude de leste e 49° 9' 15" de longitude oeste de Greenwich.

Colônia Brusque – Vide colônia Itajai.

Colônia D. Afonso – Compõem-se de sardos, e foi fundada com o nome de Nova Itália, pelos empresários Dr. Henrique Schutel e Demaria no ano de 1837, sobre as margens do rio Tijucas Grandes, cinco léguas acima da sua foz e uma da sede da freguesia do alto do rio Tijucas. A sua população é de 214 habitantes, todos católicos. Está situada em terrenos fertilísimos e goza de salubre clima. Ao princípio os selvagens intimidavam os colonos com as suas correrias, desde porem que a esforços do Governo da Província com a presença efetiva de um des-

tacamento de pedestres deixaram de infestar estes lugares, algumas famílias nacionais se foram aqui domiciliando.

Colônia D. Francisca – Está situada nas margens do rio Cachoeira 5 léguas distante da cidade de Nossa Senhora da Graça. Os seus limites são: ao norte uma linha tirada leste-oeste do Pico da Tromba ao rio Cubatão, seguindo pela margem direita deste, compreendida a ilha do Braço; e continuando a rumo de sul até encontrar a margem esquerda do rio Cachoeira. O território dos Príncipes de Joinville compreende as terras da colônia, e mais as que se entendem pela margem esquerda do referido Cubatão; e parte das que são banhadas pelo rio Pirabeirava ao norte, e ao sul mais um triângulo entre os rios Bucarim e Paranaguá-mirim, segundo as plantas levantadas pelo Conselheiro Coelho e Tenente Coronel Alvim, O local desta colônia principalmente na proximidade do porto é úmido e as vezes alagado; mas apesar disto as terras são férteis e o clima benigno. Consta a sua população de 4.067 almas, sendo 629 católicos, e 2.038 protestantes, com 924 fogos que habitam 921 edifícios. A sua produção agrícola é de mandioca, milho, arroz, cana de açúcar, café, feijão, tubérculos, tabaco além de muita criação e artigos de indústria, que consome e levam aos mercados vizinhos. Possui 70 engenhos de farinha e 32 de açúcar, 14 de socar arroz, dos quais alguns são movidos por água, e outros a vapor, muitas casas de negócio e oficinas, e seu comércio é muito animado. A sua área cultivada é de 6.624.250 braças quadradas. O valor de sua exportação foi em 1867 foi de 162.000\$000. Esta colônia faz parte da Paroquia de S. Francisco Xavier de Joinville, cujo pároco o Reverendo Carlos Boegershausen exerce cumulativamente o magistério público. Foi fundada em 10 de março de 1851. A sede da povoação está em 26° 18' 50" de latitude leste, e 50° 50' 0" de longitude oeste de Paris.

Colônia Ericeira – Antiga colônia estabelecida por ordem do Sr. D. João VI no ano de 1819 com 101 pessoas de ambos os sexos no lugar denominado Enseada das Garoupas, hoje Porto Belo. Nunca teve maior desenvolvimento apesar das vantagens, de que gozaram os colonos, a cada um deu-se uma casa com 30 braças de terreno no arraial, e 100 braças de frente com fundos correspondentes em boas terras de mato virgem para a sua lavoura. A maior parte das famílias que habitam a freguesia de Porto Belo descendem dos colonos ericeiros e destes alguns ainda vivem.

Colônia Flor da Silva – Fundada no ano de 1843 pelo cidadão Manoel Floriano da Silva nas cabeceiras do Ribeirão do Moura, 5 léguas distante da Vila de S. Sebastião. Conta 212 habitantes distribuídos por 40 famílias com igual número de casas, 7 engenhos de açúcar, 12 de farinha e alguns de Serrar madeira. Exporta anualmente mais de 700 alqueires de farinha; e pertence à Paroquia do Alto Tijucas.

Colônia Itajahy (Itajaí) – Situada vantajosamente na margem esquerda do Itajaí-mirim 5 léguas acima de sua embocadura e distante da Vila menos de 5 léguas em linha reta, teve por fundador em 4 de agosto do ano de 1860 o Doutor Francisco Carlos de Araújo Brusque, em reconhecimento de cujos serviços os colonos lhe deram espontaneamente o nome de colônia Brusque; apesar de que é conhecida e tratada oficialmente pelo título de colônia Itajaí. Tem uma capela curada de que é Padroeira N. Senhora das Dores, e teve por primeiro capelão e professor público de primeiras letras, o Ver. Alberto Francisco Gattone. A sua população é de 1.333 pessoas, a saber: 931 católicos, e 402 luteranos. Conta em seu seio alguns engenhos, fábricas, oficinas e casas de negócio. A sua área cultivada não excede por ora de 2.644.000 braças quadradas. Os principais gêneros que exportou durante o ano findo de 1867 foram: fumo em folhas e

rolos no valor de 1.000\$000, charutos e madeiras Ser-
radas no valor de 27.400\$000, além de açúcar aguar-
dente, farinha, milho, arroz, batatas. Possui 29 enge-
nhos de farinha, 26 de açúcar com alambiques e 4 de
serrar, estes movidos por água. De todos os estabeleci-
mentos agrícolas do Estado nestas província é que foi
mais bem situado. Conta 338 casas mais ou menos cô-
modas. A direção espiritual do colonos católicos esteve
confiada ao pároco de S. Pedro Apóstolo, á cuja freguesia
pertence. Por ato novíssimo do Governo Imperial foi
transferido para esta colônia o Rev. Gattone, obtendo
provisão episcopal para a paróquia aquela freguesia o
Ver. Ant. Zielinski. A posição geográfica da sede desta
colônia é 27° 5' 4" de latitude sul e 48° 59' 6" de longitu-
de oeste de Greenwich.

Colônia Leopoldina – Pequena colônia fundada por al-
guns alemães e belgas no ano de 1852 em terras
devolutas sobre a antiga estrada de Lages. Acha-se quase
extinta.

Colônia Nova Itália – Vide colônia D. Afonso

Colônia da Piedade – Estabelecida no ano de 1847, com
150 colonos alemães remetidos pelo Governo Imperial,
nas terras da antiga Armação da Piedade, não pede prosperar
sem dúvida pela má qualidade do terreno. Desta colônia
reŕtam apenas algumas famílias que continuaram a habitar
aqui fazendo parte da freguesia, que neste sítio foi criada
sob a invocação de N. Senhora da Piedade.

Colônia Príncipe D. Pedro – Foi recentemente fundada
(15 de fevereiro de 1867), pelo Governo Imperial em terras
compreendidas entre o rio Itajai-Mirim, e o rio do Braço
do Norte do Tijucas. Compõe-se de cidadãos norte-americanos
de origem irlandesa, quase todos católicos, contando 195
fogos com 467 almas. Teve por primeiro Capelão Cura o
Rev. José Lasemby, da compa-

nhia de Jesus. Está situada em 27° 7' 30" de latitude leste e 49° 0' 20" de longitude oeste de Greenwich.

Colônia do Sahy (Saí) – Esta colônia fundada pelo Doutor Mure no sítio denominado Muturati perto do rio de que adotou o nome no município de S. Francisco, teve começo no ano de 1842 com alguns franceses pela maior parte artistas, que aqui se estabeleceram. Acha-se hoje reduzida a um pequeno número de indivíduos, dos quais alguns ainda residem na sede da freguesia de Nossa Senhora da Glória do Saí, e os outros foram habitar nas imediações do rio Palmitar.

Colônia de Santa Izabel – Este estabelecimento compreende a antiga colônia também alemã, denominada da Vargem Grande. Acha-se situada sobre a margem esquerda do rio dos Bugres, duas e meia léguas ao noroeste de Teresópolis, quatro ao poente de Santo Amaro, e dez ao oriente da colônia militar de Santa Teresa. Tem uma população de 1.213 habitantes, sendo: 577 católicos, 636 protestantes, perfazendo ao todo 246 fogos. A superfície de terreno cultivado é de 4.575.600 braças quadradas. Possui 2 engenhos de farinha e 3 de açúcar, além de algumas fábricas, olarias, curtumes, oficinas e casas de negócio. A sua produção que consta de farinha de mandioca, de milho, feijão, arroz, trigo batatas, açúcar e aguardente e manteiga que também fabricam, foi analisada em 40.500\$000 a exportação em 19:000\$000, e a importação em 28.000\$000, tudo segundo estatística do ano de 1866. O local desta colônia, apesar de não ter sido bem escolhido, por ser seu terreno geralmente montanhoso, com tudo é saudável. A sua fundação data de dezembro de 1846, sob a presidência do General Antero José Ferreira de Brito.

Colônia de Santa Teresa – Colônia militar criada por Decreto Imperial de 8 de Novembro de 1853. Esta situada sobre a margem direita do braço do sul do rio Itajai um pouco a leste do morro do Trombudo, por onde pas-

sa a estrada que segue para a cidade de Lages da qual dista obra de 20 léguas ao oriente e 18 ao poente da capital. As suas terras são férteis e produzem bem milho, feijão, mandioca, cebolas e batatas, porém não tem prosperado, a sua área cultivada é de 165.371.669. Consta de 261 colonos e pertence a freguesia de Santo Amaro cujo pároco lhe ministra o pasto espiritual. É diretor desta colônia o Coronel João Francisco Barreto.

Colônia de São Pedro Alcântara – Fundada no ano de 1828 sobre as margens do rio Maruí, 4 léguas a de oeste da cidade de S. José, compõe-se em seu princípio de 635 alemães, compreendidos neste número algumas praças dos batalhões da mesma nação dissolvidos na Corte e nesta província. Gente eminentemente laboriosa, esta colônia foi a que mais prosperou, e apesar de várias ramificações que de seu tronco saíram para a Vargem Grande do Cubatão, rios Iguazu e Itajaí, cresceu a ponto de apresentar no ano de 1844 população suficiente para formar a freguesia de S. Pedro de Alcântara. O nome do benemérito catarinense Major Silvestre José dos Passos encarregado pelo Brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello votam presidente da província, de fundar esta colônia e Distrito os lotes de terra, não pode ser esquecido quando se admira a obra de sua inteligência e patriotismo. É pena que esta povoação tenha sofrido por causa do abandono da antiga estrada que seguia para Lages atravessando estes sítios. Atualmente parece reanimar-se com a fundação das novas colônias que ficam próximas, e o projeto de abrir-se a velha estrada tão almejada, é preferível a qualquer outra que se intentar para a comunicação da capital com o município central de Lages pelas vantagens de água e pastagens que encontra em toda a sua extensão.

Colônia Teresópolis – Foi fundada em julho de 1860 sob a presidência do Doutor Francisco Carlos de Araújo Brusque em terras situadas entre o rio Cubatão e dos

Cedros ao sueste da colônia Santa Isabel. Este estabelecimento apresenta o mais esperançoso aspecto, e promete rápido desenvolvimento e progressiva prosperidade. O terreno cultivado tem já uma extensão de 4.015.700 braças quadradas. A sua população é de 1.631 pessoas, sendo 931 católicos e 700 protestantes distribuídos por 321 fogos. A colônia consta de 200 edifícios de moradia e algumas moradias, casas de negócio e engenhos. A sua produção principal consta de milho, feijão, batatas e alguma farinha, e exporta além destes gêneros, manteiga toucinho e aves. A direção espiritual dos colonos católicos está a cargo do capelão-cura Guilherme Röer, que também ministra nas de Santa Isabel e Vargem Grande. A capela existente na colônia Teresópolis é dedicada a Nossa Senhora das Neves. Alguns colonos internando-se para o sul em busca de melhores terrenos foram dar á margem esquerda do Rio Capivarí no município de Laguna, onde acharam excelentes vales para estabelecimentos agrícolas. Este ensaio devido a sua constância e gênio empreendedor não deve ser desprezado pelos que se interessam pela colonização. O território da província é o mais usado para nele desenvolver-se este elemento de riqueza pública o município da Laguna; o qual o quanto não ofereça bons portos no oceano, suas comunicações com o litoral são facilímas, e as lagoas pela maior parte navegáveis, sua visão as distancia sem arriscar-se aos perigos do mar. É diretor desta colônia C. Todeschini, que também tem a seu cargo a de Santa Isabel. A posição geográfica da sede da colônia Teresópolis é 49° 0' 25" de longitude oeste de Greenwich e 27° 44' 11" de latitude sul.

Colônia da Vargem Grande – Acha-se situada nas margens do rio Cubatão um légua oeste da sede da freguesia de Santo Amaro, e três a leste da colônia de Santa Isabel de que faz parte integrante. Em seu princípio foi uma ramificação da colônia de S. Pedro de Alcântara

com algumas famílias brasileiras, às quais se reuniram posteriormente outras alemãs. Tem uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores. Seus terrenos são de suma fertilidade e goza este local de um clima benéfico, e ameno. Quanto a sua população e artigos de lavoura estão compreendidos na estatística da colônia Santa Isabel.

Congonhas – Rio que tem sua nascente nas vizinhanças do Tubarão. Corre a rumo de sueste até desaguar na margem ocidental da lagoa do Armazém, no município de Laguna, depois de atravessar a lagoa Jaguaruna. Desde que sobe desta até a sua foz percorre uma distância de 6.760 braças, conservando de 12 a 20 palmos de fundo.

Congonhas – (Ribeirão das) Corre junto a aba do morro Oeste nome formando uma das nascentes do rio Biguaçu.

Conventos – Serra de alcantilada penedia talhada a prumo para o lado do mar, um pouco ao sul da foz do rio Araranguá e a 200 braças do oceano. Esta massa enorme de granito com suas fendas denegridas, assemelhando-se a um velho mosteiro em ruínas, recebeu o nome porque é conhecido.

Coqueiros – Sítio aprazível em frente a baía do Desterro e ao poente da capital do lado do continente. Aqui há um pequeno povoado, composto pela maior parte de pescadores, que pertence á paróquia de S. José, da qual dista uma légua.

Corisco – (Ilha do) Situada ao sudoeste da ilha Leopoldina no rio de S. Francisco.

Corisco – Pequena Serra entre o rio Correntes e os das Pedras no município de Lages, com uma capela dedicada a Santa Cecília. Ao norte deste lugar está a coletoria do Passa-Dois aí estabelecida para a cobrança do imposto do gado que sobe para a província do Paraná.

Coroa Grande – Extenso parcel sobre a costa da ilha de S. Francisco a sua barra do norte.

Coroa de Massambú – Baixio que se estende até muito perto da ilha dos Cardos do lado de oeste. Vide: Baía do Desterro.

Coroa dos Pâmpanos – Baixio entre a ponta da Costinha, e a do Azedo a entrada do rio de S. Francisco.

Coroa da Passagem – Banco sobre o canal do sul da Ilha de Santa Catarina. Prolonga-se quase norte-sul desta ilha dos Cardos até o pontal de Massambú. É também conhecido pelo nome de Banco da Passagem.

Córrego Grande – Trindade – atravessando sob uma ponte de madeira a estrada que segue para o interior da ilha e povoações do litoral, deságua no saco de Itacolumi. Em seu princípio serve de divisa entre esta paróquia e a da Lagoa.

Correntes – Tem origem este rio na vertente ocidental da cordilheira: segue a rumo de oeste e sul até despejar na margem direita do rio Marombas. No seu curso, que excede de 20 léguas, recolhe a margem direita os rios das Antas, do Passa-Dois, dos Patos e Lageádo do Nascimento. Atravessa a estrada que segue do município de Lages para Curitiba, no ponto em que dista uma légua ao norte do Corisco e duas ao sul da Coletoria do Passa-Doi.

Costa da Serra – Território do município de Lages compreendendo entre a aba meridional da Serra e a margem direita do rio Pelotas. Nesta povoação foi criada uma sub-delegacia de policia.

Costinha – Sítio dentro da ponta do Sumidouro à barra do norte do rio de S. Francisco.

Covo – Vide: Iguaçu

Cubatão do Norte – Rio de grande curso, largo e navegável. As canoas os sobem até 10 léguas apesar de alguns parcéis que dificultam a navegação. Nasce na Serra de Icomba, com imediações da de Curitiba; corre nos ru-

mos norte-sul e leste-oeste até lançar-se no rio de São Francisco 4000 braças ao norte da lagoa Saguacú. É o limite setentrional da freguesia de S. Francisco Xavier de Joinville.

Cubatão do Sul – Rio do Município de S. José. Tem sua nascente na Serra do Tabuleiro, e morros que margem o Capivari, recebe em seu leito na sua margem esquerda as águas dos rios das cachoeira do Bicho, do Engano, de S. Domingos, dos Cedros, dos Bugres, outros de menor cabedal, e à margem direita o Ribeirão das Águas Claras, do Braço de S. João, além de outros menos notáveis. Corre nos rumos de nordeste a leste fertilizando os terrenos de Teresópolis, e Vargem Grande, e da freguesia de Santo Amaro, e depois de perfazer um curso de mais de 16 léguas, deságua na Baía do Desterro na encosta da Serra do Cambirela, duas léguas e meia a sudoeste da capital em linha reta. Oferece navegação a pequenas canoas até a queda d'água pouco acima do arraial de Santo Amaro. Este rio, por ocasião de enchentes, torna-se caudaloso e causa grandes estragos; porém em compensação que ele banha são preferidas por sua uberdade, e as altas Serras que o margeiam muito frescas, e cobertas de mata virgem.

Cubatão Pequeno – Rio pouco considerável que deságua no sítio mais apertado entre as duas margens do rio de S. Francisco, denominado por isso Estreito de Gibraltar.

Curitibanos – Freguesia do município de Lages criada pela Resolução Provincial N° 535 de 22 de março de 1864, tendo por padroeira Nossa Senhora da Conceição. Está assentada sobre a estrada que segue de Lages para Curitiba três quartos de légua acima do rio Marombas. Os seus limites são: ao norte da Província, ao sul o rio Canoas, a leste a Cordilheira e ao oeste os da freguesia de Campos Novos. Possui riquíssimos campos de criar, e manda em abundância excelente tabaco

em rolos e folhas para a província do Paraná. Dista da capital 48 léguas, e 12 da Capital de Lajes. A sua igreja matriz jaz em 27°16' 57" de latitude sul, e 50° 32' 54" de longitude oeste do meridiano de Greenwich.

Curral – (Ponta do) Sobre o continente ao norte da ilha de Anhatomirim, e ao sul da praia do Magalhães.

Curralinhos – Sítio sobre a margem esquerda e perto da barra do rio Mampituba.

D

Defuntinhos – Rio que deságua na margem esquerda do Itapocú duas milhas distante da queda d'água denominada Saltinho.

Defuntinhos – Pequeno ribeiro afluente na margem direita do rio Tijucas; aqui existe alguns moradores pertencentes á paróquia de São Batista.

Desértica – Ilha granítica situada 1½ milha a leste do Arvoredo. Isolada no meio do oceano e inacessível pelo costão de rocha que a circunda. Serve de asilo aos pássaros aquáticos que aqui vem fazer seus ninhos dos quais os pescadores recolhem ovos em quantidade tal, que enchem canoas. Junto dessa ilha há outros pequenos ilhotes conhecidos pelo nome de Desertas.

Desterro – Cidade capital da província de Santa Catarina, situada na costa ocidental da ilha deste nome defronte de umá ampla e formosa baía marcando no cruzeiro de sua matriz 27° 35' 36" de latitude sul, e 51° 0' 8" de longitude oeste do meridiano de Paris. Foi fundada no ano de 1651 por Francisco Dias Velho Monteiro, cujo primeiro cuidado foi edificar no mesmo lugar onde hoje está a igreja matriz, segundo a opinião mais provável e confirmada pela tradição, uma pequena Ermida que dedicou a Santa Catarina Mártir, nome de sua filha mais velha. Esta capela elevada a Paróquia por alvará de 5 de março de 1732 sob a invocação de Nossa Senhora de Desterro foi substituída no ano de 1753 por um novo templo de bela arquitetura, sendo o frontispício postadas e arco cruzeiro de cantaria e os altares de elegante talhã. Foi seu primeiro vigário colado o Rev. Estevão Simões Manso. Uma Provisão Régia datada de 19 de novembro de 1749 a elevou a categoria de cabeça de comarca, desmembrado seu território da de São Paulo.

Em 26 de março de 1726 já tinha recebido o foral de vila. Desde esta data provavelmente começara o governo de Sebastião Rodrigues Bragança, como seu comandante ou Capitão, conservando-se este até 7 de março de 1739 em que tomou posse nesta vila na qualidade de governador de Santa Catarina o Brigadeiro José da Silva Paes. Por Carta Imperial do Senhor D. Pedro I, datada de 20 de março de 1823 foi conferido a vila do Desterro o título de cidade com a mesma denominação. Em 30 de novembro de 1826 teve a honra de ser visitada pelo mesmo augusto senhor por ocasião de sua viagem a Província do Rio Grande do Sul. À 12 de outubro de 1845 S.M. Imperial o Senhor D. Pedro II e sua excelentíssima esposa a Senhora Teresa Cristina também concederam-lhe a honra de sua augusta presença, deixando-lhe em sua despedida sinais inolvidáveis da Imperial Munificência nos Templos e estabelecimentos de caridade. A cidade de Desterro é cabeça da Comarca judiciária da capital, sede da Assembléia Legislativa Provincial pelo Decreto de 10 de abril de 1835, e do município o qual compreende as paróquias da cidade, S.S. Trindade, Ribeirão, Lagoa, Rio Vermelho, Canavieiras e Nossa Senhora das Necessidades, todas na ilha. É centro de colégio eleitoral, o qual consta de 61 eleitores, concorrendo com 15 a sua paróquia. É sede do Arci-prestado da província e igualmente cabeça da Comarca Eclética da capital, a qual abrange toda a ilha e uma grande parte do continente, desde o rio Camboriú até o de Ibiraquera, compreendendo 19 freguesias. Possui um colégio de estudos preparatórios, duas aulas públicas de instrução primária para o sexo masculino e duas para o sexo feminino; uma estação telegráfica, um teatro particular denominado de S. Pedro de Alcântara, onde também as vezes se dão espetáculos públicos, e outro de maiores dimensões com o título de Santa Izabel, o qual ainda se acha em construção. A cidade de Desterro está

edificada sobre um plano inclinado, o que lhe dá um belo aspecto, apresentando-se toda ao primeiro golpe de vista principalmente entrando pela barra do sul. Suas ruas são geralmente bem alinhadas, e algumas escadas. Entre estas notam-se as do Príncipe, Augusta, do Ouvidor, da Paz, Aureas, do Livramento, e a pitoresca e ajardinada rua Formosa, orlada de lindas chácaras, a qual conduz a um de seus mais risonhos arrabaldes, o da praia de Fora. Possui alguns edificios notáveis entre os quais merecem especial menção: a igreja matriz com duas capelas fundas, uma consagrada ao S.S. Sacramento, e outra a Virgem Dolorosíssima. O grupo venerando que representa a fuga de sua gloriosa Padroeira é de uma semelhança admirável e representada um primor de arte. A Capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência, cuja obra detalha do altarmór é de gosto moderno, ornada de símbolos sagrados. O Palácio da Presidência. O grande quartel militar com capacidade para recolher de 3 a 4 mil homens. O Imperial Hospital de Caridade, edificio vasto e bem construído, em cuja sala principal deixam se ver o retrato em tamanho natural de seu fundador, o virtuoso Irmão Joaquim, e os de seus augustos benfeitores; existindo igualmente nas imediações deste estabelecimento um belo edificio destinado a receber os morféuticos com o título de Hospital dos Lázaros, do qual foi fundador Martinho José Callado, quando tesoureiro da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos: a casa da Câmara Municipal, onde esta corporação a Assembléia Provincial e o Júri celebram as suas sessões servindo o andar térreo de cadeia civil: o armazém de artigos bíblicos e alguns edificios particulares de elegante aparência. Além das igrejas referidas conta a cidade do Desterro a Capela do Menino Deus, contígua ao Imperial Hospital, edificada por Dona Joana de Gusmão, irmã no famoso secretário do Senhor D. João V, sobre a aba do morro que guarne-

ce o lado oriental da cidade, onde se adora a devota imagem do Senhor Jesus dos Passos, cujo aspecto venerando enche de respeito e acatamento aos que a contemplam de perto. A capela de Nossa Senhora do Rosário, que se eleva sobre uma colina no fim da rua do Livramento, onde os fiéis por sua condição menos favorecidos da fortuna, porém ricos de fé, fazem suas festas religiosas: a de Nossa Senhora do Parto ereta num pequeno largo em frente á rua do Príncipe; a de S. Sebastião da Praia de Fora, muito visitada pelos marítimos por venerar-se aí Nossa Senhora dos Navegantes; a do S.S. Salvador no colégio dos P.P. Jesuítas, e finalmente a do Campo Santo no Cemitério Público. Este jazigo edificado sobre uma eminência no lado noroeste é o que se oferece primeiro aos olhos do viajante que aí aporta pela barra do norte. O largo do Palácio, que se principia arborizar em frente ao qual se eleva a igreja matriz com seu adro ajardinado, respirando o perfume de variadas flores, e o largo do quartel plantado de coqueiros são as suas melhores praças. A municipal em frente ao Colégio, vistosa e fresca pela elevação de seu solo, quando toda edificada, será preferida para residência. Possui um Mercado Público bem construído junto ao Cais da Alfândega, o qual abunda diariamente de gêneros alimentícios por preços módicos. Não tem porém ainda um chafariz, apesar das boas nascentes de excelentes água que se acham nas chácaras particulares, ou que alimentam as 3 fontes públicas que abastecem a cidade, existentes nos largos do Senado, da Carioca e do Quartel. Esta capital é defendida pela fortaleza de Santa Ana assentada na sua extremidade noroeste em frente ao Estreito, e pela de S. João no lado oposto e na terra firme, onde se estão construindo importantes fortificações. A barra do sul é guardada pela fortaleza de Nossa Senhora da Conceição situada sobre uma ilha granítica em meio do canal. Sobre uma rocha a meia praia da

cidade deixa-se ver o antigo forte de Santa Barbara, que se comunica com a terra por uma ponte de alvenaria sustentada por dois arcos de admirável solidez, hoje desarmado e tendo já servido de hospital militar. O seu porto é freqüentado por grande número de embarcações de cabotagem e por alguns navios de longo curso. É o centro do comércio e da produção agrícola da província. Entre os artigos de sua indústria, torna-se notável o de flores artificiais de pano, escamas, penas e outras matérias, executado este artefato com tanta perfeição e delicadeza pelo belo sexo que constantemente se fazem encomendas para outras províncias e mesmo para o estrangeiro. A importação e exportação pela Alfândega no exercício de 1862 - 1863, representou um valor de r° 1:728:421\$651. O rendimento total da Alfândega foi de 170:931\$000, e o da Mesa das Rendas Provinciais só da Capital de 49:252\$788 r°. A cidade do Desterro conta 6.857 almas com 1.085 casas. Na sua paróquia tiveram lugar no ano 1866, 266 batizados e 52 casamentos. A sua mortalidade é muito reduzida comparativamente com outras cidades; apesar de que, alguém tem posto em dúvida a salubridade local, confrontando com o de nascidos, sem levar em conta os que falecem pertencentes aos corpos militares, marítimos, e os de outras localidades da província concorrem á capital em busca de socorros médicos. A população de toda a ilha que forma o município de Desterro sobe a 21.677 habitantes, sendo 18.319 livres e 3.358 escravos.

Desterro - (Baia do) A semelhança de um magnifico lago, onde se espelha a pitoresca e risonha capital da província, é formada ao norte pelas pontas do Estreito no lado da terra firme, e de Santa Ana no da ilha, e ao sul pelas do Cedro e Caiacanga-açú; e contornado pela Serra da Cambirela, cidade de São José e Coqueiros ao poente, e as terras baixas do rio Tavares e morros de Pirajubaé e Boa-Vista ao nascente. Tem 3½ de comprimento sobre

uma e meia de largura e de fundo 9 a 18 pés brasileiros, no ancoradouro; de 19 a 24 até leste-oeste com a ponta de Itaguaçú; de 13 a 17 até a ilha do Largo, e desta aos Naufragados de 12 a 30, tudo na baixa-mar. É baixa dos ventos a exceção dos quadrante do sul: e quando estes reinam os navios, principalmente de menor lotação, suspendem e velejando ao norte em 5 minutos vão ancorar no remanso da Praia de Fora. As embarcações que pretendem sair do porto pela barra do sul, aproximando-se mais da costa ocidental, dando resguardo apenas ao recife da ponta de Itaguaçú, e tomando o rumo de sudoeste para evitar o baixio que se estende desde a ponta do capim a pequenos ilhotes Itapitingas. O rumo mais seguido pelos pranchões para navegarem sempre no canal é este: ao suspender do ancoradouro para sair á barra do sul governa de uma direção á cachoeira do Braço do Cubatão ou á quebrada que faz a península do Thomé na ponta do sul, até descobrir a ilha dos Guarazes ao norte do Estreito, afim de dar um conveniente resguardo ao cotovelo do banco das Itapitingas: daí aproa-se a ilha do Largo até ficar quase leste-oeste, com as cabeças do recife da ilha do Garcia, governa-se obra de 20 braças em direção a igreja matriz do Ribeirão; ao depois segue-se a rumo de sul e passa-se a leste da ilha do Largo, dando-se um resguardo igual a um comprimento da ilha para existir uma laje alargada. Logo que se está leste-oeste com a igreja do Ribeirão, e tendo-se a oeste a laje do Cação que dista 400 braças ao sul da ilha do Largo, aproa-se á ponta do morro dos Cavalos, até se achar leste-oeste. com a igreja matriz da Enseada de Brito, de onde seguirá em direção á ilha dos Cardos, e passando encostado a esta pelo lado de oeste, para evitar a canoa de Massambú, inverte-se a direção ao Farol dos Naufragados, dando um pequeno resguardo ao banco da passagem que fica a oeste do lado de leste da ilha dos Cardos também se passa, evitando o baixio

que a contorna do lado de leste e sul e aproando-se ao Farol. Para sair do ancoradouro pela barra do norte aproa-se pelo Estreito aproximando-se mais da costa da Ilha do que da terra firme, navega-se em direção da ponta meridional da ilha Raton Pequeno, dando-se o conveniente navegando ao recife dos Guarazes: desde que se está em frente daquelas ilhas aproa-se a de Anhatomirim, até achar-se leste-oeste. com a bateria do pontal dos Ratores, e daqui inverte-se á barra pondo a proa entre a ponta norte da ilha do Arvoredo e os Penedos de S. Pedro, conhecidos também pelo nome Calhão de S. Pedro.

D. Afonso – Vide: colônia D. Afonso

D. Pedro – (Rio de) Este ribeirão deságua no sítio da Praia Comprida ao sul da freguesia de Santa Catarina.

Dona – (Serra da) Estende-se entre os distritos de S. Miguel e Alto Tijucas, servindo-lhes de divisa territorial.

Dona – (Ribeirão da) Deságua á margem direita do rio Tijucas Grandes.

Dona Francisca – Vide: colônia Dona Francisca

Dois Irmãos – Ribeirões que travessam a estrada que segue do Trombudo á cidade de Lages, em distância de 500 braças um do outro, despejando ambos na margem esquerda do rio Canoas.

Dois Irmãos – Picos que se elevam sobre a continuação do morro das Onze Voltas nas imediações da colônia Angelina. A perfeita semelhança destes dois Serros deu-lhes semelhante nome.

E

Elias – (Ponte do) É formada de penedos, sobre um dos quais deixa-se ver uma cruz de madeira com pedestal de alvenaria, que dizem comemorar um funesto naufrágio naquele sítio em tempos remotos. É também conhecida pelo nome de ponta do Leal.

Embaú – Rio que tem origem na Serra da Cambirela e atravessando a lagoa a que dá o nome, a 4 lagoas de sua foz, lança-se no mar ao sul da ponta da Pinheira depois de 9 léguas mais ou menos de curso a rumo de leste. O seu leito varia entre 30 e 40 braças, sendo estrieto na embocadura. Os iates e os pequenos sumacas o navegam até uma distância de 3 léguas. As terras que o margeiam são muito produtivas e contam algumas fazendas importantes. É limite entre as freguesias de Garopaba e Enseada de Brito.

Embituba – Pequena enseada formada pela ponta de terra que com essa denominação se estende ao mar, oferecendo nos navios excelente abrigo. Aqui existiu uma armação de pesca de baleias dependente da de Garopaba, com uma capelinha dedicada a Santa Ana. Dista quase 5 léguas ao norte da barra da Laguna. É funda e presta seguro ancoradouro à embarcações de qualquer lotação.

Embrulho – Praia pouco extensa ao oeste da praia da Sepultura, nas imediações das Bombas.

Encano – (Rio do) Faz barra na margem direita do Itajai, uma légua abaixo da confluência do rio Benedito, que lhe fica na ribanceira oposta.

Encantada – Lagoa situada paralelamente à margem esquerda do rio Itapocú, 6 léguas acima da sua foz. Tem 500 braças de comprimento com pouca largura.

Encantada – Porto na lagoa de Ibiraquera, distrito de S. Joaquim de Garopaba.

Encantada – (Saco da) Formada pela ponta do Araçás 600 braças ao oriente do arraial da freguesia de Porto-Belo.

Encantado – Sítio a este do arroio do Macaco no distrito de Imaruí.

Encruzilhada – Ponto onde se encontram no município de Lages as estradas do Guarda-Mór e dos Curitibanos para a província do Paraná.

Engano – (Rio do) Confluyente pela margem esquerda do rio Cubatão do Sul, acima da embocadura do de S. Domingos.

Enseada – (Morro da) A ponta mais oriental da ilha de S. Francisco.

Enseada de Brito – Freguesia situada na costa da terra firme defronte do canal da barra do sul da capital. É a mais antiga povoação da província depois das da ilha. Foi seu fundador Domingos de Brito Peixoto, que no ano de 1652 veio da Vila, hoje cidade de Santos da província de São Paulo, e aqui se estabeleceu com sua família e alguns indígenas escravos, pelo que a nascente povoação se ficou chamando Enseada de Brito. Uma capela edificada neste lugar em honra de Nossa Senhora do Rosário foi elevada á categoria de igreja Paroquial, em 1750, sendo o governador o Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Sousa, ano em que também vieram habitar este distrito alguns naturais das ilhas dos Açores, a quem foram distribuídas terras na forma da Resolução de 9 de agosto de 1747, com a invasão espanhola desapareceram os primeiros livros Paroquiais desta igreja, restando o que começou a servir em 1782, sendo Vigário o Rev. Francisco Coelho de Fraga. Os limites atuais desta paróquia são: ao sul, a freguesia de Garopaba pelo rio Embaú, ao norte a de São José pelo Cubatão, e a oeste

a de Santo Amaro pelo rio do Braço de S. João. O local onde está assentada a povoação é plano e vistoso; e muito perto dele eleva-se a gigantesca Serra do Cambirela, da qual se precipitam lindas cachoeiras que formam ribançais de excelente água potável. Sua enseada é muito farta de peixe; e o gado que desse dos campos de cima da Serra pelo município da Laguna e se dirige ao consumo da capital, passa por esta freguesia. Seu terreno, posto que montanhoso na maior parte, é muito produtivo, cultivando-se aí principalmente cana-de-açúcar, mandioca, café e legumes. Suas matas encerram boas madeiras de construção e marcenaria. Possui uma escola pública de primeiras letras para cada um dos sexos. Esta paróquia pertence ao município e colégio eleitoral de São José a qual manda 5 eleitorais. A sua população é de 2.146 habitantes com 316 casas, e durante o ano de 1866 o seu movimento foi de 94 batizados, 25 casamentos e 50 óbitos. Dista 4 léguas ao sul da cidade de São José e $4\frac{1}{2}$ em linha reta ao sudoeste da Capital. A sua igreja Matriz está situada em $27^{\circ} 46' 45''$ de latitude sul e $5^{\circ} 28' 6''$ de longitude oeste do Meridiano do Rio de Janeiro.

Enseada de Brito – Formada do lado da terra firme pela ponta do morro dos Cavalos e a que toma o seu mesmo nome, fica pequenina na barra do sul da ilha de Santa Catarina. Oferece ótimo ancoradouro e abrigo aos navios que aí arribam por força de temporais ou ventos contrários. O seu fundo regula 15 pés na entrada, 11 no meio e 4 perto da praia na baixa-mar.

Enseada das Garoupas – Vide Porto Belo

Ericeira – Vide colônia Ericeira

Espigão – Serra muito conhecida no município de Lages, a qual se prolonga á margem esquerda do rio Canoinhas. Pela sua encosta oriental passa a estrada que vai ter á Curitiba.

Espigão – Morro que se eleva ao poente da Serra de Mãe Luzia, cerca de 1.000 braças distante desta.

Espigão Sombrio – Está situado entre a lagoa de Pirituba e o sangradouro da do Morro Sombrio.

Espingarda – (Rio da) Deságua na margem esquerda do rio Iguaçu 4 léguas acima da embocadura do rio Jangada.

Estaleiro – Ponta mais meridional do distrito de Saí, fronteira á Ponta Grossa da ilha de S. Francisco.

Estaleiro – Duas pontas de terra entre as de Itapema e da Taquara no distrito de Camboriú, formando duas praias denominadas a do sul do Estaleiro Grande e a do norte do Estaleiro Pequeno.

Estaleiro – Estende-se esta ponta ao sudoeste da Enseada das Garoupas á entrada da freguesia de Porto Belo.

Estaleiro – (Ponta do) Demora 500 braças ao sueste do arraial da freguesia de Imaruí, fronteira do Perrexil, com a qual forma a entrada da lagoa de Vila Nova.

Estaleiro das Mãos – Sítio sobre a margem esquerda do rio Itajaí nas imediações da confluência do rio de Arraial.

Estanislau – (Riacho do) Deságua na margem esquerda do rio Maruí e serve de limite entre a paróquia de S. José e a de S. Pedro de Alcântara.

Estivas dos Pregos – Lugarejo no município de Laguna, e uma das divisas territoriais entre a freguesia do Tubarão e Bom Jesus do Socorro.

Estreito – Pequena barra de 154 braças de largo, formada á entrada da estrada de Desterro pelos pontais de S. João do lado do continente e Santa Ana do lado da ilha, a qual divide a baía do Desterro da de S. Miguel. A sua profundidade é de 96 pés brasileiros na baixa-mar. Os indígenas chamaram este Estreito Ujuriré-mirim, que quer dizer: boca pequena do mar, nome que mais tarde se tornou extensivo a toda ilha de Santa Catarina.

Estreito – Aprazível arraial no lado da terra firme a pequena distância da entrada da baía do Desterro. Neste sítio está o edificio do matadouro público, que fornece a carne verde para o consumo da capital. A sua posição fronteira á barra do norte dá-lhe gracioso aspecto. Possui uma aula pública de instrução primária para o sexo masculino, a qual é muito freqüentada. Os seus moradores, que na sua quase totalidade negociam em gado em pé ou se empregam no corte deste, pertencem á paróquia de S. José.

Estreito de Gibraltar – Sítio onde mais se aproximam as duas margens do rio de S. Francisco, em frente da embocadura do Cubatão Pequeno.

F

Facão – (Morro do) Eleva-se ao sul da ponta do Quebra-Remo e do sítio da Armação da Lagoinha, na costa oriental da ilha de Santa Catarina.

Farófa – Campo que se estende para a parte da costa do rio Pelotas, nas imediações da estrada, que segue do Tubarão á cidade de Lages. O morro mais saliente conhecido neste sítio pelo mesmo nome jaz em 27° 53' 20" de latitude sul, e 50° 5' 51" de longitude oeste de Greenwich.

Fazenda das Laranjeiras – Situação elevada e muito amena sobre a raiz da Serra do Tubarão, á margem esquerda do rio a que dá seu nome, e junto da estrada que desce dos Campos de Lages á Laguna pela freguesia de Imarui.

Feia – (Ilha) Está fronteira ao arraial da Armação de Itapacorói, de cuja costa dista 3.000 braças e a ponta das Piçarras de que fica mais próximo. É alta, de espessas matas, porém bordada de rochedos não oferece porto algum. Da sua ponta oriental expende-se para o mar em grande recife. Os navios que demandam o ancoradouro da freguesia da Penha devem passar ao norte desta ilha, ou ao sul com tanto que guardem certa distância, para evitar outro recife que parece estender-se quase até o ilhote Itacolumi, que desta dista meia légua ao mar.

Feia – Pequena ilha situada entre a dos remédios e a Itapitinga, meia légua a leste da barra do Araquari.

Feiticeiras – (Morro das) Prolonga-se entre as freguesias de Canavieiras e Rio Vermelho, servindo-lhes de divisa.

Figueira – (Rio da) Entra na margem esquerda do rio Itapocú ao nascente do Pico do Jaraguá.

Figueira – Rio que deságua na margem direita do das Botucas, depois de receber as águas do Aratucas no distrito de S. Francisco Xavier de Joinville.

Figueirinha – Lugarejo sobre a costa brava 6½ léguas ao sul da barra da Laguna.

Flechas – (Ponta das) Estende-se ao sul da ponta do Inglês na costa oriental da ilha de Santa Catarina e distrito do rio Vermelho. É também conhecido pelo nome de Ponta das Aranhas, das ilhas que lhe ficam fronteiras, assim denominadas.

Flor da Silva – Vide colônia Flor da Silva.

Florisséa – (Arroio da) Despeja na costa setentrional da freguesia de S. José entre a ponta do Elias e o riacho dos Barreiros.

Fonte Grande – Ribeiro que procedendo dos montes situados ao oriente da cidade do Desterro, atravessa a mesma, formando bacias sobre rochas que servem de lavadouro público. Por ocasião das chuvas inunda as ruas de sua vizinhança tornando-se correntoso a sua foz existe uma larga ponte de alvenaria firmada sobre dois arcos.

Forquilha – Rio que nasce nas imediações da Serra de Mãe Luzia, e conflui no deste nome 3 léguas antes do mesmo desembocar no Araranguá.

Forquilha – Rio do distrito do Imarui. Corre paralelamente ao sul do rio Una até que com este confunde suas águas já perto da barra.

Forquilhas – Confluente do Cubatão do Sul distante meia légua do arraial da freguesia de Santo Amaro nas imediações das Caldas do Norte.

Forquilhas – Sítio no distrito de S. José ao norte da estrada que segue para o interior. Aqui há alguns estabelecimentos importantes de lavoura, para o que concorre a uberdade de seus terrenos.

Fortaleza – Serra que se eleva margeando a esquerda do rio Itajaí, ficando-lhe próxima a embocadura do rio Belchior.

Frade – (Costão do) Serra Alcantilado ao norte do morro do Trombudo, cuja configuração lhe deu o nome. A sua altura é de 5.000 pés acima do nível do mar.

Frades – (Ponta dos) Jaz na extremidade austral da ilha de Santa Catarina 500 braças a leste dos Naufragados.

Fruteira – Lagoa situada junto da confluência do ribeirão Bonito com o Pirai-Piranga no distrito do Parati.

Fugidos – (Rio dos) Deságua na margem direita do rio Massambú, 300 braças acima do passo deste.

Fumaça – (Morro da) Estende-se ao norte do morro de Dentro, entre o rio Urussanga e o arroio local.

Funil – Passo estreitíssimo entre Taimbés e uma Serra ao ocidente da Boa Vista na estrada de Lages. É também conhecido pelo nome de Taimbé.

Furadinho – Pequeno rio que corre a desaguar á 400 braças ao sul do Cubatão no distrito da Enseada de Brito. É um braço deste último rio.

Furado – Braço que forma a barra setentrional do rio Tubarão.

Furado – (Rio do) Despeja do lado direito da ribeira do Araquari uma milha acima da embocadura do rio das Arêas-Grandes.

G

Gabiruba – Confluente á margem esquerda do Itajaí-mirim, na sede da colônia Brusque. Vide rios Guabiruba do norte e do sul.

Gaiolas – (Morro das) Sobre a estrada que segue de S. José á cidade de Lages entre o pouso do Papoam e a colônia militar de Santa Teresa.

Galão – Morro que se levanta á margem esquerda do rio Maruí, meia légua ao poente da sede da freguesia de S. Pedro de Alcântara. É muito pedregoso.

Galé – Ilha situada leste-oeste com a ponta das Bombas, e a duas mil léguas de distância, a sua extensão é de mais de 500 braças de comprimento e 100 em sua maior largura. Possui duas nascentes d'água potável, matas e terras de áreas excelentes para a cultura. O terreno desta ilha é pouco elevado, considerado quase a mesma altura de ponta a ponta pelo que figura uma gele. Ao nordeste e a pequena distancia deixam-se ver alguns ilhotes.

Gale – (Ribeirão da) Entra na margem direita do rio Tijucas Grandes no distrito de S. João Batista do Alto Tijucas.

Gamboá – Sitio ao sul da ponta da Pinheira e a margem direita do rio Embaú na freguesia de Garopaba. É o mesmo que Gamboa.

Ganchos – Esta formosa enseada formada por duas pontas de terra, de que tira o nome ao lado meridional da baía das Tijucas Grandes oferece o melhor dos ancoradouros aos navios, qualquer que seja o seu pontal podendo receber carga por meio de uma prancha, pois que dá 3 a 4 braças de fundo á beira-mar. Abundam de excelente peixe que seus moradores preparam grandes salgams e apetitosas conservas de garoupa pescada e cama-

rão, que exportam em alta escala. Uma peque na ponta de terra terminando em ilhote, divide o ancoradouro em duas partes, das quais recebe o nome de Ganchos de Fora a de leste, e de Ganchos de dentro a de oeste. Esta interessante povoação faz parte da freguesia da Armação da Piedade. Trata-se de atualmente erigir a quase uma Capela com a invocação de Nossa senhora da Bonança de que seus habitantes, pela maior parte pescadores são muito devotos.

Ganchos - (Ilha dos) Conhecida mais vulgarmente por ilha Grande, acha-se situada um pouco ao sul da ponta dos Ganchos de Fora. A sua extensão não excede de 120 braças, e dista outro tanto da costa. Tem boas matas mas carece de água potável. No boqueirão entre a ilha e a terra afirma á duas lajes alagadas, cuja arrebentação é visível nas marés baixas. Dista meia légua a o norte da ilha das Palmas.

Garças - (Ponta das) A 1.000 braças ao sul da ponta do Gravatá, no costão da Lagoa da Conceição.

Garcia - ou Ribeirão que tem por nascente os rios Bonito, Taquáras, das Antas, Pai-Garcia e Capivaras, e de pois de banhar a várzea do mesmo nome, vai formar o rio Tijucas Grandes próximo da colônia Angelina.

Garcia - (Ilha do) Demora uma milha ao norte do arraial da freguesia do Ribeirão, e está vizinha da costa. A sua extensão é de 200 braças.

Garcia - (Rio do) Nasce na Serra que se prolonga leste-oeste entre o braço do sul do Itajaí e o Itajaí-mirim, e correndo ao norte por uma extensão de 3 léguas, depois de recolher na sua margem direita o rio Jordão entra na margem meridional do grande Itajaí no lugar da sede da colônia Blumenau. Dista 32.600 braças acima da vila de Itajaí.

Garopaba - Rio que tem origem em um dos morros da Serra da Cambirela, corre a rumo de este, e misturando suas águas com as da Lagoa do mesmo nome, continua

o seu curso até lançar-se no oceano ao sul do Mato do Ouvidor. A sua barra é obstruída por bancos de área.

Garopaba – Freguesia do município de S. José, de cuja cidade está distante 10 léguas ao sul. Por Decreto do Governo Imperial de 9 de dezembro de 1830, sendo presidente da província o chefe de divisão Miguel de Sousa Mello e Alvim, foi autorizada a criação desta paróquia. Não se tendo porém logrado levar a efeito uma tal medida apesar dos bons desejos do povo, a Assembléia Provincial por ato Legislativo de 13 de maio de 1846 sendo presidente da Província, o general Antero José Ferreira de Brito, foi este autorizado a contratar com uma companhia a construção da igreja matriz, casa de residência paroquial e cemitério, o que se realizou sendo sócio gerente da mesma empresa o capitão Manoel Marques Guimarães, a quem coube a glória de fundador desta freguesia. Para assento de nova povoação foi preferido o local, que ocupava a armação da pesca, a capela dedicada ao patriarca S. Joaquim foi constituída igreja matriz com o mesmo padroeiro, tendo por seu pároco o Reverendo Raphael Faraco. Os limites desta paróquia são: ao norte o rio Embaú, ao sul o rio Ibiraquera, á este o oceano e ao oeste a Serra do Tabuleiro. O seu território é muito fecundo especialmente nas margens dos rios e lagoas, que o fertilizam. Possui alguns engenhos de farinha, açúcar e de pilar arroz. Os gêneros de sua cultura são pela maior parte transportador por iates pelo rio Embaú para o Porto da capital. Tem uma cadeira pública para a instrução primária para o sexo masculino e outra para o feminino, faz parte do colégio eleitoral de S. José ao qual concorre com 5 eleitores. A sua população é de 2.935 almas, com 436 casas, e no ano de 1862 houveram nesta matriz 131 batizados e 12 casamentos. Dista também 10 léguas ao sul da capital.

Garoupas – Ponta de terra firme que entra pelo oceano ao norte da ponta das Bombas em distância de uma légua desta.

Gaspar – Afluente á margem direita do rio Itajaí, faz barra a 24.850 braças acima do arraial da Vila, e 420 do Gaspar Pequeno. É conhecido pelo nome de Gaspar Grande ou de cima. Corre a rumo de nordeste por uma extensão de 3 léguas.

Gaspar Pequeno – Seguindo na direção de norte deságua igualmente na margem direita do Itajaí 11.030 braças acima da ilha dos Pinheiros. Chamam-no também de Gaspar de Baixo. Nos terrenos compreendidos entre as barras dos dois rios Gaspar está situada a igreja paroquial e principal povoação de S. Pedro Apóstolo.

Gato – (Morro do) Muito íngreme e escorregadio sobre a antiga estrada que conduzia de S. Pedro de Alcântara ao município de Lajes.

Geruvatuba – Ilha de figura cônica e de pequena extensão situada entre a ilha da Graça e a ponta do Morro da Enseada. Rodeada de rochedos serve de asilo às aves aquáticas, que aí vão depor os ovos. As palmeiras de geriva ou gessaras de que abundam deram-lhe este nome.

Gibraltar – (Morro de) Eleva-se á margem do rio de S. Francisco do lado do Saí perto da ponta da Cabeçuda.

Giguassú (Giguaçú) – Este rio faz barra na margem esquerda do de S. Francisco; meia légua abaixo do denominado das Barrancas.

Glória – Sítio ameno e florescente nas margens do rio perto da confluência deste com o Mampituba 5 léguas distante da embocadura deste último no oceano. Existe aqui uma povoação muito animada, a qual entretendo comércio com os moradores de cima da Serra e os da margem direita do rio Mampituba, pertencentes a província do Rio Grande do Sul, preparam-se a um próspero futuro. Trata-se de formar desta povoação uma paróquia, medida que será de suma conveniência para a província de Santa Catarina, porque centralizará assim o comércio, que ora se transvia para enriquecer a sua limítrofe.

Goyo – Em (Goio-En) – Rio que despeja, na margem direita do rio Uruguai cinco léguas acima da embocadura do rio Chapecó.

Goyo – Em (Goyo-En) – Passo sobre o rio Uruguai no município de Lages, onde existe uma coletoria para arrecadação do imposto do gado.

Gongo – (Morro do) sobre a estrada que pelo Cubatão segue à cidade de Lages, e a pequena distância ao ocidente da colônia Santa Isabel.

Gracatinha – Este ribeirão é um ramo do rio do Peixe, o qual corre a nordeste a fazer barra na margem esquerda do Canoas, meia légua ao ocidente da confluência do rio dos Macacos.

Graça – (Ilha da) Demora ao sudoeste e quase unida à ilha da Paz. É toda bordada de viva rocha, inculta e sem porto. Terá 60 braças de extensão, mas sendo aqui onde existirão os tanques de depósito do azeite de baleia no tempo de sua Armação. Deu esta pequena ilha nome e celebridade às outras que lhe ficam vizinhas, as quais são conhecidas por Ilhas da Graça.

Grajuvinha – Riacho que entra na margem direita do rio Tijucas Grandes.

Gravatá – Ribeirão afluente do Capivari sobre cuja margem esquerda existe uma nascente de águas termais de inferior temperatura.

Gravatá – Rio que se lança no curso, duas léguas ao norte da Barra do Itajai e é o limite litoral entre esta paróquia e a de N.S. da Penha.

Gravatá – (Ponte do) Jaz a 200 braças ao sul da ponta da Calheta na costa oriente da Ilha de Santa Catarina.

Guabiruva – Vide Gabiruba

Guamirim – Morro que se prolonga pela cabeceira do rio Paranaguá-mirim no município de São Francisco.

Guará – Com este nome existe dois rios, ambos confluente da margem esquerda do rio Caveiras no município de Lages.

Guarazes – Ilhotas situadas em distância de uma légua ao norte do Estreito e em frente a Praia de Fora. O último sinal que se faz de naves, que fecha barra do norte demanda o ancoradouro da capital, é de haver passado ao sul dos Guarazes.

Guarda – Paragem à margem direita do rio Tubarão, 5 mil braças acima do local onde está assentada a freguesia de N. S. da Piedade.

Guarda – (Ponta da) Demora um pouco ao sul da ponta de Camboriú.

Guarda da Barra Velha – Sítio a duas mil braças ao norte da foz do rio Araranguá.

Guarda Velha – Morro que faz parte da Serra do Trombudo, entre o Mato deste nome e o Costão do Frade.

Guardilheira – Serra que por este nome é vulgarmente conhecida no município de Lages. Parece corrupção do termo cordilheira, a Serra Geral que se prolonga norte-sul pelo território desta e outras províncias. Muitos conhecem por esta denominação a Serra dos Macacos, assim que atravessa de sueste a noroeste o município de Lages, indo terminar perto desta cidade.

Guarita – Rochedo ponte agudo que surge na baía de S. Miguel defronte do arraial dos Barreiros. Desde esta espécie de coluna granítica até a praia há um recife com mais ou menos água, que as embarcações, embora de pequeno calado, devem evitar.

Guarita – (Ponta da) A 120 braças ao norte da praia da Terceira no distrito da freguesia do Ribeirão.

H

Herval – Vasta extensão de campo ou Tabuleiros cobertos de erva-mate entre a várzea dos Pinheiros e a margem direita do rio Tijucas na antiga estrada de S. Pedro de Alcântara no município de Lages. A excelente qualidade desta espontânea produção tão apreciada pelos americanos e a facilidade de seu fabrico e condução, a tornará, quando entre os catarinenses de desenvolver o espírito de associação, um ramo de comércio que dará consideráveis lucro e fará avultar a renda pública. Há outros hervaes de mais ou menos por quase todo o município de Lages e nos de S. José e Laguna.

I

Ibyraquera (Ibiquaquera) – Vide Ybiquaquera.

Iguassú – Vide Yguaçú

Igy (Igi) – Morro que se avança para o oceano, e dista 4 milhas ao norte da barra da Laguna. Apresenta a configuração de um machado: daí a palavra indígena porque é conhecida.

Ikiryim (Ikirim) ou Inkiryim (Inkirim) – Serreta, ao norte da qual passa por uma quebrada a linha divisória entre o território de S. Francisco desta Província e o de Guaratuba da província do Paraná.

Ilha do Andrade – Jaz ao Noroeste do Pesqueiro Penedo na baía do Desterro, e perto da costa que garante a falda do Cambirela. Por sua pequena extensão é antes uma ilhota.

Ilha de Antônio Afonso – Está situada na ribeira do Araquari pouco mais de duas milhas acima da barra, não longe da embocadura do rio dos Pinheiros, que lhe fica ao sul.

Ilha do Badejo – Ilhota granítica na costa oriental da ilha de Santa Catarina, ao norte de Mata Fome.

Ilha Bela das Garoupas – Situada paralelamente com a freguesia de Porto Belo oferece um seguro e cômodo abrigo aos navios de qualquer lotação. A sua extensão é de 700 braças de comprimento e 250 na sua maior largura, distando 400 braças da costa. Este canal é muito fundo principalmentè a uma distância de 100 braças da ilha. No boqueirão formado por esta e o continente a 8 ou 10 braças da ponta de leste há uma laje encoberta que se deve evitar ao entrar no fundeadouro. Na costa de fora da ilha a 50 braças ao mar existe uma laje alagada e outra na distância de 20 braças apenas ambas visíveis pela rebentação. Esta ilha que bem merece o nome,

que lhe dão possui boas terras de cultura, espessas matas, alguns pastos de criar e nascente de excelente água potável. As suas costas abundam o melhor peixe, e as praias estão sempre matizadas de conchas e caramujos de variadas formas e cores. Aqueles que ignoram seu poético nome substituem-no pelo de ilha de João da Cunha, um de seus proprietários.

Ilha do Braço – É formada por um braço do rio Cubatão do Norte e tem mais de meia légua de diâmetro. Está compreendida no território de S. Francisco Xavier de Joinville

Ilha das Cabras – Ilha na baía de S. Miguel, ponteira ao sítio denominado Serraria, e não longe da costa.

Ilha do Caçã – Demora ao oriente da ilha dos Remédios na costa meridional da ilha de S. Francisco, e é um abundante pesqueiro. Há outra do mesmo nome na Baía de Babitonga, perto da ilha de Maracujá.

Ilha Cândia – Situada ao nordeste da Ilha Grande no rio de S. Francisco.

Ilha dos Cardos – Jaz esta ilhota no meio do canal da barra do sul da capital, 1000 braças ao norte-noroeste da ponta dos Naufragados. Os navios devem passar junto desta ilhota ou muito aproximados do lado de oeste, ou do lado de leste com resguardo de 30 braças, por existir uma coroa.

Ilha da Casca – Em frente a embocadura do rio Maruí, na baía de S. José. Houve tempo em que esta ilha, apesar de suas boas terras, não foi cultivada por causa dos répteis venenosos que a infestavam.

Ilha do Cego – No rio Pirabeiraba, 500 braças acima de sua foz.

Ilha das Claras – Demora ao sudeste da do Corisco no rio de S. Francisco. Tem um cemitério que serve em quadras de epidemia.

Ilha Comprida – Situada na ribeira do Araquai ao oriente da de Antônio Afonso. Há outras na província com a mesma denominação.

Ilha dos Corais – Demora ao sul da extremidade meridional da ilha de Santa Catarina em uma distância de 5 milhas, e 3 ao sudoeste da Pinheira no continente.

Ilha das Flores – Ao sul da de Mandejituba no rio de S. Francisco. Tem um bom porto, e excelentes terras de plantio.

Ilha Grande – Acha-se situada em frente a ponta de Estaleiro, no distrito de Imaruí.

Ilha Grande – A maior do grupo de ilhas que a formaram a ribeira de S. Francisco e a oeste-sudoeste da cidade de N. S. da Graça. Com o mesmo nome existe outra neste rio para o lado da Três Barras.

Ilha Grande – Vide Ganchos

Ilha do Inferno – No fundo da ribanceira de S. Francisco e próxima à sua margem oriental.

Ilha das Laranjeiras – A 400 braças ao norte-noroeste da ilha da Garcia e a 100 braças da costa. Não excede de 50 braças de extensão.

Ilha do Largo – Demora duas milhas a frente da fronteira do arraial da freguesia do Ribeirão na baía do Desterro (em 27° 42' 26" da latitude sul e 5° 26' 3" da longitude oeste do Meridiano do Rio de Janeiro). Por decreto da Assembléia Provincial nº 497, de 22 de maio de 1860 foi autorizada a presidência a despender a quantia necessária para levantar aqui um farolete, que guie os navios da barra do sul ao porto da capital, do qual dista esta ilha duas léguas e meia ao sudoeste. A leste desta ilha há uma laje alagada que se deve evitar dando de resguardo de um comprimento da mesma ilha. A sua extensão é de 120 braças de comprimento sobre 60 de largo.

Ilha Leopoldina – Jaz ao sudoeste da Ilha das Flores no rio de S. Francisco em frente a ponta do Estaleiro.

Ilha dos Lobos – Está situada uma légua ao norte da barra da Laguna. Projeta-se estabelecer aqui os armazéns de depósito para o carvão de pedra que se trata de extrair das jazidas do Passa Dois no distrito de Tubarão.

Ilha dos Lobos – Ilhota vizinha da Itapetinga a sueste da barra de Araquari.

Ilha do Malcomtodos – De terra baixa com meia légua de comprimento e pouca largura, jaz na ribeira de Araquari em frente a foz do rio Paranaguá-mirim. Esta ilha pertence a um indivíduo, que durante a sua vida sustentou muitos litígios com diversos, e por isso a apelidaram Malcomtodos. Entretanto a despeito do juízo dos homens pode que esteja bem com Deus; porque a tradição assegura que ele antes de morrer, procurou reconciliar-se com seus inimigos, e pediu sepultura humilde à entrada do Templo, para que todos lhe calcassem a terra.

Ilha do Mel – A mais amena e importante das que existem no majestoso do rio de São Francisco. Está situada quase em frente a barra da lagoa Saguacú, com 1500 braças de comprimento sobre 400 de largo. É bem cultivada, abunda de árvores frutíferas e possui alguns prédios. Desta ilha começa o braço denominado ribeira do Araquari que forma a barra do norte do rio de São Francisco.

Ilha dos Noivos – Ilhota ao norte da ponta do Elias, e pouco distante da praia. O naufrágio de uma canoa, que do lugar da Serraria, conduzia para a Igreja paróquial de S. José o séquito de um casamento, sobrando felizmente os noivos e seus convidados sobre a costa hospitaleira desta pequena ilha, deu-lhe o nome que tem perpetuado este sucesso.

Ilha dos Patos – Nome primitivo da ilha de Santa Catarina.

Ilha da Paz – Situada ao nordeste da ilha da Graça da qual a separa um pequeno canalete, em frente a costa

setentrional da ilha de S. Francisco Tem mais de 500 braças de expansão. É alta possui grandes matas, bons terrenos de cultivo e água potável. Aqui existe uma Armação de pesca de baleia, suplemento da do Itapocoroi.

Ilha do Pirata – Pequena ilha que demora perto da do Veado. É a mais setentrional do grupo que se acha não longe da costa da ilha de S. Francisco entre as pontas do morro da Enseada e de João Dias. Não oferece porto algum no costão de rocha que a circunda.

Ilha das Pombas – Perto da costa ocidental da ilha de Santa Catarina no canal meridional entre esta e a terra firme, ao sul da ponta de Caiacanga-açú, do que dista 600 braças. É de pequena extensão.

Ilha dos Ratos – Jaz a entrada da baía do Desterro, e em frente ao Estreito. Nela se acha o grande depósito de carvão de pedra para fornecimento dos vapores de Guerra. Os navios que demandam o ancoradouro devem passar ao poente desta ilha, guardando uma distância de 30 braças pelo menos, para evitar o recife. Os iates e ainda embarcações maiores podem velejar entre a ilha e a Ponta Alegre, onde o canal oferece fundo deficiente.

Ilha dos Remédios – Demora ao oriente da barra do Araquari uma légua. Possui boas matas e terras de cultura, oferecendo um pequeno porto e abrigo aos navios.

Ilha do Roda – Ilhota situada entre a ponta do cedro e a Enseada de Brito.

Ilha de Santo Antônio – Sobre o rio Uruguai acima das cachoeiras da Fortaleza e do Tigre, e ao ocidente da embocadura do rio Chapecó no distrito do Campo de Palmas.

Ilha de São Francisco de Paula – Situada em frente a Canavieiras no lado setentrional da ilha de Santa Catarina. Possui uma nascente de água potável e algum arvoredado, a cuja sombra se abrigam os pescadores na estação calma. Dista 600 braças da costa.

Ilha do Veado – Ao nordeste da ilha da Paz, de pequena extensão e coroada de palmeiras de Gerivá. Sua costa granítica não oferece porto.

Ilhas do Silva – Grupo de pequenas ilhas perto da costa da ilha de S. Francisco na ribeira deste nome.

Ilhota – Ilhéu granítico de figura circular de frente do antigo forte de Santa Bárbara, no porto da cidade do Desterro.

Ilhota – Situada perto da costa do continente na baía do Desterro, um pouco ao norte do Saco de José Francisco.

Ilhota – No rio Itajaí-mirim 17.600 braças acima de sua barra.

Ilhota – Sítio ao norte da ponta da Tapera no distrito de Camboriú. Adaptou este nome da pequena ilha que lhe fica fronteira.

Ilhota dos Pinheiros – Situada sobre o rio Itajai no lugar denominado Volta dos Pinheiros. 13.400 braças acima do arraial da Vila. A sua extensão é de 80 braças de comprimento sobre 20 de largo.

Imaruhy (Imarui) – Freguesia do município da Laguna assentada sobre a margem setentrional da lagoa de que recebe o nome. Foi criada pela Resolução da Assembléia Geral sob proposta do Conselho da Província de 23 de março de 1833, sendo presidente o benemérito catarinense Feliciano Nunes Pires. Os seus limites são: ao norte os da freguesia do Mirim; ao sul os da de Bom Jesus do Socorro; a este a lagoa, e a oeste a cordilheira que neste lugar toma a denominação de Serra de Imaruí. A sua igreja matriz dedicada ao Glorioso. Precursor teve por seu primeiro pároco colado o Reverendo Antônio Nunes Barreto. A povoação é bem edificada sobre um local vistoso que se estende à grande distância. Possui uma aula pública de instrução primária para cada um dos sexos. As terras são férteis e muito usadas para plantação da mandioca, que faz o seu principal artigo

de lavoura. A lagoa que as banha fornece-lhe peixe com abundância. Esta paróquia pertence ao colégio eleitoral da Laguna, ao qual manda eleitores. A população sobe a 6.055 habitantes com 863 casas; e no ano de 1862 o seu movimento foi de 196 batizados e 28 casamentos. Dista 3 ½ léguas ao noroeste da cidade da Laguna, e 19 ao sudoeste da capital.

Indayá – Lugarejo compreendido entre os rios Sequeiro e Capivarí no distrito da Pescaria Brava.

Inferninho – Rio quẽ tendo suas nascentes nos morros situados ao norte do Biguaçú, atravessa a estrada e vai fazer barra junto a ponta de Jordão 4 milhas ao sul da foz da Tijucas-Grandes e perto do arraial dos Ganchos. A distância de uma légua acima da embocadura deste rio está a passagem aqui recentemente substituíram o nome pouco invejável que possuía de Pouso Alegre. O seu curso é de 5 léguas.

Inferninho – (Baía de) Enseada de pouco fundo formada pela ponta dos Ganchos de Dentro e o pontal da barra de Tijucas.

Iraty (Irati) – Confluente do rio Iguaçú, deságua na margem esquerda deste e uma lagoa abaixo do salto.

Irihú (Iriú) – Rio que corre paralelamente com o Cubatão em distância de um quarto de légua, e deságua na baía do Desterrô, ao norte daquele, e ao sul da ponta do Araçá. É fundo e sujeito ao fluxo e refluxo da maré em toda a sua extensão, prestando-se a navegação de canoas e pequenos iates. Na sua embocadura há um canaleta de 200 braças de comprimento, que o comunica com o rio Cubatão, servindo muito quando a barra deste último fica obstruída na baixa mar. A povoação que existe na sua foz e margens pertence à paróquia de S. José, de cuja cidade dista 1 ½ légua. A palavra Iriú tem a sua radical no termo brasílico Iriri, que exprime concha ou ostra chamada de mergulho que se cria no álveo do rio.

Irihú (Iririú) – Despeja na margem direita do rio de S. Francisco meia légua acima da barra da lagoa de Saguaçú.

Itacolumy (Itacolomi) – Ponta de terra continuada por um recife e formando com a de Capotera o Saco do mesmo nome no distrito da S. S. Trindade. Esta palavra composta de duas do idioma indígena significa pedra pequenina ou menino de pedra. Vulgarmente pronuncia-se Itacolumi.

Itacolumy (Itacolomy) – Grupo de pequenos rochedos que jazem a duas milhas ao norte da Ilha Feia da Penha. Distinguem-se muito ao longe pela sua alvura.

Itacolumy (Itacolumi) – Ilhota fronteira à ponta da Itaperurá e ao sueste da Ilha das Araras. Dista 700 braças da costa, e 3 léguas da barra da Lagoa.

Itaguaçú – Ponta do continente sobre a qual assentam grandes penedos ao ocidente da cidade do Desterro, formando com a ponta de Marudo a baía de S. José, continuação da capital. Este termo quer mesmo dizer penedo.

Itaguassú (Itaguaçú) – Ponta de terra um pouco ao sul do morro de João Dias na ilha de S. Francisco.

Itaguassú (Itaguaçú) – Ponta de rochedos ao oriente do sítio denominado Quilombo na margem ocidental da lagoa de Vila Nova.

Itahiguassú (Itaiguacú) – Rio procedente das vertentes do Morro Grande, e uma das origens da lagoa de Saguaçú.

Itahy-mirim (Itaí-mirim) – Confluente do rio Itaiguacú é derivado da mesma origem.

Itahym (Itaim) – Continuação dos rios Itaiguassú e mirim, é também conhecido pelo nome de Saguaçú.

Itajahy (Itajai) – Vila destinada sobre a margem direita e pouco acima da foz do rio do mesmo nome, 18 léguas ao norte da capital. A sua paróquia, cuja matriz é consagrada ao S.S. Sacramento foi criada pela Resolução de

12 de agosto de 1833 sob proposta do Conselho Geral da província, sendo presidente Feliciano Nunes Pires. Elevada à categoria de Vila por Decreto nº 464 de 4 de abril de 1859 ficou constituindo um município que compreende a sua freguesia a de N. S. da Penha de Itapocoroí, S. Pedro Apóstolo e N. S. do Bom Sucesso de Camboriú, tendo por divisas ao norte a ponta do Jaques; ao sul o morro do Boi; a este o oceano e a oeste a Serra Geral. O termo de Itajai foi elevado a categoria comarca por Decreto Provincial nº 603 de 23 de abril de 1868. A população total do município é de 12.460 habitantes, sendo 11.625 livres e 835 escravos. O seu território é muito fértil e abunda de rios, madeiras de construção, que exporta em grande escala. As vantagens de seu rio navegável com excelentes portos, e a vizinhança das colônias Blumenau, Brusque e Príncipe D. Pedro, além de outras circunstâncias peculiares, tem dado considerável incremento no seu comércio e auguram-lhe esperançoso futuro. O seu clima é geralmente temperado, e mais salubre a proporção que se aftas do litoral, o que torna este torrão muito apropriado para a colonização, que aí prospera visivelmente. A sede da Vila está em um terreno baixo e úmido, porém a uma distância de 200 braças rio acima, as ribanceiras elevam-se oferecendo lindas situações de uma ou outra parte. Possui duas escolas públicas de primeiras letras para instrução da mocidade; uma mesa de vendas gerais e uma coletoria provincial, muitos armazéns de depósito de gêneros e casas de negócio bem sortidos. O porto é freqüentado por navios procedentes das províncias do Império e do estrangeiro. Os limites da paróquia são: ao norte o rio Gravatá, ao sul o morro do Canto da Praia; a oeste os da freguesia de S. Pedro Apóstolo, e a Serra Geral; e a leste o oceano. Concorre com 5 eleitores ao Colégio Eleitoral de S. Sebastião. A população da freguesia compreendida a da colônia Brusque consta de 4.167 almas com 1005 ca-

sas: e no ano de 1862 celebrou aqui 159 batizados e 24 casamentos, sendo a mortalidade apenas de 27 pessoas. A palavra Itajai composta de três do idioma brasileiro parece exprimir: pedra de configuração de calcanhar sobre o rio.

Itajahy (Itajaí) – O maior rio da província de Santa Catarina, e também o mais importante de suas vias fluviais. Nasce em território do município de Lages a oeste da grande Cordilheira, nos Sertões compreendidos entre o rio Negro e o Canoinhas: corre na direção de este, atravessa a estrada que segue de Lages à província do Paraná, precipita-se ao depois por um estreito e profundo vale aberto na Serra que toma o seu nome, e havendo recolhido muitos tributários consideráveis vai lançar-se no oceano, formando uma grande bacia ao norte da Ponta da Cabeçada, e morro da D^a Felícia em 26° 54' 41" de latitude meridional, e 51° 8' 0" de longitude ocidental do observatório de Paris. Os navios de maior câlado chegam muito além de uma légua acima de sua barra, e a marê sobe até a confluência do rio Luís Alves. As terras banhadas por este rio são de suma fertilidade; e por suas margens deixam ver importantes estabelecimentos agrícolas com engenhos de serrar e de docagem movidos por água, além de outros muitos de açúcar e farinha. A sua exportação é considerável. Este majestoso rio não tinha sido ainda devidamente explorado, do que resultou por muito tempo opiniões diversas à cerca de seu curso e dos volumosos braços que o engrossam. Em cada um dos mapas ou plantas que existem deste rio há uma diferença extraordinária, o que tem induzido a erro a quantos se hão baseado em autoridades tão dissidentes. A exploração intentada pelo intrépido capitão João Ricardo Pinto, o qual margeando o rio, que passa com a denominação de Itajai na colônia militar de Santa Teresa e corre ao rumo do norte, desce até entrar no grande Itajai, veio convencer-nos de que aquele rio demais de 30

léguas de extensão não era o de Itajai-Mirim, como entendeu o engenheiro Van-Lede, nem o Itajai, propriamente dito, como julgaram outros, passem um Braço do Sul do Itajai-Grande, o qual depois de receber em sua margem esquerda outro Braço, chamado do Oeste, vai desaguar então na margem direita do Itajai, o qual traz sua origem da Serra Geral como fica dito. Este grande rio acha-se mapeado em uma extensão superior a 30 léguas (92.850) braças, porém o seu curso total excede de 50 léguas. As florescentes colônias que já existem, e outras que se vão estabelecendo nas margens fertilíssimas deste rio e de seus numerosos afluentes, prometem um futuro de riqueza e prosperidade, e o primeiro lugar na indústria agrícola e comercial da província. Este rio tem um considerável número de tributários, entre os quais o rio dos Índios ultimamente explorado. Também lhe dão o nome de rio São Paulo.

Itajahy (Itajai) – (Braço do sul do rio) Grande confluente do rio Itajai pela sua margem direita. Nasce no tronco principal da Serra que se levanta ao sul da Boa Vista, banha o território da colônia militar de Santa Teresa atravessando a estrada que vai da capital ao município de Lages, corre a rúmo de norte, e depois no de nordeste; recolhe na sua margem esquerda o Braço de Oeste do Itajai, e depois de perfazer um curso de mais de 30 léguas lança-se na margem direita do grande Itajai 29.000 braças acima da embocadura do rio do Benedito, que lhe fica na margem oposta é a 25 léguas do oceano ou 74.850 braças a oeste do Arraial da Vila acompanhando o curso do rio. Tem também por tributários o rio do Braço da Serra, o rio da Boa Vista e da Serra da Raiz, além de outros menos consideráveis.

Itajahy (Itajai) – (Braço do oeste do) Este rio tem origem nas vertentes orientais da Cordilheira, o qual depois de um pequeno curso por sobre a encosta da Serra, despenha-se com grande inclinação para os vales e vai

fazer barra na margem esquerda do braço do sul do Itajai, 14.000 braças antes da confluência deste no Itajai Grande.

Itajahy-Mirim (Itajaí-Mirim) – Tem a sua origem na Serra que se prolonga entre o braço do sul do Itajai, ao ocidente, e o rio Tijucas Grandes ao oriente, e segue a rumo de nordeste por uma extensão de cerca de 20 léguas com suas muitas e amiúdados voltas até desembocar na margem direita do Itajai Grande, 2.850 braças acima da sede da Vila. Da navegação até 10 léguas, porém com muitas voltas que fatigam, tornando-se para seus moradores mais cômoda a viagem por terra quando tem de subir contra a violência de sua correnteza. Nos terrenos compreendidos entre a margem direita deste rio e a do ribeirão do braço do norte do Tijucas acaba de fundar a colônia Príncipe D. Pedro, composta de irlandeses católicos.

Itamirim – Morro que se levanta entre os de Itaguaçu e da Enseada perto do canaleta da Lagoa Acaraí da ilha de S. Francisco.

Itapacoróy (Itapocoroí) – Magnífica enseada formada pelas pontas de terra denominadas da Armação e das Piçarras, com 3 milhas de diâmetro e muito funda para ai ancoraram navios de qualquer lotação. Todavia existem ai algumas lajes e recifes, dos quais a maior parte se descobre pela arrebentação do mar; e neste Dicionário vão determinados com o prefixo Laje – O ancoradouro deste porto, mais abrigado dos ventos do mar é seguro, é em frente à casa grande da Armação a uma distância de 250 braças mais ou menos da praia. Esta enseada no seu interior oferece oito braças de fundo e dez mais fora. Os navios que demandam o ancoradouro podem aproximar-se da ponta da Armação 120 braças, atendendo porém que entre esta ponta e a Ilha Feia a rumo de noroeste Quarta de leste acha-se uma laje coberta com duas braças de água. A antiga Armação de que ain-

da resta uma capela dedicada a S. João Batista, alguns edificios de morada, armazéns e engenhos está situada sobre uma aprazível colina, que domina toda a angra e os mares que a vista além alcança a norte, leste e sul. Este ameníssimo torrão dotado de suma fertilidade, e excelente água potável, colocado entre dois grandes rios, o Itajai e o Itapocú, com um porto magnifico para embarcar madeiras de gêneros de mantimentos, livre das inconvenientes das areias dos rios, e participando de todas as vantagens destes, parece destinado pela natureza para uma grande capital.

Itapacoroy (Itapocoroi) – (Ponta de) Entra pelo oceano rumo a norte-noroeste e sul-sueste com a ilha do Arvoredo da qual dista perto de 36 milhas. É também conhecida pela denominação de ponta de Cantagalo. A uma milha ao mar a rumo do nordeste há uma laje que na maré baixa de divisa a lume d'água pela arrebentação. O termo Itapocoroi composto de outros da lingua brasileira significa: pedra que se avança para o mar. Está em 26° 47' de latitude Sul e 51° 6' de longitude oeste do Meridiano de Paris.

Itapacoroy (Itapocoroi) – (Freguesia de) Vide N. S. da Penha.

Itapema – Pequena ponta de terra no fim da extensa praia ao norte de Porto Belo.

Itaperiú – Ribeirão que se lança na margem esquerda do rio Itapocú, mais de duas milhas acima da confluência do Itinga e uma abaixo da embocadura do rio Cardoso, ambos tributários daquele.

Itapera – Sítio ao sul da ponta de Canguari no porto ocidental da lagoa de Vila Nova.

Itapera – Afluente pouco considerável do rio Araranguá.

Itapera – Ribeirão que deságua ao norte do morro Sirí.

Itapera – (Ponta de) Forma a Enseada das Garoupas ao norte do Porto Belo. Esta palavra significa pedra chata.

Itapiruvá – Morro sobre a costa oriental da Laguna, o qual forma uma ponta distante quase 3 léguas ao norte da barra daquela cidade.

Itapitinga – Ilhota fronteira ao pontal do norte da barra do Araquarí, e próxima à ilha dos Lobos entre as quais há um fundo de 5 braças, e de 9 entre estas e a terra.

Itapitingas – (de norte) Grupos de pequenos rochedos na baía de S. Miguel, à meia légua da costa, e em frente à foz do rio Quebra-cabeça.

Itapitingas – (do sul) Grupo de alvas pedras mais ou menos redondas situadas na baía de Desterro à uma légua de distância do porto, e meia da ponta de Caiacanga-mirim. Aqui começa o baixio que vai até a praia para o lado da ilha. Esta palavra significa no idioma indígena Pedras Brancas.

Itapocú – Rio que tem as nascentes nas Serras de Icomba e Jararaca na Cordilheira: corre em seu princípio a rumo de norte sul, e depois leste oeste. Recolhe em seu leito as águas de vários rios e ribeirões que oferecem navegação a canoas até que deságua no oceano, depois de formar duas lagoas: a da Cruz que se estende para o norte, e a que tem o seu nome ao sul. É largo e profundo, e a 5 léguas da sua foz dá uma pequena queda ou salto de um pé de extensão, que chamam Saltinho; e outra maior denominada Salto Grande na vizinhança da embocadura do ribeirão deste nome. O seu curso é de mais de 16 léguas. A sua barra é perigosa por causa de banco de areia e ressaca de mar. Suas terras porém são ubérrimas, e dão grande exportação. Este importante rio é a divisa territorial entre as freguesias de Paratí e Barra Velha do município de S. Francisco. A expressão indígena Itapocú equivale a Pedra Comprida.

Itapocú-mirim – Afluente de Itapocú, que também tem origem na Serra Geral. É navegável por canoas até uma distância de 5 léguas desde sua embocadura.

Itapocuzinho – Ribeirão que deságua no Itapocú em distância de meia légua acima do rio dos Defuntinhos.

Itaqui – (Ponta do) Dista 850 braças ao sul da sede da Freguesia da Lapa do Ribeirão.

Itaupaba – Sítio onde termina a navegação do rio Araranguá 3 léguas acima de sua barra.

Itaupaba – (Rio da) Nasce na Serra de Jaraguá, e correndo ao sul vai despejar na margem esquerda do Itajai, 1.150 braças abaixo de Salto.

Itaupaba – Cachoeira do rio Cubatão nas imediações das Caldas da Imperatriz. Esta palavra significa Pedras onde o rio forma queda.

Itinga – Rio que deságua na margem direita do Tijucas Grandes, uma légua acima da barra deste. O seu curso excede de 4 léguas a rumo de nordeste.

Itinga – Ribeirão tributário do rio Itapocú pela margem direita a distância de uma légua da sua foz.

J

Jaguarihú (Jaguaruiú) – Corre este rio em direção leste-noroeste, a desaguar na margem direita da Cachoeira no sítio denominado Porto da Colônia, na freguesia de S. Francisco Xavier de Joinville.

Jaguaruna – Lagoa situada a 1000 braças ao sul da margem direita do rio Congonhas, com o qual se comunica com um sangradouro de 1270 braças de extensão. É de configuração quase circular com meia légua de diâmetro e 7 a 12 palmos de fundo. Dista do oceano 5.000 braças: suas margens são fertilíssimas, e conta uma povoação crescente e laboriosa, que faz parte da freguesia de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. A palavra Jaguaruna compõe-se de duas indígenas, e quer dizer Onça-preta.

Jaraguá – (Serra de) Destaca-se da Cordilheira, prolongando-se entre os municípios de Itajai e S. Francisco. As suas vertentes alimentam muitos rios.

Jaraguá – Rio que encaminhando-se ao poente da Serra deste nome, lança-se na margem direita do Itapocú.

Jararaca – (Morro de) Eleva-se sobre a estrada de Lages e oriente do morro de Itajai, e da colônia de Santa Teresa. Na sua aba ocidental corre um arroio que adota o mesmo nome.

Jararaca – Ribeirão que atravessa a estrada que de Imaruí vai ao município de Lajes e entra na margem esquerda do rio Tubarão, depois de percorrer perto de 3 léguas.

Joáia – Porto na margem esquerda do rio Tijucas-Grandes, três quartos de légua acima da barra, onde os iates vão carregar por ser muito fundo, a ai dar a estrada que desce do centro de freguesia.

João Dias – (Morro de) Jaz na parte mais setentrional de Ilha de Santa Catarina em 26° 6' de latitude sul e 51°

4' de longitude oeste do Observatório de Paris. Dista 2 ½ léguas da cidade de N. S. da Graça.

João Paulo – Este rio é formado pelas águas dos rios do Trombudo, Ponte Alta, Bom Retiro e Santa Clara, e atravessando a estrada que conduz à Lages, faz barra na margem direita do rio Canoas. O seu passo onde dão muito altas as suas ribanceiras dista 5.800 braças do caminho ao poente do passo de Santa Clara, e 12 léguas ao nascente da cidade de Lages.

Joaquim Rabello – (Rio de) Deságua na enseada de Porto Belo ao lado oriental da freguesia. É de pequeno cabedal.

Joinville – Vide S. Francisco Xavier.

Jordão – Confluente do rio do Garcia no território da colônia Blumenau.

Jordão – (Ponta do) Ao norte da povoação dos Ganchos, no lugar onde entra no oceano o rio do Inferninho. Dista 4.000 braças ao sul da barra do rio Tijucas-Grandes.

José Coelho – Fazenda situada a 7.600 braças ao oriente da cidade de Lages e 1.400 ao ocidente da entrada do campo de Lages ao saber da Serra dos Macacos. É uma das mais belas situações dos arrabaldes daquela cidade central.

José Dias – (Ilha de) Acha-se na ribeira do Araquari de frente do embarcadouro do rio das Areias-Grandes.

José Mendes – Agradável subúrbio da capital com excelente praia para banhos a 500 braças ao sul da mesma cidade.

Juncos (Rio dos) – Entra no rio de S. Francisco um quarto de légua ao sul do Pirabeiraba.

Jundiá – Faz barra na margem esquerda do Araranguá, uma milha acima da confluência do rio de Mãe Luzia. Reste ribeirão tem de 6 a 7 braças de largura, porém com pouco fundo, pelo que se pode ser navegado por canoas em uma pequena parte de seu curso.

Juruquiçava – Ilha situada em frente a costeira do Frias no rio de S. Francisco. Outros lhe dão o nome de Guaraquiçava.

Juruquiçava – Pequeno rio que entra na margem setentrional da lagoa de Saguacú. É também conhecido pela denominação de rio da Boa-Vista por contornar o morro deste nome, que se ergue defronte da povoação de Joinville.

Jururé-mirim – Vide Yjururé-mirim.

L

Laje da Balea (Baleia) – Deixa-se ver um pouco a leste do canal da baía de S. Miguel, na extremidade oeste do recife dos Guarazes.

Laje do Bomfim – Estende-se norte-sul por espaço de 30 braças na bacia do Itapacorói $\frac{1}{4}$ de légua oeste-noroeste do cruzeiro daquela Armação.

Laje do Macáo – Na baía do Desterro a 450 braças ao sul da ilha do Largo, quase leste-oeste com a igreja matriz da freguesia do Ribeirão.

Laje da Caiaganga-assú (açú) – Dista 750 braças do mar da ponta que lhe dá o nome no canal do sul.

Laje das Corcorócas – Este-noroeste da ilha do Largo. Esta laje e as duas antecedentes não estão balizadas, e por isso tem dado lugar a sinistros.

Laje Grande – Demora a uma distância de 1.500 braças da praia, em frente a capela de Itapacorói.

Lajé de Itapacoróy (Itapocoroi) – Divisa-se perfeitamente pela arrebentação do mar a 500 braças ao nordeste da ponta do Cantagalo.

Laje do Mero – Demora a 100 braças a este-sueste da ponta de Itaguaçú na baía do Desterro.

Laje Minhoqueira – Rochedo seguido de um recife de 500 braças na enseada de Itapacorói, 300 braças a oeste do cruzeiro da capela.

Laje Traçoqueira – Prolonga-se norte-sul por uma extensão de 50 braças a oeste-sudoeste da laje Minhoqueira em frente ao Arraial da Armação de Itapacorói.

Lajeadoinho – Sítio sobre a margem esquerda do rio Canóinhas na estrada que vai de Lages à província do Paraná. Aqui existe um núcleo da colônia nacional de empresa particular.

Lajeado do Cedro – Rio que deságua na margem direita e ribeirão do Passa Dois, entre os da Ponte Alta e do Areias no distrito de Tubarão.

Lajeado Grande – Confluente do rio Marombas pela margem direita, 5.000 braças abaixo da embocadura do rio dos Cachorros naquele.

Lajeado do Inferno – Despeja à margem esquerda do rio de S. João, duas e meia léguas ao sul da sede da Freguesia de Campos Novos.

Lajeado do Nascimento – Tributário do rio dos Patos, nasce nos fundos do campo do mesmo nome; e formando 3 braços, corre a desembocar à margem direita daquele rio, duas léguas acima do sítio em que o mesmo rio dos Patos faz barra no Correntes.

Lajeado da Porteira – Rio que atravessa a estrada que de Lages conduz a Curitiba, distando o seu passo uma légua ao norte do rio Caveiras, e 1.300 braças do da Ponte Alta.

Lajeado de Santa Bárbara – Banha o Campo do Figueiredo, e deságua na margem direita do rio Canoas.

Lajeado de Santa Catarina – Corre a oeste do lajeado de Santa Bárbara tendo como estas as outras nascentes na vertente ocidental da Cordilheira.

Lajeado da Sepultura – Aflui a margem esquerda do rio Passa-Dois 2.000 braças acima da confluência deste no rio Correntes. O seu curso é de 2 ½ léguas de nordeste a sudoeste.

Lajeado da Serra – Nasce nos morros que se estende entre os rios Caveiras e Canoas, 8.000 braças ao ocidente do passo deste último, na estrada que segue de Lages à Curitiba; e faz barra na margem esquerda do referido rio Canoas depois de percorrer uma extensão de 4 léguas. A embocadura do lajeado da Serra no rio Canoas jaz em 27° 32' 25" de latitude sul, e 50° 55' 15"

de longitude oeste do Meridiano de Greenwich. Com o prefixo de lajedado são conhecidos muitos dos rios e ribeirões do município de Lages, por correrem entre penedos.

Lages – Cidade situada além da Serra Geral no sertão da província em 27° 48' 44" da latitude sul, e 50° 28' 1" de longitude oeste de Greenwich, sobre a estrada que comunica a província do Paraná com a de S. Pedro, a 36 léguas ao poente da capital de Santa Catarina, aqui ficou pertencendo pelo Alvará de 9 de setembro de 1820. A sua povoação data do ano de 1767, em que alguns paulistas assentaram morada nas adjacências dos rios Caraá e Caveiras, onde o solo era muito fértil, e edificaram uma capela que dedicaram à N. S. dos Prazeres, cuja denominação conservou este lugar por muito tempo. Foram estes primeiros passadores obrigados a defender o novo estabelecimento das agressões dos indígenas selvagens; e com o auxílio das armas de fogo os derrotaram em vários encontros pondo-os em lugar, até que em 1771 mandou o Governador e Capitão General de S. Paulo, D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, o português Antônio Correa Pinto, aquém nomeou Capitão-mor regente, criar esta Vila de conformidade com as Instruções Régias de 26 de Janeiro de 1765, o que se realizou em 22 de maio de 1771, dado-se-lhe o nome de Vila de Lages. Quase pelo mesmo tempo foi-lhe conferido o título de paróquia sob a antiga invocação de N. S. dos Prazeres, sendo nomeado seu primeiro vigário o Rev^o Paulo Severo. Sabe-se que anteriormente a esta época havia em Cajurú, 4 léguas ao sul da Vila, uma ermida onde se celebrava o Augusto Sacrifício da Missa, e se administrava o sacramento do batismo. Ignora-se porém se estes atos eram feitos por sacerdote competentemente profissional, ou de por ai passasse, ou residisse temporariamente. Em 14 de novembro de 1788, governando a província o Major José Pereira Pinto, teve

princípio a abertura de uma estrada para comunicação entre a ilha de Santa Catarina e esta Vila, sendo arrematada a construção da mesma até a Serra do Trombudo (por pertencer então a outra parte do governo de S. Paulo) pelos capitães Antônio José da Costa e Antônio Marques de Arzão por a quantia de 9.600/000. Por Alvará de 9 de setembro de 1820, como ficou dito, foi desanexado da província de S. Paulo para pertencer a de Santa Catarina a Vila de Lages com todo o seu termo, cujo território estava compreendido entre a Serra Geral e os rios Negro, Iguaçu e Uruguai-mirim ou Pelotas. Durante a revolução da província do Rio Grande do Sul a Vila de Lages foi invadida pelas forças rebeldes, a primeira vez em 9 de março de 1838 sob o comando do vice-presidente da República José Mariano de Matos. A Segunda em novembro do dito ano por Antônio Ignácio Prestes, os quais também aí proclamaram a república em 11 de março de 1839. A 15 de novembro porém deste mesmo ano os bravos lageanos por uma reação bem combinada sacudiram o jugo do governo ilegal, reunindo-se-lhes o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, que atacando os rebeldes a 2 de dezembro, morreu na ação do passo de Pelotas. Em seguida ainda apoderou-se de Lages Teixeira à frente de 500 homens, o qual a 2 de fevereiro de 1840 foi destroçado por uma força legal sobre as margens do rio Marombas. Em abril deste ano o general Labatout com uma divisão de forças da província de S. Paulo penetrava na Vila de onde se retirou pouco depois, marchando para S. Francisco de Penha de cima da Serra. Em novembro e dezembro de 1840 a Vila de Lages sofreu uma nova invasão pelas forças de Bernardino e Joaquim Pedro Soares conservando-se aí os rebeldes até 11 de fevereiro de 1841 em que definitivamente a abandonaram. Desde então Lages desapontada das descensões civis, continuou a prosperar como na época anterior a estes acontecimentos. Seus campos reverdeceram,

a criação se multiplicou e seu comércio e indústria ganharam incremento considerável. Pelo Decreto Provincial nº 500 de 25 de maio de 1860 foi elevada esta Vãla a categoria de cidade, conservando a mesma denominação. É cabeça de comarca judiciária e eclesiástica, a qual compreende somente o seu município que é vasto compondo-se das freguesias da cidade, de N. S. do Patrocínio, de S. João de Campos Novos, de N. S. da Conceição dos Curitibanos e de N. S. do Amparo do Campo de Palmas. A população de todo o município não excede de 9.676 habitantes, sendo 8.180 livres e 1.496 escravos. O seu extenso território que apresenta uma área de 60 léguas de norte a sul, variando entre 30 a 50 de leste a oeste, consta na sua maior parte de vastos campos cortados de muitos e caudalosos rios que nascem e se despenham de suas altas Serrarias. Sumamente fértil o seu solo produz todos os frutos e cereais da Europa. A erva-mate, o tabaco, o pinheiro e muitas árvores de resina aqui nascem espontaneamente. O seu principal ramo de comércio e indústria é a criação do gado vacum, cavalari, muar, suíno e lanígero, de que abastecem a província e levam aos mercados da do Paraná. Preparam o fumo em rolo com tal esmero que tem toda aceitação. Fazem excelentes queijos que conduzem em surrões de couro ao mercado da capital e localidades intermediárias, aonde chegam muito perfeitos assim como as carnes de fumeiro. O clima é frio, seco e muito salubre, pelo que é este município visitado constantemente pelas pessoas, que sofrem principalmente do peito, regressando restabelecida e admirável robustez. Tem se testemunhado verdadeiros milagres em enfermos, em prol dos quais a ciência há esgotado todos os recursos. A cidade de Lages, ocupa uma bela e vistosa posição sobre um terreno acidentado, banhado pelas cristalinas águas do Caraá e pequenos ribeiros que o alimentam. Possui alguns edifícios bem construídos e elegantes chá-

caras que coroam as suas colinas. Aqui existe uma coletoria de rendas gerais e outras de provinciais em diversos pontos, assim como aulas públicas de instrução primária para cada um dos sexos. Centro de colégio eleitoral esta paróquia dá conjuntamente com as que lhe estão anexas 11 eleitores, segundo o antigo arrolamento. Os novos limites da freguesia de norte-sul dos Prazeres são: ao norte o rio Canoas até a embocadura do rio dos Índios; ao sul e oeste o rio Caveiras, e a leste a Cordilheira. A sua população é de 5.401 habitantes com 720 casas, compreendidos ainda os moradores da freguesia dos Curitibanos. No ano de 1862 tiveram lugar nestas paróquias trezentos e setenta e cinco batizados, cinqüenta e sete casamentos, não excedendo de trinta e três pessoas a sua mortalidade.

Lagoa - Freguesia graciosamente assentada sobre a margem esquerda do formoso lago que lhe deu o nome, e se estende paralelo com a costa oriental da ilha de Santa Catarina, por espaço de mais de duas léguas. Foi fundada no ano de 1750 pelo governador Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Sousa com alguns colonos açoritas, que aqui se estabeleceram na forma Provisão Régia de 9 de agosto de 1747, além dos nacionais, que já então habitaram este distrito, entre os quais conta-se a virtuosa D. Joana de Gusmão, que aqui residiu antes de ir fundar a capela do Menino Deus na cidade do Desterro. Esta freguesia extrema ao norte com a do Rio Vermelho, ao sul com o Ribeirão, a oeste com a da S. S. Trindade, e a leste como o oceano. Faz parte do município e colégio eleitoral da capital, da qual dista duas léguas, e dá 5 eleitores. A sua Igreja Matriz é dedicada a N. S. da Conceição, e foi seu primeiro pároco o Rev^o Manoel Cabral de Bittencourt. Este templo está edificado sobre uma eminência de onde se goza de uma vista encantadora, e é anualmente visitada por ocasião de romaria que aí se faz a Santo Amaro no dia 15 de janeiro, a qual concor-

rem devotos de todas as freguesias circunvizinhas e mesmo remotas. Uma capela filial dedicada a S. Sebastião foi ereta a expensa do povo no lugar denominado Rio Tavares. Possui uma aula pública de instrução primária para o sexo masculino e outra para o feminino. Cultiva os principais gêneros de lavoura da província, e com especialidade a lavoura de açúcar de que fabricam a melhor aguardente, café, algodão e linho. A sua lagoa é muito piscosa, e chega a mandar peixe para o mercado da capital. Conta uma população de 3.103 habitantes, com 490 casas. Durante o ano de 1862 houveram aqui 117 batizados e 13 casamentos.

Lagoa do Anastácio – Vide Lagoa do Esteves.

Lagoa do Armazém – Está situada ao poente da lagoa do Camacho com a qual se comunica por um grande canal de 400 braças de largo, recolhendo também águas do rio Congonhas. A sua extensão é de 2.300 braças de comprimento e $\frac{1}{2}$ légua de largura. O seu fundo regula de 7 a 10 palmos: dista do oceano 600 braças. Na sua margem meridional está o porto chamado de Armazém. É muito piscosa esta lagoa, e também é conhecida pelo nome de lagoa de Garopaba (do sul). Pertence ao distrito da Laguna.

Lagoa Bonita – Demora légua e meia a oeste da lagoa de Saguacú, engrossando com suas águas o rio Pirai-Piranga no município de S. Francisco. Tem duas milhas de comprido sobre $\frac{1}{2}$ de largo.

Lagoa de Caieira – Vide Lagoa de Manuel Dias.

Lagoa do Camacho – É quase circular com uma milha de diâmetro. Jaz ao oriente da lagoa do Armazém com a qual se comunica, e despeja no oceano por uma larga embocadura de meia milha de comprimento. O seu fundo é de 6 a 8 pés. Da parte de noroeste recebe as águas da lagoa de Santa Marta por um sangradouro de meia légua de extensão. Abunda de excelente peixe de que se refazem os moradores de suas margens.

Lagoa do Canto – Pequeno banhado ao sul do morro que tem o mesmo nome e serve de limite entre as paróquias de Camboriú e Itajai.

Lagoa de Carahy (Carai) – Esta linda lagoa está situada na ilha de S. Francisco: tem 4.500 braças de comprimento norte-sul. E 1.000 na sua maior largura. Dista paralelamente do oceano cerca de duas milhas, e por um canal na sua extremidade setentrional lança-se naquele, na enseada de Ubatuba, 300 braças ao sul do morro de Itamirim. É muito piscosa e por toda a extensão de suas margens tem moradores. O vulgo dá-lhe o nome de lagoa de Caraiú.

Lagoa de Caverá – Acha-se ao nordeste da lagoa do morro do Sombrio, com a qual se comunica por um sangradouro de quase uma légua de comprida. A sua extensão é de 4.000 braças, oferecendo um fundo de 20 a 25 palmos e de 8 a 14 na profundidade do sangradouro. Dista 2.400 braças do oceano. Quanto ao canalete, que dos banhados adjacentes conduz as águas a esta lagoa, denominado propriamente sangradouro do Caverá tem 2.000 braças de comprimento, 4 a 5 de largura e 10 a 15 palmos de fundo na parte navegável. As suas margens são habitadas, e seus moradores pertencem ao distrito de Araranguá. É abundante de pescado.

Lagoa de Cômoros – De pequena dimensão demora a 300 braças ao sul da lagoa Urussanga, distante do mar um quarto de légua.

Lagoa da Conceição – Esta plácida e pitoresca lagoa dividida em três partes desiguais, com uma ponte, parte de alvenaria e parte de madeira, lançada sobre o ponto mais estreito, acha-se situada horizontalmente com a costa oriental da ilha de Santa Catarina. Neste lugar de fadas, espelha-se minguante igrejinha paroquial com modestos edificios sobre as eminências de sua margem ocidental. Altos cômoros de alvíssima areia coroada de

relva e de humildes arbustos estão a planície que se interpõe entre a lagoa e o oceano. Tem 7.500 braças de comprimento sobre 1.600 na maior largura. É muito funda, navegável por grandes canoas, e cria saboroso peixe além de muitas espécies diversas, que lhe entra do mar por um estreito canal que a faz comunicar com o oceano de lado de nordeste, e que lhe dão o nome de rio da Lagoa. Em suma, em todo deste ameno sítio é uma magnífica paisagem, que não cede em beleza aos aprazíveis lagoas da Suíça.

Lagoa Correntes – No distrito da Laguna, pouco menos de duas léguas ao sudoeste da lagoa de Armazém, e correspondendo-se com o mar por um esteiro que recebe a mesma denominação. É de 300 braças de comprimento sobre 100 de largo e muito funda.

Lagoa da Cruz – Prolonga-se paralelamente com o oceano, do rio Itapocú para o norte, em uma extensão de 2.000 braças até formar barra, deixando uma ilha entre esta e aquele rio. Parece uma continuação da lagoa de Itapocú. A sua extremidade norte em direção ao morro da Cruz é a divisa da freguesia de Barra Velha, a que pertence, com a de Paratí.

Lagoa do Delfino – Situada duas milhas acima da lagoa Jaguaruna, e perto da margem direita do rio Sangão, com o qual se comunica, tem 200 braças de diâmetro.

Lagoa do Embahú (Embaú) – A duas léguas do oeste da foz do rio deste nome e sobre a margem direita, com uma légua de comprimento e meia de largura. Não se presta a navegação por ter obstruída a sua barra.

Lagoa da Estalagem – Está situada à 600 braças ao sul da lagoa Urussanga, e a igual distância do oceano. Mede apenas 300 braças de comprimento sobre 100 de largo, e por canaleta de um quarto de légua de extensão reúne suas águas ao pequeno sangradouro das Lagoinhas do Rincão Comprido, e entra no mar pelo mesmo conduto.

Lagoa do Estevão – Jaz ao nordeste da lagoa de Mãe Luzia e ao sudoeste da do Fachinal, correspondendo-se com ambas por um esteiro de 300 braças. A sua extensão é de pouco menos de meia légua de comprimento, e um quatro de légua na sua maior largura. Tem de 20 a 35 palmos de profundidade, e cria muito peixe. É também conhecida pelo nome de lagoa de Anastácio, um dos seus primitivos moradores.

Lagoa do Fachinal – Demora ao nordeste da lagoa do Estevão, e ao sudoeste das Lagoinhas, reunindo-se a estas por um canaete de um quarto de légua com muito pouco fundo. Resta lagoa tem 900 braças de comprimento sobre 500 na maior largura e de 15 a 30 palmos de profundidade.

Lagoa do Franco – Dista 700 braças ao nascente da lagoa de Mãe Luzia, comunicando-se com o rio que adotou seu nome, e o do Braz com a barra velhá do Araranguá. A sua dimensão é de um quarto de lagoa de dimensão e presta-se a navegação de pequenas canoas.

Lagoa do Freitas – Acha-se quase na margem esquerda do rio Mampituba e perto de sua barra pelo que se deve antes considerar um braço do mesmo rio. O seu comprimento é de 350 braças com pouca largura.

Lagoa de Garopaba – Situada a 2.000 braças de distância do oceano no distrito de S. Joaquim corresponde-se com o rio que tem a mesma denominação.

Lagoa de Garopaba – Vide Lagoa do Armazém.

Lagoa de Ibiraquera – Vide Ybiraquera.

Lagoa do Imaruhy (Imaruí) – Vide Lagoa de Santo Antônio dos Anjos.

Lagoa de Itapocú – Prolonga-se horizontalmente com a costa do oceano por uma extensão de duas léguas ficando uma língua de terra entre esta e aquele, desde o rio que lhe dá o nome até o sítio do arraial da Barra

Velha, por onde antigamente se comunicava com o mar, de cuja circunstância deriva-se a denominação da freguesia. Para esta lagoa conduzem em canoas os seus mantimentos os moradores das margens fertilíssimas deste rio até o porto da freguesia, de onde em carros transportam para os armazéns de embarque, e ai recebem os gêneros os navios que vão carregar no ancoradouro da Barra Velha. A barra do Itapocú que fica na extremidade norte da lagoa é muito perigosa. O porto de mar da freguesia da Barra Velha é preferível por ser formado naturalmente por um recife que se estende norte-sul a 100 braças de distância da costa, oferecendo um ancoradouro seguro para qualquer navio. Aqui dão fundo as embarcações, metem carga e esperam monção para navegar. Acontece as vezes esperarem aqui muitos dias, o que não deixa de ser transtorno para o comércio. A escavação e praticagem da barra de Itapocú é um melhoramento urgentemente reclamado, pois que sua exportação é em grande escala, principalmente no artigo farinha.

Lagoa Jaguaruna – Vide Jaguaruna.

Lagoa de Macacú – Apesar de muito estreita tem uma légua de comprimento e deságua ao sul do morro Siriú na freguesia de Garopaba. É abundante de peixe.

Lagoa de Mãe Luzia – Está situada a sudoeste da lagoa do Estevão, com a qual se corresponde por meio de um sangradouro de 240 braças de comprimento, duas apenas de largo e 3 palmos de fundo. A lagoa tem 700 braças de diâmetro e 25 a 30 palmos de fundo no seu interior. Dista 300 braças ao norte do braço de Araranguá denominado Barra Velha e um quarto de légua do oceano. É piscosa e muito navegado por grandes canoas.

Lagoa de Manoel Antônio – Sobre a margem esquerda do rio Pirai-Piranga, 1.000 braças acima do ribeirão Bonito.

Lagoa de Manoel Dias – A trezentas braças ao poente do Canto das Pedras da praia da Laguna, com 150 braças de comprimento e 50 de largura. É também conhecida pelo nome de lagoa da Caieira.

Lagoa do Morro Sombrio – Majestosa lagoa situada ao norte do rio Mampituba com o qual se comunica por um grande canal de 4.000 braças de comprimento, 7 de largo e 12 palmos de fundo, distante do oceano uma légua. As suas dimensões são de 2½ léguas de comprimento e 2.300 braças na sua maior largura. O seu fundo varia de 10 a 14 palmos, e de 3 a 7 perto do sangradouro, diminuindo porém este em largura e profundidade a proporção que se aproxima da foz a ponto de nas grandes secas ficar reduzido apenas a 4 braças de largo e 3 palmos de água. No centro desta lagoa há um grande baixio. Presta-se à navegação de grandes lanchões em os quais os lavradores de suas margens que são em grande número transportam os gêneros de sua lavoura e indústria para o Mampituba e povoações das Torres e da Glória. Muito abundante de peixe esta lagoa é constantemente alimentada pelos arroios Tibupira e das Pedras, e bem assim pelo sangradouro da lagoa da Cvirá, que verte na extremidade nordeste.

Lagoa das Parelhas – Nome de duas lagoas situadas na vizinhança uma da outra ao norte do Campo de Fora, arrabalde da cidade da Laguna.

Lagoa de Parobé – Ao sudoeste da cidade de Laguna entre as pontas do Patural e Bananal, começando da embocadura do rio Sambaqui, que nele deságua. A sua extensão é de meia légua e comunica-se com a de Santo Antônio dos Anjos, pelo que conserva muito peixe.

Lagoa dos Patos – Demora a duas léguas a oeste do rio das Piçarras na freguesia de N. S. da Penha.

Lagoa de Paulo Lopes – Ao norte do rio Una no município de Laguna e distrito de Mirim. É pouco considerável.

Lagoa Pirituba – Acha-se a 500 braças ao ocidente do sangradouro da lagoa de Morro Sombrio, com o qual se corresponde por um esteiro de 550 braças de comprimento, o qual serpenteia ao norte do Espigão Sombrio. A extensão desta lagoa é de 750 braças de comprimento e 300 de largura.

Lagoa do Peri – Vide Lagoinha.

Lagoa Preta – Jaz na aba oriental do morro da Negra Velha, da cidade da Laguna a 300 braças do oceano. Tem 100 braças de comprimento sobre 50 de largo, mas é tão profunda que as suas águas tem a cor que lhe dá o nome. Observa-se que esta lagoa na enchente e vazante da maré segue as suas vicissitudes, o que faz supor que se comunica com o mar por algum conduto subterrâneo. Alguns inexperientes tem sido vítimas da sua curiosidade.

Lagoa Saguassú (Saguaçú) – Aprazível lagoa habitada nas suas margens e prestando muita navegação, com uma extensão de 2.000 e mil na sua maior largura. Começa na foz do rio Cachoeira, e é abastecida por várias ribeiras. Faz barra quase em frente a ilha do Mel no majestoso rio de S. Francisco. Os terrenos que lhe ficam adjacentes são mui férteis, com boas situações, e suas águas abundam de marisco e saboroso peixe. A sua embocadura situada no ponto em que fazem junção os três braços daquela grande ribeira oferece um fundo de 2 ½ braças, e seu canal interior corre em quase toda a extensão encostado à margem setentrional. Pertence ao distrito de Joinville.

Lagoa de Santa Martha – Situada ao nordeste da lagoa do Camacho na qual despeja por um canal de meia légua de extensão. As duas dimensões são: 1.300 braças de comprimento e 800 de largura. É muito baixa para o lado ocidental, porém no meio conserva regularmente 6 a 10 palmos de fundo. A sua vizinhança com o Cabo de Santa Marta deu-lhe o nome porque é conhecida.

Lagoa do Sto. Antônio dos Anjos – Esta grande e mui comercial lagoa que deu a denominação de Laguna à cidade e seu município, divide-se em três partes as quais todas confundem suas águas, apesar de tomarem diversos nomes. A primeira chamada vulgarmente lagoa da cidade, ou propriamente Laguna, está compreendida entre a barra e as pontas da Cabeçuda e da Laranjeiras com uma extensão de 5 milhas de comprimento e duas de largura. A segunda que é maior e se denomina lagoa de Imaruí, tem 7 milhas de comprimento sobre 3 de largo. A última com 8 milhas de comprimento e 2 apenas no ponto de maior largura e a diminuir até ficar em certos lugares muito estreita, estendendo-se desde as pontas de Perrechil e do Estaleiro até a embocadura do rio Una, e recebe o nome de lagoa de Vila Nova. Todas são muito abundantes de peixe, que exportam em grande escala. No seu interior há uma navegação constante de iates e outras embarcações que trazem ao mercado da cidade os gêneros de sua lavoura e indústria.

Lagoa da Serra – Demora meia légua ao sul do rio Araranguá, no qual deságua pelo Arroio Negro. É navegável em toda a sua extensão tendo uma milha de comprimento e 400 braças na maior largura. Regula de 12 a 24 palmos de água, e de 6 a 10 perto dos sangradouros. A abertura do canal que comunica esta lagoa com a da Cahirá, o qual já a natureza em parte o formou, necessitando somente ser desobstruído, é de incalculável vantagem ao comércio e lavoura, sem que para isso seja mister consumir grossas somas. Este primeiro passo dado importará a canalização rápida da outra lagoa em todo o território meridional da província, obtendo-se desta arte vias de comunicação fáceis, como das menos dispendiosas, e livre dos azares do oceano em uma costa brava, ou dos estorvos de ruins estradas. Os trabalhos recentes do engenheiro Demaulin confirmam esta asserção.

Lagoa Uruçanga (Urussanga) – Acha-se situada 7 milhas ao nordeste do rio Araranguá; porém é antes um banhado de quarto de légua de comprimento, 400 braças de largo, e 2 a 3 palmos de fundo, do que propriamente uma lagoa, pois ocasiões há e freqüentes que se torna em grande parte seca, por falta de arroios que a alimentem. Recebe as águas do rio a que dá o seu nome, e em distância de uma milha do oceano, começa o sangradouro por onde com aquele se corresponde. Aqui há um pequeno povoado com uma capelinha dedicada a S. Sebastião. A palavra Urussanga composta de dois termos de língua brasileira significa Banhado das Perdizes.

Lagoa da Vila Nova – Vide Lagoa de Santo Antônio dos Anjos.

Lagoa dos Zimbros – Esta pequena lagoa que não excede de 500 braças de comprimento e 15 de largo procede de uma cachoeira próxima e jaz um pouco ao norte da Praia Triste perto da costa dos Zimbros sítio de quem tira a denominação. Entra-lhe muito peixe quando a barra está desobstruída.

Lagoinha – Não longe da costa oriental da ilha de Santa Catarina no distrito do Ribeirão deixa-se ver esta linda lagoa. Dá navegação a grandes canoas apesar de embravecer-se muito quando reinam ventos do mar. A sua extensão não excede de 1.500 braças, e comunicam-se com o oceano, por um esteiro de 600 braças. O seu fundo é de 3 a 5 braças, e do sangradouro para o norte dista apenas 300 braças da costa do mar de comprimento. Sobre o litoral que fica ao norte da embocadura do esteiro existiu a antiga Armação de Pesca, que adotou o seu nome. Em alguns mapas dá-se-lhe a denominação de Lagoa do Peri e da Lagoinha ao sangradouro ou canaleta, que se comunica com o oceano.

Lagoinha – (Ponta da) Estende-se ao mar fazendo um pequeno saco onde existiu a antiga Armação da Lagoinha, era conhecida pelo nome de Ponta da Companhia.

Lagoinha do Rincão Comprido – Recebeu este nome duas pequenas lagoas situadas ao leste da lagoa do Fachinal, cujas águas recolhem para restitui-las logo ao mar por um ribeiro de pouco mais de milha de extensão, distante cinco milhas ao nordeste do rio Araranguá; duas milhas ao sudoeste do Urussanga, e um quarto de légua do oceano. Tem cada uma 1.000 braças de comprimento, e 500 de largura, e oferece fundo suficiente para navegação de pequenas canoas.

Laguna – A segunda cidade da província assentada sobre a margem oriental da grande lagoa, de que se deriva seu nome, em 28° 28' 23" de latitude meridional, e 51° 2' de longitude ocidental, 20 léguas ao sul da capital. Foi seu fundador Domingos de Brito Peixoto que no ano de 1654, que com sua família, alguns escravos e índios mansos, aqui se veio estabelecer, deixando a Enseada de Brito, cuja povoação criou e onde habitava por espaço de dois anos. O primeiro monumento levantado nas margens desta lagoa foi, segundo Milliet uma capela sob a invocação de Sant'Ana aonde os quatro filhos do infortunado Francisco Dias Velho Monteiro se viram refugiar, depois de testemunharem horrorizados o assassinato de seu pai na ilha de Santa Catarina. Com o aumento da população edificou-se outra igreja à entrada da Laguna, a qual foi dedicada a Santo Antônio com a denominação de Santo Antônio das Arêas. Criada Vila em 20 de janeiro de 1720 pelo Doutor Ouvidor de Paranaguá Raphael Pires Pardiniho, por longo tempo gozou da preeminência de cabeça de termo, cujos limites ao norte era até a ponta das Garoupas, e compreendia a ilha de Santa Catarina. Em 1725 foi ereta em paróquia tomando por orago Santo Antônio dos Anjos, e recebendo por seu primeiro pároco o Rev^o Antônio Silveira Cardoso. Em virtude do aviso da Secretaria de Estado dos Negócios de Ultramar expedido ao governador de Santa Catarina a 3 de abril de 1752 vieram aposentar-

se na Laguna alguns casais açoritas, o que concorreu para aumentar a sua população. Pela Resolução Régia de 8 de Dezembro de 1771 foi desanexada esta Vila do governo de S. Paulo ficando sujeita as do Rio de Janeiro. El Rei D. João VI em 1818 a condecorou com o título de Baronia em favor do Tenente Coronel Frederico Lecós, depois Visconde do mesmo título. Por Decreto da Assembléia Legislativa Provincial N° 239 de 15 de abril de 1847 foi elevada a categoria de cidade com a mesma denominação. Este ato foi uma remuneração da lealdade com que os lagunenses se houveram durante a occupação das forças rebeldes do Rio Grande do Sul. Com effeito em 22 de julho de 1839 algumas tropas vindas da provincia vizinha sob a comando de David Canabarro, apoderaram-se da Vila da Laguna, dando-lhe logo depois o título da cidade Juliana, e aí se conservaram até 15 de novembro do mesmo ano, em que teve lugar a restauração, fugindo precipitadamente as forças rebeldes. Comandou a coluna legal em operações, o Tenente Coronel José Fernandes dos Santos Pereira e a divisão naval o Capitão de armas e guerra Frederico Mariath, que faleceu em Almirante reformado. A Lei Provincial N° 411 de 17 de abril de 1856 constituiu a cidade da Laguna cabeça de Comarca, a qual compreende somente o seu extenso município, constando este das paróquias da cidade, Vila Nova, Santa Ana do Mirim, Imarui, Pescaria Brava, Tubarão e Araranguá, tendo por limites do termo ao norte o rio Ibiraquera, e ao sul o Mampituba que também o é da provincia. A cidade da Laguna é centro de colégio eleitoral, o qual se compõem de 44 eleitores, concorrendo com 16 a sua paróquia reunida a de Araranguá. Este município é dos mais importantes da provincia por sua população, comércio, produção agrícola e ricas minas de carvão de pedra que encerra em seu seio. O clima é temperado e geralmente sadio: o território atravessado de muitos rios e lagoas navegá-

veis tornam-se nimiamente produtivo, oferecendo por baixo preço no seu mercado os gêneros alimentícios. A população de todo o município sobe a 39.788 habitantes, sendo: 36.361 livres e 3.427 escravos. A cidade da Laguna figura em quadrilátero oblongo formado por 3 ruas horizontais e 6 diagonais, com bons edifícios muitos de sobrados. A igreja matriz é um templo espaçoso e seus altares de obra de talho. Tem uma praça quase triangular, onde está a casa da Câmara Municipal, e cujo andar térreo acomoda as prisões: um largo em frente a matriz, e outro onde se fazem os exercícios militares. As ruas principais são: a da Praia, Direita, do Fogo, do Rincão e do Campo de Fora, onde existem aprazíveis chácaras. Os seus arrabaldes do Campo de Magalhães e da costa do mar grosso muitos freqüentados na estação dos banhos são deliciosos. Possui um chafariz de excelente água construído no ano de 1780, hoje porém está substituído por outro de pequenas proporções. A sua barra que é defendida por um antigo forte situado do lado do sul não dá acesso à navios superiores a 10 pés de calado por causa do banco de areia que a atravessa, e tem causado muitos naufrágios e consideráveis avarias. Hoje porém com o serviço da Athalaia que ai existe ao lado do pontal ao norte da barra tem melhorado muito. A cidade da Laguna é cabeça de Comarca Eclesiástica de Santo Antônio dos Anjos a qual compreende as paróquias do seu município. Possui uma mesa de rendas gerais e outra de provinciais, e uma escola pública de instrução primária para cada um dos sexos. Os gêneros de sua lavoura são: farinha, milho, fava, feijão e arroz: exporta também madeira de construção e peixe salgado. Tem por divisa esta paróquia: o rio Urussanga ao sul, os limites de Sant'Ana do Mirim, e da Vila Nova ao norte; o oceano ao leste e a lagoa do Imarui a oeste com as divisas também desta freguesia. A sua popula-

ção é de 5.852 habitantes com 1.142 casas; e no ano de 1862 celebraram-se aí 324 batizados e 37 casamentos, sendo a mortalidade de 114 pessoas. A cidade da Laguna é pátria dos Conselheiros Manoel José de Souza França, Jerônimo Francisco Coelho e Pe. Manoel João de Souza Barbosa.

Lambedor – Morro que eleva sobre a estrada de Lages ao oriente do Passo da Porteira.

Landim – Ribeiro que entra no rio de S. Francisco um quarto de légua ao norte de outro de nome Batewy, no distrito do Saí. Outros chamam Olandim.

Laranjeiras – Pequena enseada entre a ponta deste nome e a de Camboriú.

Laranjeiras – (Rio das) Nasce na Serra do Tubarão, banha o sítio da Fazenda que recebe o seu nome, e depois de perfazer um curso não pequeno, lança-se na margem esquerda do ribeirão de Passa-Dois, tendo recolhido antes em seu leito as águas do Riacho e rio do Pasto. É pela sua margem que seguiu a estrada do município da Laguna à de Lages pela freguesia de Imaruí.

Laranjeiras – Morro que se estende norte-sul na parte mais ocidental da ilha de S. Francisco.

Laranjal – Sítio próximo à margem direita do rio Cubatão do Norte na raiz da Serra da Cachoeira.

Lavatudo – Rio que tem origem ao norte da Serra do Facão ou de Santa Bárbara, e seguindo a rumo de sudoeste faz barra na margem direita do rio Pelotas depois de atravessar a estrada que da Laguna conduz a Lages.

Limoeira – (Ribeirão da) Despeja na margem direita do rio Itajai-Mirim com um curso de 4 léguas. Tem a sua nascente nos morros que se prolongam ao norte do rio Camboriú.

Limoeiro – Sítio a margem direita do rio Itajai-Mirim, cujos moradores formam um dos quarteirões da Vila.

Lobo – (Ponta do) Estende-se ao sul da praia de José Mendes e é divisa territorial entre a paróquia do Desterro e a detrás do morro da S. S. Trindade.

Lontras – (Rio das) Confluenta da margem esquerda do rio Chopim, no distrito de Campo de Palmas.

Louro – (Morro do) Eleva-se ao lado sul do rio Biguaçu entre as freguesias de S. Pedro de Alcântara e a do Alto Biguaçu. Aqui se estabeleceram alguns colonos alemães dos que principiaram a povoa aquela primeira freguesia.

Luiz Alves – Considerável confluenta do rio Itajai. Tem as nascentes na Serra de Jararaca a ocidente do morro da Tajuba, e recolhendo na sua margem direita os rios do Baúl Grande e Pequeno, e na esquerda o ribeirão do Peixe, percorre uma extensão de 6 léguas guardando a distância de duas léguas da costa até a sua embocadura na margem esquerda do Itajai, 15.100 braças acima da sede da Vila. É navegável até cinco léguas acima da sua confluência, no sítio há ainda ma queda de mais de 40 palmos de elevação. Á uma pequena distância existe outra cachoeira menos volumosa, acima da qual este rio se alarga com grande represa d'água formando uma majestosa bacia. Os terrenos que ele rega são de suma fertilidade e contam muitos estabelecimentos de lavoura.

M

Macacos – Serra que se prolonga desde o território da província do Rio Grande e pelo município de Lages a rumo de noroeste passando quase na sua extremidade a estrada que conduz à cidade de Lages e da qual neste ponto dista 15.200 braças ao oriente.

Machados – (Ribeirão dos) Deságua na margem esquerda do rio Itajai 4.500 braças acima do Arraial da Vila.

Macucos – Ilha situada ao norte da ponta dos Zimbros e em frente a que se chamam do Boqueirão por formar entre as ilhas e a terra firme um estreito de menos de 100 braças com fundo para navegação. O costão fronteiro chamado de Amendoeiras tem lhe dado também este nome. A ilha dos Macucos possui grande matas, excelentes terras de cultivo e água potável. No seu centro faz uma quebrada que ao longe representa duas ilhas semelhantes em configuração.

Mãe Luzia – (Rio de) Grande confluenta do rio Araranguá, nasce na Serra Geral e atravessa em seu curso vastas florestas virgens e terrenos carboníferos, como se vê das camadas que cobrem as raízes dos troncos arrebatados pela correnteza. Corre a costa sudoeste e sul até lançar-se na margem esquerda do rio Araranguá 13.000 braças acima da barra deste, e 1.750 do sítio fronteiro à povoação de Campinas, hoje sede da freguesia, a qual ocupa à margem direita. O rio de Mãe Luzia é navegável somente por uma extensão de 3.000 braças, por causa de muitos baixios que tem. Sua largura é de 20 a 30 braças; no seu começo oferece de 20 a 30 palmos de profundidade, a qual vai diminuindo até tornar-se insuficiente para navegarem iates.

Mãe Luzia – (Serra de) Estende-se ao norte-sul e paralelamente entre o rio do mesmo nome e dos Porcos, tendo

princiado no ramal que se destaca da Cordilheira para acompanhar a margem direita do rio Tubarão. A maior parte de seus sertões estão incultas, e habitados, segundo consta, por uma tribo indígena de índole pacífica.

Magalhães – (Praia de) Ao norte da ponta da mesma denominação, em cujas proximidades existiu antigamente uma pequena capela de que ainda se deixam ver alguns vestígios. Os seus moradores pertencem à freguesia da Armação da Piedade.

Magalhães – Campo situado entre a ponta do mesmo nome e os cômodos de areia que se elevam nas vizinhanças da barra da Laguna. É semeado de pequenas casas habitadas em sua maior parte por pescadores e gente empregada na vida do mar.

Major – (Engenho do) Situação sobre a margem do rio Tijucas Grandes onde passa a estrada que comunica a colônia Angelina com a Nova Itália e o arraial de S. João Batista do Alto Tijucas.

Mampituba – Rio que constitui a divisa meridional da província de Santa Catarina, fazendo sua barra em 29° 20' de latitude sul e 51° 44' de longitude oeste do Meridiano de Paris. Tem origem na Serra Geral que separa o território catarinense dos Campos de Cima da Serra: corre de norte ao sul em seu começo com o nome de Rio Verde, e ao depois do ocidente para o oriente por uma extensão de 16.000 braças até lançar-se no Atlântico. Este rio que na sua foz é muito baixo, ao ponto de tornar-se impraticável, aumenta progressivamente até 22 palmos de fundo, indo ao depois decrescer até 12 palmos na sua extremidade superior. A sua largura regula de 50 a 60 braças, a qual se vai reduzindo até 30. Tem de extensão navegável 12.000 braças com as suas voltas. Os seus principais tributários são à margem esquerda o rio do Sertão e o sangradouro da lagoa do Morro Sombrio, e à direita o rio do Forno que nasce na lagoa

deste nome e já pertence ao território da província do Rio Grande do Sul. A barra do rio Mampituba dista ao sul 40 léguas da capital, 20 da cidade da Laguna e 10 da foz do Araranguá. É muito piscoso e as terras que banha em quase todo o seu curso são planícies muito férteis para a agricultura e usadas para a criação de gado de qualquer espécie. Houve tempo em que os moradores das duas margens disputavam a propriedade ou usufruto do rio, pretendendo arrogar-se o direito exclusivo de pescar. Esta dissensão que podia trazer consigo sérias conseqüências, terminou felizmente; e hoje os catarinenses e os rio grandenses limítrofes vivem na mais perfeita harmonia.

Manoel Alves – (Rio de) Confluente da margem direita do rio de Mãe Luzia 2.000 braças acima da embocadura deste no Araranguá.

Mar Pequeno – Nome que primitivamente deram os indígenas ao rio de S. Francisco.

Maracujá – (Ilha de) Está situada na baía de Babitonga, ao nordeste da ilha do Caçõ, e quase em frente a foz do rio da Olaria.

Mariscal – Praia que forma uma grande curva entre a ponta das Bombas e a do boqueirão dos Macucos. É tão brava que os marítimos a apelidaram de praia do Inferno.

Marombas – Rio que as vezes se torna mui caudalosoeste Tem origem nas vertentes ocidentais da Serra Geral, duas léguas mais ou menos ao noroeste do célebre morro do Taió; e correndo a sudoeste atravessa a estrada que vai dos Curitibanos a Campos Novos 10.000 braças ao ocidente do arraial da primeira freguesia, assim como a que conduz de Lages a Curitiba, e vai fazer barra na margem direita do rio Canoas depois de vencer uma extensão de mais de 16 léguas, tendo recebido na sua margem direita os rios das Pedras, Correntes, Taquaras e Lageado Grande; e na esquerda o rio dos Cachorros.

Marombas-mirim – Nasce a 3 léguas a sudoeste dos Campos do Nascimento, encaminha-se de norte-noroeste a sul-sueste e faz barra na margem direita do rio Marombas acima do Passo deste na estrada que segue dos Curitibanos à Campos Novos. O seu curso é de 5 léguas.

Maruhy (Maruí) – Rio do município de S. José. Nasce das vertentes dos morros que erguem ao sul e imediações da Várzea dos Pinheiros, corre ao nordeste e leste, banha a freguesia de S. Pedro de Alcântara formando algumas cachoeiras e depois de percorrer uma extensão de 6 léguas mais ou menos entra no mar, a um quarto de légua ao sudoeste da cidade de S. José. Sobre a sua foz existe uma bela ponte de alvenaria sustentada sobre arcos, por onde passa a estrada geral que segue para o centro e sul da província. É navegável por canoas somente até uma pequena distância.

Massambú – Rio do distrito da Enseada de Brito. Tem a sua origem na Serra do Cambirela, e seguindo em direção de leste entra no mar ao sul do morro dos Cavalos. O seu álveo é fundo, mas só é navegável até 7 léguas de sua foz por pequenas embarcações, e a sua barra com quanto larga, é de pouca profundidade.

Massambú Pequeno – Confluente do rio Massambú. Possui em suas fecundas margens excelentes situações.

Mata fome – Ilha situada ao sul do Badejo, em frente à praia do Inglês na costa oriental da ilha de Santa Catarina. No seu centro existe uma pequena lagoa, e é um bom pesqueiro, como parece indicar o seu nome.

Mato – Sítio no distrito de Camboriú a oeste do morro do Boi, onde estão aposentados muitos lavradores, com engenhos de farinha, açúcar e alambiques de aguardente.

Mato Alto – Lugarejo ao norte da ponta de Cabeçuda no distrito de Santo Antônio dos Anjos da Laguna.

Mato Grande – Espessa floresta entre o rio Tubarão e o das Conchas no município de Laguna.

Mato Grosso – Ao sul da Armação de Itapacorói sobre a estrada que comunica o município da Penha com a vila de Itajaí. Há na província outros lugares com este nome.

Mato dos Índios – Floresta sobre a margem esquerda do rio, cuja denominação adotou, 4 léguas a nordeste da cidade de Lages.

Miranda – Rio que despeja na margem esquerda da ribeira do Araquari na costa meridional da ilha de S. Francisco duas milhas a leste do rio Piraequê-Pequeno.

Mirim – Freguesia criada pela Resolução Provincial Nº 413 de 28 de abril de 1856, sendo presidente da província o Dr. João José Coutinho. A decadência em que se achava a paróquia de Vila Nova por causa de seu terreno montanhoso e árido, chegando os seus moradores a abandoná-la para se irem estabelecer no sítio denominado Porto das Pedras, o qual então prosperava com uma população regular, fez com que a Assembléia Legislativa da província pelo Decreto Nº 50 de 16 de junho de 1836 sob o governo do vice presidente o comendador Francisco Luiz do Livramento ordenasse a transferência da sede da freguesia para este lugar. Sempre pesem que se tratava de dar execução a lei os habitantes de Vila Nova opunham-se decididamente a que se lhes levasse a imagem da sua padroeira: intervinha a autoridade e nada conseguia por meios pacíficos. Homens, mulheres e crianças, todos tomaram parte da luta: o conflito ia assumindo caráter sério de questão religiosa, quando os representantes do povo pendentemente conciliaram os ânimos, conservando em sua antiga categoria a pobre e pequenina igreja de Vila Nova ao lado de sua rival, orgulhosa e engrandecida com os despojos de sua matriz. Os paroquianos do Mirim não conseguindo obter a posse da imagem secular de Santa Ana a quem

consagravam fervente devoção, procuraram adquirir outra e a colocaram com grande solenidade e regozijo público no altar mór da nova igreja paroquial. Esta freguesia está assentada a margem oriental da lagoa de Vila Nova no fundo da mesma em terreno baixo e úmido. Tem por limites ao sul os da paróquia da Laguna; ao norte a lagoa de Ibiraquera; a leste as vertentes do morro de Santa Ana e a oeste a extrema da freguesia de Imaruí. Possui duas escola públicas de primeiras letras, para instrução da mocidade. Faz parte do colégio eleitoral da cidade da Laguna da qual dista 5 léguas ao norte, e dá 6 eleitores. Os gêneros principais de sua lavoura são: farinha, milho, feijão e favas. É farta de peixe de que exporta algum salgado. A sua população consta de 2.386 habitantes com 285 casas. No ano de 1862 houveram nesta paróquia 101 batizados e 10 casamento. Dista 15 léguas ao sudoeste da capital.

Moçambique – (Praia de) Com uma extensão de 2 léguas desde a ponta das Flechas até a barra da lagoa na costa oriental da Ilha de Santa Catarina.

Molhatudo – Rio procedente da Serra de Imaruí, o qual seguindo a rumo de sul deságua na margem esquerda do ribeirão do Passa-Dois, pouco acima das cachoeiras do mesmo, distrito do Tubarão.

Mondejitiba – Pequena ilha fronteira à cidade de N.S. da Graça.

Monjolinho – Ribeirão que atravessa a estrada que segue de Lages a Curitiba, meia légua acima do passo do rio Ponte Alta do Norte.

Monte do Trigo – Está situada a 2.000 braças a leste-nordeste da cidade da Graça. Por sua encosta serpenteia o rio a que dá o nome.

Moquêm – Morro do distrito de Santo Antônio, por onde segue a nova estrada que comunica esta freguesia com a de Canavieiras e do Rio Vermelho.

Morretes – Lugarejo ao sul do rio Tijucas Grandes, mas que pertence a freguesia de S. Miguel.

Morretes – Sobre a margem esquerda do rio Maruí, onde termina a várzea do sertão na estrada que vai da cidade de S. José à paróquia de S. Pedro de Alcântara.

Morretes – Sítio entre a lagoa do Armazém e o Campo Bom, onde existem grandes jazigos de lousas.

Morretes – Serreta com pequenas ondulações, a qual se avança ao mar na costa oriental da ilha de S. Francisco. Dista duas léguas ao nordeste da barra do Araquari, e quase 3 ao sul do morro da Enseada.

Morretes – Paragem a margem esquerda do Mampituba, porto do sangradouro que com este rio comunica a lagoa do morro do Sombrio. Com este nome são conhecidos na província outros sítios menos notáveis.

Morrinhos – Entre o riacho e a lagoa do Saguacû no distrito de Joinville.

Morrinhos – Lugarejo entre o rio Tubarão e o Congonhas, uma légua ao sul da freguesia da Piedade a quem pertence.

Morro Agudo – Alcantilado Serro que sobressai às montanhas ao sul das nascentes do rio Pirabeiraba no município de S. Francisco.

Morro Agudo – Perto da foz do Araranguá ao lado do norte.

Morro Agudo – Ergue-se ao ocidente do rio Canoas, uma légua acima da confluência deste com o Pelotas: é como gigante que aponta o sítio onde começa o seu curso o grande Uruguai.

Morro Alto – (Rio do) Banha a freguesia de S. Francisco Xavier de Joinville, e vai reunir suas águas as do rio Cachoeira pela sua margem direita.

Morro de André Caetano – Eleva-se com muita saliência ao sul do arraial da Armação de Itapacorói, fazendo-se visível à grande distância do mar.

Morro do Amaral – Sobre a margem meridional e quase na embocadura da lagoa de Saguacú.

Morro do Ambrósio – Prolonga-se ao norte da freguesia de S. Joaquim de Garopaba.

Morro das Anquinhas – Demora a margem esquerda do rio Maruí sobre a estrada que segue da cidade de S. José a S. Pedro de Alcântara. Este nome singular provém segundo a tradição, de ter ali sido encontrado um certo adorno de que então usavam o belo sexo, e que hoje é substituído pela crinoline ou saia balão.

Morro do Antão – Vide Boa Vista e Morro do Sinal.

Morro das Aranhas – Eleva-se sobre a costa oriental da ilha de Santa Catarina, em frente das ilhas de quem recebe o nome.

Morro do Balthazar – É o limite norte da paróquia de Santo Amaro com a de S. José.

Morro do Baptista – Eleva-se ao sul do Siriú no distrito de S. Joaquim de Garopaba.

Morro do Boi – Muito íngreme e sem desvio algum, fica intransitável por ocasião de chuvas. Dista meia légua da sede da freguesia de Camboriú, e serve de limite entre esta e a de Porto belo, assim como entre os municípios de Itajai e S. Sebastião da Foz.

Morro das Caçadas – É uma das divisas entre as freguesias de Canavieiras e Rio Vermelho.

Morro da Cachoeira – Serreta que se prolonga em rumo de norte-sul desde a margem direita do Cubatão do Norte até a esquerda do rio que lhe dá o nome no distrito de Joinville.

Morro do Lageadinho – Situado do lado ocidental do braço do sul do Itajai e a leste do Avencal.

Morro das Capivaras – Na freguesia do Rio Vermelho, servindo-lhe de limite territorial, entre esta e a de Canavieiras.

Morro dos Cavalos – Monte elevado e íngreme onde termina m dos ramos da Serra do Cambirela, estendendo-se até o mar. Jaz um pouco ao sul do arraial da paróquia da Enseada de Brito, meia légua ao sul do rio Massambú. Por aqui passa a estrada, que pelo litoral segue ao sul da província; e sendo impraticável qualquer desvio, o mau estado deste caminho em outros tempos aterrava os viandantes.

Morro do Cedro – Pequena Serra que se estende norte-sul margeando a Pirabeiraba, e no qual tem as nascentes os ribeirões que deságuam na margem deste rio.

Morro Chato – Situado sobre a estrada que pelo Cubatão conduz à cidade de Lages, ao ocidente do morro do Gongo, e 2.400 braças de caminho a oeste do Rancho Queimado.

Morro das Congonhas – Eleva-se ao oriente da várzea dos Pinheiros. Por sua encosta meridional passa a estrada que conduz a colônia Angelina. É também conhecido pelo nome de morro da Pilheira.

Morro da Correnteza – (do norte) À margem esquerda do rio Cubatão obra de uma légua distante de sua foz.

Morro Cortado – Junta-se ao litoral do lado do sul e a pequena distância do assento da Vila de Itajai.

Morro da Cruz – Serreta sobre a margem direita do rio do Cardoso, uma légua distante da costa, e da lagoa a que dá seu nome. Os moradores de suas imediações pertencem à freguesia de Barra Velha.

Morro da Cruz – Ao ocidente do morro dos Viveiros no distrito de S. Miguel, e sobre a estrada do litoral que conduz a esta freguesia.

Morro da Cruz – Eleva-se ao poente da sede da paróquia da Lagoa, gozando-se do seu cume uma vista magnífica.

Morro do Cunha – Sobre a margem esquerda do rio Maruí e muito perto da freguesia de S. Pedro de Alcântara.

Morro dos Curitibanos – Situado entre os rios Maromba e dos Cachorros, 12 léguas ao norte da cidade de Lages, onde cruzam as estradas que desta cidade e dos Campos Novos conduzem à Curitiba. Neste belo sítio está assentada a nova paróquia da N. S. da Conceição dos Curitibanos.

Morro de Dentro – Prolonga-se entre o sertão de Mãe Luzia e o morro da Fumaça, distando légua e meia a noroeste da lagoa Urussanga e mais de duas léguas do oceano.

Morro de D. Felícia – Eleva-se ao sul do rio Itajai terminando na foz do mesmo.

Morro da Encantada – Entre o rio Cubatão (do norte) e a margem direita do rio do Ribeiro no distrito do Saí.

Morro da Encantada – Situado no distrito de Garopaba do lado ocidental da freguesia.

Morro da Espera – Ergue-se com grande elevação sobre a margem direita do rio Tijucas Grandes. Os primeiros exploradores do lugar por onde devia passar a estrada então projetada da capital à cidade de Lages ao chegar a este morro observaram vestígios de selvagens, e como tiveram pouca gente expediram um próprio ao governador solicitando a remessa de mais algumas praças e munição, esperando este tanto neste sítio; do que resultou uma tal determinação. É o mesmo morro mais conhecido pelo nome de Quatorze Notas.

Morro do Peixe – Jaz a noroeste dos Macacos à entrada do campo de Lages: por sua encosta passa o rio do mesmo nome depois de atravessar a estrada para desemboçar na margem esquerda do Canoas.

Morro de Fora – Prolonga-se desde o morro da Negra Nova até o Canto das Pedras ao norte da barra da Laguna.

Morro do Furtado – Eleva-se ao oriente da Várzea dos Pinheiros sobre a estrada que conduz a S. Pedro de Alcântara, colônia Angelina.

Morro Grande – Ao ocidente da lagoa de Parobé no distrito de S. Antônio dos Anjos.

Morro Grande – Alta montanha cujas vertentes com seus mananciais alimentam os ribeirões que deságuam no rio Cachoeira. Aqui há um importante estabelecimento agrícola mandado fundar pelos Príncipes de Joinville.

Morro Grande – Vide Onze Voltas. Com o mesmo qualificativo há outros morros na província.

Morro do Itajahy (Itajaí) – Situado a leste do grande braço do rio de que recebe o nome. À pequena distância da sede da colônia militar de Santa Teresa.

Morro do Jacques – Divide por umas vertentes de água que dele emana fica o litoral, os territórios das freguesias da Penha e Barra Velha.

Morro do Jacques – Serve de limite entre as paróquias de N. S. das Necessidades e Canavieiras.

Morro de João Branco – Ao poente do arraial da freguesia de S. Pedro de Alcântara.

Morro de José Marcellino – A um quarto de légua ao sul do sítio onde está aposentada a paróquia de Santo Amaro, passando por sua falda a estrada que segue para o centro.

Morro da Lagoa – Ergue-se majestoso a pequena distância do arraial da freguesia de que adotou o nome. Ao chegar em frente de sua maior elevação o viajante é surpreendido por a mais encantadora vista. É um belo panorama que se desdobra diante de seus olhos! Assine-se ao leitor uma igreja de construção singela, edificada sobre uma eminência, circundada de pequenas casas, que se espelham nas águas de um formoso lago, no qual serenamente navegam as canoas dos pescadores: abaixo extensa planície cultivada, onde em quadrilongos talhados simetricamente o linho estende seu manto aveludado entre os canaviais e tapetes de verduras que

circundam a modesta habitação do lavrador: além da lagoa em imenso descampado semeado de cômoros de areia, cuja alvura contrasta com os matizes de relva e arbustos que os enfeitam: ao longo o vasto Atlântico, ora soberbo, encrespados pelos ventos, levantando por sobre os rochedos carneiros de espuma, ora plácido e liso refletindo o azul do céu, e os raios do sol. Tal é o interessante quadro que oferece aquele ameno e delicioso sítio. Houve já quem apelidasse a Cintra da América.

Morro da Lagoa do Canto – Ao sul do morro do Cortado, serve de divisa territorial entre as paróquias de Itajai e Camboriú.

Morro dos Macacos – Eleva-se ao sul da estrada de Lages na extremidade noroeste da Serra deste nome. A sua altura sobre o nível do marê de 3.612 pés.

Morro de Mãe Luzia – Ao poente da margem direita do rio dos Porcos obra de uma légua.

Morro da Mafra – É o limite norte da ilha de S. Miguel com a de S. Sebastião da foz do Tijucas.

Morro de Manoel Paulo – Nova divisa entre as freguesias de Canavieiras e Santo Antônio pela Resolução Provincial nº 489 de 11 de maio de 1860.

Morro de Maria Paula – Levanta-se entre o morro do Batista e a margem setentrional da lagoa de Macacú.

Morro da Mentira – Colina do lado do sul e à entrada do arraial da Vila de S. Miguel. Por sua encosta passa um riacho a que dão o mesmo nome.

Morro dos Moinhos – Ao norte da cidade de Laguna e dentro da povoação, onde existem engenhos destinados ao fabrico de farinha, de milho, do que lhe proveio o nome.

Morro de N. Senhora – Está situado na extremidade norte da cidade da Laguna, onde se trata de edificar uma capela à Virgem S.S. do Rosário.

Morro dos Pessegueiros – Ergues-se ao oeste do passo do rio deste nome. Tem 3683 pés de altura sobre o nível do mar.

Morro das Pedras – Ao sul do morro do Boi; e como este de difícil e perigoso trânsito.

Morro das Pedras – Termina na ponta deste nome $\frac{3}{4}$ de léguas a norte da Armação da Lagoinha.

Morro da Penha – Entre a freguesia deste nome e Armação de Itapacorói. Da ponta deste nome estende-se um recife de mais de 100 braças em direção à ilha Feia, também o conhecem pela denominação de nome de Piçarras.

Morro da Penha – Situado a duas léguas ao sudoeste da sede da vila da freguesia de S. Joaquim de Garopaba.

Morro das Pias – Demora nas imediações do Bujurú no distrito de Brusque.

Morro da Pihéria – Vide morro das Congonhas.

Morro dos Pinheiros – Eleva-se sobre a margem direita do Itajai a 4 léguas do oceano.

Morro do Poço Grande – Jaz ao norte do pico da Tromba, na confluência do rio da Prata com o Cubatão, no município de S. Francisco.

Morro Queimado – De figura quase piramidal eleva-se ao nascente do morro do Tabuleiro, no distrito de S. Amaro.

Morro de Sta. Ana – Sobre o litoral no distrito de Vila Nova.

Morro de Sta. Clara – Ramal da Serra Geral com grande sucessão de subidas e descidas entre o rio deste nome e o campo do Bom Retiro.

Morro de Sto. Antônio – Ao nascente da igreja matriz de N. S. das Necessidades, de cujo antigo orago herdou o nome.

Morro de S. João – Serro que se prolonga pela margem esquerda do rio Maruí, uma légua a oeste da freguesia de S. Pedro de Alcântara e ao sul do Alto Biguaçu.

Morro de S. Miguel – Elevada montanha, em cuja aba oriental está situada a pequena Vila de que adotou o nome.

Morro de S. Thiago – As suas vertentes separam o território de S. Antônio a de Canavieiras.

Morro do Sertão – Ao nascente do morro de Mãe Luzia, do qual dista apenas um quarto de légua.

Morro do Sinal – A leste e a cavaleiro da cidade do Desterro. Vide Boa Vista.

Morro do Sirihú (Siriú) – Íngreme e pedregoso por onde passa a estrada do litoral a norte à pequena distância do arraial da freguesia de S. Joaquim.

Morro do Sobrecéu – Demora perto do sítio do Indaiá no distrito da Pescaria Brava.

Morro Sombrio – Serreta muito conhecida a 100 braças da margem setentrional da lagoa que tem o mesmo nome.

Morro das Taquaras – Estende-se em direção de norte-sul entre os rios Biguaçu e Marui. Com esta denominação existem outros morros mais ou menos notáveis.

Morro do Terceira – Situado sobre a margem meridional da lagoa de Macacú, e prolongando-se desta para o sul.

Morro dos Tornos – Sobressai à Serreta que se eleva entre os rios do Ronco e do Pinto no distrito do Saí.

Morro dós Tributos – Ergue-se com grande saliência sobre a margem esquerda do rio Canoas ao ocidente da foz do rio dos Índios, e dista duas léguas em linha reta ao nordeste da cidade de Lages.

Morro do Trombudo – Pico que se levanta sobre a Serra do mesmo nome ao ocidente do arraial da colônia militar de Santa Teresa. A estrada que segue do litoral para o município de Lages passa por entre este morro e o Costão do Frade, os quais se erguem como duas sentinelas, o primeiro do lado do sul e o segundo ao norte.

Morro da Negra Nova – É continuação do morro dos Mo-
inhos ao oriente da cidade da Laguna.

Morro da Negra Velha – Demora a cavaleiro da cidade da
Laguna ao lado do sul. Aqui antigamente se faziam si-
nais aos navios que demandavam a barra.

Moura – (Ribeirão do) Deságua na margem esquerda do
Tijucas Grandes três léguas acima de sua foz. Sobre suas
margens fertilíssimas está a crescente povoação deste
nome, a qual pela Resolução novíssima da Assembléia
Provincial que altera a divisa territorial entre as fregue-
sias da Foz e do Alto Tijucas, ficou pertencendo a esta
última.

Moleques do Norte – Grupo de 3 ilhotas ao nascente da
ilha de Santa Catarina, duas léguas ao sul do Arvoredo.

Moleques Pequenos – Nome de algumas ilhas que ficam
à superfície do mar, meia légua ao sudoeste dos Mole-
ques do Norte.

Moleques do Sul – Ilhotas isoladas no meio do oceano a
uma distância de mais de duas léguas ao oriente do
cabo austral da ilha de Santa Catarina. Aqui se faz gran-
de pesca de enchovas nos meses que decorrem de maio
a outubro.

Muturahy (Muturai) – Sítio sobre a raiz do morro do mes-
mo nome, onde primitivamente se estabeleceu a colônia
do Saí.

N

Naufragados – Ponta meridional da ilha de Santa Catarina em $27^{\circ} 50' 40''$ de latitude sul, e $51^{\circ} 1' 26''$ de longitude oeste do Meridiano de Paris. Dista 15 milhas da cidade do Desterro, e com a ilha de Araçatuba, onde está assentada a fortaleza da Conceição forma a barra do sul da capital com 96 pés de profundidade, porém muito estreita. Quase na extremidade do cabo existe um elegante e bem construído farol levantado sob a presidência do Doutor Francisco Carlos de Araújo Brusque, e direção do capitão de fragata José Eduardo Wandenholk que o entregou concluído no dia 12 de dezembro de 1860. O centro da torre deste Farol marca, segundo as observações oficiais, a latitude sul $27^{\circ} 49' 30''$, e longitude oeste $48^{\circ} 34' 59''$ de Greenwich, e é visível em uma zona compreendida por $84^{\circ} 22' 30''$ no quadrante de sueste pelos navegantes que por ele passarem do norte para o sul e vice-versa. As pontas de terra que ficam mais salientes que a de Naufragados são: a dos Frades na mesma ilha a leste, e a do Veado no continente a sul: relativamente ao centro da torre demoram ao rumo magnético da agulha, a primeira a este 4° de leste, e a segunda a sul 4° de sueste. O aparelho da luz é lenticular do sistema de Tresnel e Arago: a lâmpada tem duas torcidas. Este aparelho é de segunda ordem revolvente. A luz apresenta duas fases: fraca e brilhante. O intervalo destas é de $30''$ deduzidos de $4'$ em $240''$, tempo em que o tambor octógono faz sua revolução completa. Do cimo da torre desce um condutor, que atravessando pequena cortina vai ter ao mar na direção de sul. Na parte do norte está a casa de residência dos empregados do Farol. Toda a obra está construída a precisa solidez, e quanto a sua beleza e elegância nada deixa a desejar. Um lamentável sucesso deu a este lu-

gar o nome de ponta dos Naufragados. Em 1753 duas sumacas, que transportavam para o Rio Grande do Sul grande número de colonos dos Açores, surpreendidas por terrível tempestade foram despedaçar-se sobre estes rochedos escapando milagrosamente 77 pessoas. Desde então o sítio de tão trágico acontecimento não foi conhecido de outro modo.

Navalhas – (Morro das) Eleva-se prolongando-se ao ocidente do passo do rio das Taquaras, e uma légua de caminho ao norte do campo da Boa Vista.

N. S. do Amparo – Vide Campo de Palmas.

N. S. do Bom Sucesso – Vide Camboriú.

N. S. da Conceição – Vide Lagoa.

N. S. da Conceição – Vide Curitibanos.

N.S. do Desterro – Vide Desterro.

N. S. da Glória do Sahy (Saí) – Freguesia criada pela Resolução Provincial nº 302 de 5 de abril de 1850 sendo presidente da província o Doutor João José Coutinho. Tem por limites ao norte o rio Saí, extrema setentrional da província; ao sul a margem esquerda do rio Cubatão e toda a ribeira de S. Francisco: a este o oceano, e a oeste a cordilheira onde tem a denominação de Curitiba. O seu território é vasto, banhado de muitos rios e lindas cachoeiras que o fertilizam, porém pouco provado em relação a sua extensão. Os principais artigos de sua lavoura são: mandioca, cana de açúcar, café, feijão e arroz. Fabrica muita goma que exporta. Faz parte do termo e colégio eleitoral de S. Francisco. A população é de 2.007 almas com 242 casas. A importante estrada que se está abrindo da foz do rio das Três Barras a Curitiba deve dar para o futuro considerável impulso ao comércio desta localidade e de todo o município. A sede desta paróquia na margem ocidental da grande ribeira de Babi-tonga dista apenas uma légua da cidade da Graça, que lhe fica em frente.

Nossa Senhora da Graça – Cidade edificada sobre a costa ocidental da ilha de S. Francisco em 26° 10' de latitude sul e 51° 7' de longitude oeste do Meridional de Paris, e 33 léguas ao norte da capital. Foi seu fundador e primeiro povoador Manoel Lourenço de Andrade, que acompanhado de seu genro Luiz Rodrigues Cavalleiro fazendeiro rico, muitos indígenas da raça carijó, e alguns portugueses vindos de S. Vicente aqui aportaram no dia 3 de dezembro, em que a Igreja comemorava o Apóstolo das Índias; ignora-se o ano, conquanto a época deva ser anterior a 1642, data que viu entalhada na madeira da casa do primeiro Capitão-mór; ou pelo menos 1646, em que se administrava sacramentos neste lugar, como se vê registros feitos nos Livros respectivos. Consta que o assento primitivo da povoação fora na barra do rio Paranaguá-mirim, que ao depois se mudara para a margem direita do rio Paratí no lugar hoje denominado Olaria, e onde se passara para a barra do norte da Ribeira, entre a ponta da Cruz e o riacho chamado então rio da Vila e hoje da pedreira; transferindo-se finalmente para o sítio que hoje ocupa a cidade, onde edificaram uma igreja com paredes de taipa, dedicando-a Nossa Senhora da Graça. O Marques de Cascaes, herdeiro de Martin Afonso de Sousa, primeiro donatário da Capitania de S. Vicente, na qual estavam compreendidas estas terras, deu-lhe o foro de Vila com a denominação de S. Francisco Xavier: e em 1656 alcançou o título de paróquia para a igreja, sendo nomeado seu primeiro pároco o Rev^o Manoel Francisco Fialho. Alguns anos depois do estabelecimento de Manoel Loureiro de Andrade foi este nomeado Capitão-mór, sesmeiro loco-tenente do referido donatário. Por seu falecimento ocorrido em 1665 sucedeu no governo e concessão das terras Gabriel de Lara na qualidade de Capitão-mór, procurador bastante do Marques de Cascaes, e deu ouvidos com alçada em 40 léguas, isto é, do rio de S. Francisco até a lagoa de

Ibiraquera. A este seguiu-se com iguais poderes Domingos Francisco Francisque, por antonomásia: o Cabezinha. Desde porém que o seu território foi removido aos bens da Coroa, a Vila de S. Francisco ficou pertencendo ao Governo de S. Paulo, e afim de conservar até o ano de 1749, quem pela Resolução Régia de 20 de junho foi criada a ouvidoria de Santa Catarina, marcando-se-lhe por distrito ao norte a barra austral do rio de S. Francisco (chamado do Araquari) o rio Cubatão e o Rio Negro, e ao sùl os montes que deságuam para a lagoa Mirim. Pelo que respeita a administração civil já em 1738 o município de SUL Francisco pertencia ao governo de Santa Catarina, tendo por limites ao norte os atuais. A Assembléia Legislativa da província pelo Decreto nº 239 de 15 de abril de 1847 elevou a Vila de S. Francisco à categoria de cidade com a denominação de Nossa Senhora da Graça. Esta cidade está apresentada em aprazível localidade em forma quase triangular, oferecendo elegante aspecto. Suas ruas são pela maior parte bem edificadas, notando-se entre elas as da Praia, de S. Francisco, da Graça e de S. Bento. A sua igreja matriz é um vasto templo com uma só torre muito elevada, em frente a uma bela praça. Possui um chafariz de excelente água e muitos edificios particulares de sobrados. Sobre a chapada do morro, que se ergue na extremidade norte da cidade, denominado de Hospício pertencente outrora aos padres jesuítas, está se edificando uma capela para nela instalar-se a Ordem 3ª de S. Francisco de Assis com dependências para o Hospital de Caridade. O Decreto nº 117 da Assembléia Provincial datado de 3 de abril de 1839, autorizou esta obra e dotou-a com um auxilio pecuniário até a sua conclusão, concedendo-lhe o patrimônio e privilégio de que goza o Imperial Hospital de Caridade da capital. A cidade da Graça é cabeça da comarca criada pela Lei Provincial nº 411 de 17 de abril de 1856, a qual compreende o termo

de Itajai. O seu município com a denominação de S. Francisco compõe-se das freguesias da cidade, e das da Imaculada Conceição da Barra Velha, Bom Jesus de Paratí, S. Francisco Xavier de Joinville (criada mais ainda não instalada Vila) e Nossa Senhora da Glória do Saí, tendo por divisas o rio Saí Grande, extrema setentrional da província, e a ponta do Jacques ao sul. É sede da comarca eclesiástica de S. Francisco Xavier, a qual consta das paróquias compreendidas entre os rios Camboriú e Saí. Centro do colégio eleitoral composto de 22 eleitores a paróquia da cidade com a da Glória que lhe está ainda anexa dá 13 eleitores. Os principais gêneros de sua lavoura são: farinha de mandioca, goma, arroz e feijão. As vias de comunicação, que se estão aperfeiçoando para facilitar o comércio entre esta cidade e a de Curitiba e mais povoações de Serra acima, o estado florescente da colônia D. Francisca, o seu território cortado por grande número de rios navegáveis, são outros tantos elementos de prosperidade que lhe auguram lisonjeiro futuro. Além disso o seu clima é ameno e temperado, seu solo sumamente fértil, e a costa da ilha abunda de excelente peixe. A população de todo o município é de 15.567 habitantes, sendo 13.558 livres e 2.009 escravos. A cidade possui uma mesa de rendas gerais, uma coletoria provincial e duas cadeiras de primeiras letras para instrução da mocidade. A sua paróquia que compreende toda a ilha de S. Francisco e as pequenas que lhe ficam adjacentes conta com 4.540 almas com 744 casas: e no ano de 1862 o movimento da população foi de 243 batizados e 25 casamentos. É pátria do cônego João Mathias de Carvalho Bueno, Reitor do Seminário Episcopal da Corte, e filho legítimo do último Capitão-mór da Vila de S. Francisco.

Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão – Freguesia situada na ilha de Santa Catarina a 3 léguas e $\frac{1}{4}$ ao sul da capital, a cujo termo pertence. Foi criada paróquia por Alvará

de 11 de julho de 1809, sendo governador o Tenente D. Luiz Maurício da Silveira. A construção de sua igreja, que foi por alguns anos capela filial data do ano de 1802. Por Provisão do Rev^o Cabido de 24 de janeiro de 1807 foi-lhe conferido o título de capela curada, sendo o seu primeiro cura O Rev^o Doutor Caetano de Araújo Figueiredo Mendonça Furtado. Depois de instituída igreja matriz foi seu primeiro pároco o Rev^o Thomaz Francisco da Costa, nomeado por Provisão Episcopal de 15 de novembro de 1809 com a congrua anual de 100\$000. Os limites desta freguesia são: ao norte os da paróquia da Conceição da Lagoa com a qual extrema; ao sul e leste o oceano, e a oeste o canal que da baía do Desterro sai à barra do sul. A 1.000 braças ao nordeste da povoação deságua o Ribeirão que dá o nome à freguesia. Na costa oriental da ilha existe uma capela filial sobre a invocação Santa Ana a qual pertenceu a antiga Armação da Lagoinha. O arraial desta freguesia está apresentado sobre uma colina do qual descem em sentidos opostos duas ruas laterais e a sua igreja pequena porém elegante oferece uma bela perspectiva. No termo de 1835 foi em certa noite roubado este templo com circunstâncias tais que tornaram o fato um sacrilégio inaudito, seguido porém de um milagre estupendo. O autor deste atentado não logrou o fruto de tão grande desacato. No momento em que envolvia num manto os vasos sagrados, depois de derramar pelo pavimento as sagradas Formas, apoderou-se dele um tal terror que ficou imóvel encostado a uma porta sem mais poder atinar com a que lhe dera entrada, segundo a própria confissão a fim de conversou até alto dia, em que foi preso. O ato de desagravo foi muito concorrido pelos fiéis até das freguesias vizinhas, fazendo a procissão de penitência com muito fervor e compunção, e pregando o insigne orador padre João de Boaventura Cardoso. Possui esta paróquia escolas de instrução primárias para ambos os

sexos. Faz parte do colégio eleitoral da capital ao qual manda 6 eleitores. Os seus terrenos, ainda que pela maior parte montanhosas, das mui férteis produzindo entre outros gêneros café e cana de açúcar de que fabrica aguardente e melado, e exporta em grande escala. O seu ancoradouro oferece de 8 a 11 pés de fundo na baixa mar. Tem uma população de 2.923 pessoas com 361 casas; e o movimento daquela foi de 130 batizados e 14 casamentos no ano de 1862.

N. S. Mãe dos Homens – Vide Araranguá.

N. S. das Necessidades – Freguesia do município da capital de que dista duas léguas e meia ao nordeste, situada no lado ocidental da ilha. A sua povoação data de época remota. No ano de 1714 vieram de S. Paulo para Santa Catarina Salvador de Sousa, nomeado Capitão-mór, e Manoel Manço de Avelar, Sargento-mór, trazendo consigo alguns naturais de Portugal e índios domesticados. Uma filha de Avelar de nome Clara Manço casou com o espanhol Francisco Antônio Branco estabeleceu-se neste sítio em terras próprias, onde erigiu uma capela a Santo Antônio, para cujo patrimônio, fez doação por escritura pública de 100 braças de terreno. No ano de 1755 sob o governo de D. José de Mello Manoel foi esta capela elevada à igreja paroquial, e vieram aposentar-se neste lugar 60 casais açorianos. Por esta ocasião foi o glorioso Thaumaturgo da Silva substituído pela S. S. Virgem sob o título de Nossa Senhora das Necessidades, que ficou sendo padroeira da matriz, dando-se-lhe por primeira paróquia o Rev^o Doutor Domingos Pereira Telles. Apesar disto é ainda hoje conhecida por freguesia de Santo Antônio. Esta paróquia extrema ao norte com a de Canavieiras; e ao sul com a da S. S. Trindade; a este com a da Lagoa, e a oeste com a baía de S. Miguel. A sua posição é muito aprazível, e suas ruas são planas e bem alinhadas. Aqui esteve por muito tempo estacionado o célebre Regimento de Chichorros, cuja

oficialidade inteligente e polida concorreu eficientemente para a civilização e incremento do lugar. Possui um pequeno chafariz com excelente água corrente, a melhor de toda a ilha. Ao lado esquerdo da igreja matriz há um jazigo mortuário bem construído e decente, tendo sobre a parede de fundo em frente à entrada principal um elegante nicho representando o Passo do Calvário. Resta freguesia tem as escolas de primeiras letras para a instrução da juventude e uma coletoria de renda provinciais, conta alguns engenhos de açúcar e farinha, olarias; e em seus arrabaldes fabrica-se boa cal, que manda ao mercado da capital e outras partes da província. Produz ótimo café, algodão e legumes, e sua costa muito farta de peixe. A sua população é de 2.629 almas com 457 casas; e no ano de 1862 deu a estatística 92 batizados e 14 casamentos. Pertence esta paróquia ao colégio eleitoral da capital, ao qual concorre com 6 eleitores. O ancoradouro entre a ponta e as ilhas do Ratonés, tem de 8 a 15 pés de profundidade na baixa mar. Foi vigário colado desta igreja por espaço de mais de 40 anos o Padre Lourenço Rodrigues de Andrade, e é pátria também do Tenente Coronel José da Silva Mafra, ambos senadores do Império por esta província.

N. S. do Patrocínio – Freguesia criada por Ato Legislativo Provincial nº 420 de 10 de maio de 1856, sendo presidente da província o Doutor João José Coutinho. São seus limites ao norte o rio Caveiras em todo o seu curso, ao sul e oeste o rio Pelotas e a este a estrada que desce da cidade de Lages ao passo do rio Pelotinhas, e por este abaixo até o Pelotas, onde faz barra. Esta última foi assim definida pela Resolução nº 428 de 21 de março de 1857. Tem por primeiro pároco o Revº Camillo de Lelis Nogueira. Situada sobre a vasta planície denominada Campo dos Baguães, é um, território regado por vários rios e arroios que o fertilizam. Os seus habitantes só se empregam na lavoura quanto lhes basta para se

proverem dos gêneros de primeira necessidade para o seu consumo, porque o seu principal ramo de indústria e comércio é a criação de gado, e condução de tropas, que aqui invernam para levarem ao litoral da província. Fabricam também excelentes queijos e preparam salgas de carne de porco que se conservam perfeitas por muito tempo, obtendo grande aceitação no mercado da capital. Possui cadeiras de instrução primária para um e outro sexo. Faz parte do município e colégio eleitoral da cidade de Lages. A sua população consta de 2.062 habitantes com 252 casas. O seu clima é frio, seco e muito salubre. Dista 10 léguas ao poente de Lages e 46 da capital.

N. S. da Penha – Freguesia assentada sobre o litoral no sítio denominado Saco das Piçarras, 20 léguas ao norte da capital e duas da Vila de Itajai, a cujo município pertence. Pela Lei Provincial nº 109 de 23 de março de 1839 sob o governo do brigadeiro João Carlos Pardal, o curato de Itapacorói, com uma capela dedicada a S. João Batista no lugar da Armação de Pesca, foi elevada à paróquia com a invocação de N. S. da Penha, devendo a nova matriz ser trasladada para o referido arraial das Piçarras ao nascente da foz do rio deste nome. Os seus limites atuais são: ao leste a ponta do Jacques no ponto onde existem algumas vertentes de água; ao sul o rio Gravatá; a este o oceano e a oeste a Serra Geral. Faz parte do colégio eleitoral de S. Sebastião a qual concorre com 5 eleitores. A sua população é de 1.757 habitantes com 252 casas e 260 fogos. Durante o ano de 1862 celebraram-se nesta paróquia 120 batizados e 13 casamentos, sendo a mortalidade apenas de 16 pessoas. O local da freguesia com quanto não seja tão vistoso e aprazível como a sede do antigo curato, goza de um clima ameno, refrescado constantemente pelas brisas do mar, pelo que se torna este sítio muito saudável. Possui aulas de primeira letras para instrução da mocidade.

Suas terras são muito produtivas, e toda costa abunda de excelente peixe. A farinha, o açúcar, a aguardente e madeiras fazem os principais artigos de seu comércio.

N. S. da Piedade – Vide Armação da Piedade.

N. S. da Piedade – Vide Tubarão.

N. S. dos Prazeres – Vide Lages.

N. S. do Rosário – Vide Enseada de Brito.

Nova Descoberta – Povoação importante e centro da freguesia de S. Sebastião da Foz, onde existem boas fazendas com engenhos de açúcar e farinha, e alambiques de aguardente, assim como engenhos movidos por água pilar arroz e serrar madeiras. Dista 3 léguas da barra do rio Tijucas Grandes. Todas terras são banhadas pelo ribeirão da Oliveira, que daí a meia légua deságua naquele abaixo da povoação da Canelinha.

Nova Itália – Vide colônia D. Afonso.

O

Obscuro – Rio da freguesia do Tubarão: tem origem na vertente oriental da Serra e deságua na margem direita do ribeirão do Passa-Dois, 4 léguas abaixo das nascentes deste.

Olaria – (Rio da) Corre a um quarto de légua ao sudoeste da cidade de N. S. da Graça, desembocando junto a ponta denominada de Araújo.

Olaria do Camacho – Sítio e povoado à margem direita do rio Parati, uma milha acima de sua foz. É um dos lugares que primeiro foram habitados no município de S. Francisco.

Oliveira – Ilha situada na ribeira do Araquari, a uma légua de sua barra e em frente a foz do rio Piraquê Pequeno.

Oliveira – (Ribeirão da) Deságua na margem esquerda do Tijucas Grandes duas léguas acima de sua barra, depois de fertilizar a povoação da Nova Descoberta.

Oliveira – (Rio do) Lança-se na praia de Canavieiras, 800 braças ao sul da ponta das Canas.

Onça – (Rio das) Entra na margem esquerda do rio Pequeno, perto da confluência deste com o Pirai no distrito de Joinville.

Ostras – (Rio das) A um quarto de légua ao sul do rio dos Juncos na costa do Saí.

Ostras – Riacho que deságua a 800 braças ao sul do rio Passa Vinte no distrito de S. José.

Onze Notas – Morro que se levanta ao poente da sede da colônia Angelina a cujas vertentes chega os fundos dos lotes de terras distribuídos aos colonos, e cujas frentes fazem à margem esquerda do rio de Mondéos. É também conhecido por Morro Grande.

Ouvidor – (Mato do) Floresta de matas virgens entre as pontas de Ibiraquera e Garopaba no território desta freguesia.

P

Pacas – (Rio das) Deságua na costa oriental da ilha de Santa Catarina, entre a ponta setentrional do Saquinho e da Régua. Apesar de pequeno e com a barra às vezes obstruída abunda de excelente peixe.

Pacheco – (Rio do) Deságua a 900 braças a sul do Furãozinho, quase em frente da ilha do Andrada na baía do Desterro.

Padilha – Rio que nasce na Serra Geral e confluindo com o Itapera despeja no Araranguá.

Pagará – Morro no lugar denominado Passa Vinte, distrito de S. José.

Palmas – Pequena ilha coroada de palmeiras em frente ao sítio, a que dá seu nome, uma milha ao sul da ilha Grande ou dos Ganchos, e um pouco ao norte do Trinta Réis. Entre esta ilha e a costa existe um ilhote granítico, formando um canaleta muito fundo.

Palmas – Ilha na ribeira de S. Francisco acima da foz do rio Cubatão.

Palmeiras – Rio procedente do ramal da Serra que margeia o rio Tubarão, em cuja ribanceira direita entra duas milhas acima do embocadura do rio Biscouto.

Palmitar – Sítio aprazível e de bons terrenos nas cabeceiras do rio Saí, onde se estabeleceu uma seção da colônia do Doutor Mure.

Palmitar – Rio muito conhecido no município de S. Francisco. Nasce nas imediações da Serra perto do braço do rio S. João, segue a rumo de sul recolhendo as águas de alguns ribeirões e vai despejar com longa embocadura perto da foz do rio das Três Barras, no fundo da ribeira de S. Francisco. Suas margens dotadas de ótimos terrenos para todo o gênero de lavoura são amenas e salu-

bres. É navegável até pequena distância por iates, porém as canoas sobem algumas léguas acima da sua barra
Pantanal – Sítio na freguesia da S. S. Trindade por onde passa a estrada que a comunica com o litoral. As chácaras que aqui existem possuem boa água corrente das cachoeiras e vertentes dos montes vizinhos.

Pântano do Sul – Povoado pertencente à paróquia de N. S. da Lapa do Ribeirão sobre uma enseada ao sul do morro do Facão na costa oriental da ilha.

Pão de Açúcar – Serro alcantilado ao norte do morro do Facão e ao sul da Armação da Lagoinha.

Pão de Açúcar – Pico de morro de figura cônica que se eleva ao norte da cidade de N. S. da Graça, 400 braças a leste da ponta da Cruz.

Pão da Rainha – Sítio a distância de duas milhas ao norte do rio de Garopaba, onde admira-se uma corpulenta árvore secular, que foi por muito tempo divisa territorial entre os municípios de S. José e Laguna.

Papagaios – Pequeno rio que deságua na margem direita do Tijucas Grandes.

Papagaios – Nome de duas ilhas situadas pouco mais de meia légua ao norte da ponta do Veado, e um quarto ao sudoeste da barra do sul da capital. Ficam vizinhas da ilha roqueira onde está assentada a fortaleza da Conceição. Entre estas ilhas e da Fortaleza uma pequena barra que por causa de seus escolhos só canoas a investem. A maior destas ilhas forma quase um triângulo, com mais de 300 braças da superfície, e possui água potável e boas terras de cultura.

Papoam – Paragem sobre a estrada que conduz a Lages pelo Cubatão. Dista 8.800 braças de caminho a nascente da colônia militar de Santa Teresa, e 6.400 ao poente do Campo da Boa Vista. Outros pronunciam Pepoam.

Paraíso – Situação aprazível no distrito de Itajai, cujos moradores formam um quarteirão da Vila.

Parnaguá-mirim – Rio da freguesia da Parati, o qual tem a sua origem no morro Guamirim. Corre a princípio a rumo de norte, e depois toma a direção de este; e seguindo por fim a nordeste faz margem na margem direita da ribeira do Araquari, uma milha acima do rio Parati, e em frente a ilha do Mal-contados. É navegável por grandes iates até uma légua acima de sua foz. Na barra deste rio começou a povoação que mais tarde se transferiu para a ilha junto a barra do norte, onde hoje está a cidade da Graça.

Paraty (Parati) – Um dos principais rios de S. Francisco, com a sua origem na vertentes do morro do Bugre, continuação das terras da Tromba. Corre a rumo de nordeste regando com suas límpidas e fecundantes águas a freguesia que adaptou-se ao nome e desemboca a margem direita do Araquari, a 2 ½ léguas da foz desta ribeira, e uma milha ao sueste da Paranaguá-mirim. Presta-se a navegação de iates até certa distância, e de canoas por mais de duas léguas. A sua barra forma uma bacia de 200 braças de largo, tendo em frente a ilha Comprida.

Paratyi (Parati) – Vide Bom Jesus do Parati.

Passa Dois – Paragem sobre a margem esquerda do ribeirão deste nome, 840 pés acima do nível do mar, onde existem jazigos de carvão de pedra de superior qualidade. Este tesouro indescritível com que a natureza dotou o município da Laguna, uma vez estabelecidos vias de comunicação capaz de oferecer transporte suave a este precioso combustível, dará considerável incremento ao seu comércio, e a província de Santa Catarina lisonjeará de poder suprir abundantemente um artigo de tanto consumo no império; a para cuja aquisição se mandam grossas somas ao estrangeiro.

Passa Dois – Este famoso ribeirão é prolongamento do rio Tubarão, formado na sua principal origem. Nasce nas vertentes da Serra Geral e corre ao oriente por um leito obstruído de gigantescas pedras. A estrada que segue da Laguna à Lages pela freguesia de Tubarão o margeia em todo o seu curso, atravessando 6 rios, que entram em sua margem direita. Perde este nome na junção do rio das Laranjeiras, onde começa a denominar-se Tubarão. É muito caudaloso, e impraticável por ocasião de cheias.

Passa Dois – (Rio do) Confluente a margem direita do rio Correntes, sobre a estrada que conduz de Lages a província do Paraná. Em sua proximidade está estabelecida a coletoria provincial, denominada do Passa Dois, para a cobrança do imposto do grado, que passa para aquela província.

Passa Vinte – Rio que dá o seu nome a um pequeno povoado distante uma légua ao sudoeste da cidade de S. José, e serve de porto as colônias do interior, havendo por isso aqui alguns armazéns de negócio.

Passa Vinte – Rio de pouca correnteza, que deságua na baía dos Zimbros.

Passo do Borges – Sobre o rio Pelotas, duas léguas ao sul da embocadura do rio das Vacas Gordas e Cao, e noroeste do Pelotinhas.

Passo do Constâncio – A duas léguas e meia ao oriente da confluência do rio Lavátudo nò Pelotas, e três ao poente do passo do Inferno.

Passo Fundo – No rio Cubatão (do Sul) onde se atravessa o mesmo para seguir a estrada das Caldas da Imperatriz.

Passo do Gado – Sobre o rio Tubarão, meia légua ao nascente da freguesia de N. S. da Piedade.

Passo do Gateado – No rio Pelotas 6 léguas ao noroeste da confluência do rio das Vacas Gordas, e uma ao sul do passo das Lageana.

Passo do Inferno – Dista duas léguas ao oeste da embocadura do rio das Contas no Pelotas.

Passo dos Lageanos – Acha-se sobre o rio Pelotas 9 léguas ao sul do passo do Pontão e uma a norte do Gateado.

Passo Manso – Sítio sobre a ribanceira do Itajai-açú no distrito da colônia Blumenau.

Passo do Pontão – Sobre o rio Uruguai precisamente no sítio onde se encontram os rios Canoas e Pelotas no distrito de Campos Novos.

Passo da Porteira – Sítio a entrada do Mato dos Índios, pela parte ocidental no distrito de Lages.

Passo de Santa Vitória – Está sobre o rio Pelotas, 5 léguas ao oriente da embocadura do Pelotinhas, e 12 ½ do rio das Vacas Gordas. Neste ponto passa a estrada que segue da Vacaria para Lages, a qual atravessa também os rios Caraázinho, Penteado, Pelotinhas e Caveiras antes de chegar aquela cidade.

Patural – Entre o rio Tubarão quase na sua barra e a lagoa de Parobé.

Patural – Terreno baixo e alagadiço entre o rio do Vieira e o da Palhoça e na estrada que segue de S. José para o Cubatão.

Pessegueiros – Rio que deságua na margem esquerda do rio Canoas depois da atravessar a estrada. O seu passo dista 3.000 braças ao oriente dos Macacos e 3.000 ao ocidente da Ponte Alta.

Pessegueirinhos – Confluente do Pessegueiro com o seu passo a 1.000 braças a oeste deste.

Pedra de Amolar – Quarteirão com trinta e tantos fogos no distrito da Vila de Itajai.

Pedra Branca – Sítio sobre a margem direita do rio Maruí, duas léguas ao norte da cidade de S. José. Deu-lhe esta denominação uma enorme e alcantilado penedo com

grande escarpamento no cimo de um alto serro, o qual se avista a considerável distância. Sobre a mesma há uma espécie de esplanada guarnecida de um parapeito de 5 palmos de alto, obra da natureza, donde se desdobra um magnífico panorama em uma circunferência de 10 léguas, posto que sua demasiada altura inspira certo horror aos que pela primeira vez ali sobem.

Pedras Brancas – Serro que se ergue a duas léguas em linha reta a leste-sueste da cidade de Lages, e meia apenas ao norte da margem direita do rio Caveiras.

Pedras Brancas – Ilhota granítica formada pelo esteiro que comunica o Varadouro com o rio Tubarão junto a barra deste.

Pedra Grande – Arrabalde setentrional da cidade do Deserto nas imediações da sua extrema com a paróquia da S. S. Trindade. Uma alta pedra de forma piramidal que se elevava outrora a beira do caminho, legou-lhe semelhante nome.

Pedras Grandes – (Rio das) Tem a sua nascente na Serra que se estende ao longo do Tubarão, e nele deságua em distância de pouco mais de légua abaixo da embocadura do rio do Armazém.

Pedreira – Ramificação da colônia de Joinville, formando um arraial a 300 braças da margem direita do rio Cubatão (do norte), sobre a estrada da Serra, e a 1.200 abaixo da confluência do rio Lindo. Adotou este nome em honra do senador Pedreira, hoje Barão do Bom Retiro.

Pedrinhas – Porto sobre a ribanceira direita do rio Tubarão, dias léguas acima da sede da freguesia de N. S. da Piedade.

Pedrinhas – (Rio das) Entra na margem direita do Tubarão, perto do porto da Guarda.

Pelotas – Rio considerável do município de Lages. Tem princípio nas vertentes ocidentais da Serra Geral sobre

o platô de Santa Bárbara, na distância de algumas braças das nascentes do rio canoas, ambos origens do grande Uruguai: corre em seu começo a rumo de sudoeste, atravessando a estrada das freguesias do Tubarão e Imarui, vão ter à cidade de Lages: segue depois nas direções do oeste, norte e noroeste até a sua confluência com o rio Canoas, onde toma a denominação de Uruguai, depois de perfazer mais de 40 léguas de curso, durante o qual recebe as águas de muitos confluentes. O seu nome deriva-se de jangadas de curso de que se servirão os viajantes para passar este rio. É também conhecido por Uruguai-mirim.

Pelotinhas – Afluente do rio Pelotas, em cuja margem direita se lança 5 léguas ao ocidente do passo de Santa Vitória e 7½ ao oriente da embocadura do rio das Vacas Gordas. O seu curso é de 14 léguas a rumo de sueste, e recolhe as águas dos rios Penteado e Caraázinho pouco mais de uma légua antes da sua confluência.

Penedos de S. Pedro – Grupo de ilhéus graníticos situados entre a ilha dos Macucos e a do Arvoredo, em distância igual de uma légua. O maior é também conhecido pelo nome de Calhão.

Penha – Serro ao norte do rio Una próximo da lagoa de Tbiraquera no distrito do Mirim.

Penha – Vide N. S. da Penha.

Penteado – Rio que despeja na margem esquerda do Pelotinhas, tendo antes confluído com o Caraázinho. Corre paralelamente com estes por uma extensão de 5 léguas.

Perau – Sítio junto da margem esquerda do Araquari, 500 braças acima da embocadura do rio Miranda.

Perdição – Lugar onde existe um destacamento militar para impedir as incursões do gentio no município de Itajai.

Perdidos – (Rio dos) Faz barra na margem direita do rio Tijucas, 4.500 braças de caminho ao norte e abaixo da confluência do rio dos Mondéos, no distrito da colônia Angelina. É também conhecido pelo nome de rio de S. Carlos.

Pernambuco – Rio da freguesia do Parati, o qual deságua na margem direita do Araquari, em frente a ilha dos Barcos e 500 braças acima da confluência do Paranaguá-mirim.

Peroba – Pequeno saco onde desemboca o rio do Trigo, a leste do Pão de Açúcar, a entrada da cidade da Graça.

Perrechil – Ponta de terra que se estende do lado meridional da lagoa de Vila Nova, para com a ponta do estaleiro, que lhe fica fronteira, formar a barra daquela.

Pescaria Brava – Vide Bom Jesus do Socorro.

Pesqueiro – (Ponta do) Entre a ponta de Itaguaçu a leste sobre a margem direita da lagoa de Vila Nova.

Pesqueiro – (Rio do) Despeja a um quarto de légua da foz do rio Soturno, na ribeira de S. Francisco, do lado do Sai.

Pesqueiro Fundo – Ponta de terra que se estende ao sudoeste da baía do Desterro, 400 braças ao norte da ponta do Cedro. A sonda deste lugar dá 40 pés de profundidade.

Pico da Boavista – Eleva-se na extremidade austral da Serra da Cachoeira ao poente da lagoa de Saguacu.

Pico da Canastra – Planura sobre as eminências da Cordilheira, um pouco ao sul da majestosa cascata do Pirai Piranga.

Pico do Corcunda – Sobre a continuação do Serro da Tromba no território do município de S. Francisco.

Pico do Jurupé – Sobre a Serra leste-oeste com as cabeceiras do rio Cachoeira no município de S. Francisco: também se escreve Ajurupéa.

Pico da Pedra Branca – Serro granítico sobre a corda de morros que se prolonga pela margem esquerda do rio de S. Francisco, para a banda das Três Barras, e da qual vertem os rios que banham toda esta parte do território do Saí.

Pico Redondo – Monte que se desprende da Cordilheira para elevar-se entre os rios do Índio e Itapeva no distrito do Araranguá.

Pimentel – (Rio do) Deságua a um quarto de légua a leste da sede da freguesia de Canavieiras.

Pinhal – Planície saneada de pinheiros a leste da Guarda Velha do Trombudo.

Pinheira – Ponta de terra alta do lado do continente, a qual se avança para o oceano a uma légua ao sul da barra austral da ilha de Santa Catarina. Entre a ponta do Veado que lhe fica ao norte e as ilhas dos Papagaios há uma pequena barra que só dá entrada a iates, que tenham bons práticos.

Pipiriguassú – Rio que nasce nas vertentes ocidentais da Serra de Santo Antônio, e seguindo a rumo do sul, lança-se na margem direita do rio Uruguai, passando a uma légua apenas a cabeceira do rio de S. Antônio, com o qual forma o limite oeste da província de Santa Catarina, com a de Correntes da Confederação Argentina. É muito largo e fundo.

Pipiri-mirim – Confluente do rio Piririguassú pela sua margem esquerda, nasce nos morros que se elevam ao nordeste da Campina de Américo.

Pirabeirava – Rio do distrito de N. S. da Glória do Saí. Nasce em um dos ramais da Serra Geral, e havendo percorrido mais de 4 léguas em direções diversas, em que recebe as águas de muitos tributários, vai lançar-se a margem direita do rio de S. Francisco para a parte das Três Barras, uma légua abaixo do sítio em que começa a grande Ribeira. Este rio é largo e navegável com 16 pal-

mos de fundo até onde chega a maré. Entram na sua margem esquerda os rios do Carvalho, do José Lopes, e o Morrete do Curitibanos, e na direita o Beirú, os quais formam na sua foz uma larga bacia com grande volume de água. A palavra Pirabeirava é composta de outras do idioma brasileiro, que significam: rio de muito perigo.

Pirahy-mirim (Pirai-mirim) – Tem sua origem este rio em uma cachoeira do morro do Bugre, e depois de não pequeno curso entra na margem esquerda do Pirai Piranga, 5 milhas acima da confluência deste com o Itapocú.

Pirahy Pironga (Pirai Pironga) – Confluente considerável do rio Itapocú, em cuja margem esquerda se lança, a pouco mais de duas léguas acima da barra. Nasce na Serra da Tromba, tendo por origem uma linda e volumosa cascata; recolhe as águas de vários rios, que entram em sua margem esquerda; fertiliza todo o território de Parati, e sem desdenhar o tributo que também lhe oferece a lagoa Bonita, corre em direção ao sudoeste até fazer barra. É navegável em sua extensão de 6 léguas. As palavras indígenas Pirai Piranga significam: rio vermelho abundante de peixes.

Pirajubahí (Pirajubai) – Povoado pertencente a freguesia da S. S. Trindade na encosta da pequena serra que se estende norte-sul, e da qual nasce uma formosa e abundante cachoeira muito freqüentada na estação de banhos. Este nome compõe-se de outros do idioma brasileiro, e quer dizer: lugar que cria peixe amarelo. Dista uma légua ao sueste da capital.

Piraquê ou Piraiquê – Nome de dois rios que deságuam na enseada de Porto Belo: o primeiro a duas milhas ao poente da povoação Piraiquê Grande: o segundo a uma légua ao norte deste, conhecido por Piraiquê Pequeno.

Piraiquê – Rio que entra na margem esquerda da ribeira do Araquari, uma légua acima da barra.

Piraquê Pequeno – Ribeiro que deságua a margem direita do Araquari, duas milhas acima da foz, e defronte da ilha da Oliveira.

Pery (Peri) – Sítio muito aprazível a margem austral da lagoa deste nome na freguesia do Ribeirão. Aqui há uma grande Fazenda, fundado pelo Major Antônio Luiz Pereira, e hoje propriedade de Isidoro Pires Ferreira.

Pery (Peri) – (Rio do) Percorre uma extensão de 500 braças, e deságua no canto meridional da lagoa a que deu o nome, conhecida também pelo nome de Lagoinha. Perto de suas nascentes há uma linda cachoeira.

Pissarras (Piçarras) – Arraial ameno e vistoso pertencendo a freguesia de N. S. da Penha, está situado sobre um lindo e extenso Tabuleiro, que começando da margem esquerda do rio do mesmo nome, prolonga-se paralelamente com o litoral por espaço de mais de duas léguas, com proporções para uma grande cidade. O seu ancoradouro do lado meridional, fronteiro a Penha é seguro, fundo e abrigado dos ventos dos quadrantes de sul a oeste.

Pissarras (Piçarras) – Rio que desemboca no saco desta mesma denominação ao poente e muito perto do sítio onde está a igreja matriz de N. S. da Penha.

Piúrras – Ribeirão que faz passo na estrada de Lages, 2.400 braças a oeste do rio do Capitão-Mór e 1.300 a leste do rio Bonito, em cuja margem direita deságua.

Piúrras – (Morro das) Eleva-se sobre a margem esquerda do rio Canoas ao oriente da embocadura do rio Bonito.

Pomeranos – Nome da estrada que comunica a colônia Brusque com o interior, e é atravessada mais de uma vez por um confluente do Guabiruba do Norte, que tem mesmo nome.

Pocinho – Junto da ribanceira esquerda do rio Itajai, e em frente da embocadura do arroio das Minas.

Poço Verde – Sítio sobre a margem esquerda do braço do sul do Itajai, uma légua acima da colônia militar de Santa Teresa.

Ponta Alegre – Ao lado ocidental da cidade do Desterro, onde existe um trapiche o depósito de carvão de pedra, pertencendo a Companhia Brasileira dos Paquetes a Vapor.

Ponta de Armação de Itapacorói (Itapacoroi) – Estende-se ao mar à entrada da enseada do mesmo nome, a qual é formada por esta ponta e a das Piçarras distando entre si 3.000 braças em linha reta.

Ponta do Azedo – Ao nordeste da ponta da Cruz já dentro da barra meridional do rio de S. Francisco.

Ponta da Barra da Lagoa – No sítio em que faz barra a Lagoa da Conceição na costa oriental da ilha de Santa Catarina. Aqui se distingue ainda as ruínas de uma antiga fortaleza.

Ponta do Barreiro – Ao sul da barra da Laguna, em cujo lado setentrional está assentada a Fortaleza que defende aquela.

Ponta do Botta – Por este nome também é conhecida a ponta do Rapa a mais setentrional da ilha de Santa Catarina.

Ponta do Camarão – Jaz a meia légua ao sul do arraial da Vila de S. Miguel.

Ponta das Cannas (Canas) – Demora a 2.500 braças ao nordeste da sede da freguesia de Canavieiras na parte setentrional da ilha de Santa Catarina.

Ponta do Cedro – Extremidade oriental da Serra do Cambirela ao sudoeste da capital. Esta ponta na terra firme e a de Caiacangaçú na ilha parecem fechar do lado do sul a baía do Desterro.

Ponta do Liry (Liri) – Situada ao sul da praia do leste a ao norte da que forma a enseada do Pântano do Sul.

Ponta do Coqueiro – Ao norte da foz do rio do Ronco na costa da freguesia do Sai.

Ponta dos Coqueiros – Ao oriente da do Itaguaçu na baía da capital.

Ponta da Cruz – Do lado setentrional da cidade da Graça, forma com a ponta do Vigário o saco em cujo fundo deságua o rio da Pedreira.

Ponta de Maria Bernarda – Situada a meia légua ao norte da ilha Anhatomirim, e igual distância ao sudoeste da ponta de sul Armação da Piedade.

Ponta da Enseada de Brito – Um pouco ao norte do arrai-al da freguesia de que recebe a denominação.

Ponta da Enseada das Garoupas – Avança-se para o mar a 2.000 braças ao norte da ponta da Sepultura. É muito conhecida por coroada por coqueiros.

Ponta das Feiticeiras – Forma a grande praia do Inglês com a ponta desta última denominação que lhe fica a leste.

Ponta Funda – Entre da Guarita e o saco da Caieira no distrito do Ribeirão.

Ponta Grossa – Jaz ao oeste da sede da freguesia de Canavieiras, a uma distância pouca menor de légua. Aqui existe uma antiga e bem distribuída fortaleza destinada para causar fogos com a de Santa Cruz. O canal entre ambos oferece de 27 a 33 pés de fundo.

Ponta Grossa – A margem ocidental da lagoa de Vila Nova formando o saco de Canguari.

Ponta Grossa – É a mais ocidental da ilha de S. Francisco, e fica em frente a ilha do Mel.

Ponta do Inglês – O cabo mais oriental da ilha de S. Catarina em 27° 26' 9" de latitude sul e 50° 48' 45" de longitude oeste do Observatório de Paris.

Ponta do Jacques – Situada a uma légua ao norte do rio das Piçarras, serve de divisa entre as freguesias de Penha e Barra Velha.

Ponta das Laranjeiras – Sobre a margem oriental da lagoa de Santo Antônio dos Anjos e fronteira a ponta da Cabeçuda.

Ponta de Magalhães – Está a meia légua ao norte da ilha Anhatomirim, e forma com a ponta do Curral a praia deste nome, a qual abunda de lindas conchinhas que o mar para aqui arroja quando embravecido.

Ponta de Maruhy (Maruí) – Estende-se ao sul da cidade de S. José, e do lado setentrional da embocadura do rio, de que recebe o nome.

Ponta do Moleque – É formada de rochedos sobre o rio de S. Francisco do lado oposto da barra do Cubatão do norte.

Ponta Negra – Estende-se ao sul da ponta de Cantagalo, com a qual e da Armação formam o promontório de Itapacorói.

Ponta da Palhoça – Entre as pontas do Coqueiros e a de Itaguaçú, no litoral em frente a baía do Desterro, mas pertencente ao distrito de S. José.

Ponta das Piçarras – Situada a entrada do saco do mesmo nome onde está o arraial da freguesia de N. S. da Penha.

Ponta do Poço – Ao norte da Tapéra, formando o saco deste nome, no distrito do Ribeirão, sobre a costa ocidental da ilha.

Ponta Rasa – Sobre a margem oriental da lagoa de Vila Nova, fronteira a ponta de Itaguaçú, que demora na margem oposta.

Ponta da Régua – Do lado meridional da enseada do Pântano do Sul, e onde termina a praia deste nome.

Ponta do Vigário – Na extremidade norte da cidade de N. S. da Graça.

Pontal do Ratonos – Língua de terra que se prolonga ao lado do norte do rio deste nome fazendo com a ilha

Anhatomirim que lhe fica fronteira a baía de S. Miguel. Aqui existiu um fortim. Com o prefixo de pontal há diversos sítios no litoral da província.

Ponte Alta – Confluenta do rio do Trombudo, o qual atravessa a estrada de Lages a 800 braças a oriente da fazenda do Campo do Bom Retiro, e meia légua a ocidente daquele rio.

Ponte Alta – Atravessa a entrada de Lages tese rio, formando o seu passo a 2.000 braças de caminho a oeste do rio Bonito.

Ponte Alta – Rio da freguesia do Tubarão, o qual nascendo na serra próxima, deságua na margem direita do ribeirão do Passa Dois, quase em frente a barra do rio das Laranjeiras.

Ponte Alta do Norte – Afluente do rio das Pedras pela margem direita, atravessa a estrada de Lages a Curitiba. A sua embocadura está a meia légua ao norte da confluência daquele com o rio Marombas, e o seu passo a 800 braças de Ponte Alta do Sul.

Ponte Alta do Sul – Rio procedente dos morros que se erguem a oeste dos campos do Figueiredo, fazendo barra na margem direita do Canoas, depois de atravessar a estrada. Entre o passo deste rio e o da Porteira interpõem-se 1.300 braças.

Ponte Funda – Lugar sobre as margens do rio Biguaçu na freguesia novamente criada a denominação S. Pedro Apóstolo.

Ponte Grande – Deságua na margem direita do rio Caverias depois de formar o seu passo sobre a estrada, a meia légua de distância ao oriente da cidade de Lages.

Porto Belo – Antiga Vila, hoje freguesia situada sobre a magnífica enseada das Garoupas, 12 léguas ao norte da capital, em 27° 8' de latitude meridional e 51° 4' de longitude ocidental do Meridiano de Paris. Antônio Corrêa

e Maria de Récola foi o primeiro casal que habitou, este lugar, sendo possuidor de todo o terreno compreendendo desde o sítio onde está assentada a povoação até a ponta das Bombas, em uma extensão de duas léguas mais ou menos de frente. Esta rica propriedade mais tarde foi vendida pela insignificante quantia de 50\$000 quando aqueles quiseram retirar-se para Cananêia, donde eram naturais. A povoação regular deste distrito começou pelos anos de 1753 a 1754 sob o governo de D. José de Mello Mandel, vindo-se estabelecer aqui alguns colonos naturais dos Açores, na forma da Provisão Régia de 9 de agosto de 1747. Não tendo tido porém esta colônia incremento algum, foram neste lugar por ordem de El Rei D. João VI, aposentando 101 pessoas de ambos os sexos, vindos da Ericeira de Portugal no ano de 1819, sendo governador de Santa Catarina o Coronel João Vieira Tovar de Albuquerque, e custando à Nação só a construção de casas para os colonos a quantia de 5.333\$548 réis afora o terreno. Um oratório particular serviu-lhe por muito tempo de capela, sendo seu primeiro capelão cura o Rev^o Francisco Rodrigues Pereira, depois vigário da Conceição da Lagoa. Por Alvará de 18 de dezembro de 1824 foi-lhe conferida o título de paróquia, e elevada a categoria de Vila por Decreto de 13 de outubro de 1832, sendo presidente da província o cidadão Feliciano Nunes Pires, e marcando-se por limites de seu município ao norte o rio Itajaí, e ao sul o Tijucas Grandes. A sua igreja matriz cujo padroeiro é o Senhor Bom Jesus dos Aflitos, está edificada sobre uma vistosa colina no extremo ocidental da povoação em terrenos para este fim doados pelo Capitão Domingos Rodrigues Pereira e sua mulher D. Vivência Rosa de Jesus Pereira. A Obra de que só foi concluída a capela-mór fez-se com esmolas do povo agenciadas pelo vigário Francisco José de Sousa, que para isso empregou toda sua solicitude. Apesar do excelente porto a que merecidamente deve o

nome, esta localidade, que parece destinada pela natureza para um dia ser capital da província, tem visto definir seu comércio, chamando-se a concorrência para as barras dos rios Tijucas e Camboriú, resultando desta preferência a Resolução Provincial nº 464 de 4 de abril de 1859 que transfere a sede da vila para S. Sebastião da foz do Tijucas, ficando reduzida a simples freguesia. Atualmente tem esta paróquia por divisas ao norte as vertentes do morro do Boi; e ao sul o rio dos Bobos. Possui duas cadeiras públicas de primeiras letras para instrução da juventude. Faz parte do município e colégio eleitoral de S. Sebastião o qual envia 8 eleitores. Conta 4.490 habitantes com 506 casas, tendo sido o movimento da sua população no ano de 1862 de 250 batizados e 35 casamentos. Os principais gêneros de produção desta freguesia são: mandioca, feijão, arroz, café e cana de açúcar. Em um de seus arrabaldes denominado as Bombas fabrica-se louça de barro muito fina, aqui chamam paisana. A meia légua ao norte da povoação deixa-se ver a famosa Caixa D'Áço, excelente ancoradouro para navios de maior calado.

Porto dos Casais – Lugarejo sobre a margem esquerda do rio Marui e não longe da sua foz.

Porto Grande – Sobre a margem direita do Parati entre o braço deste rio e do Gonçalves.

Porto das Pedras – Sítio sobre a margem setentrional da lagoa de Vila Nova, onde foi fundada a freguesia do Mirim.

Porto da União – Vide União.

Potecas – Pequeno povoado sobre a extrema norte do distrito de S. José, onde existem alguma chácaras bem cultivadas, e abundando de árvores frutíferas.

Pouso Alegre – Deste lugar, que fica ao sul do morro de Mafra e sobre a estrada geral que segue para o norte goza-se pela sua elevação de excelente vista e de ares

muito puros. Até pouco tempo era conhecido pela denominação de Inferninho, em razão da vizinhança do rio deste nome.

Pouso Alto – Sítio sobre a margem direita do rio Capivari ao sul do arroio Gravatá, no distrito da Pescaria Brava

Pouso Reiúno – Paragem, sobre a ribanceira direita do ribeirão do Passa Dois, e perto da raiz da Serra, na estrada que segue para Lages pelo município de Laguna

Praia Alegre – No continente fronteiro à cidade do Deserto, a oeste da ponta do Pesqueiro Fundo.

Praia de Araçatuba – Prolonga-se desde a ponta da barra do rio Massambú até a ponta do Veado, numa extensão de 5.000 braças.

Praia das Aranhas – Estende-se entre a ponta das Flechas e a do Inglês no costão oriental da ilha de Santa Catarina.

Praia Brava – Na costa da freguesia do rio Vermelho entre a ponta do Rapa e das Feiticeiras.

Praia Brava – Sobre o litoral do distrito de Itajai, ao sul da ponta de Cabeçadas. Há outras com esta mesma denominação.

Praia Comprida – Interessante arraial muito povoado de comércio, ao lado setentrional de cidade de S. José. Alguns indivíduos pertencentes à colônia de S. Pedro de Alcântara, abandonando a lavoura, aqui vieram estabelecer-se com oficinas e casas de negócios, o que concorreu muito para fazer prosperar rapidamente este lugar. É o ponto onde os colonos que descem do interior com cargueiros, embarcam seus produtos lanchas e botes que os levam ao mercado da capital.

Praia Comprida – Ao sueste e perto da sede da freguesia de N. S. das Necessidades, em uma pequena enseada formada pela ponta de Cacupé. Com este nome há outras praias no litoral da província.

Praia da Costeira – Forma pequena enseada entre a ponta de Itaquí ao norte e Caiacanga-açú ao sul do distrito do Ribeirão.

Praia das Flores – Ao nascente de Sambaqui formando com este povoado que lhe fica contínuo o mais pitoresco arrabalde de S. Antônio.

Praia de Fora – Aqui está o lado setentrional da cidade do Desterro com uma capela dedicada ao glorioso mártir S. Sebastião. É um dos mais aprazíveis arrabaldes da capital muito visitado na estação calmosa, e em cujas chácaras à beira mar se aposentam as famílias abastadas para gozar dos banhos. Na sacristia da capela sobre o arcaz deixa-se ver uma manga de capitel lavrada que foi oferecida a N. S. dos Navegantes, a qual tem uma inscrição em letras rubras comemorando a data e lugar em que foi encontrada entre os religiosos da barca a vapor Pernanbucana, que naufragara na praia de Campo Bom em 9 de outubro de 1853. A imagem de S. Sebastião que se venera nessa capela é de admirável perfeição e muito expressiva. O povo dedica-lhe fervente devoção, e nas quadras aflitivas de epidemia é levada em procissão penitencial pelas ruas da cidade, a cujos atos os fiéis concorrem com humildade e devoção. Intercessão do santo advogado encontram o remédio eficaz. A imagem de N. S. dos Navegantes, que também aqui se venera anualmente, é objeto de grande devoção dos marítimos, que lhe fazem muitas esmolas.

Praia de Fora – Guarnece em uma grande extensão a base da Serra do Cambirela em frente a baía do Desterro no distrito de Enseada de Brito. Foi neste sítio que a 28 de fevereiro de 1777 foi assinado a capitulação pela qual se entregou a ilha de Santa Catarina às forças insanas da Espanha. Para este opobrioso ato concorreu principalmente o marechal de campo Antônio Carlos Furtado de Mendonça, filho do Visconde Barbacena de

Portugal, que sendo chamado do governo da capitania de Goiás, fora encarregado da defesa da ilha pelo Marques de Lavradio, então Vice-Rei do Brasil.

Praia Grande – Aprazível remanso muito povoado entre o rio Tijuquinha e Caieira. É um belo ancoradouro muito fundo e abrigado de todo o vento.

Praia Grande – Margeia a ribanceira direita do rio Itajai entre o morro da Fortaleza e o rio Gaspar de Cima.

Praia do Inferninho – Situada na embocadura do rio deste nome e a ponta do Jordão ao ocidente dos Ganchos.

Praia do Inferno – Vide Mariscal.

Praia do Inglês – Demora ao sul da ponta deste nome na costa da freguesia do Rio Vermelho. O naufrágio de um navio inglês sobre esta praia deu-lhe semelhante denominação. Aqui existe uma armação de pesca de baleias de empresa particular.

Praia de Leste – Ao sul da ponta do morro do Facão na costa-oriental da ilha. Nela deságua um pequeno rio que recebe este nome.

Praia Linda – Situada um pouco ao sul da ilha das Pombas no distrito do Ribeirão.

Praia do Mandú – Estende-se desde o sítio da Armação da Lagoinha até a ponta do morro das Pedras.

Praia Mole – Situada na costa da Lagoa da Conceição entre a ponta do Gravatá e a da Calheta.

Praia do Saco – Forma um perfeito semi-círculo a um diâmetro de 600 braças entre a ponta do Rapa e a das Canas.

Praia da Tijuca – A que se prolonga desde a foz do rio Inferninho até a do Tijucas Grandes. É esparcelada e muito brava com o vento leste.

Praia da Terceira – De pequena extensão na costa ocidental da Ilha, 350 braças ao norte da ponta dos Naufragados.

Praia Triste – Na baía dos Zimbros um pouco ao norte da praia Vermelha. A plácida solidão que reina neste sítio alias aprazível e grato aos espíritos recolhidos deu-lhe tão imerecidamente o nome de Triste.

Praia Vermelha – Sobre a costa ocidental da lagoa de Vila Nova e ao norte da Ponta Grossa.

Praia Vermelha – Situada entre os costões da ponta Negra e de Cantagalo. É pouco extensa e excessivamente brava.

Praia Vermelha – Estende-se do lado setentrional da barra do rio dos Bobos. Com os mesmos qualificativos há muitas praias na província, que deixamos de mencionar por menos notáveis.

Prainha – Vistoso arrabalde a beira-mar ao lado meridional da cidade do Desterro. Aqui mana uma límpida correte de água cristalina conhecida pelo nome de Fonte da Prainha, onde as tripulações dos navios costumam refazer-se deste elemento indispensável à vida.

Prainha – Situada ao sul da praia Pequena das Bombas, de que a separa um riacho. Abunda de lindas e delicadas corichinhas próprias para flores artificiais, em cujo trabalho primam as filhas desta província.

Pranchões – (Praia dos) Estende-se desde a raiz do morro dos Cavalos até a embocadura do rio Massambú.

Quatorze Voltas – Grande morro muito íngreme que se levanta a oeste da várzea dos Pinheiros, em cuja falda ocidental começam os amenos e fertilíssimos vales da colônia nacional Angelina. Vide morro da Espera.

Quebra Cabeça – Rio que nasce nas vertentes dos montes que se prolongam com a costa da Serraria, com uma ponte de madeira perto de sua foz. É divisa territorial entre as paróquias de S. José e S. Miguel.

Quebra Dente – Tem origem este rio na aba oriental da Serra da Boa Vista, e reunindo-se ao Quebra Pote corre a nordeste a desaguar nas imediações do rio e várzea Pai Garcia.

Quebra Joelho – Morro que se ergue ao nascente da várzea dos Pinheiros sobre a antiga estrada de S. Pedro de Alcântara do município de Lajes.

Quebra Pote – Confluindo com o Quebra Dente depois de correr paralelamente a 800 braças de distância do mesmo, vai desaguar nas imediações do Pai Garcia e território da colônia de Angelina.

Quebra Remo – Ponta de terra que se estende do lado sul do sítio da Armação da Lagoinha na costa oriental da Ilha de Santa Catarina.

Queimada – Pequena ilha situada no rio de S. Francisco na vizinhança da ponta do Estaleiro.

Quilombo – Lugar aprazível a beira-mar na extremidade norte do arraial da freguesia de Santo Antônio. Na aba do morro próximo jorra a tão estimável corrente de água potável, a que se atribui excelentes propriedades.

Quilombo – Sítio ao oriente da ponta do Pesqueiro no distrito de S. João de Imaruí.

R

Rancho Queimado – Paragem sobre a estrada que vai ter a Lajes pelo Cubatão, uma milha ao sul do passo das Capivaras e 600 braças a leste do ribeirão do Scharf.

Rancho de Taboas – Sítio na várzea do Pai Garcia, o qual servia de pouso na antiga estrada de S. José ao município de Lajes.

Rapa – O cabo mais setentrional da Ilha de Santa Catarina em 27° 22' 31" de latitude sul, e 50° 52' 22" de longitude oeste de Observatório de Paris. Dista 6 milhas ao sul da ilha do Arvoredo, e 9 ao norte da Fortaleza de Santa Cruz. Também o chamam ponta do Bota.

Ratones – Nome de duas ilhas situadas no canal da entrada setentrional da capital na baía de S. Miguel, as quais distam entre si 600 braças. A que demora mais ao norte, e por ser maior intitula-se grande, terá 300 braças de comprimento sobre 150 de largura. Na sua extremidade norte existe uma fortaleza que pode cruzar fogos com as de Santa Cruz e Ponta Grossa, e comunica os sinais dos navios que por esta parte demandam o ancoradouro da capital. Aqui se acha montado o estabelecimento do Lazareto. A outra ilha denominada Raton Pequeno cuja extensão não excede de 200 braças sobre 80 de largo, distante 2 léguas ao norte do Estreito e de propriedade particular do Dr. Henrique Schutel. Ambas tem boa água potável, matos e terrenos de cultura. Entre a costa oriental destas ilhas e da freguesia de Santo Antônio há 16 a 18 pés de profundidade na baixa mar. O nome porque são conhecidas parece datar do tempo da invasão e ocupação espanhola (1777 ?).

Ratones – Rio que procede da corda do morro que se prolongam norte-sul por todo comprimento da ilha. Banha a maior parte do território da paróquia de N. S. das

Necessidades de Santo Antônio e vai lançar-se na baía de S. Miguel ao norte do arraial de Sambaqui, em frente as ilhas cujo nome adotou.

Rasa – Ilha na lagoa de Imarui, fronteira ao lugar chamado Sítio Novo na freguesia da Pescaria Brava.

Recife – (Ponta do) Ao norte do arrabalde de S. Luiz na freguesia da capital. Esta costa semeada de escolhos é um excelente pesqueiro.

Redonda – Ilha situada no meio da baía de Babitonga, 150 braças ao sudoeste da Ilha Grande. É alta com boas matas e terras de plantio; e seu porto do lado do nascente a pequena distância da costa oferece 5 braças de fundo.

Remédios – Grupo de ilhas fronteiras a barra do Araquari. Vide Ilha dos Remédio.

Retiro – Sítio ameno e vistoso na falda ocidental do morro que a leste guarnece a Lagoa da Conceição. Aqui há boas plantações de cana, engenhos de açúcar e alambiques, onde se fabrica a melhor aguardente do país.

Riacho – Pequeno rio que despeja na margem direita do rio de S. Francisco defronte da ilha do Mel. É um dos limites entre as paróquias de Joinville e Parati.

Riacho – Deságua na costa do Saí meia légua acima do rio dos Cavalinhos.

Riacho – Ribeiro que entra na margem esquerda do rio das Laranjeiras no distrito de Tubarão.

Riacho de José dos Santos – Divisa norte da freguesia da capital com a da S. S. Trindade.

Riacho do Mathias – Afluente da margem esquerda do rio Cubatão meia légua ao norte da povoação de Santo Amaro, com uma ponte de madeira por onde passa a estrada que margeia aquele rio. Por ocasião de chuvas torrenciais torna-se caudaloso.

Ribeirão – Vide N. S. da Lapa.

Ribeirão – Nasce nas vertentes do morro a que dá o nome, e desemboca 1.000 braças ao norte do arraial da freguesia de N. S. da Lapa, que dele adota a denominação.

Ribeirão Bonito – Lança-se na margem esquerda do Pirai-Piranga 500 braças acima da embocadura deste no rio Itapocú.

Ribeirão do Braço do Norte do Tijucas – Faz barra à margem esquerda do Tijucas Grandes, do qual é o mais notável confluente, no mesmo sítio em que está apresentada a freguesia de S. João Batista do Alto Tijucas. Nos terrenos compreendidos entre este rio e o Itajai-Mirim estabeleceu-se a nova colônia agrícola composta de norte americanos de origem irlandesa, que tomou a denominação de Príncipe D. Pedro. Este ribeirão é também conhecido pelo nome de Tijucas Mirim.

Ribeirão dos Coqueiros – Tem origem ao oriente da Serra da Raiz, e corre a rumo de nordeste a desaguar no rio de Pai Garcia.

Ribeirão Grande – Confluente do Pirai-Piranga pela margem esquerda, meia légua acima do rio de Campinas.

Ribeirão da Murta – Entra na margem direita do Itajai-açú 800 braças acima da foz do Itajai-Mirim. Segue as vicissitudes da maré, e é muito fundo.

Ribeirão do Passa Dois – Vide Passa Dois.

Ribeirão do Peixe – Confluente considerável da margem esquerda do rio Luiz Alves.

Ribeirão do Scharf – Atravessa a estrada que pelo Cubatão conduz ao município de Lajes. É um dos confluente da margem esquerda do rio das Antas; e o seu passo dista 600 braças a oeste do Rancho Queimado, e 1.800 a leste do morro Chato.

Ribeirão do Tunal – Corre paralelamente com o Lajeado da Serra, e deságua 500 braças acima da confluência deste no rio Canoas. A sua extensão é de duas e meia léguas.

Ribeirão da Várzea – Corre ao rumo de norte-sul 2.000 braças ao poente da cidade de S. José e entra na margem esquerda do rio Marui. Por ocasião de cheias assoberba a ponte de madeira que atravessa, interceptando por esta ponte a comunicação do sertão com o litoral.

Ribeirões dos Alagados – Corta uma estrada de Lages a 2.400 braças de caminho ao ocidente do passo do rio de João Paulo, em cuja margem esquerda se lançam e uma légua ao oriente da Sepultura.

Rincão Comprido – Vide Lagoinhas.

Rio do Adolfo – Deságua na margem esquerda do rio Tijucas, 350 braças ao sudoeste e acima da embocadura do rio dos Perdidos, que lhe fica na margem oposta; ambos no território da colônia Angelina.

Rio das Águas Pretas – Nasce ao sul do morro Taió: corre de norte-nordeste a sul-sudoeste por espaço de 5 léguas, e faz barra no rio Canoas, a leste do morro dos Tributos.

Rio dos Alferes – Confluente da margem esquerda do ribeirão do Braço do Norte, desemboca 3 léguas ao norte do sítio em que se acha assentada a paróquia de S. João Batista do Alto Tijucas. Aqui existiu o maior engenho de serrar, dos que eram então conhecidos naquele sertão.

Rio do Amaral – Riacho que corre a um quarto de légua ao norte da cidade de S. José: com uma pequena ponte de madeira sobre a qual passa a estrada do litoral.

Rio Amarelo – Despeja na praia do pontal dos Ratoes 500 braças ao sul da fortaleza de Ponta Grossa.

Rio das Antás – Este rio nasce nos morros que se prolongam a leste do campo da Boa Vista: segue de sul-sudeste a norte-noroeste atravessando a estrada de Lages a 4.500 braças ao ocidente da colônia de Santa Isabel, e confluindo com o rio Bonito depois de um curso de 3 léguas forma a origem do rio do Pai Garcia.

Rio das Antas – Entra na margem direita do rio Correntes em distância de uma légua a leste da confluência do rio Passa Dois naquele. Tem as suas nascentes no Campo Alto e seu curso é de 3 ½ léguas.

Rio de Antonina – Corre paralelo com o rio de S. Mateus pelo lado do norte e faz barra na margem esquerda do Lavatudo.

Rio do Apolinário – Afluente do Parati, faz barra perto do sítio denominado Olaria do Camacho.

Rio do Areão – Atravessa a estrada de Lages na distância de 400 braças no rio das Piúrras, e ambos se reúnem para desaguar na margem direita do rio Bonito.

Rio do Arraial – Tendo origem nas vertentes ocidentais do morro do Baúl, corre ao sul a desembocar na margem esquerda do Itajai 2 ½ léguas acima da confluência do rio Luiz Alves.

Rio do Aterrado – Com 6 léguas do curso de noroeste a sudeste entra na margem direita do rio Correntes, abaixo do passo deste, na estrada do Corisco à Campos Novos.

Rio do Beirú – Deságua na margem direita do rio Pirabeirava pouco acima de sua foz.

Rio da Boa Vista – Confluente do braço do sul do rio Itajai-açú, nasce nas vertentes meridionais da serra da Raiz, corre ao rumo sudoeste e oeste até a sua embocadura na margem direita daquele, ao sul da colônia militar de Santa Teresa, tendo antes disto costeado o morro do Itajai e banhado parte dos campos da Boa Vista.

Rio da Boa Vista – Vide Juruquiçava.

Rio do Bom Retiro – Nome de dois rios que banham os campos do mesmo nome, e depois de atravessar a estrada na distância de 400 braças um do outro entram na margem esquerda do rio do Trombudo. Vide Bom Retiro.

Rio Bonito – Com o seu confluente o Taquaras é a principal origem do rio do Pai Garcia, e por consequência do

mesmo Tijucas Grandes. Nasce nos morros situados ao oriente do campo da Boa Vista; corre de sul-sudoeste a norte-nordeste, e de oeste a este, e atravessa a estrada de Lages a 1.600 braças de caminho ao poente do morro Chato. Da confluência deste rio e seu dito tributário com o rio das Antas e seus afluentes o Capivaras e o ribeirão do Scharf, resulta como disséssemos o bem conhecido rio do Pai Garcia, operando-se esta junção a 3 quartos de léguas de caminho ao nordeste do arraial da colônia Angelina.

Rio Bonito – Nasce a 3 ½ léguas a oeste da coletoria do Passa Dois e corre de norte-noroeste a sul-sueste a desembocar com 4 léguas de curso na margem direita do rio Correntes duas léguas ao sudoeste do Corisco. Vide Bonito.

Rio do Braço do Cubatão – Desvia-se da margem direita do rio Cubatão (do norte), e depois de uma légua de curso circular, entra no mesmo, havendo formado uma ilha de mais de meia légua de diâmetro. Esta ilha está a 3.500 braças acima da barra do referido Cubatão.

Rio do Braço do Norte do Tubarão – Tem a sua origem na Serra Geral, segue em direção de sueste, e tendo engrossado seu volume de água com as cachoeiras que se lhe precipitam, lança-se, depois de 8 léguas de curso na margem setentrional do rio Tubarão.

Rio do Braço do Paraty (Parati) – Entra na margem esquerda deste rio pouco acima do sítio denominado Porto Grande.

Rio do Braço da Serra – É um dos maiores confluentes do Braço do Sul do rio Itajai-açú. Tem origem nos morros meridionais ao campos da Boa Vista, e seguindo a rumo de norte-oeste depois de longo curso vai desaguar na margem direita do dito Braço do Sul do Itajai, muito acima da sedê da colônia militar, e da embocadura do outro tributário, a que denominamos rio da Boa Vista, para distingui-los.

Rio do Braço do Sul do Tijucas – Confluente do Tijucas Grandes pela margem direita, 300 braças acima e do lado oposto ao arraial de S. João Batista. Com o prefixo de rio do Braço, há outros ribeirões tributários dos principais da província.

Rio do Braz – Corre ao sul a reunir as águas da lagoa do Francês às do rio Araranguá, perto da barra deste.

Rio do Braz – Deságua no meio da praia de Canavieiras, 500 braças ao sul do rio do Oliveira.

Rio dos Cachorros – Nasce na vertente ocidental da cordilheira, um pouco ao sul do morro do Taió, e seguindo a oeste atravessa a estrada que conduz à Curitiba, e ficando o seu passo a 4.200 braças ao norte do Monjolinho e 4.000 ao sul da sede dos Curitibanos, e vai lançar-se no rio Marombas depois de percorrer uma extensão de 10 léguas.

Rio Cambajuras – Tem as suas nascentes na aba ocidental da Serra do Tubarão, e segue a oeste a despejar na margem direita do rio Pelotas ao sul de outro rio denominado das Capivaras.

Rio de Campinas – Deságua na margem esquerda do Pirai-Piranga, 500 braças ao norte da lagoa de Manoel Antônio no distrito de Parati.

Rio da Canjica – Povoado de uma pequeno banhado, uma milha ao sul do rio Araranguá com o qual se comunica.

Rio de Canoas – Riacho que entra na margem direita do rio Camboriú uma légua da barra do rio Pequeno.

Rio das Canoas – Vide Canoas.

Rio de Canoinhas – Considerável confluente da margem esquerda do rio Iguaçu, com 65 m. de largura na sua foz, em frente a qual existe uma grande ilha e que daremos o nome de ilha do Canoinhas. Vide Canoinhas.

Rio do Capitão-Mór – Atravessa a estrada que conduz à cidade de Lages a 2.500 braças do Dois Irmãos a oeste, e 2.400 a leste das Piúrras.

Rio das Capivaras – Corre ao rumo de sul a norte, e cortando a estrada que pelo Cubatão segue para o município de Lages, vai reunir suas águas às do rio das Antas. O seu passo dista 2.000 braças de caminho ao ocidente do daquele rio.

Rio das Capivaras – Deságua na praia do Inglês, 800 braças ao sul da ponta do morro das Feticheiras.

Rio das Capivaras – Este ribeirão que no seu começo atravessa a estrada que vai dar de Tubarão à Lages, corre paralelo com o rio das Contas e desemboca na margem esquerda do Pelotas.

Rio das Caronas – Confluente do rio Lavatudo, pela sua margem direita.

Rio do Cascalho – Depois de contornar a Serra do Cedro, lança-se na margem esquerda do rio Pirabeirava.

Rio da Casqueira – Confluente do rio Ratoões, deságua à margem direita, 1.000 braças acima de sua foz.

Rio do Cedro – Nasce na vertente oriental do morro do Trombudo, corre de sul a norte por espaço de 5.000 braças e faz barra na margem esquerda do Braço do Sul do Itajai, em frente ao arraial da colônia militar de Santa Teresa.

Rio do Cedro – Deságua na praia Alegre a oeste do Pesqueiro Fundo, depois de banhar a encosta do morro, de que adotou o nome.

Rio dos Cedros – Vide Cedros.

Rio Chaves – Lança-se na margem direita do rio dos Mondéos, 1.300 braças de caminho ao norte da sede da colônia Angelina, e outro tanto a leste da embocadura daquele mesmo rio no do Pai Garcia.

Rio Chopim – Tributário da margem esquerda do rio Iguaçu. Faz barra 15 léguas acima da embocadura do rio Santo Antônio.

Rio Comprido – Deságua na margem esquerda do rio de S. Francisco para o lado das Três Barras, 1.000 braças acima do Landim.

Rio das Conchas – Braço do rio Tubarão do qual se destaca a um quarto de légua abaixo da confluência do Capivara, e depois de 4.500 braças de curso a rumo de sueste comunica-se com o pequeno rio Sambaqui no mesmo ponto em que este se confunde com o Tubarão.

Rio das Contas – Nasce na vertente ocidental da cordilheira no município de Lages; segue em direção do oeste a entrar na margem direita do rio dos Touros. Faz parte da divisa austral do termo de Lages e da província dos campos de cima da Serra do Rio Grande do Sul.

Rio dos Coqueiros – Confluente da margem direita do rio Tijucas Grandes, faz barra a um quarto de légua ao norte do rio dos Perdidos.

Rio do Corrêa – Tem origem nas imediações dos campos de Manoel Corrêa, atravessa as estradas nova e velha que vão dos Curitibanos a Campos Novos, e faz barra no rio Canoas, uma légua abaixo da confluência do Marombas. O seu curso é de 6 léguas a rumo de noroeste a sueste.

Rio dos Costas – Deságua a margem direita do rio Ratonas acima da embocadura do Pacaquera.

Rio Corozinho – Confluente do rio Iguaçu pela margem esquerda, medindo na sua barra 26m de largura. Dista 12 léguas acima da embocadura do rio Chopim.

Rio da Fazenda – Corre a desembocar ao sul do saco do Tinguá, nas terras da Armação da Piedade. Com este título existem outros rios nos sítios das antigas Armações de Pesca do Estado.

Rio do Feixe – Deságua na margem esquerda do Canoas, e o seu passo sobre a estrada de Lages dista 800 braças ao poente dos Macacos.

Rio das Forquilhas – Faz passo na estrada de Lages, 1.300 braças ao oriente do rio dos Índios, do qual é confluyente.

Rio do Francês – Procedente da lagoa do mesmo nome, encaminha-se ao leste e despeja no canal da Barra Velha do Araranguá.

Rio das Goiabeiras – Faz barra com a margem esquerda do Canoas, 800 braças ao oriente do morro das Piúrras.

Rio do Gonçalo – Confluyente do rio Parati, pela sua margem direita.

Rio Grande – Assim chamado em relação a outros de menos cabedal que lhe ficam vizinhos. Deságua a 300 braças a oeste da ponte do Tomé, e igual distância a leste do rio das Ostras.

Rio Guabiruba do Norte – Tributário pela margem esquerda do Guabiruba do Sul, uma légua de caminho ao ponente do arraial da colônia Brusque, e 3 quartos de légua acima da embocadura daquele no Itajai-Mirim.

Rio Guabiruba do Sul – Deságua na margem esquerda do Itajai-Mirim, $\frac{1}{4}$ de légua ao ocidente e acima da sede da colônia Brusque. Também se escreve Guabiriúba.

Rio do Índio – Desce da Serra a engrossar com suas águas o rio Manoel Alves no distrito do Araranguá.

Rio dos Índios – Com 3 pequenos braços atravessa no seu começo a estrada que conduz a Lages, e corre a desembocar na margem esquerda do rio Canoas. O seu passo sobre a referida estrada dista 3.100 braças ao ocidente dos Macacos, e 8.400 ao oriente da cidade de Lages.

Rio dos Índios – Nasce na vertente oriental da Serra Geral, mais ou menos no ponto em que na vertente ocidental tem origem o rio Marombas: corre a rumo de leste à lançar-se na margem direita do grande Itajai, quatro léguas acima da embocadura do braço do sul do mesmo Itajai. Nas margens deste rio se está fundando um

aldeamento de indígenas, tendo a sua testa os capuchinhos Frei Estevão S. Vieira e Frei Virgílio de Antão.

Rio da Iphigênia – Entra na lagoa de Saguacú, 1.000 braças ao oeste do rio do Morro, no distrito de Joinville.

Rio de Jaguarim – Vide Jaguariú.

Rio da Jangada – Nasce no campo de Palmas, e depois de atravessar sob uma ponte a estrada que segue desta freguesia ao Porto da União, lança-se com uma embocadura de 70m de largo na margem esquerda do Iguaçu.

Rio de João Paulo – Vide João Paulo.

Rio de José Francisco – Afluente de pequeno cabedal à margem direita do rio das Congonhas perto da lagoa do Armazém.

Rio de José Lopes – Nasce na Serra do Cedro e deságua no Pirabeirava, um pouco ao sul do rio do Cascalho.

Rio da Lagoa – Canal de $\frac{1}{2}$ légua de extensão, o qual comunica a lagoa da Conceição com o oceano. Aflui aqui muito excelente peixe, tanto nativo do rio, como do mar. Na sua embocadura sobre a costa oriental da Ilha de Santa Catarina, existiu antigamente um pequeno forte.

Rio Lindo – Confluente do Cubatão (do norte) pela margem direita, 400 braças abaixo da embocadura do rio da Prata no distrito da colônia D. Francisca.

Rio do Linhares – Curso ao sul do morro do Ambrósio, na freguesia de S. Joaquim de Garopaba.

Rio dos Macacos – Faz barra na margem esquerda do Canoas depois de atravessar a estrada de Lages. O seu passo dista 4.300 braças a leste da fazenda de José Coelho, e quase 4 léguas da cidade de Lages.

Rio da Madre – Braço do rio Tubarão, o qual correndo paralelamente com este pela sua margem direita, entra no pequeno esteiro que comunica com aquele rio a lagoa de Santa Marta, 500 braças a sul-oeste da Carniça.

Rio da Madre – Corre no distrito de Garopaba reunindo suas águas ao Embaú.

Rio de Manoel – Desemboca na margem esquerda do Parati, 400 braças ao sul do rio do Morro.

Rio do Meio – Deságua a 200 braças ao oeste do rio das Ostras, no município de S. José.

Rio dos Mondéos – Confluente do rio Tijucas Grandes, em cujo e ameno e fecundo vale, está situada a florescente colônia Angelina composta somente de nacionais. Nasce nos morros que dividem as águas entre as colônias de Santa Isabel e S. Pedro de Alcântara; corre ao norte recolhendo alguns tributários na sua margem direita, entre os quais o rio dos Pinheiros e o Chaves, e faz barra na margem direita do rio Garcia, que daqui em diante é conhecido pelo nome de Tijucas. A sua embocadura operá-se a 2.250 braças ao noroeste do arraial da colônia Angelina. Era nas margens deste rio que o célebre Pai Garcia armava os laços em suas caçadas. Atravessa a antiga estrada, que pela freguesia de S. Pedro de Alcântara, conduzia ao município de Lages, banhando a extensa várzea a quem dá o seu nome. A denominação de Pai Garcia provém de haver ai habitado primitivamente um pretinho, que tendo quebrado por suas próprias mãos os ferros de seu cativoiro, procurou nesta solidão as doçuras da liberdade, que desfrutou por longos anos com sua cara metade, sem que fosse perturbado por seus antigos senhores. Dezoito anos, porém depois, em 27 de fevereiro de 1787 por ocasião da exploração que fez a estes sertões o prestimoso capitão Antônio José da Costa, foram os pretos Garcia e Maria, que aqui se achavam aposentados, remetida ao Governador para certas averiguações, visto de haver encontrado em seu poder armamentos e roupas de soldados que tinham desertado da guarnição da Ilha, quando os espanhóis a invadiram no ano de 1777.

Rio do Morro do Curitibano – Tem a sua nascente na Serra do Cedro, e depois de pequeno curso, entra na margem esquerda do rio Pirabeirava no distrito do Sai.

Rio do Morro – Deságua na margem setentrional da lagoa Saguacú, $\frac{1}{4}$ de légua acima de sua barra.

Rio do Morro – Nasce no morro da Brejaúba, e segue na direção de leste até entrar na margem esquerda do rio Parati, a 2.000 braças de sua foz. O seu curso excede de uma légua.

Rio Negro – Este volumoso rio tem origem nas vertentes da Serra Geral, precipita-se a rumo de oeste recebendo afluentes na sua margem esquerda os rios Turvo, Preto e Negrinho; e atravessando a estrada que segue de Lages à província do Paraná, a 13 léguas ao norte do passo do Canoinhas, vai lançar-se na margem esquerda do rio Iguaçu ou Grande Curitiba, formando na sua barra uma vasta bacia de 120 m de diâmetro. Sobre as margens deste rio, no sítio em que atravessa a estrada do município de Lages à Curitiba, existe uma colônia subvencionada pela província do Paraná. O rio Negro foi pela Resolução Régia de 20 de junho de 1749, e Provisão do Conselho Ultramarino expedida ao Governador Manoel Escudeiros Ferreira de Sousa, de 20 de novembro do mesmo ano, declarado divisa territorial entre a Ouvidoria de Santa Catarina e a de Paranaguá, que então fazia parte de S. Paulo.

Rio Negro-mirim – Conhecido também pelo nome de rio Negrinho, é um confluente à margem esquerda do rio Negro.

Rio Novo – Deságua na margem esquerda do rio Cubatão, uma légua acima do arraial da colônia Teresópolis.

Rio de Pacaqueira – Entra na margem direita do rio Ratonas, abaixo do porto das Pedras.

Rio do Pai Garcia – É o mesmo rio Tijucas Grandes que conserva a denominação de Pai Garcia até a confluên-

cia do rio dos Mondéos, no território da colônia Angelina. Nasce da junção dos rios Bonito e das Antas e seus tributários respectivos. Vide rio dos Mondéos.

Rio da Palhoça – A 2.000 braças ao sul da cidade de S. José. Não longe de sua foz há alguns armazéns de negócio e depósito de gêneros do interior, que forma um pequeno povoado.

Rio das Palmas – No sítio de que recebe o nome, no distrito da freguesia de N. S. da Piedade da Armação. É muito piscoso.

Rio Pardo – Um dos afluentes da margem esquerda do rio Negro. Faz barra pouco abaixo do rio S. Miguel.

Rio Pardo – Ribeiro que despeja na baía dos Zimbros, 300 braças a leste do Passa Vinte.

Rio de Parobé – Afluente da lagoa de que adotou o nome no distrito de S. Antônio dos Anjos.

Rio dos Patos – Confluente da margem direita do rio Correntes, nasce a 5 ½ léguas a oeste da coletoria do Passa Dois, corre ao rumo do norte-sul, por uma extensão de 6 léguas, e faz barra $\frac{3}{4}$ de légua acima do passo do mesmo Correntes, na estrada de Corisco à Campos Novos.

Rio de Paulo Lopes – No distrito de Garopaba, deságua no oceano.

Rio das Pedras – Assim se chama a parte superior do rio Araranguá. Esta denominação provém do caminho que pela sua ribanceira direita conduz aos Campos de Cima de Serra da província de S. Pedro, transpondo a cordilheira no sítio que tem o nome de Serra das Pedras.

Rio das Pedras – Corre a sudoeste, e depois de atravessar a estrada que de Lages conduz à Curitiba, toma o rumo de sul até lançar-se na margem direita do rio Marombas, tendo percorrido uma extensão de 4 léguas. O seu passo dista 2 ½ léguas ao norte do de Marombas.

Rio das Pedras – Afluente da margem esquerda do rio Una, na freguesia do Mirim.

Rio da Pedreira – Vide Rio da Vila.

Rio do Peixe – Corre ao ocidente dos Campos Novos, e faz barra no rio Uruguai, tendo percorrido um extenso sertão em que recolhe vários afluentes poucos conhecidos.

Rio Pequeno do Camborihú (Camboriú) – Braço que desemboca na margem direita deste rio, uma légua acima da barra. É navegável até certa distância pelos iates que ai vão receber mantimentos, atracando as suas ribançais, pois aqui é muito fundo.

Rio Pequeno do Itajai – Vide Itajai-mirim.

Rio Pequeno do Pirai – Confluente do Pirai-Piranga, nasce nos contrafortes da Serra Geral, entre os picos do Corcovado e da Tromba, e corre nos rumos de sueste e sueste até lançar-se na margem esquerda daquele, não longe de suas nascente sul

Rio dos Pinheiros – Faz barra na margem direita do rio dos Mondéos, em frente ao arraial da colônia Angelina. Corre ao sueste a noroeste, e depois a oeste até a sua embocadura.

Rio dos Pinheiros – Entra na margem direita da ribeira do Araquari, a pouco mais de 2.000 braças da barra.

Rio do Pinto – Despeja no rio de S. Francisco, a nordeste da ponta do Moleque.

Rio das Pombas – Corta a estrada que vai de Lages à Curitiba. O seu passo dista duas léguas ao norte do Amola Faca, e mais de 3 da cidade de Lages.

Rio do Pontal – Lança-se ao oceano em frente à ilha do Campeche.

Rio dos Porcos – Morro de Dentro, corre aos rumos de leste, sudoeste e sul por uma extensão superior 3½ léguas, até lançar-se na margem esquerda do rio Aranguá, 5 léguas acima da barra deste. O curso navegá-

vel deste rio é de 2 ½ milhas, com 10 a 12 braças de largo, e 11 a 15 palmos de fundo.

Rio do Porto das Pedras – Deságua na margem esquerda do rio Ratonos, no distrito de Santo Antônio.

Rio da Prata – Nasce em um dos canais que se destacam da cordilheira, e margeando a Serra da Tromba, entra na ribanceira direita do Cubatão (do norte) não longe das nascentes deste rio.

Rio Preto – Um dos afluentes do rio Negro, pela sua margem esquerda.

Rio do Rasgado – Depois de banhar o arraial da colônia militar de Santa Teresa, entra na margem direita do Braço do Sul do Itajai.

Rio do Rasto – Tem o seu princípio perto das minas de carvão de pedra, e seguindo a rumo de leste, reúne-se ao rio das Laranjeiras no distrito de Tubarão.

Rio da Ressaca – Deságua na praia que trás o mesmo nome, 300 braças ao norte do Ribeirão, e em frente à ilha do Garcia.

Rio do Retiro – Banha o arraial da colônia Blumenau, e deságua no Itajai, 250m braças acima da embocadura do ribeirão do Garcia.

Rio do Ribeiro – Faz barra no rio de S. Francisco, ¼ de légua ao noroeste do rio do Pesqueiro.

Rio do Saco Grande – Entra na margem meridional da Lagoa Saguacú, 500 braças ao poente do rio Velho. Em frente a sua foz forma-se uma ilha.

Rio dos Saltos – Confluente da margem esquerda do Cubatão, 2.000 braças acima da barra do rio Novo, no território da colônia Teresópolis.

Rio da Sambaqui – Ribeirão que banha o sítio deste nome ao norte da freguesia de Santo Antônio.

Rio do Sangão – Tem origem este rio na Serreta do morro Grande, corre ao nordeste e depois à norte, até lan-

çar-se na lagoa Jaguaruna, depois de haver vencido uma extensão de 10.000 braças.

Rio de Sto. Antônio – Nasce na serra do mesmo nome, ao ocidente do campos de Palmas, e corre ao norte por espaço de mais de 12 léguas, a fazer barra na margem esquerda do rio Iguaçu, 7 léguas antes da confluência deste com o Paraná. É uma das divisas ocidentais da província de Santa Catarina com a de Corrientes na Confederação Argentina.

Rio de Sto. Antônio – Pequeno confluente à margem esquerda do rio Lavatudo.

Rio de Santos – Procede dos campos de Joaquim dos Santos: corre 5 léguas de nordeste a sudoeste, e entra na margem esquerda do Corrientes, uma légua acima da embocadura do rio dos Patos.

Rio de S. João – Faz barra na margem direita do rio Canoas, $\frac{1}{2}$ légua abaixo da confluência do Marombás naquele. À 5 léguas acima de sua embocadura, e uma distante de sua margem direita está aposentado o arraial da freguesia de S. João de Campos Novos.

Rio do S. João – Ribeiro que despeja no rio de S. Francisco no distrito do Saí.

Rio de S. Miguel – Banha parte do território de Teresópolis, e faz barra na margem esquerda do rio dos Cedros, $\frac{1}{2}$ légua a oeste da sede da colônia.

Rio Seco – Nasce em uma das ramificações da Serra Geral, e deságua na margem direita do rio Cubatão (do norte) no território da colônia D. Francisca.

Rio da Serra da Raiz – Confluente da margem direita do braço do sul do Itajai, o qual tendo origem nas vertentes setentrionais da Serra da Raiz, segue a oeste até fazer barra a 2.000 braças abaixo, e ao norte do arraial da colônia militar de Santa Teresa.

Rio dos Serrotes – Afluente à margem direita do rio das Botucas no distrito de Joinville.

Rio do Sertão – Tem as suas nascentes no sertão do morro Sombrio, e corre a lançar-se na margem esquerda do rio Mampituba, 1.800 braças acima do sangra-douro, que comunica a lagoa do morro Sombrio com aquele rio, e de cuja barra dista o rio do Sertão 5.000 braças. O seu curso é de 4.000 braças: tem na foz 12 a 14 palmos de fundo, aumentando no interior de 18 a 24 palmos. A sua largura é de 10 a 12 braças.

Rio do Sirihú (Siriú) – Na freguesia de S. Joaquim de Garopaba, ao sul do morro a que dá o seu nome.

Rio dos Touros – É o mesmo rio Cerquinha, depois de receber as águas do rio das Lontras e Barroca, todos tributários do rio Pelotas.

Rio da Velha – Faz barra na margem direita do rio Cubatão, uma légua acima do arraial da colônia Teresópolis.

Rio Velho – Deságua na margem meridional da lagoa Saguacú.

Rio Verde – Este rio é continuação do Mampituba, para a parte de sua procedência. Nasce nas vertentes oriculares da Serra Geral, e corre a rumos de sul e sueste até a confluência do rio do Torno, que se lhe reúne pela margem direita, onde forma uma pequena ilha de 100 braças de extensão. Nas suas margens está assentada a pitoresca e risonha povoação da Glória. Tem algumas cachoeiras em que apenas há de 2 a 3 palmos de água, de cuja circunstância resulta, que em tempo de seca a sua navegação é limitada a duas milhas somente. Da sua confluência até o oceano há uma distância de 20.000 braças, e mais de 30.000 desde a sua origem.

Rio Vermelho – Freguesia do município da capital de que dista 4 ½ léguas, criada em virtude de Decreto Geral de 11 de agosto de 1831, sendo presidente da provincia o cidadão Feliciano Nunes Pires. A sua povoação está situada perto da extremidade setentrional da lagoa da Conceição em um local arenoso, úmido e pouco saudá-

vel. Uma capela ai existente com a invocação de S. João Batista, e que era filial à paróquia da Lagoa, foi ereta em igreja paroquial, sendo nomeado seu primeiro vigário o Rev^o Frei Antônio de Santa Pulchêria Mendes e Oliveira. Os limites desta freguesia são: ao sul as das paróquias da N. S. da Conceição e das Necessidades; a oeste o da de Canavieiras, e ao norte e leste o oceano. Os seus terrenos produzem com abundância amendoim, algodão, mandioca, boas melancias e algum café. A sua costa aflui peixe do alto mar e de curso, de que fazem salgas que serve de alimento ordinário a seus habitantes. Possui aulas primárias para instrução da mocidade. Faz parte do colégio eleitoral da capital, ao qual concorre com 3 eleitores. A sua população é apenas de 1.653 pessoas com 255 casas, e durante o ano de 1862 a sua estatística deu 70 batizados, 8 casamentos e 51 óbitos.

Rio Vermelho – Pequeno rio que banha a freguesia a que dá o nome, e deságua na lagoa da Conceição. Acha-se obstruído, e por isso as canoas não chegam ao porto do arraial.

Rio Vermelho – Rega a freguesia de S. Francisco Xavier e deságua no rio Cachoeira.

Rio da Vila – Corre ao nordeste da cidade de N. S. da Graça, em distância de 300 braças, e deságua num pequeno sacco, entre as pontas da Cruz e do Vigário.

Rita Maria – Arrabalde ao poente da cidade do Desterro, entre a ponta Alegre e a da Arataca, onde existem alguns estaleiros. A sua praia é limpa e muito freqüentada na estação dos banhos.

Rocinha – (Morro da) A oeste do morro de S. João, na antiga estrada de Lages pela colônia de S. Pedro de Alcântara.

Roseira – Morro que se eleva do lado meridional da cidade da Graça.

S

Saco da Armação – Formado pela ponta deste nome e de D. Maria Bernarda, que lhe fica $\frac{1}{2}$ légua ao ocidente, oferece um ótimo ancoradouro abrigado dos ventos.

Saco da Caieira – Pequena enseada ao sul da Tapera no distrito do Ribeirão.

Saco Grande – Enseada entre a ponta da mesma denominação e a foz do rio Una, no distrito de Mirim.

Saco Grande – Sítio no distrito de Itajai, sobre a margem esquerda deste rio, e quase de frente da barra do Itajai-mirim.

Sáco de José Francisco – Acha-se do lado da terra firme na baía do Desterro, à 400 braças da ponta do Estreito. O seu diâmetro é de 300 braças e fundo de lodo. Aqui costuma fazer aguada os iates que saem para o norte.

Saco dos Limões – Lindo e povoado arraial com excelentes chácaras, entre o morro que se prolonga ao oriente da capital e de Pirajubaé. É o porto meridional da freguesia da S. S. Trindade.

Saco Manso – Pequena enseada ao norte da ponta dos Zimbros e ao sul do boqueirão dos Macucos, e costão dos Amendoins.

Saco de Maruhy (Marui) – É formado pela ponta deste nome a do Tomé, e oferece pouco fundo.

Saco do Setubal – Sítio aprazível à entrada da lagoa de Vila Nova, entre a ponta do Estaleiro e do Pesqueiro. O seu povoado pertence à freguesia de Imaruí.

Saguassú (Saguaçú) – Vide Lagoa de Saguaçú.

Saguassú (Saguaçú) – Rio que começando na junção dos rios Itajai-guaçú e Itajai-mirim, conflui com o rio Cachoeira a desembocar na lagoa de que recebe o nome.

Sahy (Saí) – Vide N. S. da Glória.

Sahy (Saí) – Vide colônia do Saí.

Sahy-guassú (Sai-guaçú) – Rio do município de S. Francisco. Nasce na Serra que se estende à margem esquerda do Palmitar: corre do ocidente para o oriente, aumentando o seu cabedal com as volumosas cachoeiras, que encontram no caminho, e vai desaguar no oceano 4 léguas ao norte da barra setentrional do rio de S. Francisco, e a 8 ao sul do rio Guaratuba. É no litoral o limite norte da província de Santa Catarina com a do Paraná. Deu o seu nome ao lindo passarinho mais conhecido e estimado pelas cores de sua plumagem, que pelo seu canto.

Sahy-Mirim ou Sahy Pequeno (Saí) – Tem como o Saí Grande as suas nascentes nas cachoeiras que se precipitam dos montes que orlam o rio Palmitar, e seguindo a rumo de nordeste, lança-se no mar, duas milhas ao sul do Saí-guaçú, tendo-se antes comunicado com este por um braço que entra na margem direita, obra de 200 braças acima da foz.

Saltinho – Queda d'água no rio Itapocú ao ocidente da lagoa Encantada.

Salto do Itajahy (Itajai) – Sobre o rio Itajai 38.150 braças acima da sede da Vila e 1.700 da embocadura do rio do Texto.

Salto do Braço do Norte – Forma-se sobre o rio que por este nome é conhecido, 8.000 braças acima da sua confluência com o Tubarão.

Salto Grande – (Ribeirão do) Lança-se na margem direita do rio Itapocú na vizinhança de uma queda d'água, que tem a mesma denominação.

Sambaqui – Aprazível povoado ano norte da freguesia de N. S. das Necessidades, onde há algumas olarias, e se fabrica o melhor cal da província. No seu extremo setentrional forma-se uma pequena península coroada de

coqueiros, leste-oeste com as ilhas Ratonas, em cujo interposto há um bom ancoradouro para embarcações de grande calado.

Sambaqui – Ribeiro que deságua na margem direita do rio de S. Francisco para a parte das Três Barras, no distrito do Sai.

Sambaqui – Sítio no passo do rio Una a margem setentrional da lagoa de Vila Nova.

Sambaqui – Pequeno braço do rio Tubarão que se comunica com a lagoa de Parobé.

Sambaqui – Entre o rio deste nome e a lagoa de Parobé, na freguesia da Pescaria Brava. Esta palavra quer dizer: casqueiro, ou sítio abundante de berbigão, espécie de marisco, de cuja concha se faz a cal. Há outros sítios com esta denominação.

Santa Anna – Ponta ocidental da ilha em frente ao Estreito, na entrada da cidade do Desterro, onde está assentada a fortaleza, que tem esta invocação.

Sta. Anna do Mirim – Vide Mirim.

Sta. Anna de Vila Nova – Vide Vila Nova.

Santa Bárbara – Antigo forte situado na ponta da capital sobre uma rocha, e correspondendo-se com a terra por meio de uma ponte de alvenaria, sustentada sobre arcos de uma construção admirável pela firmeza e segurança das abóbodas, apesar de sua diminuta espessura. Foi convertido este edifício em hospital militar, e mais tarde serviu para hospedar os colonos recém chegados à província, enquanto se aprontavam para seguir ao lugar de seu destino.

Santa Bárbara – Grande chapada ou platô de muita elevação sobre a cordilheira no ponto que corresponde a Serra de Imaruí, e ao sul do Trombudo, donde vertem as principais nascentes dos rios Canoas e Pelotas que formam o grande Uruguai. Outros dão-lhe o nome de Serra do Facão, por causa de sua configuração.

Santa Bárbara – Pequeno arraial com uma capela desta invocação, sobre a chapada do morro de S. João, na antiga estrada de S. Pedro de Alcântara à Lages.

Santa Catharina – Província meridional do Império do Brasil, situada entre 23° 58' e 29° 20' de latitude sul e 50° 49' e 54° 50' de longitude oeste pelo Meridiano de Paris. Confina ao norte com a província do Paraná pelo rio Saí-guaçú, e da barra deste em linha reta na direção de oeste até uma abertura formada na Serra do Mar pelo morro de Araraquara ao norte e do Inkerim ao sul, ou Grande Curitiba até a foz do rio Santo Antônio: ao sul com a província de S. Pedro pelos rios Mampituba no litoral, e das Cõntas e Pelotas no interior: a este com o oceano Atlântico, e a oeste com o território das antigas Missões, da província de Corrientes da Confederação Argentina pelo rio Pepiriaçú, a Serra e o rio de Santo Antônio, e ainda com a referida província de S. Pedro do Rio Grande do Sul pelo rio Uruguai e parte do Pelotas. A sua extensão é de 76 léguas de comprimento sobre uma largura de 15 a 80 léguas, de 20 ao grão, perfazendo ma superfície de mais de 2.200 léguas quadradas. Vide a Notícia Geral que serve de introdução a este Dicionário.

Santa Catharina – (Ilha de) Demora no oceano Atlântico junto a costa meridional do Brasil, marcando no ponto mais central 27° 35' de latitude sul e 50° 55' de longitude oeste do Observatório de Paris. Tem 10 léguas de comprimento e 3 na sua maior largura, e está separada do continente por um canal que forma duas largas baías, dividindo por um estreito de 154 braças de largo, no ponto em que perfaz a dita ilha a metade de sua extensão com pouca diferença. Este lugar chamado propriamente Estreito, e que os indigenas Carijós, seus primeiros habitantes denominaram Yjuriemirim, que quer dizer: boca pequena do mar, deu este nome brasilico a toda a ilha, que mais tarde adotou o de Santa Catarina. A sua povoação data do ano de 1651, em que Francisco

Dias Velho Monteiro com sua família e alguns companheiros, partindo de S. Paulo aqui vieram habitar, sendo porém poucos anos depois interrompida em consequência de bárbaro assassinato de Monteiro pela tripulação de um corsário holandês que aqui aportou, e a dispersão de seus filhos e agregados, dos quais a maior parte foi estabelecer-se na Laguna. O terreno da ilha é geralmente montanhoso, mas fresco e muito fértil, o seu clima temperado, ameno e benigno. Por entre os seus montes abrem-se extensos e deliciosos vales, cortados de rios; dos quais os mais notáveis banham as povoações do Rio Tavares, Trás do Morro, várzeas do Ratores, da Canavieiras e Rio Vermelho. Compreende sete paróquias que formam o município da capital, e sua população é de cerca de 2.200 habitantes. São produtos de sua lavoura a cana-de-açúcar, mandioca, aipim, café de superior qualidade, feijão, milho, amendoim, algodão, linho e grande variedade de frutas. Fabricam a melhor aguardente, pano riscado e colchas de algodão, goma, excelente manteiga, óleo de mamona e outros artigos de indústria. Este belo torrão do Brasil foi nos primeiros tempos destinado pela Metrópole para lugar de degredo; porém a benignidade do clima, uberdade do solo e um magnífico porto de abrigo e frescor frequentado por navios de largo curso, desde que se começou a ensaiar a navegação do Pacífico, foram ponderosos motivos para que o Governo Português não continuasse a desconsiderar desta arte a pérola de suas possessões de ultra-mar, imprimindo nesta paradisíaca mansão o oprobrioso estigma de asilo de proscritos. O Decreto de 20 de novembro de 1797 reabilita a Ilha de Santa Catarina, apreciando devidamente os dotês de que a enriquece a natureza; e designou para lugar Desterro a caopitania de Mato Grosso e os rios e os rios Branco, Negro e Madeira. O fato histórico que mais avulta nos anos desta ilha, é sem dúvida a sua ocupação pelas

forças espanholas cuja odioso domínio os catarinenses suportaram com horror. A província do Rio Grande do Sul achava-se ainda ocupada por forças e autoridades espanholas, apesar do Tratado de Paz de 1763, e das mais justas reclamações de Portugal, quando o Governo deste Reino expediu ordem ao Marques de Lavradio, então Vice-Rei do Brasil, para recuperar aquela província, o que efetuou em 31 de março de 1766, comandando as forças de terra o Tenente General João Henrique Bohn, auxiliados pela esquadrilha do chefe Roberto Macderwall. Este fato produziu a represália da invasão da ilha de Santa Catarina. No ano de 1777, época nefasta que o vulgar apelidou - os três setes - à 20 de fevereiro aportou a esta ilha ancorando no porto de Canavieiras uma esquadra espanhola com a força de 9.000 homens de desembarque sob o comando de D. Pedro Cevallos y Calderon. Era então governador o Coronel Pedro Antônio da Gama Freitas, e encarregado da defesa da ilha o Marechal de Campo Antônio Carlos Furtado de Mendonça, filho do Visconde de Barbacena em Portugal; os quais apesar da guarnição que montava a 2.000 homens bem provida de víveres e munição de guerra, deixaram se possuir de pânico, e nenhuma oposição ofereceram ao inimigo. Não menos concorreu para este vergonhoso sucesso a divergência em que estavam aqueles chefes. Tal desarmonia não foi desconhecida aos oficiais: estes dividiram-se: apareceu a insubordinação nas praças e a mais criminosa indiferença facilitar aos espanhóis, cientes de tais ocorrências, a ocupação da capital, de toda a ilha e parte da terra firme sem queimarem uma escorva, efetuando o desembarque na noite de 23 para 24 do referido mês. O povo aterrorizado talvez pela cruel celebridade do México e do Peru, abandonou a cidade e internou-se nas matas da ilha ou passou-se para o continente. No meio de tanta consternação houve exemplos de esforçado patriotis-

mo, que folgamos de registrar. O Alferes do Regimento de Pernambuco José Corrêa da Silva, vendo com indignação a covardia com que se submetia o país, desarmavam suas tropas, quebra as hastes da gloriosa bandeira das Cinco Chagas, que então tremulava no Brasil, enrolando-a à cintura, consegue chegar à sua pátria no fim de seis meses depois de muitas fadigas, mas com a satisfação haver salvado das mãos do inimigo esta preciosa reliquia. A morte de El Rei D. José sucedida em Lisboa no mesmo dia, em que os leiaes catarinenses se curvavam ao odioso jugo de Castela, levou ao Trono de Portugal a Sr^a D. Maria I, sob o começo de cujo reinado a 20 de junho do ano próximo seguinte, depois de muitas diligências diplomáticas teve lugar a evacuação da Ilha. O governo português não foi moroso na averiguação dos que mais ou menos voluntariamente concorreram para esta aviltante entrega. Procedendo-se a uma devassa muito minuciosa e circumspecta foram condenados por sentença do Conselho de Guerra o general Furtado de Mendonça, o governador Gama Freitas e outros à perda de postos e prisão perpétua, sentença que foi reformada pelo Conselho Supremo Militar em 1^o de julho de 1783, mandando-os por em liberdade, tendo já falecido na prisão o governador Gama Freitas, os capitães Simão Rodrigues de Proença governador da fortaleza da Ponta Grossa, e Miguel Gonçalves de Leão governador da Barra do Sul, cujas memórias foram reabilitadas e declaradas ilesas. Obtiveram reforma nos seus postos com soldo por inteiro por não terem intervindo nos Conselhos de Rendição os oficiais superiores do regimento do Porto Pernambuco, o sargento-mór de engenheiros Manoel Vieira de Leão, e bem assim o coronel Fernando da Gama Lobo e o major Godinho de Mira do regimento de Santa Catarina, sendo também muito elogiado o comportamento do referido Gonçalves de Leão que se houvera com valor e lealdade.

Santa Catharina – Povoado com uma pequena capela sob esta invocação concedida pelo Decreto nº 481 de 4 de março de 1860, sendo presidente da província o Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque. Está situada no lugar denominado Corisco no distrito da freguesia de N. S. da Conceição dos Curitibanos, de cuja matriz é filial.

Santa Clara – Rio que nasce na vertente ocidental da Serra do Trombudo, corre a norte-oeste, e reuni suas águas com a do rio do Trombudo e seus afluentes, havendo atravessado duas vezes a estrada de Lages. Este rio depois de sua confluência ainda conserva o nome de Santa Clara, que lhe dá o vulgo em uma extensão de duas léguas, adotando depois a denominação de rio de João Paulo, o qual é a continuação do mesmo Santa Clara. O passo mais ocidental deste rio dista 4.000 braças de caminho à leste do de João Paulo, e 1.800 do passo mais oriental, e forma em sua correnteza redemoinhos d'água que o tornam muito perigoso.

Santa Cruz – Vide Anhatomirim.

Santa Izabel – Vide colônia Santa Izabel.

Santa Martha – Cabo muito conhecido dos navegantes em 28° 40' de latitude meridional e 51° 2' de longitude ocidental, nove milhas ao sul da barra da Laguna, à vista do qual ordinariamente procuram passar as embarcações que navegam na costa austral do Brasil, ou demandam os portos do rio da Prata para marcarem a sua derrota. Dista 850 braças a leste-nordeste da barra da lagoa do Camacho. A 9 ½ milhas deste cabo a rumo sul-este existe um recife, o qual fica fronteiro à embocadura do arroio Correntes, 2.250 braças distante da costa. A denominação deste cabo ou promontório data do ano de 1773, em que neste lugar naufragou em viagem da colônia do Sacramento para o Rio de Janeiro uma nau chamada Santa Marta, que levava considerável soma de dinheiro em metal precioso. O cofre depois de salvo e

conduzido à praia desapareceu, supõe-se que coberto das areias movediças que ali em poucos instantes formam altos cômoros. Vinha na qualidade de chefe o Almirante Toledo, o qual continuando por terra a viagem, ficou em S. Paulo onde se estabeleceu, e casou, e de quem descende uma família notável daquela província.

Santa Martha Pequena – Ponta do continente que se estende ao mar distante 4 milhas ao sul da barra da Laguna, e 500 ao norte daquele cabo.

Sta. Thereza – Vide colônia Santa Teresa.

Santíssima Trindade – Freguesia pertencente ao município da capital, dá qual dista menos de uma légua ao oriente. Está situada sobre um extenso vale compreendido entre o morro da Boa Vista, que guarnece a cidade do Desterro, e a Serra que se prolonga por todo o comprimento da Ilha, e que neste lugar separa esta paróquia da de N. S. da Conceição da lagoa. Os seus limites são: ao sul o rio Tavares; ao norte o rio do Amorim, a leste um ribeiro que dá origem ao Córrego Grande, e a oeste o referido morro da Boa Vista desde o riacho de José dos Santos até a ponta do Lobo, na extremidade ocidental do Saco dos Limões. Nesta povoação existia uma capelinha fundada pelos colonos Açoritas pelos anos de 1748 ou 1749, a qual era dedicada a S. S. Trindade, e aonde anualmente no dia do Divino Orago, concorria muito povo da cidade e das freguesias circunvizinhas, compondo uma verdadeira romaria. Pela Resolução nº 352 da Assembléia Provincial datada de 23 de março de 1853, sendo presidente da província o Dr. João José Coutinho, foi conferida a esta capela título de igreja paroquial, e de ficando-se no mesmo sítio um melhor templo com a primitiva invocação, e dando-se-lhe por vigário o Revº João Taborda da Silva Braga. O terreno desta freguesia é em parte montanhoso e em parte plano, banhado de ribeira, oferecendo bons pastos, por cujo motivo pode fornecer quase todo o leite que se consome na

cidade. Produz também café, cana de açúcar, mandioca de que fazem a melhor farinha, algodão, legumes, e frutos que mandam com abundância ao mercado da cidade. Possui esta paróquia uma cadeira de primeiras letras para o sexo masculino e outra para o feminino, as quais são muito freqüentadas. A sua população é de 2.098 habitantes com 378b casas; e no ano de 1862 o seu movimento foi de 96 batizados, 17 casamentos e 53 óbitos. Envia 6 eleitores ao colégio da capital de que faz parte. O seu distrito que em outro tempo se chamou de Trás do Morro, ainda hoje não perdeu a denominação. É pátria do ilustrado e probo Feliciano Nunes Pires, que presidiu a sua província natal por espaço de quatro anos, 1831 a 1835, cabendo-lhe a honra de abrir a primeira Assembléia Legislativa Provincial.

S. S. Sacramento – Vide Itajai.

Santo Amaro – Freguesia situada sobre a margem esquerda do rio Cubatão, 3 léguas acima de sua foz. Foi criada pela Lei Provincial nº 371 de 29 de março de 1854, sob a presidência do Doutor João José Coutinho. Tem por divisa ao norte as paróquias de S. José e S. 'Pedro de Alcântara pelos morros do Baltazar e das Taquaras; ao sul e este a da Enseada de Brito pelo braço de S. João, e a oeste a Serra Geral. Foi nomeado seu primeiro pároco o Rev^o Izidro Duarte Silva. No território desta freguesia estão o famoso Hospital das Caldas da Imperatriz, várias colônias alemães com seus respectivos capelães-curas e a colônia militar de Santa Teresa. Por ela passa a principal estrada que conduz do litoral aos campos de Lages; circunstância esta que muito concorre para o seu engrandecimento. Acresce que suas terras são de uma fertilidade espantosa, produzindo canas de açúcar de tamanho extraordinário, mandioca, feijão, arroz e batatas. Há aqui muitos estabelecimentos agrícolas, com engenhos de açúcar, farinha e socagem; e algumas casas de negócios bem sortidas, comerciam

com os colonos que habitam o interior. Possui escolas de primeiras letras para instrução da mocidade de ambos os sexos. Conta 3.153 habitantes de 415 casas. No ano de 1862 celebraram-se nesta paróquia 94 batizados e 8 casamentos, e houve 31 óbitos. Faz parte do município e do colégio eleitoral da cidade de S. José ao qual concorre com 5 eleitores; distando desta 3 ½ léguas, e 5 ½ oeste-sudoeste da capital.

Santo Antônio – Vide N. S. das Necessidades.

Sto. Antônio dos Anjões – Vide Laguna.

S. Caetano – Sítio no princípio da praia da Ponta Grossa, onde existiu um fortim com esta denominação. Distante 200 braças a leste da fortaleza daquele nome.

S. Carlos – Vide colônia Angelina.

S. Domingos – Vide Tapera.

S. Domingos – Um dos confluentes do Cubatão, já perto das suas cabeceiras e à margem esquerda.

São Francisco – Ilha situada na parte setentrional da província, à pequena distância da costa e compreendida no município a que dá o nome. A sua extensão é de 5 léguas de comprimento e 3 1/1 na sua maior largura. O seu terreno geralmente plano é muito produtivo, especialmente nas vizinhanças de mangue que também lhe fornece excelente pescado. A lagoa de Acaraí banha-a numa extensão de 4.500 braças, e com suas margens há aprazíveis situações. No lado ocidental desta ilha está assentada a cidade de N. S. da Graça, pequena, porém formosa e comerciante. A ponta mais setentrional denominada de João Dias jaz em 26° 6' de latitude sul e a que demora mais a leste, e a que chamam de morro da Enseada em 50° 51' de longitude oeste do Meridiano de Paris.

S. Francisco – (Rio de) Majestosa ribeira ou grande braço de mar, que entra do Atlântico por duas barras na extremidade norte da província. É alimentada por mui-

tos rios, que deságuam nas suas margens, entre os quais avultam como principais, o das Três Barras, o Palmitar, o Pirabeirava, o Cubatão, o Cachoeira, o Paranaguá-mirim e o Parati. Tem o seu princípio nas embocaduras dois primeiros destes rios: corre a rumo de sul-sudeste por espaço de 4 léguas, e aí divide-se em dois braços, dos quais um continua a seguir na mesma direção e recebe o nome de ribeira do Araquarí, e o outro tomando o rumo de nordeste conserva a denominação de rio de S. Francisco ou baía de Babitonga, como foi conhecido pelos indígenas e primeiros povoadores. Forma por consequência duas barras, a do norte chamada geralmente de S. Francisco, e a do sul de Araquarí. A parte mais estreita deste rio desde a sua origem até o sítio denominado Estreito de Gibraltar, perto do lugar em que se opera a bifurcação, é também conhecida pelo nome de ribeira das Três Barras e de Mar Pequeno, todo este grande rio, ou braço do oceano. A extensão desta magnífica ribeira desde sua origem até a barra do sul, é de 8 léguas de comprimento e de 500 a 1.000 braças de largura, variando o seu fundo entre 2 ½ a 6 braças, à exceção do lugar do banco, que oferece apenas uma braça d'água. Do seu princípio a barra do norte registra o mesmo comprimento, sendo porém a sua largura em vários sítios de 1.300 a 2.000 braças, e variando a sonda entre 5 e 15 braças nas mais ordinárias. Sobre o banco também diminuem as águas até 3 braças, pelo que torna-se necessário o auxílio de práctico aos que não tem pleno conhecimento do canal. Apesar disso o seu porto oferece excelente ancoradouro, e é freqüentado por navios de longo curso, que vêm em demanda dos gêneros do país, ou como transportes de colonos.

S. Francisco de Paula – Vide Canavieiras.

S. Francisco Xavier de Joinville – Freguesia fundada em virtude do Decreto da Assembléia Provincial sob n^o 452 de 8 de abril de 1858, sendo presidente da província o

Dr. João José Coutinho. Acha-se situada sobre a margem direita do rio Cachoeira, à 5 léguas da cidade de N. S. da Graça, e 32 ao norte da capital. A sua igreja matriz que tem por padroeiro o Santo Apóstolo dos Índios, está edificada sobre uma vistosa colina, e é de moderna e elegante arquitetura. Foi nomeado seu primeiro pároco o Rev^o Carlos Boegershausen, que também exerce o magistério público. Os limites desta paróquia são: ao norte a margem direita do rio Cubatão, ao sul o Riacho, tirando-se uma linha para o centro ao rumo de sul-sudoeste até as terras dos Príncipes de Joinville, e a leste o rio de S. Francisco. Além das escolas de primeiras letras, possui um bem montado colégio particular de instrução secundária, muitos edificios bem construídos, várias oficinas, hotéis e casas de negócio abundantemente sortidas. Nos seus arrabaldes existem engenhos de pelar arroz, de serrar madeira, e outros de farinha e açúcar, como lindas casas de campo. A sua indústria agrícola prospera, e a exportação de seus produtos torna-se considerável. É dotada de um clima benéfico. A sua população sobe a 4.244 habitantes com 821 casas, e durante o ano de 1866 o seu movimento foi correspondente ao seu florescimento. Por Lei da Assembléia Provincial sob o n^o 566 de 15 de março de 1866 foi esta freguesia elevada à categoria de Vila. Pertence ao colégio eleitoral de S. Francisco, ao que concorre com 2 eleitores. Aqui existe uma casa de oração com seu partor protestante. Além do arraial da paróquia existe duas povoações importantes que fazem parte da colônia D. Francisca, a saber: Anaburgo, ramificação da colônia Joinville, formando um importante arraial a 4.800 braças de caminho a noroeste da sede; Pedreira, situada entre os rios da Botucas e Águas Vermelhas, nas cabeceiras deste último. Este ramo forma um arraial a 300 braças à direita do rio Cubatão (do norte) sobre a estrada da Serra, e 1.200 braças abaixo da confluência do

rio Lindo. Reste título foi dado em honra do Senador Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje Barão do Bom Retiro.

S. João Baptista – Vide Alto Tijucas.

S. João Baptista – Vide Campos Novos.

S. João Baptista – Vide Imaruí.

S. João Baptista – Vide Itapacorói.

S. João Baptista – Vide Rio Vermelho.

S. Joaquim – Vide Garopaba.

S. Jozé – Cidade moderna situada sobre o litoral fronteiro à baía do mesmo nome entre as pontas de Itaguaçu e Maruí, 4.500 braças ao ocidente da capital. Foram seus primeiros povoadores colonos das ilhas dos Açores em número de 182 casais, mandados para aqui estabelecer-se no ano de 1750 para cujo pasto espiritual se edificou logo uma pequena capela de madeira dedicada ao patriarca S. José, a qual depois foi construída de pedra e cal, e ereta em igreja paroquial sob o governo de D. José de Mello Manoel, para o que impetrou da metrópole a necessária aprovação, dada por Provisão da Mesa de Consciência e Ordens de 18 de fevereiro de 1755, que providenciou também a cerca da nomeação do respectivo pároco. De um assento feito no mais antigo Livro de Termos de Batismo desta freguesia em 17 de dezembro de 1751 se vê que foi seu primeiro cura de almas o Rev^o José Antônio da Silveira. Em sessão do Conselho Administrativo de 1^o de março de 1833, sendo presidente da província Feliciano Nunes Pires foi criada Vila, e instalada pelo presidente da Câmara Municipal da capital o comendador Marcos Antônio da Silva Mafra em 4 de março do mesmo ano. O seu município tem por limites ao norte o rio Quebra-cabeça, e ao sul o do Ibraquera, compreendendo as freguesias da cidade, São Pedro de Alcântara, Santo Amaro, Enseada de Brito e S. Joaquim de Garopaba. O território do seu terreno banhado pelos rios, Maruí, Iririú, Cubatão, Massambú e

Embaú, além de grande número de ribeirões que o cortam em todas as direções, torna-se fertilíssimo produzindo bem a cana-de-açúcar de que fazem aguardente, mandioca e milho de que fabricam a farinha, café, arroz, feijão, batatas, erva-mate, e abundando de madeiras de construção e marcenaria, o que tudo exporta em grande escala. A população de todo o município sobe a 21.641 habitantes, sendo 18.969 livres e 2.672 escravos. O seu clima é temperado e salubre, principalmente nas margens do Cubatão e Maruí, e nas vizinhanças da Serra, cujos ares procuram respirar os que se acham enfermos. Pela Resolução da Assembléia Provincial sob nº 415 de 3 de maio de 1856, foi a vila de S. José elevada a categoria de cidade conservando a mesma denominação. Esta cidade era cabeça de comarca, a qual compreendia todo o seu terreno e os de S. Miguel e S. Sebastião da Foz do Tijucas. Por Lei posterior passou a fazer parte da comarca da capital. É de supor que esta alteração seja provisória. A cidade de S. José é centro de colégio eleitoral, que se compõem de 35 eleitores, dando 17 a sua paróquia. Oferece uma linda perspectiva do lado do mar, estendendo-se por duas longas ruas, que começam na sua espaçosa praça, uma direção de sul bem edificada, e outra na do norte até o interessante subúrbio da Praia Comprida, onde se acha a maior praça de comércio e indústria artística. Possui alguns edifícios notáveis, como são: a sua vasta matriz, a casa da municipalidade, o teatro, a capela do Senhor Jesus dos Passos, ainda em construção, e a qual pretende-se anexar um Hospital de Caridade, um cemitério bem colocado, e um pequeno chafariz de excelente água. Há escolas de primeiras letras para instrução de ambos os sexos, uma coletoria de Rendas Gerais, e outra de Provinciais. Nas cercanias desta cidade fabrica-se a melhor louça de barro, que exporta para outros postos da província. A comunicação constante em que está a cidade

de S. José com as colônias alemães estabelecidas no seu interior, e sobretudo com o importante município de Lages, augura-lhe próspero futuro. A população de sua paróquia é de 8.524 almas, com 1.498 casas, e o seu movimento estatístico no ano de 1862 foi de 258 batizados e 60 casamentos. A igreja matriz de S. José está em 27° 36' 52" de latitude sul e 5° 27' 58" de longitude oeste do Meridional do Rio de Janeiro.

São Jozé – Baía em continuação da cidade do Desterro, formada pelos pontos de Itaguaçu e o Maruí. Apesar do seu porto ser aparcelado oferece a 150 braças distante da terra 9 pés d'água em frente de lama aos navios que ai vão carregar, sendo porém muito exposto aos ventos do quadrante de sul.

S. Lourenço – Confluente da margem esquerda do rio Negro, depois de confluir suas águas com o Botiá.

S. Luiz – Ameno arrabalde da cidade do Desterro em seguida ao da Praia de Fora, e onde existiu um forte com esta denominação, cujas ruínas se deixam ainda se ver. Sobre a rocha que serviu de base ao baluarte, e a beira do mar, nota-se um perfeito vestígio de pé humano, obra da natureza. O vulgo chama-o de pé de S. Luiz.

S. Matheus – Rio que corre de este-noroeste a oeste-sudoeste e faz barra na margem esquerda do Lavatudo, a pequena distância da embocadura deste no rio Pelotas.

S. Miguel – Vila situada no lado ocidental da baía do mesmo nome, em localidade vistosa, 3 ½ léguas distante da capital. Seus primeiros habitantes foram colonos Açoritas para aqui enviados pelo Governo da Metrópole, edificando-se-lhes nos termos da Provisão de 9 de agosto de 1747 uma pequena igreja dedicada ao Arcanjo S. Miguel, a qual foi criada matriz no ano de 1750, sendo seu primeiro pároco o Rev^o Domingos Pereira Machado. Segundo parece a sua povoação começou no sítio em que se tinha fundado a primeira Armação de pesca de

baleias no ano de 1746, nas vizinhanças de uma capela ereta sob a invocação de N. S. da Piedade, que ainda existe, e foi destinada para matriz provisória da nova freguesia, uma légua ao norte da fortaleza de Santa Cruz. Foi nesta Vila, então freguesia de S. Miguel, que no dia 1º de maio de 1748 tomou posse do governo de Santa Catarina o coronel Francisco Antônio da Veiga Cabral e Câmara, por se achar a ilha ainda ocupada pelas forças espanholas. Aos primeiros anos deste século sob o governo do coronel Joaquim Xavier Curado se deu principio à construção de uma nova igreja matriz de grandes dimensões sobre o mesmo local da primitiva, da qual só se pode concluir a capela-mór, alta e espaçosa, como se fora destinada para ma catedral. Possui uma perfeita imagem do seu angélico padroeiro, que é muito venerado. Em sessão do Conselho Administrativo da província de 1º de março de 1833 foi elevada à categoria de Vila, e instalada a 16 de maio do mesmo ano, deu-se por limites ao seu município o rio Tijucas Grandes ao norte, e o Quebra Cabeça ao sul, sendo mais tarde reduzida a divisa sêntentrional ao morro da Mafra. Quando em execução do código de Processo Provincial de Santa Catarina foi dividida em duas comarcas, coube a vila de S. Miguel o título de cabeça da comarca do norte e nela residiu o seu primeiro Juiz de Direitô o Doutor Antônio Joaquim de Siqueira, mais tarde Desembargador da Relação do Rio de Janeiro. Passou depois a fazer parte da comarca da capital, assim como a de S. José, e atualmente pelo Decreto Provincial nº 541 de 11 de abril de 1864, foi de novo constituída com o termo de S. Sebastião sede da comarca. O território deste município é geralmente montanhoso, mas suas terras são fresças e produtivas. O clima é benigno e temperado pelas brisas da barra do norte que constantemente renovam o ambiente embalsamado das vastas florestas, que coroam os montes. Os produtos de sua lavoura são: açúcar, aguardente, fari-

nha, arroz, feijão e milho. Tem vários engenhos de pilar arroz e serras de madeiras movidas por água. Pela Resolução Provincial nº 235 de 6 de abril de 1847 foi concedida licença aos moradores do alto Biguaçu para a edificação de uma capela sob a invocação do Senhor Bom Jesus, e mais tarde por Decreto da mesma Assembléia sob nº 320 de 15 de abril de 1851, permitiu-se a construção dedicada à N. S. do Rosário, pouco acima da foz do mesmo rio Biguaçu, o que não se realizou ainda. Esta vila, pela vizinhança em que está da fortaleza de Santa Cruz, onde costumam ancorar os navios de alto bordo, é freqüentemente visitada. O seu porto a 200 braças distante da terra oferece de 10 a 12 pés de fundo. A distância de um quarto de légua ao norte da povoação despenha de uma linda e abundante cascata, que oferece excelentes banhos em bacias naturalmente cavadas na grande pedreira. Ainda $\frac{1}{2}$ légua ao norte deste rico manancial acha-se o crescente arraial da Tijuquinhas. É a este lugar, assim como à barra do Biguaçu que os navios vão receber os gêneros de produção deste fecundo distrito, inclusive as boas madeiras que suas matas oferecem. A paróquia de S. Miguel faz parte do colégio eleitoral da capital, ao qual envia 15 eleitores. Possui aulas de instrução primária para ambos os sexos e uma coletoria de Rendas Gerais e Provinciais. A sua população compreende as das paróquias N. S. da Piedade da Armação a Alto Biguaçu, que constituem o seu município sobe a 11.040 habitantes com 1.340 casas, sendo 9.953 pessoas livres e 1.087 cativos. O movimento estatístico no ano de 1862 foi de 294 batizados, 51 casamentos e 88 óbitos.

S. Miguel – Baía formada pela Ponta Grossa e a ilha de Anhatomirim ao norte, e ao Estreito ao sul com 10 milhas de comprimento, 6 de largura, e de 12 a 15 pés de fundo, menos sobre o Tabuleiro, que se estende da ilhas Ratonas até pouco além dos Guarazes, em que desce a

8 pés de água, em fundo de lama, nas maiores baixas. No porto da Vila de S. Miguel a 80 braças da praia existem duas lajes, das quais uma está fronteira à igreja, e é alagada, e a outra, obra de 40 braças ao norte, está sempre visível. De frente da cachoeira e à distância apenas de 30 braças da terra há também um recife em parte descoberto. O melhoramento do canal desta baía é uma obra de primeira necessidade, cujo resultado proporcionaria aos navios de alto bordo entrada franca até o porto da capital.

S. Miguel – Confluente da margem esquerda do rio Negro muito próximo da Serra do Mar.

S. Paulo – Nome porque é também conhecido o rio Itajaí-açú.

S. Pedro de Alcântara – Freguesia do município de S. José, de cuja sede dista 3 ½ léguas ao ocidente, situada na margem esquerda do rio Maruí em terreno montanhoso. A sua povoação começou com 166 famílias em número de 523 colonos alemães católicos contratados em Bremen, e que aqui chegaram no ano de 1828. A estes reuniram-se outros que haviam pertencido ao batalhão 27 devolvido em 1831, completando o número de 635 pessoas, que se estabeleceram neste lugar, e edificaram uma pequena capela de madeira e adobo sobre uma vistosa colina, dando-lhe por padroeiro o glorioso confessor de que tomou o nome. Esta colônia composta de gente laboriosa prosperou de modo admirável, tornando-se fornecedora diária da capital para onde manda a manteiga de superior qualidade, toucinho, banha, farinha de milho perfeitamente fabricada, batata inglesa e legumes. A fertilidade das terras escolhidas, a frescura de suas serras, a salubridade do clima frio e seco, o viço perpétuo de seus campos asados para a criação, tudo concorre para animar seus esforços; e os filhos da antiga Alemanha amam este torrão, como se

ama a pátria natal, alguns tem desposado brasileiras e vivem na mais perfeita harmonia com os naturais do país. No ano de 1844 pela Resolução Provincial n^o 194 de 19 de abril, sendo presidente da província o General Antero José Ferreira de Brito, depois Barão de Tramandahy, foi ereta à paróquia conservando a mesma denominação; sendo nomeado seu primeiro vigário o Rev^o José Fraubes. Seus limites atuais em consequência da criação da nova freguesia do Alto Biguaçú são: ao norte os desta paróquia, ao sul os da de Santo Amaro do Cubatão, a leste os da de S. José e a oeste a Serra Geral, que a divide com o terreno de Lages. A uma légua ao poente da matriz existe uma capela filial, dedicada à Santa Bárbara. Esta freguesia decaiu com a abertura da estrada do litoral para Lages pelo Cubatão; fazem a sua vizinhança com a colônia Angelina a reabertura da antiga estrada que por ela travessava, comunicando com as colônias do Cubatão, e aquele rico município, e que hoje está quase concluída a fará prosperar. A paróquia de S. Pedro de Alcântara faz parte do colégio eleitoral da cidade de S. José ao que concorre com 3 eleitores. Possui cadeiras de primeiras letras para a instrução da mocidade. A sua população é de 2.007 habitantes com 349 casas. Dista da capital 5 ½ léguas.

S. Pedro Apóstolo – Freguesia criada em virtude do Decreto Provincial n^o 509 de 25 de abril de 1861, sancionado pelo vice presidente Doutor João José de Andrade Pinto. Está situada a sua igreja matriz, a principal povoação na margem direita do rio Itajai sobre uma colina que se estende entre os rios Gaspar Grande e Pequeno, 24.500 braças acima da sede da vila. Tem por padroeiro o Príncipe dos Apóstolos, e foi seu primeiro pároco o Rev^o Alberto Francisco Gattone. Esta paróquia extrema ao norte com a de N. S. da Penha de Itapocorói, ao sul com o território da colônia Brusque, a leste com a freguesia do S. S. Sacramento do Itajai, e a oeste com a

Serra Geral, excetuando o distrito da colônia Blumenau que lhe fica limítrofe. Os seus Terrenos sumamente férteis correspondem aos esforços de seus laboriosos habitantes, pela maior parte alemães. O seu clima é frio, porém saudável. O movimento da população no ano de 1862 foi de 106 batizados e 37 casamentos, e o seu total é de 1.053 habitantes com 192 casas. Possui aulas de primeiras letras para a instrução da mocidade, e seu pároco exerce o magistério público conjuntamente. Esta freguesia faz parte do colégio eleitoral de S. Sebastião da Foz, dando 2 eleitores, porém pertence ao município de Itajai. Dista 26 léguas ao norte da capital.

S. Pedro Apóstolo – Vide Alto Biguaçu.

S. Sebastião – Arraial no sítio denominado Rio Tavares, próximo a costa oriental da Ilha, com uma capela filial à matriz de N. S. da Conceição da Lagoa.

S. Sebastião – Vide Tijucas Grandes.

S. Sebastião – Vide Praia de Fora.

S. Thiago – Extenso vale compreendido entre o rio Capivari e a margem ocidental da lagoa de Imaruí, ao sul do arraial da freguesia de Pescaria Brava.

Saquinho – Lugarejo da freguesia da Lapa da Ribeira na costa oriental da Ilha de Santa Catarina, ao norte da ponta dos Frades, e quase leste-oeste com as ilhas denominadas Moleques do Sul.

Seio de Abrahão – Remanso formado pela ponta de penedos, que se estende ao mar, da parte do sul do sítio deste nome no distrito de S. José.

Sepultura – Paragem sobre a estrada que conduz a cidade de Lages, distante 4.000 braças do caminho ao oriente do passo do Canoas, e 5.200 ao poente do rio João Paulo.

Sepultura – Pequena enseada muito funda, formada pela ponta de terra que tem a mesma denominação e a das

Garoupas, a qual presta excelente abrigo às embarcações, que navegando perto da costa são assaltadas dos ventos do sul. Para procurar com segurança este remanso o navio deve aproximar-se da ponta do sul para evitar uma laje que está a lume d'água, conhecida pelo nome de Caraolho.

Sequeiro – Rio que deságua na margem ocidental da lagoa de Imaruí ao norte da povoação da Pescaria Brava.

Serafim – (Rio do) Pequeno confluente do braço sul do Itajai pela margem direita, pouco abaixo do sudoeste da colônia de Santa Teresa.

Serra do Araranguá – Prolonga-se sueste-noroeste no distrito deste nome, dividindo o território do município da Laguna, dos campos de cima da Serra da província do Rio Grande do Sul.

Serra dos Ausentes – Parte da Cordilheira, que jaz leste-oeste com as cabeceiras do rio das Congonhas, onde há uma entrada do distrito de Araranguá para os campos da Vacaria.

Serra da Boa Vista – Situada a 6.000 braças de caminho ao poente do morro Chato, e 17.000 ao oriente da colônia militar de Santa Teresa. O campo que com esta denominação começa na raiz da mesma serra, tem duas léguas de comprimento e estende-se para o sul.

Serra da Cambirela – destaca-se na Serra do Tabuleiro a que serve de contraforte, e eleva-se soberbamente de frente da baía da cidade do Desterro do lado de sudoeste, formando no seu cimo três picos, quase piramidais, dos quais o de centro que é o mais alto, recebe o nome de Pico da Cambirela. Avista-se a uma grande distância; e serve de conhecida aos navegantes.

Serra do Cedro – Acompanha a margem esquerda do rio Pirabeirava no distrito do Saí.

Serra do Cubatão – Assim se denomina a parte da Cordilheira, que atravessa norte-sul o litoral das províncias

de S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande, recebendo nomes diferentes segundo os sítios por onde passa.

Serra do Espigão – Prolonga-se leste-oeste na parte setentrional do município de Lages.

Serra do Facão – Eleva-se entre os rios Pelotas e Lavatudo, no sítio em que se encontram as estradas que das freguesias de Imaruí e Tubarão, vão ter à cidade de Lages. Vide campos de Santa Bárbara.

Serra de Icomba – Parte da Cordilheira que se estende a rumo de norte-sul separando o território do município de S. Francisco dos campos de cima da Serra da província do Paraná.

Serra de Imaruhy (Imaruí) – Continuação da Serra do Tubarão, que divide o município da Laguna do de Lages.

Serra de Itajahy (Itajai) – Por este nome é conhecido uma grande extensão da Serra Geral, a qual estende-se em rumos diversos, serve de divisa entre o município de Itajai e os campos de Lages.

Serra de Jaguaruna – Situada ao norte do morro da Fumaça, no município da Laguna.

Serra da Jararaca – A parte da Cordilheira, que fica leste-oeste com a barra do Araranguá, onde tem as suas nascentes os rios Itapocú e Luís Alves.

Serra do Mar – Aqui se prolonga por toda a extensão do território da província, aproximando-se mais ou menos do litoral. Toma também a denominação de Cordilheira ou Serra Geral.

Serra do Marco – Corre noroeste-sudoeste formando três Tabuleiros ou sentadas até desce até o pico do Taió, o qual se eleva com grande saliência em forma piramidal, ficando muito alcantilada na extremidade sueste em que olha para os vales regados pelo braço do sul do Itajai.

Serra do Morro Grande – Prolonga-se leste-oeste entre o rio do Sangão ao norte, o arroio do Miguel Rabello ao sul, e o Urussanga ao ocidente.

Serra das Pedras – Parte da Cordilheira, que demora a oeste do morro Sombrio, onde por uma quebrada passa a estrada que do Araranguá conduz os campos de cima da Serra da província de S. Pedro.

Serra Redonda – É a mesma Serra do Trombudo.

Serra da Raiz – Eleva-se ao noroeste do campo da Boa Vista estendendo-se sobre a sua encosta a várzea que lhe deu o nome. Das vertentes tanto meridionais como setentrionais procedem dois braços, ou afluentes do Itajai (braços do sul), os quais partindo no seu começo em direções opostas, vão confundir suas águas no mesmo rio. Desta mesma Serra ainda do lado norte nasce um confluente do rio do Pai Garcia, o qual depois desenhar a várzea deste nome faz barra pouco acima da colônia Angelina. Os dois afluentes do braço do sul do Itajai, que vimos de mencionar, são por nós denominados, e que procede da vertente meridional o rio da Boa Vista, e o da vertente setentrional rio da Serra da Raiz: isto para que se distingam de outros ramos do mesmo rio.

Serra de Santo Antônio – Estende-se com grande elevação ao ocidente do rio deste nome e o Pepiri-açú, os quais em suas vertentes tem origem.

Serra do Tabuleiro – Ramal que prende-se à grande Cordilheira, dividindo as águas que correm das suas vertentes opostas para os municípios de S. José e Laguna. É uma das mais altas montanhas da província com um extenso platô sob o seu dorso na parte mais oriental. Esta Serra que se prolonga ao sul do campo da Boa Vista em seu segmento forma uma vale ou quebrada por onde se precipita o Capivarí, confluente do rio Tubarão.

Serra das Tejuças – Parte da Serra Geral que separa o sertão do município deste nome dos campos de Lages.

Serra da Tromba – Ramificação que se destaca da Cordilheira para estender-se na direção de sueste, margeando pela direita o rio Cubatão (do norte).

Serra do Trombudo – É uma parte da Serra Geral, a qual divide os campos banhados pelo braço do sul do Itajai dos do município de Lages. A estrada que transpõe esta montanha é em grande parte da sua extensão calçada de pedra. É a mesma Serra que no mapa topográfico de C., Van Lede, figura com nome de Serra Redonda.

Serra do Tubarão – Prolonga-se a rumo de sudoeste dando lugar em uma das suas quebradas a estrada que segue para Lages.

Serraria – Povoado à beira-mar sobre as divisas das paróquias de S. José e S. Miguel, pertencendo à esta última. A pequena Serra que se eleva do lado ocidental deu-lhe esta denominação.

Serra do Bahúl (Baúl) – Vide Baúl.

Serra do Ribeirão – Ergue-se com grande saliência 2 léguas ao sul da capital, e ao nordeste do arraial da freguesia do mesmo nome, à pequena distância, avistando-se porém muito ao longe da costa. Outros serros existem que aqui se encontram com o prefixo de morro.

Sertão das Cabras – À uma légua ao sul do arraial da freguesia de N. S. da Penha.

Sertão do Maruhy (Maruí) – Centro principal do distrito de S. José onde estão aposentados os mais abastados lavradores do lugar. Começou a duas milhas ao poente da cidade, e segue margeando o rio que lhe dá o nome. Com o mesmo prefixo são conhecidos os lugares mais centrais de outras freguesias.

Signal – (Ponta do) Forma com a ponta Funda e do saco da Çaieira, na freguesia do Ribeirão. Também a denominam ponta da Tapéra.

Sítio Novo – Lugar beira-mar no distrito da freguesia da Pescaria Brava.

Soturno – Ribeirão que deságua na margem esquerda do rio de S. Francisco, no distrito do Saí.

Sumidouro – Ponta de terra que se estende ao mar a $\frac{1}{2}$ légua ao ocidente do morro de João Dias na barra do norte da cidade de N. S. da Graça.

Sumidouro – Correndo de este-oeste, entre o rio Marombas e o das Pedras, faz barra neste último.

T

Tabatinga – Rio que entra na margem direita do Itapocú, 2.000 braças abaixo da queda d'água denominado Saltinho.

Tabuleiro – Extenso baixio sobre o canal da baía de S. Miguel. Oferece na baixa-mar menos de 8 pés d'água em fundo de lama, o que impede o acesso dos navios de pontal superior até o ancoradouro da capital. A escavação deste canal é uma obra muito reclamada pelo comércio, e de que depende o incremento da província, atenta à sua posição topográfica, e a necessidade de exportar os produtos de sua indústria agrícola, a qual cresce com os estabelecimentos coloniais que já possui e outros que vão criando.

Tabuleiro – Morro elevadíssimo com uma vasta planície na sua maior eminência. Vide Serra do Tabuleiro.

Tajúba – Ilha situada um pouco ao norte do morro do mesmo nome. É baixa e comprida com um canal de 300 braças entre a mesma e a costa.

Tajúba – (Morro da) Releva-se sobre o litoral a duas léguas ao norte do rio Piçarras.

Tamboretas – Grupo de 4 ilhotas graníticas a meia légua da costa oriental na ilha de S. Francisco, em frente aos Morretes. A maior deles dista 6 milhas a leste-nordeste da ilha dos Remédios.

Tapera – Lugarejo da freguesia do Ribeirão sobre o litoral fronteiro à Enseada de Brito. Aqui existiu uma pequena capela particular dedicada a S. Domingos.

Tapera – (Rio da) Despeja na enseada de Porto Belo duas léguas ao norte da povoação.

Tapiruvá – Campo situado no distrito da freguesia de Santa Ana do Mirim. Também se escreve Itapiruvá.

Taquaras – Rio afluente do Marombas duas milhas ao norte da embocadura do rio dos Cachorros, no distrito da freguesia dos Curitibanos.

Taquaras – (Ponta das) Estende-se ao mar na extremidade norte de Porto Belo.

Taquaras – Confluente da margem esquerda do rio Bonito, atravessa a estrada de Lages a 2.500 braças ao nordeste do campo da Boa Vista. Na margem direita deste rio acha-se o pouso denominado as Taquaras.

Taquara-assú (açú) – Rio que deságua no Marombas no distrito da freguesia de Campos Novos.

Taquera – Afluente do rio Itapocú com as suas nascentes na raiz da Serra de Itajai.

Tavares – Rio que nasce das vertentes da serreta que se estende norte-sul na ilha de Santa Catarina, e vai desaguar na baía do Desterro ao sul do Saco dos Limões. Os moradores de sua margem fazem parte da freguesia de N. S. da Conceição da Lagoa. O seu arraial possui uma escola pública de primeira letras, e uma pequena capela dedicada a S. Sebastião.

Tayó (Taió) – Morro que afirmam conter minas de prata. Tem sido muito procurado e ainda é pouco conhecido. Eleva-se com grande saliência formando um morro agudo, e mais ao norte deste um outro com 3 sentadas até chegar ao seu curso sobre a corda da Serra Geral, no sitio onde se destaca a ramificação denominada Serra do Marco. Demora entre as nascentes do rio Marombas ao norte, e dos Cachorros ao sul a uma distância de 7 ½ léguas no oeste-sudoeste da sede da paróquia dos Curitibanos. A existência de ferro e outros metais em seu seio ou vizinhança, atribuí-se a variação da agulha magnética, quando ávidos aventureiros o tem pretendido explorar. Esta fama bem ou mal fundada tem feito à muitos arrostarem trabalho insano em pesquisas infrutuosas, pois que, segundo se acredita poucos tem

tido a dita de pisar neste novo El Dourado. O pico mais elevado do Taió está 27° 23' 15" de latitude sul e 50° 18' 57" de longitude oeste pelo Meridiano de Greenwich.

Tijucas-Grandes – Nasce este importante rio na Serra da Boa Vista, atravessa os campos desta denominação e o extenso vale do Pai Garcia, onde forma o passo na antiga estrada de Lages, corre a rumo de norte pelo espaço de 11 léguas até perto do Salto, e vencendo ainda uma distância superior a 7 léguas na direção de leste, lança-se no oceano por uma foz de 130 braças de largura na baía a que dá o seu nome. Este rio é fundo menos na barra, onde oferece somente 8 palmos nas marés ordinárias, e dá navegação a iates até duas léguas acima de sua embocadura. A terra que ele banha são de suma fertilidade. Trabalha-se na abertura de uma estrada que virá da colônia Angelina margeando este rio: e os moradores de sua margem esquerda já se comunicam com as colônias Brusque e Príncipe D. Pedro, estabelecidas nas margens do Itajai-mirim. São origens do rio Tijucas Grandes, rio Bonito e seu confluente Taquaras, e o das Antas e Capivaras, na junção dos quais toma a denominação de rio do Pai Garcia, que conserva até a embocadura do rio dos Mondéos, adotando desde então o nome de Tijucas-Grandes. São igualmente seus tributários os rios, do Adolfo, o ribeirão do Braço do Norte com seu confluente rio do Alferes, e os ribeirões do Moura e da Oliveira pela margem esquerda, e pela direita o rio dos Perdidos, dos Coqueiros, o Braço do Sul, o rio Itinga e outros menos consideráveis. As terras banhadas por este grande rio e seus tributários são de espantosa uberidade.

Tijucas-Grandes – Vasta baía, cujo ancoradouro demora obra de 10 milhas a oeste da ilha do Arvorêdo. É pouco profundo e desabrigado dos ventos de leste, pelo que as embarcações, quando surpreendidas por ventos contrários vão fundear na enseada dos Zimbros ao norte, ou

na dos Ganchos ao sul, onde podem estar com toda a segurança, e em completa calma.

Tijucas-Grandes – Vila assentada sobre a margem esquerda do rio, cujo nome adotou, em sítio baixo e úmido, o que concorre muito para o seu desagradável aspecto, apesar da animação de seu comércio. A Lei Provincial nº 271 de 4 de março de 1848, sob o governo do general Antero José Ferreira de Brito, desmembrou da paróquia de Porto Belo o território compreendido entre o rio dos Bobos e o Tijucas para constituir uma freguesia sob a invocação de S. Sebastião, tendo por seu primeiro pároco o Rev^o José Gnecco. O desenvolvimento progressivo deste lugar, já pela uberdade de suas terras, já pela navegação de seu rio, ao passo que Porto Belo já em visível decadência, deu-lhe o direito de ser a sede do município, o que realizou o Decreto da Assembléia Legislativa Provincial de nº 464 de 4 de abril de 1859, sendo trasladada para aqui a sede do termo, e ficando Porto Belo, a despeito de sua formosa situação e magnífico ancoradouro, considerado simples paróquia. A mesma Resolução marcou por limites do município ao norte o morro do Boi e ao sul o da Maфра, compreendendo as freguesias da vila de Porto Belo, e S. João Batista do Alto Tijucas. Por Lei Provincial nº 541 de 11 de abril de 1864 a parte da comarca judiciária de S. Miguel. É centro de colégio eleitoral, o qual consta de 36 eleitores dando 8 à paróquia da vila. A população de todo o município sobe a 11.525 habitantes, a saber 9.880 livres e 1.645 escravos. A vila de S. Sebastião como já dissemos é de aparência pouco lisonjeira, e mal edificada, sendo a maior parte de suas casas construídas só de madeira sobre esteios por causa das enchentes do rio: porém em compensação o seu comércio é animado e diariamente saem de seu porto para a capital muitos iates carregados de produtos de lavoura, ou de madeiras de construção e marcenaria. Possui aulas públicas de primeiras

letras para a instrução da mocidade, e coletorias geral e provincial. Os limites da paróquia são: ao norte o rio dos Bobos, ao sul o morro da Mafra, a leste o oceano e a oeste a margem esquerda dos ribeirões do Moura, sem contudo compreender os seus moradores que pelo Decreto Provincial nº 589 de 14 de junho de 1867, ficaram pertencendo à paróquia do Alto Tijucas. A população da freguesia é de 5.407 habitantes com 712 casas, e durante o ano de 1862 o seu movimento foi de 141 batizados e 20 casamentos.

Tijucas-Mirim – Grande braço do rio Tijucas Grandes, em cuja confluência está situada a freguesia de S. João Batista do Alto Tijucas. É muito fundo e suas margens são fertilíssimas. Conhecem-no também pelo nome de ribeirão do braço de norte do Tijucas.

Tijuquinhas – Pitoresco arraial sobre o litoral a $\frac{1}{2}$ légua ao norte da sede da vila de S. Miguel, a cuja paróquia pertencem os seus moradores. No seu porto carregam as embarcações os mantimentos e madeiras que descem do interior do município.

Tijuquinhas – Pequeno rio que deságua na parte ocidental da baía de S. Miguel nas imediações do povoado a que lhe deu seu nome.

Terra dos Carijós – Assim se chamou primitivamente o território de Santa Catarina, sendo habitado pelos índios carijós, únicos que na carta do Brasil não eram antropófagos.

Terra Nova – Crescente povoação no distrito de S. Sebastião, onde existem bons estabelecimentos de agricultura. Dista menos de duas léguas acima da barra do rio Tijucas Grandes.

Terra de Santa Anna – O território compreendido entre a barra meridional das baías de Paranaguá e o rio Araraçuá, o qual perfazia 20 léguas de capitania doada a Pero Lopes de Sousa, em 1ª e 2ª doação, o Viscon-

de de S. Leopoldo que no seu Resumo Histórico, desta província.

Testo – (Rio do) Nasce na Serra Geral e corre ao sul por espaço de 5 léguas, a desaguar na margem esquerda do Itajai, duas léguas abaixo da confluência do rio do Benedito, 1.700 braças acima do Salto, e 39.850 da sede da vila de Itajai.

Theresa Henrique – Ponta de terra elevada, que se estende sobre o litoral ao norte do arraial dos Barreiros. Ao sul corre um riacho do mesmo nome com uma ponte de madeira.

Theresópolis – Vide colônia Teresópolis.

Thomé – (Ponta do) Dista uma légua ao sul da cidade de S. José, formando uma península 500 braças ao norte do rio Iririú. Outros a denominam ponta do Castro, ou da Boavista.

Thomé – (Riacho do) No arraial da freguesia de Santo Antônio, a 50 braças ao norte da igreja matriz. É um pequeno ribeiro.

Tigre – (Cachoeira do) Sobre o rio Uruguai duas léguas abaixo da ilha de Santo Antônio no distrito do campo de Palmas.

Timbé – (Morro do) Ergue-se sobre a estrada que sobe para Lages pelo Cubatão, ao ocidente da Boa Vista. Outros chamam Taimbé ou Itambé.

Timbé – Povoado ao sul do rio Tijucas Grandes, o qual faz parte da paróquia de S. Miguel pela Resolução nº 259 de 8 de abril de 1848, que altera os limites desta pequena freguesia com a de S. João Batista do Alto Tijucas.

Timbó – Rio que nasce na Serra do Espigão, e costeando o morro deste nome atravessa a estrada que de Lages conduz à Curitiba, e corre a rumo de noroeste a desaguar na margem esquerda do rio Iguaçu, regando uma

extensão de mais de 20 léguas de terrenos. Tem por tributários pela margem direita os rios S. João e Parnandava, e pela esquerda o Timbozinho.

Timbozinho – Ribeirão confluyente do Timbó pela sua margem esquerda, que vai da Laguna a Lages pela freguesia de Imarui.

Três Irmãs – Grupo de ilhotas, das quais a do meio dista 1.500 braças ao oriente da ponta dos Frades, no cabo meridional da ilha de Santa Catarina.

Três Pontes – Sítio na estrada que segue da freguesia da S. S. Trindade para as outras do interior da ilha, onde existem 3 pontes à pequena distância uma da outra, e sob a maior das quais atravessa o rio denominado Córrego Grande.

Três Portos – Ancoradouro no rio Araranguá. Onde este oferece grande fúndo, em frente a interessante povoação da Campinas, posteriormente designada por Ato Legislativo para sede da freguesia de N. S. Mãe dos Homens.

Três Riachos – Centro importante do distrito de S. Miguel, à margem esquerda do rio Biguaçu, onde estão situadas as melhores fazendas com engenhos e olarias. Os ribeirões que deságuam naquele deram a este sítio semelhante denominação.

Trigo – (Rio do) Despeja na saco da Peroba, a leste da ponta do Azedo na barra setentrional do rio de S. Francisco.

Trinta Réis – Ponta de terra que se avança ao mar um pouco ao sul da ilha das Palmas, e uma légua ao norte da Armação da Piedade.

Trombudo – (Rio do) Nasce na vertente meridional da Serra do Trombudo, com dois braços que rodeiam o morro do mesmo nome, um ao oriente e outro ao occidente. Corre de sul ao norte e depois de este a oeste e deságua no rio de Santa Clara, tendo recolhido na sua

margem esquerda o rio Ponte Alta e os de Bom Retiro, os quais todos atravessam a estrada que conduz à cidade de Lages.

Trombudo – Paragem muito conhecida pelos viandantes que transitam da capital e localidades do litoral para o município de Lages. O ponto mais culminante da estrada ao transpor a cordilheira entre o morro do Trombudo ao sul e o Costão do frade ao norte, dista 6.500 braças de caminho ao oriente da fazenda do Bom Retiro, e 4.500 ao ocidente da colônia militar de Santa Teresa. O morro e serra deste nome é, como a maior parte da cordilheira de suave pendor para o lado do ocidente enquanto para a face oriental torna-se íngreme e escarpado.

Tubarão – Rio caudaloso, que toma este nome na junção do ribeirão do Passa-Dois com o das Laranjeiras, 8 léguas acima do assento da freguesia de N. S. da Piedade no município de Laguna. É muito tortuoso até o sítio chamado das Pedrinhas, formando cachoeiras muito perto uma das outras. À sua margem direita recebe oito afluentes, e à esquerda quatro, sendo em grande número as nascentes que o alimentam desde a sua origem. Este rio corre a rumo de leste até a confluência do Capivari, em que toma a direção de sul até o sítio dos Morrinhos, seguindo de novo ao oriente até desaguar na lagoa de Santo Antônio dos Anjos, na proximidade da barra da Laguna, tendo percorrido uma extensão de mais de 17 léguas. Oferece pouca navegação até 9 milhas acima de sua foz, chegando as canoas até o porto da Guarda 6 milhas cima do arraial da freguesia. A máxima parte da exportação do rico município da Laguna é produzida nas terras fertilizadas por este grande rio. A violência de sua correnteza parece dever o nome, porque é conhecido.

Tubarão – Freguesia do município da Laguna, de cuja sede dista 6 léguas, sobre a margem direita do rio de

que recebe a denominação. Foi criada pelo Decreto da Assemblêia Legislativa Provincial sob o n.º 32 de 1.º de maio de 1836 sob o governo do comendador Francisco Luiz do Livramento, vice-presidente. A sua igreja matriz é dedicada à N. S. da Peidade, e teve por seu primeiro pároco o Rev.º João Jacintho de S. Joaquim. Os seus limites são: ao norte o rio Capivari, ao sul os da freguesia de N. S. Mãe dos Homens de Araranguá, a leste os da de Santo Antônio dos Anjos e a oeste a Serra Geral. O seu território encerra abundantes jazigos de cavão de pedra, elemento de riqueza que muito contribuirá para o engrandecimento do lugar, e da provincia, que poderá daqui a poucos anos suprir o Império deste precioso combustível. Estas minas demoram a uma distância de 12 léguas a oeste do arraial da freguesia. As suas terras sempre cobertas luxuriante vegetação e imensamente produtivas constituem a este distrito o celeiro do município da Laguna. Principalmente a farinha, a aguarente, o feijão e o milho que exporta, provém na sua maior parte deste ubérrimo torrão. Há uma constante navegação de iates entre o porto da freguesia e o da vila da Laguna. O seu clima é frio pela proximidade da serra, porém da mais desejável salubridade, ao que reunidos as outras comodidades da vida, se deve attribuir o aumento da sua população, e a animação sempre crescente do seu comércio. Perto da povoação existe uma nascente de águas termais pouco frequentadas talvez por sua baixa temperatura. Resta freguesia possui duas escolas públicas de instrução primária. Faz parte do collegio eleitoral da Laguna, à qual envia 5 eleitores. A sua população conta 8.542 habitantes com 1.015 casais, e no ano de 1862 tiveram ali lugar 326 batizados e 53 casamentos. Dista 26 léguas ao sul da capital.

Turvo – Um dos confluentes da margem esquerda do rio Negro.

U

Ubatuba – Enseada na costa nordeste da Ilha de S. Francisco, a qual é formada pelas pontas que avançam ao mar, dos morros da Enseada e de João Dias. Neste sítio comunica-se com o oceano a lagoa de Acaraí. O vocábulo Ubatuba, significa lugar abundante de ubás, espécie de cana grossa, de que os indígenas fabricavam canoas.

Una – Rio no município da Laguna com muita profundidade e pouca correnteza. Nasce na vertente austral da Serra do Tabuleiro, e corre em direção de sul a lançar-se com larga embocadura na margem setentrional da lagoa da Vila Nova, depois de banhar uma extensão de 7 léguas mais ou menos. O seu nome exprime a cor negra, que apresenta por ser muito fundo.

Una – Ribeirão, que seguindo a rumo de sudoeste, despeja na margem esquerda do rio Pirai-piranga, no distrito de Parati.

Una – (Campo de) Planície que se estende desde a raiz da Serra do Tabuleiro, regada pelo rio de que adota o nome, e o Forquilha, no território da freguesia do Mirim.

União – (Porto da) Povoação sobre a margem esquerda do rio Iguaçu, no sítio onde passa a estrada que vai do campo de Palmas para a província do Paraná. Esta povoação com quanto se compunha em sua maior parte de paranaenses, que aqui se foram estabelecendo, dando obediência às autoridades do Paraná, pertence à província de Santa Catarina, por se achar compreendida dentro de seus limites. Dista 2 ½ léguas ao ocidente da confluência do rio Canoinhas.

Upitanga – Confluente do rio Itapocú pela margem direita, um quarto de légua acima do Salto Grande, no distrito da Barra Velha.

Urubuquára – Ponta de terra na costa oriental da ilha de S. Francisco, um pouco ao sul do morro da Enseada.

Uruçanga (Urussanga) – Rio muito conhecido na parte meridional da província. Nasce nas montanhas situadas entre a serra de Jaguaruna e o morro da Fumaça. Corre a rumo de sul até a lagoa de que recebe a denominação, e tomando a direção de leste vai lançar-se no morro a 2½ léguas ao nordeste da barra do rio Araranguá. O seu curso excede a 12 milhas. Em sua embocadura na costa do mar conserva tão pouco fundo que as vezes fica inteiramente seco. A sua largura perto da foz é superior a 20 braças, e vai diminuindo até 10 braças; e a sua profundidade não vai além de 10 palmos, em tempo de seca. Nas marés cheias, aumenta regularmente suas proporções. Vide lagoa Urussanga.

Uruguay (Uruguai) – Este majestoso rio tem a sua origem em duas grandes nascentes, próxima uma da outra sobre a alta chapada da Serra Geral denominada campos de Santa Bárbara no território da província de Santa Catarina. A primeira destas nascentes corre a noroeste e depois a oeste com o nome de rio Canoas, recolhendo em suas margens o tributo de muitos afluentes, que o engrossam alargando e aprofundando o seu leito: a segunda conhecida pela denominação de rio Pelotas corre a princípio a rumo de sudoeste, recebe na sua margem esquerda algumas vertentes do território da província de S. Pedro, que antigos escritores julgaram ser a principal origem do grande rio, e segue depois nos rumos de oeste, norte e noroeste depois de recolher também as águas de muitos tributários pela margem direita. Estes dois volumosos braços – Canoas e Pelotas vão encontrar no sítio chamado Passo do Pontão, onde formam uma imensa bacia. Com o nome de Uruguai prossegue então o seu curso caudal, aumentando consideravelmente com um prodigioso número de afluentes até lançar-se no rio da Prata, depois de vencer uma extensão

de 750 milhas, tendo banhado cidades, vilas e freguesias de três diferentes Estados.

Uruguay-assú (Uruguai-açú) – Nome dado ao braço maior do rio Uruguai que é o mesmo rio Canoas, para o distinguir do Uruguai-mirim, braço menor do mesmo. Vide Canoas.

Uruguay-mirim (Uruguai) – É o mesmo rio Pelotas que assim era denominado primitivamente, com referência ao Uruguai-açú. Vide Pelotas.

V

Vacas Gordas – (Rio das) Nasce ao ocidente do Capão Alto, 4 léguas ao sul da cidade de Lages, e seguindo em direção de oeste por espaço de 10 léguas, vai desaguar na margem direita do rio Pelotas. A sua embocadura dista 7½ léguas ao noroeste da do Pelotinhas, e 6 ao sul do Passo do Gatiádo. O seu nome atesta a boa qualidade dos campos que ele banha para a criação do gado vacum.

Vale da Estrela – Estende-se sobre as margens do rio Guabiruba do Norte, duas léguas de caminho ao ocidente do arraial da colônia Bruisque.

Vale de S. Thiago – Sítio de excelentes terrenos ao sul do arraial da freguesia da Pescaria Brava. Vide S. Thiago.

Varadouro – Braço do rio Tubarão, o qual forma sobre a barra do mesmo a ilha das Pedras Brancas.

Vargem Grande – Lugar aprazível e muito saudável, com terreno de grande elevação sobre o nível do mar, aonde se estabeleceu posteriormente uma ramificação da colônia de S. Pedro de Alcântara com sua capela consagrada a N. S. das Dores. Forma uma vasta planície regada pelo rio Cubatão, e ondulada de colinas em cujas eminências estão edificadas as casas e engenhos. Dista uma légua ao sudoeste da sede da freguesia de Santo Amaro.

Várzea do Pai Garcia – Planície sobre a margem direita de Tijucas que neste sítio ainda tem o nome de rio do Pai Garcia, ao sul do arraial da colônia Angelina. Vide rio dos Mondéos.

Várzea Pequena – Lugar com muito moradores na extremidade sul da freguesia de Canavieiras a que pertence aqueles.

Várzea dos Pinheiros – Grande tabuleiro coberto de ervas de mate, situado entre o empinado morro dos

Quatorze Voltas a oeste, do Furtado e Congonhas a leste, sobre a estrada que conduz à colônia Angelina. Apesar de ser alagada em grande parte, formando – diversas lagoas, ou banhados, suas terras são azadas para agricultura, pois que produzem bem trigo, arroz, milho, feijão, fumo e mandioca, e abundam de pinhão, que aí nasce espontaneamente, e muito se presta para a criação.

Varzeáda Raiz – Planura sobre terreno elevado, entre o campo da Boa Vista e 5.800 braças de caminho ao noroeste, e 11.200 ao nascente da colônia militar de Santa Teresa.

Varzeá das Tijucas – Grande extensão de terras baixas e alagadiças entre os rios Tijucas Grandes e Inferninho.

Veado – (Ponta do) Estende-se ao mar distando uma milha ao sul da Pinheira no continente e quatro da barra austral da cidade de Desterro.

Velacho – Morro que se prolonga coma margem esquerda do rio Cubatão no distrito de Santo Amaro, de cuja matriz dista menos de uma légua ao norte.

Velha – (Ribeirão da) Deságua na margem direita do rio Itajai, $\frac{1}{4}$ de légua acima da embocadura do Garcia. Entre estes dois ribeirões está a sede da colônia Blumenau.

Veríssimo – (Rio do) Despeja um pouco ao sul da foz do rio Ratoles, no distrito de Santo Antônio.

Vieira – (Ilha do) Situada na lagoa de Imaruí, com água potável e excelentes terras de cultura.

Vieira – (Rio do) Deságua a 300 braças ao sul da foz do rio Maruí.

Vigia – (Ponta da) Por este nome são conhecidas as pontas de terra mais altas na proximidade das Armações da Pesca, donde se observam as baleias que se avizinhavam da costa.

Vila Nova – Freguesia pertencente ao município da Laguna, de cuja sede dista 5 léguas e 15 ao sul da capital.

Foi fundada sob o governo de D. José de Mello Manoel no ano de 1754, estabelecendo-se aqui alguns naturais das ilhas dos Açores, povoação, que depois aumentou com parte dos náufragos, que eram destinados ao Rio Grande do Sul, e cujo navio perdeu-se sobre o cabo meridional da ilha de Santa Catarina, que desde então ficou se chamando Ponta dos Naufragados. A sua igreja matriz dedicada à Sant'Ana está edificada na encosta da serreta, que recebeu dos primeiros exploradores o nome de morros de Sant'Ana, o que mais tarde influiu na escolha de sua padroeira. Esta freguesia ocupando um território montanhoso e árido, nunca prosperou, antes caiu em total definhamento: pelo que a Assemblêia Legislativa Provincial por Decreto nº 50 de 16 de junho de 1836, governando a província o comendador Francisco Luiz do Livramento, vice-presidente, mandou transferir a sua sede para a margem da lagoa de Vila Nova, no lugar denominado Porto das Pedras, ato que deixou de executar-se pela tenaz opposição de seus moradores, que de forma alguma quizeram deixar sair a imagem de sua veneranda padroeira, comprometendo-se a reedificar a igreja matriz então muito arruinada. Esta resistência, que durou muitos anos, chegando a assumir um caráter de questão religiosa, que já degenerava em fanatismo, sustentando o ato de criação da nova freguesia, que tomou o nome de Sant'Ana do Mirim; e conservando a antiga paróquia no gozo de seus foros primitivos. Os limites desta freguesia são: ao norte o rio de Ubirquera, ao sul os da paróquia de Santo Antônio dos Anjos; a leste o oceano, e a oeste o referido morro de Sant'Ana pela suas vertentes. Possui uma cadeira pública de primeiras letras para cada um dos sexos. Pertence ao colégio eleitoral da cidade da Laguna, ao qual concorre com 3 eleitores. A sua população consta de 1.715 almas, e tem 337 casas: e o movimento estatístico, 4 casamentos e 9 óbitos. Goza de um clima muito

salubre, refrigerado constantemente pelas brisas do oceano Atlântico, na proximidade de sua costa está situada a sua povoação.

Vinhas – (Ilha das) Ilhota situada na baía do Desterro, muito próxima da ponta de José Mendes, e distante uma milha ao sul da capital. Na estação calmosa as famílias a visitam para tirar ostras e mariscos, e passar algumas horas de agradável entretenimento.

Viveiros – (Morro dos) Demora sobre o litoral ao norte da embocadura do rio Quebra-cabeça.

Volta Grande – Rio confluyente do Itapocú, em cuja margem esquerda deságua 2/4 de légua abaixo do Salto grande.

Volta Grande – Sítio sobre a margem esquerda do rio Itajai, onde este investe mais contra a ribanceiras do norte, abaixo da confluência do rio Luís Alves.

Volta dos Pinheiros – Sítio sobre o rio Itajai, em frente ao morro do mesmo nome.

X

Xapecó (Chapecó) – Grande afluente do rio Uruguai, banha o campo de Palmas, em uma extensão de mais de 30 léguas, deságua naquela 5 léguas abaixo do passo do Goyo-en.

Xavier – (Ilha do)

Y

Ybiraquera (Ibiraquera) – Lagoa situada quase sobre a costa do mar entre a ponta do mesmo nome e a de Imbituba. Tem uma légua de comprimento e mais de meia de largura, oferecendo navegação a canoas. Suas margens são a divisa territorial, entre as freguesias de S. Joaquim de Garopaba e de Santa Anna de Vila Nova, e dos municípios de S. José e laguna.

Ybiraquera (Ibiraquera) – Ponta do continente que se estende ao oceano formando com a de Imbituba que lhe fica ao sul com mais saliências a enseada desta última denominação.

Yguassú (Iguaçu) – Rio considerável que nasce no território das Província do Paraná: corre ao rumo de sudoeste e ao depois de oeste a desembocar à margem esquerda do rio Paraná. É o limite entre a província deste nome e a de Santa Catarina, desde a embocadura do rio Negro até a do rio de Sto. Antônio no mesmo Iguaçu. Este rio é também conhecido pelo nome de Grande Curitiba, como se vê nas antigas Provisões Régias acerca das divisas das Comarcas criadas no sul do Brasil. São seus principais afluentes, pela margem esquerda, cujo território pertence à esta Província, os rios Canoinhas, Chopim, Corózinho, Jangada e Sto. Antônio. A palavra Iguaçu significa no idioma brasilico Rio Grande. Também se escreve Iguassú. Os indígenas davão-lhe igualmente o nome de Coro.

Yguassú (Iguaçu) – Ribeirão que deságua na parte setentrional da lagoa de Vila Nova em frente à ponta do Perrexil, que lhe fica na margem oposta.

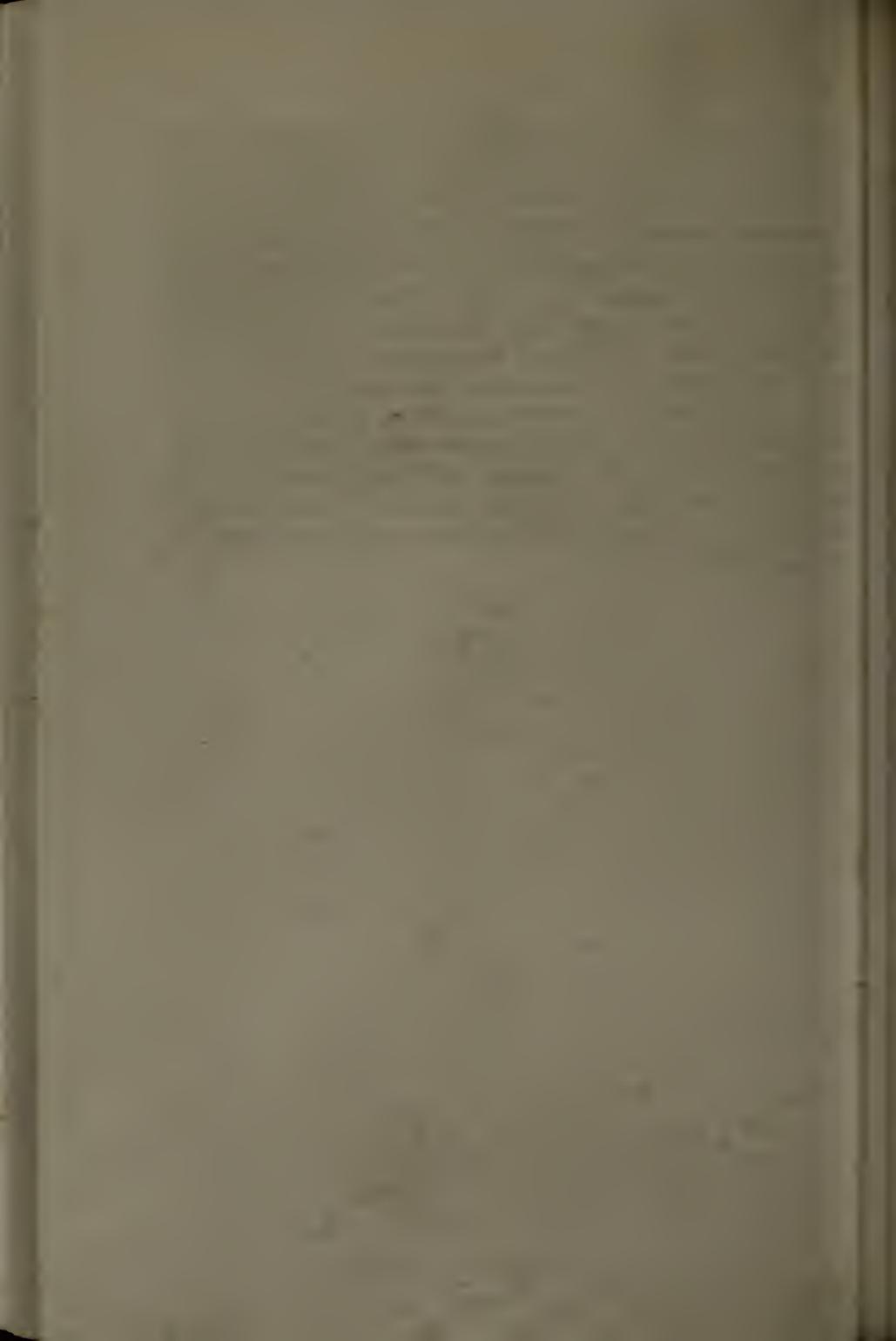
Yjuriré Mirim – Nome que os indígenas davam à pequena abertura que a Ilha de Santa Catarina ao continente fronteiro, é a que chama hoje de Estreito, entre a Forta-

leza do Sant'Anna e o pontal da de S. João. Esta denominação mais tarde estende-se à toda Ilha. A palavra Yjuriré-mirim compõem-se de três da lingua brasileira, as quais exprimem: boca pequena de mar ou de rio.

Ypanema – Pequeno rio que se lança no oceano ao oceano Ao norte da barra do rio de S. Francisco, e Ao sul da do Sai-mirim.

Z

Zimbros – Promontório que se avança para o mar terminando em três pontas bem salientes: propriamente chamada a dos Zimbros, e a do meio denominada de Bombas, e a do norte que é das Garoupas, as quais formam enseadas mais ou menos espaçosas. Destas, a dos Zimbros é abrigada dos ventos do norte e de este, e a uma distância de duzentas braças ou pouco menos da costa oferece 35 palmos de fundo. Ao sul sudoeste desta ponta obra de 250 braças há alguns escolhos cuja rebentação distingue-se ainda na fúria do mar. Ao norte da ponta das Bombas transpondo a da Sepultura há um ancoradouro fundo.



Este livro foi impresso
para a Editora Insular
em setembro de 2003.

